



XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

O DESENHO ENQUANTO FERRAMENTA PARA A EXPRESSÃO PSÍQUICA

Glória Carolina da Frota de Assis Ribeiro

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

gloria.ribeiro@aluno.unifametro.edu.br

Ticiane Siqueira Ferreira

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

ticiane.ferreira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: O projeto “Retratando minha Identidade” foi desenvolvido em parceria em uma instituição em Fortaleza, campo de estágio, utilizando do desenho como ferramenta de expressão e reflexão sobre identidade, em um contexto marcado por vulnerabilidades sociais.

Objetivo: Promover autoconhecimento e fortalecimento emocional por meio da arte e incentivar participantes a expressarem sua identidade através de desenhos livres, em um ambiente acolhedor e terapêutico.

Metodologia: Realizou-se uma intervenção baseada na observação participante e diários de campo, com 15 assistidos na instituição. A atividade incluiu acolhimento com música, explanações sobre identidade e arte, produção de desenhos livres, seguida de compartilhamento voluntário das experiências.

Resultados e Discussão: Os participantes demonstraram engajamento e reflexão sobre suas identidades, expressando emoções e histórias pessoais através dos desenhos. A arte facilitou a externalização de fragilidades e potencialidades, reforçando vínculos comunitários e resiliência individual.

Considerações finais: A intervenção evidenciou o potencial terapêutico do desenho como linguagem não verbal, capaz de promover saúde mental e integração social. Destaca-se a importância de ações comunitárias que valorizem a subjetividade e a arte como ferramentas de transformação.

Palavras-chave: Arteterapia; Identidade; Saúde mental comunitária





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, R. C. **O processo de inserção em Psicologia Comunitária: ultrapassando o nível dos papéis.** In: BRANDÃO, I. R.; BOMFIN, Z. A. C. (Org.). Os Jardins da Psicologia Comunitária: escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial. 2. ed. North Charleston: Amazon Books, 2015. p. 85-105.

BONVINI, Rino. No limite entre a religião e a psiquiatria. [Entrevista cedida a] Thiago Cafardo, Luiz Henrique. **Jornal O POVO.** Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2009/09/28/noticiasjornalpaginasazuis,913998/no-limite-entre-a-religiao-e-a-psiquiatria.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BONVINI, Rino. A fotossíntese emocional de um missionário com raízes que perpassam o mundo e a sua gente. [Entrevista cedida a] Angélica Ferreira, Caroline Rocha et al. **Revista Entrevista**, p. 4-34, 19 mai. 2018. Disponível em: <https://movimentosaudemental.org/wp-content/uploads/2022/05/ENTREVISTA-PADRE-RINO.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.

PALUDO, S. DOS S.; KOLLER, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 17, n. 36, p. 9–20, 2007.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE APOIO A ENLUTADOS POR SUICÍDIO COMO FERRAMENTA DE POSVENÇÃO NO BRASIL

Raimundo Severiano de Araújo Neto

Discente - PROMIC - Centro Universitário Fametro - Unifametro
raimundo.neto05@aluno.unifametro.edu.br

Ivan Nogueira dos Santos Júnior

Docente - PROMIC - Centro Universitário Fametro - Unifametro
ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: O suicídio é um fenômeno complexo, presente em toda a história e em todas as suas culturas, sendo um comportamento multifatorial, multidimensional, resultando de uma intrincada teia de interações que envolvem fatores biopsicológicos, culturais e socioambientais (ABP, 2014). Dada essa complexidade, o fenômeno vai muito além do círculo íntimo do indivíduo, podendo impactar profundamente, amigos, colegas, conhecidos e a própria comunidade, que por terem suas vidas impactadas direta ou indiretamente por um acontecimento extremo, são chamados de sobreviventes. É um momento extremamente delicado, o qual necessita de grande atenção, pois o fato de ser sobrevivente de suicídio é um dos principais indicativos de risco futuro de suicídio (Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2013). Daí a necessidade de atenção especial à posvenção, que pode ser definida como “qualquer ato apropriado e de ajuda que aconteça após o suicídio com o objetivo de auxiliar os sobreviventes a viver mais, com mais produtividade e menos estresse que eles viveriam se não houvesse esse auxílio” (Shneidman, 1973 apud SCAVACINI et al, 2020). Mais de 700 mil pessoas morrem anualmente por suicídio, em 2021, só no Brasil, foram mais de 15 mil (BRASIL, 2024) e estima-se que entre 5 e 10 pessoas sejam profundamente afetadas por cada um desses casos (BOTEGA, 2015). O sistema de saúde pública deve estar preparado para o acolhimento desse tipo de sofrimento, oferecendo atenção e cuidado, como a formação de grupos de enlutados, por exemplo, que possui importante papel estratégico na Saúde da Família, sendo de extrema importância na posvenção (CFP, 2013). Embora seja inegável a necessidade de ações por parte do Estado, estes grupos também podem ser organizados e coordenados por sobreviventes, por profissionais ou por ambos (SCAVACINI et al, 2020).

Objetivo: Entender como a cena acadêmica da psicologia brasileira está desenvolvendo os



grupos de apoio a enlutados por suicídio podem impactar a vida de seus participantes.

Metodologia: Foram utilizadas as plataformas Pepsic e SciELO para a busca dos termos “suicídio”, “grupo”, “luto”. Os critérios de seleção dos artigos foram: estar escrito em português, tratar de experiências realizadas no Brasil e ter sido escrito nos últimos dez anos. Dois artigos foram encontrados na busca: Grupo de Apoio para Sobreviventes do Suicídio, de 2020 e O Processo de Luto no Contexto do API-ES: Aproximando as Narrativas, de 2014, que não se adequou aos critérios de seleção por ter sido escrito há mais de dez anos.

Resultados: Os grupos de apoio incentivam que os participantes busquem seus próprios rumos para seguir a vida, “abrigo cada sujeito em sua dor particular e única, mas também congregando o reconhecimento mútuo de uma dor coletiva.” (Kreuz e Antoniassi, p.13, 2020), sendo recursos fundamentais de suporte emocional na posvenção.

Considerações Finais: Pela relevância do tema “grupo de apoio”, reconhecido pela comunidade acadêmica como um dos principais recursos de posvenção, é surpreendente que existam tão poucos trabalhos produzidos tendo-o como foco. Este trabalho chama a atenção para a necessidade de aprofundar os estudos sobre este tema e evocar esforços para sua difusão.

Palavras-chave: Suicídio; Posvenção; Grupo de Apoio

REFERÊNCIAS

ABP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. *Suicídio: informando para prevenir.* Rio de Janeiro: ABP, 2014. Disponível em: <https://www.hsaude.net.br/wp-content/uploads/2020/09/Cartilha-ABP-Preven%C3%A7%C3%A3o-Suic%C3%ADdio.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BOTEGA, Neury José. *Crise suicida: avaliação e manejo* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2015. e-PUB. Editado originalmente como livro impresso em 2015. ISBN 978-85-8271-238-2. Disponível em: https://books.google.com/books/about/Crise_Suicida.html?id=JeuKEAAQBAJ. Acesso em: 12 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim epidemiológico: volume 55, nº 04.* Brasília: Ministério da Saúde, 2024. 30 p. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CFP - CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *O suicídio e os desafios para a Psicologia.* Brasília: CFP, 2013. 152 p. ISBN 978-85-89208-70-3. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

DAVEL, Alzira da Penha Costa; SILVA, Daniela Reis e. O processo de luto no contexto do API-ES: aproximando as narrativas. *Pensando Família*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 107–123, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100010&ln





**XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO**

abr. 2025.

KREUZ, Giovana; ANTONIASSI, Raquel Pinheiro Niehues. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. *Psicologia em Estudo*, v. 25, e42427, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/NxmPb6PdVV8svwSFNP8ryqB/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SCAVACINI, Karen; CACCIACARRO, Mariana Fillipini; CESCONE, Luciana França; MOTOYAMA, Érika Perina; CORNEJO, Elis Regina Peito Urtubia; GUEDES, Izabela. *Posvenção: orientações para o cuidado ao luto por suicídio* [recurso eletrônico]. São Paulo: Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, 2020. ISBN 978-65-991463-1-2. Disponível em:

<https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2024/07/Cartilha-Posvencao-e-Cuidado-ao-Luto-por-Suicidio-Vita-Alere.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

RECURSOS DE APOIO À FAMÍLIA ENLUTADA EM CONTEXTO DE POSVENÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Raimundo Severiano de Araújo Neto

Discente - PROMIC - Centro Universitário Fametro - Unifametro raimundo.neto05@aluno.unifametro.edu.br

Ivan Nogueira dos Santos Júnior

Docente - PROMIC - Centro Universitário Fametro - Unifametro

ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: A práxis da suicidologia é cheia de desafios que dizem respeito não só ao paciente, mas sua família e à equipe de saúde que os assiste. O suicídio é um tema cercado de tabus e o psicólogo terá de lidar não apenas com o paciente, em caso de sobrevivência, mas também com o desconhecimento e o despreparo emocional tanto dos familiares quanto da equipe de saúde. (RIGO, 2013) Tudo isso pode trazer complicações a este tipo específico de luto. O luto do suicídio é diferenciado, ele se dá por alguém que escolheu dar fim a própria vida de forma violenta, não só no sentido físico, mas emocional, sendo essa violência sentida por todos que não puderam ajudar a evitar o evento fatal (SILVA, 2013). Os indivíduos afetados são chamados de sobreviventes enlutados, e é a partir deste grupo que se define a importância da posvenção. Podemos entender posvenção como um conjunto de condutas, ações, habilidades e estratégias para o manejo e cuidado daquele que tentou o suicídio ou daqueles enlutados pela morte de quem se suicidou, com o objetivo de atenuar os impactos associados, colaborando na resolução do processo de luto, incluindo o desencorajamento de eventuais ideias ou tendências suicidas (Kreuz e Antoniassi, p.8, 2020). **Objetivo:** O trabalho tem o intuito de mapear trabalhos acadêmicos que registrem pontos de apoio em comum de famílias que sofreram uma perda por suicídio. Esse tipo de generalização pode ajudar a definir procedimentos e protocolos para o sistema de saúde a fim de melhorar o atendimento às famílias em luto por suicídio. **Metodologia:** Revisão de



ilizadas as plataformas PePsic, *Scielo* e o portal de periódicos CAPES, para buscar os termos: posvenção, luto, família. Os critérios de seleção dos artigos foram: estar escrito em português, publicado nos últimos dez anos e disponibilidade gratuita. o resultado da busca revelou 5 artigos: grupo de apoio para sobreviventes do suicídio (2020), vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela

superação (2018), suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo (2019), todos os dias eu soffro: impactos do suicídio aos familiares e (des)cuidados na posvenção (2024) e rituais de despedidas e o manejo do luto no hospital – programa de cuidados especiais ao óbito (2022), que não pode ser acessado por estar em uma revista internacional que exige assinatura, sendo, portanto, excluído. **Resultados:** Percebem-se a espiritualidade e práticas cotidianas prazerosas como os principais recursos positivos, sendo o núcleo familiar o maior ponto de apoio aos enlutados. (SILVA et al, 2024) Todos os trabalhos apontam estes como os principais recursos de apoio emocional. **Considerações Finais:** Apesar de serem pontos de apoio, a espiritualidade, na figura da religião, e as equipes de saúde, por despreparo e ignorância, resultantes do tabu em torno do tema, podem ser fontes de desprezo e recriminação, muitas vezes causando mais prejuízos do que ganhos aos sobreviventes que deveriam estar apoiando. Ressalta-se ainda a importância do fomento a grupos de apoio com treinamento específico.

Palavras-Chave: Família, Luto, Posvenção.

REFERÊNCIAS

- DUTRA, Kassiane; PREIS, Lucas Corrêa; CAETANO, Jaqueline; SANTOS, José Luís Guedes dos; LESSA, Greice. Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 71, supl. 5, p. 2274–2281, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0679>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/JhkJkrN5nqtcgY4YdGZFYVq/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- KREUZ, Giovana; ANTONIASSI, Raquel Pinheiro Niehues. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. *Psicologia em Estudo*, v. 25, e42427, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/NxmPb6PdVV8svwSFNP8ryqB/>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- RIGO, Soraya Carvalho. Capítulo III. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

afios para a Psicologia. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ROCHA, Priscila Gomes; LIMA, Deyseane Maria Araújo. Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 323–344, mai./ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n02A06>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000200007. Acesso em: 12 abr. 2025.

SILVA, Lucia Cecilia da. Capítulo V. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *O suicídio e os desafios para a Psicologia*. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SILVA, Thiago Réger Fontoura da; SINIAK, Débora Schlotefeldt; SIMON, Bruna Sodré; SANTOS, Andreia Garcia dos; PINHO, Leandro Barbosa de. Todos os dias eu soffro: suicídio

aos familiares e (des)cuidados na posvenção. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 17, n. 13, p. e14087, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.13-492>. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/14087>. Acesso em: 12 abr. 2025.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

O IMPACTO POSITIVO DA TECNOLOGIA EM SITUAÇÃO DE LUTO: ESTUDO DO CASO PLAYER TWO

Raimundo Severiano de Araújo Neto

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

raimundo.neto05@aluno.unifametro.edu.br

Sara Gabriel Carvalho

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

sara.carvalho01@aluno.unifametro.edu.br

José Edson da Silva

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

jose.silva@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Tecnologia: Impactos da Inteligência Artificial e da
Inovação Digital

RESUMO

Introdução: O luto é um processo que pode ter início com uma morte de grande importância na nossa vida. Quando o vínculo rompido é de profundo amor, a dor é proporcional, mas é através desse amor que se reergue (ARANTES, 2016). Cada relação é única em sua realização, e cada pessoa vive o vínculo e sua perda de maneira singular. Unicidade e exclusividade caracterizam as relações humanas, dando sentido à existência do indivíduo, percebem-se através de suas obras, conquistas ou em relação a outra pessoa, ao amor (FRANKL, 1987). Nós podemos



de estruturas relacionais e vínculos que construímos ao longo de nossa vida, àquilo a que atribuímos sentido. **Objetivo:** Analisar o caso do jovem que, em 2014, relatou ter perdido seu pai quando criança e reencontrá-lo na adolescência através de um jogo de videogame que costumavam jogar juntos antes de seu falecimento e analisar como este evento impactou seus sentimentos em relação a ausência do pai. **Metodologia:** Em uma postagem no Reddit, cujo título era Ghost Car, o jovem identificado como 00WARTHERAPY00 relatou que seu pai comprou um console de videogame quando ele tinha quatro anos e que os dois jogavam juntos um jogo de corrida automobilística. O pai do garoto faleceu quando ele tinha seis anos de idade, e desde então o menino tornou-se avesso àquele console. Aos dezesseis anos, faxinando sua casa, encontrou o console e resolveu jogar pela nostalgia, sendo surpreendido pelo carro fantasma, que era uma memória do jogo refazendo a melhor volta da pista, uma reprodução de seu pai jogando. Eventualmente, quando conseguiu ultrapassar o carro fantasma, preferiu não vencer a corrida, para que o jogo continuasse com a

volta de seu pai na memória e ele pudesse sempre o revisitar. **Resultados:** Perder um ente querido, diz Arantes (2016), afasta-nos da ilusão de segurança e controle. Quando a conexão com alguém importante, um parâmetro de nós mesmos, um modelo, é definitivamente extinta, é como se nos perdêssemos da capacidade de nos reconhecer. Embora as lembranças destes entes queridos nos tragam ainda alguma segurança. Já Frankl (1987), chama de intimização a fuga do vazio e da desolação espiritual da existência atual, para uma fantasia de reviver experiências passadas. Porém, o que nos vem à lembrança não são momentos épicos, mas coisas aparentemente insignificantes, cotidianas, doces recordações destes pormenores nos comovem até as lágrimas! Ao descobrir a possibilidade de interação com seu pai, modelo, parâmetro de sua personalidade, pôde vivenciar em seu mundo interno, o conforto de sua presença, o controle perdido. O controle é ilusório, mas os sentimentos de carinho e segurança não, eles auxiliam o rapaz na





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

construtiva com sua falta. **Considerações Finais:**

Podemos dizer que a tecnologia religou 00WARTHERAPY00 com momentos muito significativos que ele deixou adormecer. Através do videogame e sua convivência com uma memória eletrônica, ele conseguiu ter bons momentos novamente com suas próprias memórias, gerando novos bons sentimentos a partir de velhas dores, ressignificando sua relação com aquele objeto e com seus próprios sentimentos.

Palavras-Chave: Luto, Tecnologia, Videogame.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016. ISBN 978-85-441-0470-5.
- BOUSSO, Regina Szyli; SANTOS, Maiara Rodrigues dos; BOUSSO, Fernando; RAMOS, Régis Siqueira. Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. *ComCiência*, n. 163, 2014. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900008. Acesso em: 18 abr. 2025.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal, 1987. 174 p.
- O GLOBO. Adolescente disputa partidas de videogame com pai morto há dez anos. *O Globo*, 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/adolescente-disputa-partidas-de-videogame-com-pai-morto-ha-dez-anos-13434405>. Acesso em: 18 abr. 2025.
- WIKSTROM, John. Player Two. *Reddit*, 2016. Disponível em: https://www.reddit.com/r/gaming/comments/4frer1/player_2_by_john_wikstrom_base_d_on_the_youtube/. Acesso em: 18 abr. 2025.

DESENVOLVIMENTO HUMANO: A POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM EM PESSOAS IDOSAS À LUZ DOS ESTUDOS DA NEUROCIÊNCIA

Cristina de Vasconcelos Ramos Veríssimo

Discente-Centro Universitário Fametro - Unifametro
cristina.verissimo@aluno.unifametro.edu.br

Francisca Germana Antunes de Lima

Discente-Centro Universitário Fametro - Unifametro
francisca.lima16@aluno.unifametro.edu.br

Teresa Glaucia Gurgel Gabriele Costa Costa

Docente-Centro Universitário Fametro - Unifametro
teresa.costa@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia, Educação e Aprendizagem

RESUMO



divisões das fases de desenvolvimento humano, propostas pelos estudiosos do tema, a denominada idade adulta tardia tem sido ressignificada socialmente com a criação de leis, de políticas públicas, de projetos e de espaços destinados a esse público, na tentativa de assegurar direitos e de fomentar práticas de inclusão. (PAPALIA; FELDMAN, 2010). Os estudos de Neurociência sobre aprendizagem e sobre neuroplasticidade evidenciaram que a capacidade humana de aprender, de estabelecer novas sinapses, prolonga-se desde o nascimento até a idade adulta. (CONSENZA; GUERRA, 2011). Nesse entendimento é que o desenvolvimento do presente estudo tem relevância científica e social porque propõe evidenciar a capacidade de aprendizagem de novas habilidades pelos idosos na prática, baseando-se no conceito de aprendizagem e neuroplasticidade proposto pela Neurociência, recortando como objeto de observação, pessoas idosas em processo de aprendizagem de novas habilidades de musicalização, inseridas em um projeto social, resultante da efetivação de uma política pública de inclusão de pessoas idosas, de iniciativa de um Estado da Federação. **Objetivo:** Analisar a possibilidade de aprendizagem de novas habilidades e saberes pelas pessoas idosas, inseridas em um projeto social de musicalização, através da técnica da observação naturalística, à luz do conceito de aprendizagem e de neuroplasticidade, proposto pelos estudos em Neurociências. (COSBY, 2012; GRAY, 2012). **Metodologia:** A disciplina Estágio: desenvolvimento humano tem como foco a realização de uma visita, pelos alunos, a uma instituição externa ao centro universitário, para observação de um determinado grupo de pessoas, com a categorização em estágios de desenvolvimento humano do grupo observado. Outro objetivo da disciplina é a

escolha de um tema associado ao assunto do desenvolvimento humano, com o propósito de realizar uma pesquisa qualitativa, durante o processo de observação e a elaboração de um relatório final. O tema escolhido para desenvolver o trabalho foi: desenvolvimento humano: aprendizagem em pessoas idosas, à luz dos estudos da Neurociência. Como bases teóricas para a efetivação dos objetivos da disciplina, foi fornecido material pelo professor sobre os tipos de observação e, também, foram realizadas pesquisas bibliográficas e exploratórias sobre o tema, utilizando os artigos pesquisados na plataforma eletrônica online, *SciELO* (Scientific Electronic Library Online), bem como as obras sobre os assuntos abordados e, ainda, recursos de mídias digitais como sites, revistas e blogs. **Resultados e Discussão:** No presente estudo, cujo objetivo centra-se na observação de pessoas idosas, inseridas no projeto de





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

um centro comunitário, percebe-se que, esses indivíduos, ao participarem de oficinas, mesmo com idade avançada, ainda são capazes de reinventar sua realidade e se permitirem novas formas de aprendizagem, o que reforça os conceitos de aprendizagem e neuroplasticidade sob a perspectiva dos estudos em Neurociências. **Considerações finais:** A partir da observação realizada com o grupo de idosos foi possível reafirmar conceitos como aprendizagem e neuroplasticidade na perspectiva da Neurociência e perceber a importância de políticas públicas e projetos culturais para o desenvolvimento da aprendizagem, da autoestima e para assegurar direitos da pessoa idosa.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano; Pessoa idosa; Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. LEI Nº10.741, de 1º Outubro de 2003- Estatuto do Idoso. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 13 abr. 2025.
- COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COZBY, P. Métodos de pesquisa em ciências do comportamento. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- FERIANI, G. P.; MELO, C. V.; OLIVEIRA, W. A.; DELLAZZANA-ZANON, L. L. A prática da observação sistemática para a formação do(a) psicólogo(a): relato de experiência. **Aletheia**, Canoas, v. 54, n. 2, p. 157-164, jul./dez.2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942021000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2025.
- GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2ªed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- SANTOS, M. R. dos. Pode a música contribuir com a saúde cognitiva de idosos? [online]. SciELO em **Perspectiva: Humanas**, 2020. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2020/10/08/pode-a-musica-contribuir-com-a-saude-cognitiva-de-idosos>. Acesso em: 13 abr.

O IMPACTO DO ESTRESSE OCUPACIONAL NO AMBIENTE DE TRABALHO

Ana Clara Gomes Teixeira

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
ana.teixeira05@aluno.unifametro.edu.br

Isabella Franco Silva

Discente - Centro Universitário Fametro – Unifametro
isabella.silva01@aluno.unifametro.edu.br

Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa

Docente - Centro Universitário Fametro – Unifametro
teresa.costa@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Trabalho na Contemporaneidade



RESUMO

Introdução: Este resumo simples se caracteriza como um recorte do estágio básico I, cuja ementa se pormenorizou pela aplicação do projeto de intervenção que foi construído a partir da disciplina de estágio básico I, no período de 2025.1, e que tem como tema central o estresse ocupacional como foco de intervenção preventiva no contexto de uma instituição militar de serviços de emergência. O estresse ocupacional é uma resposta física e emocional do trabalhador quando as exigências do ambiente de trabalho excedem sua capacidade de enfrentamento, ou quando há um desequilíbrio entre as demandas da função e os recursos disponíveis para lidar com elas. **Objetivo:** Discutir sobre o estresse ocupacional e seu impacto no ambiente de trabalho. **Metodologia:** O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa de revisão de literatura. Os trabalhos de revisão são definidos como estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada. A pesquisa foi realizada nas seguintes plataformas: *SciELO*, *Pepsic* e no Google acadêmico, a partir de palavras chaves como “Estresse Ocupacional”, “Treino de Controle do Estresse”, “Ambiente de Trabalho”. **Resultados e Discussão:** O estresse ocupacional, especialmente em contextos de alta demanda emocional e responsabilidade intensa, está diretamente associado ao bem-estar psicológico dos profissionais e a qualidade das relações interpessoais no ambiente de trabalho (Organização Mundial de Saúde, 2022). Âmbitos que não identificam ou não amparam os impactos psicossociais do cotidiano laboral facilitam o adoecimento psíquico, aumentam a rotatividade de pessoal e caucionam a harmonia

das equipes (Benevides-Pereira, 2019). Nesse cenário a psicologia exerce um papel fundamental na compreensão das dinâmicas emocionais e organizacionais que contribuem para o desgaste mental. Questões como a sobrecarga de trabalho, a rigidez hierárquica, a ausência de espaços de escuta e a naturalização do sofrimento são elementos que, quando não rotulados e elaborados, impedem a formação de ambientes emocionalmente sustentáveis. A ação preventiva e promotora da saúde, pautada em abordagens psicossociais e humanizadas, permite mapear esses agentes e propor formas mais saudáveis de vivências no trabalho (Lipp,





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

Assim, o estímulo de práticas coletivas de cuidado, como rodas de conversa, escuta ativa e educação em saúde mental, fortalece os vínculos entre os membros da equipe, bem como, contribui diretamente para a diminuição nos níveis de estresse. **Considerações finais:** Diante do que foi expresso, o estresse ocupacional é um fenômeno cada vez mais presente nas organizações modernas, refletindo os desafios de um ambiente de trabalho exigente, competitivo e, muitas vezes, pouco acolhedor. Seus impactos vão além da esfera individual, afetando a produtividade, a qualidade de vida e o clima organizacional. Reconhecer os sinais do estresse no ambiente profissional é o primeiro passo para a construção de estratégias preventivas e interventivas eficazes.

Palavras-chave: Estresse Ocupacional; Treino de Controle do Estresse; Ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

- LIPP, Marilda E. N. **Estresse emocional:** causas e consequências na vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2015.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde mental no trabalho:** relatório técnico e políticas recomendadas. Genebra, 2022.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho:** estudo de psicopatologia do trabalho. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- JOB, F. P. P. (2003). **Resiliência na organização:** estudo de caso da medição e avaliação da resiliência de indivíduos em uma organização industrial. Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, 5(1), 33-42.
- BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **Burnout:** quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. In: Psicodinâmica do trabalho. Petrópolis: Vozes, 2019.

AS CONTRIBUIÇÕES DO PLANTÃO PSICOLÓGICO NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isabel Leopoldina Veras Crisóstomo

Discente – Centro Universitário Fametro
isabel.crisostomo@aluno.unifametro.edu.br

Renata Batista dos Santos

Discente – Centro Universitário Fametro
renata.santos02@aluno.unifametro.edu.br

Milane de Sousa Oliveira

Discente – Centro Universitário Fametro





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

milane.oliveira@aluno.unifametro.edu.br

Olivia Lima Guerreiro de Alencar

Docente – Centro Universitário Fametro

Olivia.alencar@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: Este resumo, realizado a partir da disciplina de Estágio, foi construído por três estudantes do 8º semestre da graduação de Psicologia do Centro Universitário Fametro. A promoção da saúde mental no ambiente de trabalho é essencial para o bem-estar e a produtividade, especialmente em instituições públicas, onde os desafios são mais intensos. O plantão psicológico configura-se como uma intervenção de acolhimento e escuta, oferecendo apoio imediato ao indivíduo em situações de sofrimento. Embora não seja um tratamento psicoterapêutico, possui caráter terapêutico ao auxiliar o sujeito na compreensão e enfrentamento de suas questões (Holanda, 2023). **Objetivo:** Promover saúde mental através da escuta psicológica, acolhimento, psicoeducar sobre a importância da psicoterapia e debater sobre estigmas para trazer uma nova perspectiva relacionada a necessidade do autocuidado e auxílio profissional da área de saúde mental. **Metodologia:** O campo de atuação, trata-se de uma organização social sem fins lucrativos, ligada à rede pública municipal da cidade de Fortaleza - Ce. Nossa prática envolveu a realização de plantão psicológico e psicoeducação com os colaboradores da instituição, com duração de 50 minutos em média, por atendimento. O objetivo do serviço foi oferecer um ambiente seguro para que os colaboradores pudessem expressar suas emoções com atendimentos individuais, e compartilharem experiências e sentimentos, com foco na escuta ativa e empatia. A Psicoeducação grupal foi aplicada com intuito de explicar aos colaboradores sobre saúde mental e estratégias de enfrentamento. **Resultados e Discussão:** Percebemos que a implementação de práticas como escuta

psicológica e grupos de psicoeducação são um campo muito promissor para a atuação de graduandos de Psicologia. Na perspectiva da nossa experiência, podemos salientar que: observamos que o ambiente humanizado tem influência





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

a dos funcionários num ambiente institucional. Além disso, o estágio permitiu o treino de habilidades socio emocionais da nossa equipe, fundamentais para a prática desta atividade. Outro aspecto essencial foi a conexão teoria e prática, nos permitindo manejar conceitos como estratégias defensivas, sofrimento psíquico e organização do trabalho constituintes da Psicodinâmica do trabalho de Dejours (2012) e Magnólia Mendes (1995). Foram desafiadores alguns aspectos de ordem prática, como organização de agenda dos atendimentos, disponibilidade das pessoas no horário de trabalho e divulgação do serviço nas diversas unidades da instituição. **Considerações finais:** A experiência do estágio com plantão psicológico, neste contexto, nos evidenciou a premente necessidade de implementação de políticas e ações estratégicas voltadas à promoção da saúde mental no âmbito das instituições públicas. Inclui-se a contribuição significativa na formação em Psicologia, o que pode ser considerado tanto para a ênfase clínica, quanto institucional.

Palavras-chave: Saúde mental; plantão psicológico; organizacional.

REFERÊNCIAS

DEJOURS, C. PSICODINÂMICA DO TRABALHO E TEORIA DA SEDUÇÃO. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 3, p. 363-371, jul./set. 2012

HOLANDA, TERESA CRISTINA MONTEIRO. O PLANTÃO PSICOLÓGICO SOB A ÓPTICA DA PSICOTERAPIA BREVE-FOCAL. EDITORA DIALÉTICA, 2023.

LEMES, C. B.; NETO, J. O. Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. *Temas em Psicologia*, v. 25, n. 1, p. 17–28, 2017.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 15, n. 1-3, p. 34–38, 1995.

RODRIGUES, H. B.; CAVALCANTE, J. H. V. VIVÊNCIA DE ESCUTA QUALIFICADA NO ACOLHIMENTO DA EMERGÊNCIA ADULTA. *SANARE - Revista de Políticas Públicas*, v. 14, 24 nov. 2015.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

SUICÍDIO E GÊNERO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Bruna Batista dos Santos

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

bruna.batista01@aluno.unifametro.edu.br

Ivan Nogueira dos Santos Júnior

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Diversidade: Estudos de Gênero, Raça, Cultura, Inclusão e Outros

RESUMO

Introdução: O suicídio é um fenômeno multifatorial e, por isso, merece uma análise mais apurada. Este estudo discute o suicídio como ato resultante de sofrimento psíquico, analisando como normas de gênero em sociedades patriarcais influenciam nas diferenças do comportamento suicida entre homens e mulheres. **Objetivo:** investigar a relação entre suicídio e gênero, a partir da compreensão de como as performances gendradas podem afetar a saúde mental dos indivíduos. **Metodologia:** revisão de literatura qualitativa de artigos em português, indexados no Google Acadêmico (2015–2025), encontrados utilizando-se os descritores “suicídio”, “gênero”, “feminino” e “masculino”. **Resultados e discussão:** o suicídio é um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, intencionando a morte, de forma consciente, mesmo que ambivalente, usando um meio que ele acredita ser letal. Ele advém do sofrimento humano, que possui diversas causas, entre elas, questões relacionadas ao gênero, provenientes das relações sociais, que são permeadas de poder e dominação em sociedades patriarcais, sexistas e cisnormativas. No entanto, existem fatores condicionantes que são mais comuns entre indivíduos de determinado gênero. Para as mulheres, de modo geral, o suicídio dá-se devido a problemas de saúde, questões familiares, conflitos conjugais e relacionamentos abusivos, violências, especialmente a sexual, além da obrigatoriedade de cumprir rigidamente o papel de gênero imposto a elas pela sociedade patriarcal. Tudo isso pode contribuir para seu sofrimento psíquico acentuado e para seus maiores índices de tentativas de suicídio. No caso dos homens, seu processo de subjetivação se dá por meio do “dispositivo de eficácia”, fundamentado nas virilidades sexual (exaltação da vida sexual ativa – nos moldes misóginos, geralmente) e laborativa (exaltação da produtividade e do acúmulo de riqueza) como signos da masculinidade. Portanto, é considerado um homem “de verdade” aquele que demonstra ser um trabalhador/provedor e que desempenha ativamente a sua vida sexual. Todos aqueles que não



correspondem a esse ideal podem adoecer psiquicamente. Além disso, os homens reagem mais repulsivamente à procura por ajuda profissional, tendo dificuldade em se expressar, adquirindo uma postura de autossuficiência, hostilidade e competitividade diante de situações difíceis, afetando, conseqüentemente, a saúde mental. Vale ressaltar que por ser a violência um signo de virilidade, a escolha pelos métodos de autoextermínio mais agressivos também corrobora para a eleição de meios com maior letalidade entre os homens, consolidando o “paradoxo do suicídio”, conceito utilizado para denominar o fato de que homens morrem mais por suicídio, enquanto as mulheres apresentam mais ideação e tentativas, sendo afetadas pelo comportamento suicida no geral, mas por elas escolherem meios menos letais, o suicídio tem menos chances de se efetivar. **Considerações finais:** Homens e mulheres são afetados pelo comportamento suicida de formas um tanto diferentes, mas as desigualdades de gênero e a misoginia podem ser, para qualquer um desses indivíduos, fator catalisador para o suicídio. Tal fato levanta muitas reflexões, sobretudo no que tange às políticas públicas de prevenção ao suicídio. Ademais, aponta-se que um fator limitante desta pesquisa foi o fato de haver poucos trabalhos publicados com essa temática. Logo, compreende-se que há necessidade de serem desenvolvidos mais estudos sobre esse assunto.

Palavras-chave: Suicídio; Gênero; Feminino; Masculino.

REFERÊNCIAS

BAÉRE, F. D.; ZANELLO, V. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em estudo**, v. 25, p. e44147, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/LzMM7YDThptPXCKJkpKnWkn/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM). ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). **Suicídio:** informando para prevenir. Brasília, 2014. 52 p. Disponível em:

<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.hsaude.net.br/wp-content/uploads/2020/09/Cartilha-ABP-Preven%C3%A7%C3%A3o-Suic%C3%ADdio.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2025.

DANTAS, E. S. O. MEIRA, K. C.; BREDEMEIER, J.; AMORIM, K. P. C. Suicídio de mulheres no Brasil: necessária discussão sob a perspectiva de gênero. **Ciência & saúde coletiva**, v. 28, n. 05, p. 1469-1477, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/35hM7kcd8Dh3DCm5JFqHqPy/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

MARQUETTI, F. R.; MARQUETTI, F. C. Suicídio de feminilidades. **Cadernos Pagu**, n. 49. 2017. p. e174921. DOI: 10.1590/18094449201700490021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3dznwBFKnvm7xBBpwQ8mn7J/?lang=pt>. Acesso em: 24 abr. 2025.





**XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO**

, R.; HESLER, L. Z.; GUTIERREZ, D. M. D. Tentativa de suicídio em mulheres idosas—uma perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 6, p. 1721-1730, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/jPHCQCWTsFdssdyb8nTLRXh/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

SILVA, I. G.; MARANHÃO, T. A.; SILVA, T. L.; SOUSA, G. J. B.; NETO, J. C. G. L.; PEREIRA, M. L. D. Diferenciais de gênero na mortalidade por suicídio. **Rev. Rene**, v. 22, n. 1, p. 47, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8082203>. Acesso em: 24 abr. 2025.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

OS ESTIGMAS DOS FATORES DESENCADEANTES NO LUTO POR SUICÍDIO

Nívia Gadelha Bandeira

Discente - PROMIC - Centro Universitário Fametro

nivia.bandeira@unifametro.edu.br

Ivan Nogueira dos Santos Junior

Docente - PROMIC - Centro Universitário Fametro

ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: O luto é um processo de readaptação, vivenciando a perda e suas responsabilidades. Gera repercussões que podem surtir efeitos ao longo de toda a vida do sobrevivente. Há fatores que influenciam como se dá o processo de luto: a forma de morte, o tipo, a proximidade do sobrevivente com a pessoa que cometeu suicídio etc. Como também, os recursos de enfrentamento como: fatores inter-relacionais, o suporte emocional, acolhimento para promover a saúde mental.

Objetivo: verificar as peculiaridades que a vivência da transição social do luto por suicídio traz aos sobreviventes. **Metodologia:** A proposta metodológica é qualitativa baseada no modelo de revisão de literatura. Realizou-se uma revisão narrativa de literatura com os seguintes artigos: “Consequências do Suicídio para as Relações Socioafetivas dos Familiares na Pós-venção”, “Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo”, “Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação”. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia); SciELO (*Scientific Electronic Library Online*); BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). **Resultados e Discussão:** A morte é pensada pela humanidade como uma ameaça à sua própria existência. Impactando de 5 a 10 pessoas próximas em todos os aspectos, o comportamento autoinfligido não é solidário na dor, e com certeza não ressignificado facilmente. A desestruturação dos sobreviventes que sentem que a causa-morte da pessoa é a rejeição familiar sentida e percebida somente por ele, é estigmatizada e seguida de ambivalência na contradição de sentimentos de raiva, vergonha e dos valores, em



da não é mais superestimada. Essa marca que os sobreviventes carregam da transição social, de ser parte daquela vivência de alguma forma, é a da construção da nova identidade, agora sem a pessoa amada. A necessidade de dar sentido e tentar entender o motivo do ato, para dar vazão aos

sentimentos que ocasionam uma forte dor psíquica, é constantemente chocada com as atribuições culturais, éticas e morais que a pessoa sofre no seu dia a dia após o ato. A morte autoinfligida é vista como desaprovação social, podendo também ser trazida muitas vezes pelo cunho religioso como pecaminosa, egoísta e vergonhosa, fazendo com que os sobreviventes sofram devido ao preconceito, não vivenciando o luto publicamente, e assim, se isolando se afastam do possível suporte emocional, como também, fazem com que aumentem os riscos de desenvolvimento de transtornos psicológicos. **Considerações finais:** Ser um sobrevivente, mesmo com sua própria forma de enfrentamento ao luto e elaboração do processo, é um dos fatores de risco de suicídio mais relevantes para a atualidade. Os sobreviventes são profundamente marcados pelo ato de violência que o suicida se auto afligiu, pelo método utilizado e até mesmo no possível ato de endereçar esse gesto a alguém, ajudando na não elaboração de questões deixadas pelo suicida aos sobreviventes, dessa forma, a pessoa se sente em uma ambivalência tendo que lidar com os sentimentos que sentem que restou com eles, como também, lidar com os sentimentos e percepções do que se suicidou.

Palavras-chave: suicídio, luto e família; sobreviventes do luto

REFERÊNCIAS:

DUTRA, K.; PREIS, L. C.; CAETANO, J.; SANTOS, J. L. G.; LESSA, G. Experiencing suicide in the family: from mourning to the quest for overcoming. *Revista Brasileira de Enfermagem* [Internet], v. 71, supl. 5, p. 2146-2153, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0679>. Acesso em: 22 abr. 2025.

MELO, B. S. S. C.; BARROS, J. C. L. Consequências do suicídio para as relações sócioafetivas dos familiares na pósvenção. *Revista FSA*, Teresina, v. 14, n. 2, art. 8, p. 129-145, mar./abr. 2017.

ROCHA, P. G.; LIMA, D. M. A. Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 323-344, ago. 2019. Disponível em:





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

<https://doi.org/10.33208/pc1980-5438v0031n02a06>. Acesso em: 22 abr. 2025.

PSICOLOGIA E MODA: EXPRESSÃO DE IDENTIDADE

Anna Rubia Apolônio Ribeiro Discente

Discente - Centro Universitário Fametro

anna.ribeiro@aluno.unifametro.edu.br

Antônio Breno da Silva Sales

Discente - Centro Universitário Fametro

antonio.sales@aluno.unifametro.edu.br

Maria Eduarda Brandão Pinto

Discente - Centro Universitário Fametro

maria.pinto03@aluno.unifametro.edu.br

Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira

Docente - Centro Universitário Fametro

zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: O presente trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica que busca relacionar, de maneira interdisciplinar, psicologia e moda. Entendendo “moda” como uma produção cultural e social. A relação da psicologia, portanto, se dá, pois, a moda permite a expressão da subjetividade e compõe identidades, sendo fundamental para compreender como a subjetividade, termo esse ainda muito abstrato, realmente afeta os indivíduos e seus modos de ser e existir. **Objetivo:** O objetivo dessa pesquisa é discutir a maneira que a subjetividade se expressa através da moda **Metodologia:** Pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo com o objetivo de propor discussões sobre a temática. A plataforma utilizada como fonte de pesquisa foi o “Google Acadêmico”, utilizando-se das seguintes palavras chaves: Psicologia, Moda, Subjetividade. **Resultados e Discussão:** Os critérios para a seleção dos artigos foram: apenas no idioma português, textos específicos da psicologia, pois muitos desses eram estudos do





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

gia, e textos que falassem sobre a subjetividade. A partir da análise dos 5 artigos selecionados observou-se que a moda exerce um papel central na expressão da subjetividade, indo além da manifestação estética, sendo uma linguagem simbólica e instrumento de construção identitária. A subjetividade se expressa por meio da relação entre o corpo, o vestuário e a cultura, desse modo, vestir-se se torna a maneira que o sujeito comunica quem ele é ou deseja ser. O corpo torna-se um "texto" que é lido e interpretado socialmente, porém, ao mesmo tempo que a moda permite a liberdade de expressão, ela opera como mecanismo de normatização, oferecendo padrões que influenciam diretamente a forma como os sujeitos percebem a si mesmos. Dessa maneira a neutralidade da moda não é real, pois ela

alinha os sujeitos às exigências de consumo. Assim, a moda revela-se um espaço ambíguo, em que liberdade e criação convivem com o controle e a padronização. **Considerações finais:** Portanto, é possível concluir que a moda se mostra como um campo privilegiado para a expressão da subjetividade, onde articulam-se corpo, aparência e cultura. Por meio dela, os sujeitos constroem, comunicam e reinventam suas identidades, mesmo diante das tensões entre

liberdade e normatividade. Assim, compreender a moda é também compreender os modos de ser e de existir na contemporaneidade. Ressalta-se como limitações do presente estudo, o uso da combinação de apenas três termos/descriptores, considerando-se que ao ampliar os termos de busca serão encontrados mais artigos para análise, assim como se ampliar a busca incluindo-se artigos escritos em inglês.

Palavras-chave: Psicologia; Moda; Subjetividade; Identidade.

REFERÊNCIAS

ABDALA, L. P.; MENDONÇA, M. C. **Práticas de si: Moda como representação simbólica.** Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais, v. 18, p. 2083 2095, 2009.

CANTARELLI, Ana Cândida Cardoso. **Entre moda e sujeito: trânsitos da subjetivação.** 2014. DE BRITO MOTA, Maria Dolores. Moda e Subjetividade: corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. Modapalavra e-periódico, n. 2, p. 21-31, 2008.

MENDONÇA, Carla. **Sobre corpo, subjetividade e revista Vogue:** a construção da mulher pela moda. dobra [s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 3, n. 5, p. 100-111, 2009.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

Saber, poder e sujeito no dispositivo da moda. 2013.

PROCESSOS DE RESILIÊNCIA FAMILIAR NO CONTEXTO DE DEFICIÊNCIA E DA INTERDISCIPLINARIDADE

Maria Eduarda Brandão Pinto

Discente de Psicologia Centro Universitário Fametro
maria.pinto03@aluno.unifametro.edu.br

Yara Azevedo de Matos Belo

Centro Universitário Fametro
yara.belo@aluno.unifametro.edu.br

Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
teresa.costa@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: Lidar com a deficiência de um membro da família traz desafios, confronta expectativas e projeções criadas em torno das relações familiares, o que evidencia a necessidade de ajustamentos criativos e ressignificação da relação familiar existente. Resiliência psicológica é um processo presente em situações de adversidade, com crises, adoecimento, luto e catástrofes. A deficiência, quer física, mental ou múltipla, demanda uma atenção interdisciplinar no sentido de atender às necessidades da pessoa com deficiência e de seus familiares. Resiliência familiar, é um termo que especifica a resiliência psicológica no contexto familiar. **Objetivo:** Identificar processos de resiliência familiar no contexto da deficiência e seu papel no fortalecimento e superação das adversidades na interação familiar. **Metodologia:** Pesquisa bibliográfica qualitativa, realizada nas bases de dados: Pepsic, *SciELO*,



, utilizou-se a combinação do termo “Resiliência Familiar” e o descritor “Deficiência”. Foram critérios de inclusão: artigos completos, escritos em português, no período entre 2016 e 2025. Foram localizados 27 artigos, excluídos 24, sendo 3 artigos recuperados para análise. **Resultados e Discussão:** Verificou-se que, apesar, do tema resiliência psicológica remontar à década de 1980, os artigos analisados apresentam autores que pesquisam a resiliência familiar, caracterizando a forma como se dão os processos familiares, especificamente os processos de comunicação, os padrões organizacionais e o sistema de crenças familiares. As famílias que lidam com a deficiência usam diversas estratégias para tentar superar as adversidades advindas da mudança significativa na dinâmica familiar. Essas mudanças podem se configurar como a alteração de papéis familiares, dificuldade de se obter a definição o diagnóstico ou de aceitação dele, preconceitos, exclusão, perda de autonomia, estresse e/ou sobrecarga. Diante disso, as

famílias se encontram em processo de resiliência, apoiando-se em fatores como divisão de tarefas entre membros, apoio externo e fortalecimento do sistema de crenças. Como resposta aos objetivos propostos, destacam-se como fatores que envolvem os processos de resiliência familiar: a descoberta da deficiência, com os desafios da busca do diagnóstico e as vivências de estigmatização, preconceito e as barreiras da inclusão social; os impactos trazidos pela mudança de papéis na família e necessidade de cuidados; as barreiras relacionadas à acessibilidade, social da pessoa com deficiência; o desafio da relação familiar que permeia extremos entre a negação e a superproteção. Identificou-se um tema transversal aos objetivos do presente estudo a saber, a solidariedade intergeracional, que analisa a participação da família extensa nos processos de transmissão transgeracional e de resiliência familiar.

Considerações finais: Destaca-se que o processo de construção e fortalecimento da resiliência familiar é essencial para famílias com membros que tenham algum tipo de deficiência, pois estas enfrentam desafios e especificidades devido a essa demanda. Demanda atenção interdisciplinar, pois implica assistência médica, fisioterápica, fonoaudiológica, pedagógica, dentre outras áreas. Ressalta-se como limitações do presente estudo, o uso da combinação de apenas dois termos/descriptores, considerando-se que ao ampliar os termos de busca serão encontrados mais artigos para análise, assim como se ampliar a busca incluindo-se artigos escritos em inglês, haja visto que os estudiosos da resiliência familiar são norte-americanos.

Palavras-chave: Psicologia; Resiliência Familiar; Deficiência.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Mariana Pinheiro Pessoa de Andrade; MORAIS, Normanda Araujo de. **Processos de resiliência familiar vivenciados por famílias com uma pessoa com deficiência.** Revista Subjetividades, v. 21, n. 3, p. 1-16, 2021. doi. 10.5020/23590777.rs.v21i3.e919

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini et al. **Solidariedade intergeracional de avós com netos com deficiência: Análise bibliométrica e de conteúdo.** Revista Brasileira de Educação Especial, v. 27, p. 194 – 214. doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0025

ROOKE, Mayse Itagiba; PEREIRA-SILVA, Nara Liana. **Indicativos de resiliência familiar em famílias de crianças com síndrome de Down.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, n. 1, p. 117-126, 2016. doi.org/10.1590/1982-027520160001000012

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FATOR DE RISCO PARA O SUICÍDIO: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS

Emilly de Abreu Feitosa

Discente - PROMIC - Centro Universitário Fametro - Unifametro
emilly.feitosa02@aluno.unifametro.edu.br

Orientador: Ivan Nogueira dos Santos Junior

Docente - PROMIC - Centro Universitário Fametro- Unifametro
ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Tecnologia: Impactos da Inteligência Artificial e da
Inovação Digital

RESUMO

Introdução: A utilização de Inteligências Artificiais (IA's) cresce exponencialmente a cada ano e está presente em praticamente todas as áreas como forma de otimização e facilitação de processos, trazendo diversos benefícios. Segundo Barbosa e Portes (2023), os sistemas das IA's permitem simulações da inteligência humana, para além de ordens específicas nas tomadas de decisão de forma autônoma, baseando-se nos padrões de um imenso banco de dados. Entretanto, o uso inapropriado dessa ferramenta traz nuances que representam fatores de risco para o suicídio, visto que o algoritmo não consegue perceber as entrelinhas das intenções humanas. Conforme Lippi et al. (2025), é cada vez mais comum pessoas



aninha em momentos de solidão ou como espaço de desabafo. Apesar da existência de chatbots desenvolvidos para finalidades terapêuticas, com orientação profissional e treinamento adequado, esse tipo de interação costuma ocorrer por meio de IA's populares e acessíveis, como o ChatGPT. Segundo Cunha (2023), um homem belga de 30 anos, com ansiedade relacionada às mudanças climáticas, cometeu suicídio após interagir intensamente com um chatbot chamado Eliza, da plataforma Chai. Durante as conversas, Eliza falhou em desencorajar pensamentos suicidas e, em alguns momentos, sugeriu que ele se sacrificasse para "salvar o planeta", além de afirmar que estariam juntos "no céu". O caso gerou um debate global sobre os perigos de chatbots não supervisionados e levantou questões sobre a responsabilidade das empresas de IA. A plataforma Chai negou responsabilidade direta, mas reforçou a necessidade de supervisão em casos usados como "companhia emocional". De acordo com Dodd (2024), outro caso que repercutiu foi o de um adolescente de 14 anos que cometeu suicídio na Flórida após interagir por meses com um chatbot da plataforma Character.AI, inspirado na personagem

Daenerys Targaryen de *Game of Thrones*, criando uma relação emocional abusiva. O chatbot incluiu conteúdo sexual e discussões sobre suicídio. A Character.AI afirmou que está implementando medidas de segurança, como alertas de prevenção, para evitar novas ocorrências. **Objetivo:** Promover reflexões sobre os riscos e implicações do uso de IA's como companhias emocionais, com ênfase nos impactos psicológicos e na influência que podem exercer sobre o suicídio quando utilizadas de forma inadequada. **Metodologia:** A pesquisa é qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva, baseada em artigos científicos dos anos de 2023 a 2025 e reportagens de sites de notícias confiáveis. As fontes foram selecionadas por relevância, atualidade e credibilidade, e os dados interpretados de forma crítica. **Resultados e Discussão:** Faz-se necessário evidenciar a escassez de artigos e produções científicas aprofundadas que corroborem os impactos psicossociais que as IA's podem provocar, especialmente no que diz respeito ao



responsável cuja ausência compromete a construção de estratégias preventivas. **Considerações Finais:** Casos de suicídio relacionados ao uso de chatbots, como os mencionados, evidenciam as limitações dessas tecnologias, que não compreendem nuances emocionais e falham em fornecer suporte em momentos de vulnerabilidade. Destaca-se a necessidade urgente de regulamentação e supervisão mais rigorosa por parte das empresas desenvolvedoras, garantindo segurança aos usuários.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Suicídio; Impactos Psicossociais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lucia Martins; PORTES, Luiza Alves Ferreira. **A inteligência artificial.** *Revista Tecnologia Educacional [on line]*, Rio de Janeiro, n. 236, p. 16-27, 2023.

Ciriello, R. (2024, novembro 6). **This boy's chatbot girlfriend enticed him to suicide.** His case might save millions. *The Sydney Morning Herald*.
<https://www.smh.com.au/lifestyle/health-and-wellness/this-boy-s-chatbot-girlfriend-enticed-him-to-suicide-his-case-might-save-millions-20241106-p5koc8.html>

Cunha, M. L. (2023, abril 4). **Homem belga suicida-se após conversas com chat de inteligência artificial que se tornou seu "confidente".** *Observador*.
https://observador.pt/2023/04/04/homem-belga-suicida-se-apos-conversas-com-chat-de-inteligencia-artificial-que-se-tornou-seu-confidente/?utm_source=chatgpt.com

Dodd, J. (2024, novembro 14). **Why grieving family went public with teen's addiction to AI bot, which they blame for his suicide (exclusive).** *PEOPLE*.
https://people.com/family-speaks-out-about-teen-in-alleged-character-ai-bot-suicide-8743988?utm_source=chatgpt.com

LIPPI, F. L.; ABILIO, C. C. C.; LIPPI, J. R.; GRAGLIA, M. A. V. **Inteligência Artificial e saúde mental no Brasil: uma revisão sistemática da literatura.** *CONTRIBUCIONES A LAS*

CIENCIAS SOCIALES, [S. l.], v. 17, n. 6, p. e7935, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.6-356. Disponível em:
<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/7935>. Acesso em: 25 abr. 2025.

LIPPI, Flávia Ladeira et al. **IMPACTOS EMOCIONAIS E AFETIVOS DO USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.** *LUMEN ET VIRTUS*, v. 16, n. 44, p. 341-355, 2025.

LOURENÇO, Sara Raquel Santos. **A Responsabilidade CIVIL EXTRA CONTRATUAL POR DANOS CAUSADOS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA.** 2024.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

PEREIRA, Mary Sue Carvalho; DE SOUZA, Terezinha de Fátima Carvalho.
ChatGPT: algumas reflexões. Revista Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, n.
236, p. 7-15, 2023.

SOCCOL, K. L. S.; SILVEIRA, A. DA. **Impactos do distanciamento social na saúde
mental: estratégias para a prevenção do suicídio / Impacts of social distancing on
mental health: strategies for suicide prevention.** Journal of Nursing and Health, v. 10,
n. 4, 4 nov. 2020.

ARTETERAPIA COMO PRÁTICA DE SAÚDE MENTAL AOS FAMILIARES DE PACIENTES ONCOLÓGICOS PEDIÁTRICOS DENTRO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Sara Gabriel Carvalho
Discente-Centro Universitário Fametro





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

sara.carvalho01@aluno.unifametro.edu.br

Ana Flavia Vieira de Maria

Discente-Centro Universitário Fametro

ana.maria01@aluno.unifametro.edu.br

Anna Paula Fagundes Bezerra

Docente-Centro Universitário Fametro

paula.bezerra@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: Um diagnóstico de câncer na infância acarreta uma série de mudanças afetando emocionalmente toda uma dinâmica familiar. Quando se trata de cuidado na Atenção Primária à Saúde (APS), segundo o Ministério da Saúde (2025), as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) podem ser utilizadas dentro do modelo de Estratégia Saúde da Família (ESF), alinhadas com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). A arteterapia é inserida no SUS, por meio da Portaria n. 849 de 27 de março de 2017, através da Portaria GM/MS no 971, de 3 de maio de 2006, que contempla a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC). Apesar dos recursos citados, o adoecimento de uma criança, muitas vezes, passa por uma ausência na assistência psicológica mal equipada para atender as famílias que necessitam de suporte psicossocial, obrigando-as a recorrer a casas de acolhimento de crianças com câncer. Nesse cenário, a arteterapia se mostra como uma das ferramentas essenciais para suporte emocional das famílias dentro dos cuidados à saúde mental deste grupo específico. **Objetivo:** Compreender o impacto da arteterapia aplicada aos familiares de pacientes oncológicos pediátricos, propondo o questionamento: como a arteterapia pode promover o cuidado destes cuidadores? **Metodologia:** Foram utilizadas as plataformas *Scielo*, *Pepsic* e *Periódicos Capes*, utilizando os termos: “arteterapia”, “câncer” e “cuidadores. A arteterapia pode ser uma ponte terapêutica para que o indivíduo possa exercitar a própria singularidade e reconhecer sua identidade criativa, sendo esta, um meio de ampliação da consciência com a melhor visualização de pensamentos. Para poder cuidar do outro, é necessário primeiro cuidar do cuidador, pois aquele acompanhante deve estar preparado para





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

conviver diariamente em torno de uma enfermidade, mas devido ao caótico cenário em que está inserido, raramente haverá uma pausa de respiro, por isso, a prática terapêutica com o uso da arte pode ser um meio eficaz de estimular o cuidador a se expressar e voltar a reconhecer sua identidade que graças aos conflitos do dia a dia, possa ter sido deixada de lado. **Considerações finais:** O uso da arteterapia pode ser considerada uma eficaz facilitadora terapêutica para diferentes públicos, porém, durante a pesquisa bibliográfica houve a percepção de um padrão de escassez em trabalhos atuais em uma média de 5 anos até hoje. A utilização deste método pode facilitar a prática em saúde mental independente da área em que atua, da classe econômica ou idade, por isso faz-se necessária a maior amplitude de trabalhos científicos sobre o assunto.

Palavras-chave: Cuidadores; Arteterapia; Câncer; Saúde Mental

REFERÊNCIAS

BRUSCATO, Wize Laura (Org.). **Psicologia na Saúde:** Da atenção primária à alta complexidade. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2012.

CARVALHO, Gabriela Borges; COSTA NETO, Sebastião Benício da e FERREIRA, Cintia Bragheto. **Arte como instrumento psicoterapêutico no tratamento hospitalar de pessoas com doenças onco-hematológicas.** Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v23n1/09.pdf> . Plataforma: Pepsic. Ano: 2020. Acesso em 10 de abr, 2025.

VALE, Cibele Silva do; RIBEIRO, Anne Karoliny Carvalho Mendonça; SILVA, Natana Souza da; LAGO, Rozilaine Redi e LAGO, Samara Devai. **Arteterapia como estratégia de cuidado em saúde mental no âmbito da atenção primária: um relato de experiência.** Disponível em: <https://jmpfhc.emnuvens.com.br/jmpfhc/article/view/1162/1040>. Plataforma: Periódicos Capes. Ano: 2021. Acesso em 10 de abr, 2025

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política nacional de promoção da saúde (PNPS): revisão da portaria MS/GM n.687, de 30 de março de 2006.** Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnps_revisao_portaria_687.pdf. Acesso em 19 de abr, 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Práticas Integrativas e Complementares em Saúde crescem 70% e ampliam o acesso ao cuidado integral no SUS.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/marco/praticas-integrativas-e-complementares-em-saude-crescem-70-e-ampliam-o-acesso-ao-cuidado-integral-no-sus>. Acesso em 21 de abr, 2025.



VELHICE E SEXUALIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Maria Beatriz Faustino Silveira

Discente - Universidade Estadual do Ceará - UECE

mariabia.faustino@aluno.uece.br

Marcia Kelma De Alencar Abreu

Docente - Universidade Estadual do Ceará - UECE

marcia.abreu@uece.br

Eixo Temático: 4. Psicologia e Diversidade: Estudos de Gênero, Raça, Cultura, Inclusão e Outros

RESUMO

Introdução: O envelhecer é uma fase do desenvolvimento multiforme e marcada por fatores sociais, culturais e mudanças biológicas. A sexualidade, comumente tida como tabu, será um dos aspectos que perpassa, afeta e influencia o entendimento da velhice. Destaca-se, no entanto, que essa ultrapassa os limites do ato sexual, mas se manifesta nas relações interpessoais pela corporeidade e performances de acesso público, ao pensar o comportamento e apresentação social, e privado, ao considerar o significado dessas relações na construção do psiquismo, das ideias e da autopercepção. Nesse contexto, pontua-se a maior censura ao referir-se à sexualidade da pessoa idosa, entendida como “assexuada” e, portanto, impedida de usufruir de certos prazeres, o que resulta no adoecimento e isolamento dessa parcela populacional. Além disso, faz-se necessário analisar criticamente as vivências diversas de idosos e idosas, onde se destacam as questões de gênero e orientação sexual.

Objetivo: Compreender os fatores associados à maneira que a pessoa idosa concebe e vivencia a sexualidade, bem como a maneira que os aspectos biológicos, sociais e macrossociais e, consequentemente, interseccionais perpassam esse grupo.

Metodologia: Análise e reflexão de artigos teóricos selecionados a partir dos bancos de dados SciELO e Periódicos CAPES.

Resultados e Discussões: A velhice é atravessada por elementos biológicos e sociais que afetam a percepção e a vivência da sexualidade, essa demonstra ambivalência, pois parte dos idosos negam, negligenciam ou evitam sua experimentação, enquanto outros indicam melhorias nessa. A questão de gênero evidencia-se como um fator importante na interpretação da sexualidade, atividade sexual e novos relacionamentos entre os





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

eres e homens possuem vivências e atravessamentos distintos da/na velhice. Os novos relacionamentos trazem novas formas de experimentar a sexualidade, nos campos corpóreo, inter-relacional, da autoestima e da intimidade, assim o amor e o sexo tomam novos contornos. Além disso, foi observado que a

sexualidade é também uma performance social. Existem coortes marginalizatórios mais evidentes quando se considera raça, orientação sexual, gênero e identidade, onde expressam maiores taxas de isolamento e são afetados por questões de saúde mental, assim como tendem ao isolamento social. **Considerações Finais:** A análise crítica acerca da sexualidade e suas vivências na velhice evidenciou a permanência de ideias estigmatizadas e discriminatórias do imaginário sociocultural. Nesse contexto, reafirma-se a importância de ampliar discussões e pesquisas sobre a temática e promover ações e produções psicoeducativas de (re)educação sexual a essa parcela.

Palavras-chave: Velhice; Sexualidade; Gênero e Orientação Sexual.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. C. F. ROMPENDO O SILÊNCIO: DESVELANDO A SEXUALIDADE EM IDOSOS. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa**. 2015, v. 12, n. 29.

ARAÚJO, L. F.; CARLOS, K. P. T. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**. 2018, v. 8, n. 1, p. 218-237.

CAMARANO, A. A. ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA: UMA CONTRIBUIÇÃO DEMOGRÁFICA. **Repositório IPEA**. n. 858. 2002.

DEBERT, G.; BRIGEIRO, M.. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2012, v. 27, n. 80, p. 37-54.

UCHÔA, Y. DA S. et al.. Sexuality through the eyes of the elderly.. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. 2016, v. 19, n. 6, p. 939-949.

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. DA P. DE L.; SARAIVA, E. R. DE A.. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2016, v. 36, n. 1, p. 196-209.



O PAPEL DO PERFECCIONISMO, ESTRESSE E ANSIEDADE NO DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Natália Ribeiro Lemos Dos Santo

Discente – Centro Universitário Fametro

natalia.santos02@aluno.unifametro.edu.br

Meyssa Pereira Oliveira

Discente – Centro Universitário Fametro

meyssa.oliveira@aluno.unifametro.edu.br

Lavínia De Freitas Melo

Discente – Centro Universitário Fametro

lavinia.melo@aluno.unifametro.edu.br

Gyslany Samila Gomes Teixeira

Discente – Centro Universitário Fametro

gyslany.teixeira@aluno.unifametro.edu.br

Ynggrid Braga De Sousa

Graduada – Centro Universitário Fametro

yngribntri@gmail.com

Daniela Vieira De Souza

Docente – Centro Universitário Fametro

daniela.vieira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: 2. Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: Os transtornos alimentares são transtornos psiquiátricos caracterizados por padrões persistentes de comportamentos alimentares disfuncionais, que acarretam prejuízos significativos à saúde física e mental. O desenvolvimento dessas condições é resultado de uma interação complexa entre fatores psicológicos, emocionais e sociais. Dentre esses fatores, destacam-se o perfeccionismo, o estresse e a ansiedade. **Objetivo:** Analisar como essas características psicológicas se relacionam com o desenvolvimento dos transtornos alimentares. **Metodologia:** A pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica, orientada pela pergunta norteadora: "Como o perfeccionismo, o estresse e a ansiedade contribuem para o



transtornos alimentares?". A busca foi realizada na base de dados PubMed Central (PMC), em abril de 2025. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados nos últimos cinco anos, em português, inglês ou espanhol, que investigaram a relação entre perfeccionismo, estresse, ansiedade e o surgimento de transtornos alimentares. Utilizou-se o cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "Perfectionism", "Anxiety", "Stress" e "Eating Disorders", com o operador booleano "AND". Foram excluídos estudos de revisão, teses, meta-

análises, periódicos repetidos, relatos de casos e estudos com animais ou in vitro. Na triagem inicial, 25 estudos foram identificados. Após aplicação dos filtros, 11 permaneceram. Com a leitura dos títulos, 8 artigos foram selecionados; após análise dos resumos, restaram 4. Por fim, após leitura completa, 3 estudos foram incluídos na amostra final. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados demonstraram que o perfeccionismo, o estresse e a ansiedade contribuem para o risco de desenvolvimento de transtornos alimentares, ainda que os métodos e enfoques variem entre as pesquisas Mandiola et al. (2022), em um estudo transversal no Chile com 163 estudantes de medicina, identificaram risco aumentado para transtornos alimentares em 24% das participantes, sendo o estresse acadêmico e o perfeccionismo pessoal preditores significativos. Corroborando com este estudo, O'Brien et al. (2024), em um ensaio piloto de viabilidade na Austrália, avaliou um programa online baseado em terapia cognitivo-comportamental voltado à redução do perfeccionismo (ICBT-P) em adolescentes do sexo feminino. Embora o objetivo principal fosse testar a viabilidade, observou-se que a diminuição do perfeccionismo se associou à melhora dos sintomas alimentares e da ansiedade, reforçando o perfeccionismo como fator de risco relevante. Enquanto, Peleg, Boniel-Nissim e Tzischinsky (2023), em um estudo de corte transversal em Israel com 194 adolescentes, verificaram que a angústia emocional mediou parcialmente a relação entre diferenciação do self e o risco para transtornos alimentares, com diferenças entre os sexos: nos meninos, a mediação ocorreu em diversos aspectos dos transtornos; nas meninas, concentrou-se no perfeccionismo. De modo geral, os achados reforçam o papel central do perfeccionismo, do estresse e da ansiedade na





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

nos alimentares, apontando também a importância de estratégias de intervenção que considerem aspectos emocionais e sociais.

Considerações finais: Diante o exposto, o perfeccionismo, a ansiedade e o estresse mostraram-se fatores pertinentes no desenvolvimento de transtornos alimentares. Evidencia-se a necessidade de intervenções guiadas por uma equipe multiprofissional, que abarque aspectos socioemocionais para reduzir a vulnerabilidade a essas condições.

Palavras-chave: Ansiedade; Estresse; Perfeccionismo; Transtornos Alimentares.

REFERÊNCIAS

O'BRIEN, A.; ANDERSON, R.; MAZZUCHELLI, T. G.; URE, S.; EGAN, S. A pilot feasibility and acceptability trial of an internet indicated prevention program for perfectionism to reduce eating disorder symptoms in adolescents. **Eating and weight disorders**, Austrália, v. 29, n. 27, abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40519-024-01654-8>.

MANDIOLA *et al.* Perfeccionismo, estrés académico y ansiedad social en mujeres estudiantes de medicina y riesgo de padecer un trastorno alimentario: un modelo multivariado. **Revista Médica de Chile**, Chile, v. 150, n. 8, p. 1046–1053, ago. 2022.

PELEG, O.; BONIEL-NISSIM, M.; TZISCHINSKY, O. Adolescentes en riesgo de trastornos alimentarios: el papel mediador del distrés emocional en la relación entre la diferenciación del yo y los trastornos alimentarios. **Psicología Frontal**, Israel, v. 13, 1015405, jan. 2022.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO TRATAMENTO DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES

Gyslany Samila Gomes Teixeira

Discente - Centro Universitário Fametro

gyslany.teixeira@aluno.unifametro.edu.br

Anna Rúbia Apolônio Ribeiro

Discente - Centro Universitário Fametro

anna.ribeiro@aluno.unifametro.edu.br

Teresa Larissa Furtado Martins

Discente - Centro Universitário Fametro

teresa.martins@aluno.unifametro.edu.br

Lícia Lisarte Alves Goiano

Discente - Centro Universitário Fametro

licia.goiano@aluno.unifametro.edu.br

Yngrid Braga de Sousa

Discente - Centro Universitário Fametro

yngridbnutri@gmail.com

Daniela Vieira de Souza

Docente - Centro Universitário Fametro

daniela.vieira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: Os transtornos alimentares são distúrbios psíquicos que comprometem a relação do indivíduo com a alimentação, com o corpo e com o peso. Nesse contexto, a família, como



do do paciente, desempenha um papel crucial na evolução e na reabilitação dos transtornos alimentares. **Objetivo:** Analisar a importância da família no processo de reabilitação dos transtornos alimentares. **Metodologia:** A pesquisa consistiu em uma revisão narrativa, orientada pela pergunta norteadora: "Qual é o papel da família na reabilitação de transtornos alimentares?". A busca foi realizada na base de dados PubMed Central (PMC) e o Periódicos CAPES em abril de 2025. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados nos últimos dez anos, em português, inglês ou espanhol. Utilizou-se o cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "Eating Disorders", "Family", "Rehabilitation", com o operador booleano "AND". Foram excluídos estudos de revisão, teses, meta-análises, periódicos repetidos e relatos de casos. Na triagem inicial, 126 estudos foram identificados. Com a leitura dos títulos, 5 artigos foram selecionados. Por fim, após leitura completa, 3 estudos foram incluídos na amostra final. **Resultados e Discussão:** Os pais exercem um papel fundamental no processo de orientação e educação alimentar, desempenhando a função de modelos comportamentais de crianças e adolescentes (Coelho et al., 2021). Segundo Ribeiro et

al. (2017), suas práticas e atitudes em relação à alimentação exercem influência significativa na construção de padrões de comportamento alimentar, podendo atuar tanto na promoção quanto na prevenção dos transtornos. No processo do tratamento dos TAs, além da necessidade de uma equipe multidisciplinar especializada, é importante a inclusão da família. Esse fato deve ser reconhecido não só por serem considerados como fatores que predis põem, mas sobretudo por serem também mantenedores do transtorno. Durante o processo terapêutico, é comum, a culpa e a autoculpabilização são experiências comuns entre pais cujos filhos têm um transtorno alimentar (Coelho et al., 2021), o que pode dificultar o envolvimento da família no cuidado. Além disso, foi identificado que a inclusão da família no tratamento dos TAs favorece uma abordagem mais integrada e sustentável, reduzindo o estresse e a sobrecarga dos cuidadores (Treasure et al., 2020). O nível de envolvimento familiar também se mostrou crucial, uma vez que a dinâmica estabelecida no ambiente familiar influencia o desenvolvimento e a manutenção dos sintomas, impactando o prognóstico do paciente (Leonidas & Santos, 2020). Corroborando com essa afirmação, Lock e Le Grange (2019), relatam que terapias baseadas na família, como a Terapia Familiar Maudsley, têm demonstrado eficácia significativa no apoio à recuperação e na redução das taxas de recaída. A colaboração entre família e equipe de saúde mostra-se fundamental no tratamento dos TAs,



teutica, favorece a detecção precoce de recaídas e possibilita intervenções mais eficazes e contextualizadas. **Considerações finais:** Diante do exposto, a família desempenha um papel fundamental na evolução do tratamento de transtornos alimentares, sendo uma fonte essencial de apoio emocional, motivacional e prático. Com base nisso, há necessidade de mais estudos que incluam a família no tratamento dos transtornos alimentares.

Palavras-chave: Família; Transtornos Alimentares; Reabilitação.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, M. A.; MUGARTE, I. B. T. M.; NOGUEIRA, H. F.; CAVALCANTE, A. B.; MELO, V. D. A. A.; VASCONCELOS, A. C. G. D.; DIAS, M. P.; MENEZES, C. N. Pesquisa e Intervenção Psicossocial com Famílias de Crianças e Adolescentes com Transtornos Alimentares e Obesidade. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, Brasil, v. 11, p. 1-10, 2017.

COELHO, J. S.; SUEN, J.; MARSHALL, S.; BURNS, A.; LAM, P. Y.; GELLER, J. Parental experiences with their child's eating disorder treatment journey. *Journal of Eating Disorders*, Reino Unido, v. 9, p. 92, 2021.

LIECHTY, J. M.; CLARKE, S.; BIRKY, J. P.; HARRISON, K.; STRONG Kids Team.

Perceptions of early body image socialization in families: Exploring knowledge, beliefs, and strategies among mothers of preschoolers. *Body Image*, Estados Unidos, v. 19, p. 68-78, 2016.

TREASURE, J.; PARKER, S.; OYELEYE, O.; HARRISON, A. The value of including families in the treatment of anorexia nervosa. *European Eating Disorders Review*, Reino Unido, v. 28, n. 3, p. 225-229, 2020.

LEONIDAS, C.; SANTOS, M. A. Percepção do apoio social e configuração sintomática na Anorexia Nervosa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. 1-14, 2020.

LOCK, J.; LE GRANGE, D. Family based treatment: Where are we and where should we be going to improve recovery in child and adolescent eating disorders. *International Journal of Eating Disorders*, v. 52, n. 4, p. 481-487, 2019.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

O IMPACTO DO ESTIGMA SOCIAL COMO FATOR DE RISCO AO SUICÍDIO NA VIDA DE SUJEITOS VIVENDO COM HIV

Antônio Alan Madeira Sales Junior

Discente - PROMIC - Centro Universitário Fametro

antonio.junior01@unifametro.edu.br

Orientador: Ivan Nogueira dos Santos Junior

Docente - PROMIC - Centro Universitário Fametro

ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: Para se falar sobre o tema HIV/AIDS atualmente, é necessário se atentar às suas dimensões sociais, culturais, políticas e subjetivas. Na literatura, o adoecimento psíquico e risco ao suicídio de pessoas vivendo com o vírus se mostram bastante evidentes. Segundo Shirley (2013 *apud* GALVÃO, 2022), as taxas de consumação em suicídio por pessoas vivendo com HIV chegam a ser 3 à 5 vezes mais altas quando se comparada ao público geral. Em análise, pessoas diagnosticadas com HIV/AIDS tiveram problemas multifatoriais para a



e dignidade. Desde a epidemia da AIDS nos anos 80/90, o mundo tem progredido bastante em pensar nas soluções biomédicas de problemas que cercam quem é “positivo” e até na prevenção dos chamados “negativos”, no caso da Profilaxia Pré-Exposição (PREP), medicamento eficaz em prevenir contra o contágio pelo HIV (Ministério da Saúde do Brasil, 2022), mas mesmo com esses avanços na saúde pública, essas pessoas ainda vivem na sombra da exclusão e desinformação gerada pelo preconceito. O estigma acerca de uma pessoa que vive com o vírus criada na época da epidemia ainda se perpetua no nosso imaginário social até hoje, ideia de promiscuidade, morte, estereótipo de “carimbador”, alguém que transmite propositalmente o vírus do HIV (GUARNIERI et al., 2024). Movimentos que ainda assustam grande parte da população, além de ferir e discriminar diariamente as pessoas que convivem com o vírus, resultando no adoecimento dessas pessoas e elevação de fatores de risco. **Objetivo:** O seguinte estudo parte do objetivo de discutir sobre o estigma de pessoas vivendo com HIV ainda presenciam, e a partir disso, refletir nas suas implicações no processo de adoecimento psíquico e consumação do ato ao suicídio desses sujeitos. **Metodologia:** Essa pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica das palavras-chave Estigma, Suicídio e HIV nas fontes de pesquisa científica SciElo Brasil, no Google Acadêmico e no site americano PubMed.

Resultados e Discussão: O estigma e preconceito não se apresentam como fatores exclusivos para o desenvolvimento de pensamentos suicidas e consumação do ato. Portanto, não se nega seu enorme impacto como um fator de risco na trajetória dessas pessoas, e sua capacidade como um predisponente de adoecimento psíquico. Conforme SEB et al. (2019) o preconceito e estigma acerca do HIV podem prejudicar o sujeito soropositivo na capacidade de elaboração do diagnóstico do vírus, e, no desenvolvimento de sentimentos de desesperança na vida. Também enfatizam sua relação com o desenvolvimento de depressão e ideias suicidas.

Considerações finais: Em suma, o estigma social se constitui como grande fator de risco para pessoas vivendo com o HIV, isso impacta nas suas experiências diagnósticas, relações sociais e sexuais. Em contrapartida, a literatura acerca da relação desse fator com os desenvolvimentos de comportamentos suicidas e até mesmo a consumação do ato, se mostram escassas, mas não inexistentes. O que evidencia a importância de se produzir mais pesquisas e estudos sobre o tema, e também, sua grande relevância para o mundo acadêmico e prática profissional.

Palavras-chave: HIV, Estigma Social, Suicídio.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **PrEP - Profilaxia Pré-Exposição**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GALVÃO, Pedro de Mello Vianna Pedrosa. **Relação entre bem-estar espiritual e risco de suicídio em pacientes vivendo com HIV em acompanhamento ambulatorial**. 2022. 41 f. Dissertação (Mestrado em Infecção HIV/AIDS e Hepatites Virais) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GUARNIERI, R.; BOTELHO, F. C.; SILVA, L. A. V. da .; & ZUCCHI, E. M. **Representações sociais do HIV e o cuidado de jovens recentemente diagnosticados**. Revista de Saúde Pública, v. 58, p. 6, 2024.

SEB-AKAHOMEN, O. J.; LAWANI, A. O.; JAMES, B. O. **Stigma and suicidality among people living with HIV attending a secondary healthcare facility in Nigeria**. Perspectives in Psychiatric Care, v. 55, n. 4, p. 538-545, out. 2019. DOI: 10.1111/ppc.12321.

A AUTONOMIA NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DURANTE A FASE OPERACIONAL CONCRETA: UM RECURSO PSICOLÓGICO CONTRA O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Gabriela Gondim Gomes

Discente - Centro Universitário Fametro

gabriela.gondim.gomes@gmail.com

Karen Emilly Cavalcante Saunders

Discente - Centro Universitário Fametro

Karensaunders1327@gmail.com

Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira

Docente - Centro Universitário Fametro – Unifametro

zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia, Educação e Aprendizagem

RESUMO

Introdução: A ideia de que a criança, quando bem orientada em uma mediação de conflitos - por meio da identificação nos estilos de conflitos e compreensão dos pontos principais para a resolução não violenta - interfere no desenvolvimento da independência para agir, pensar e



própria é crucial para o entendimento deste fator como um recurso psicopedagógico. A orientação dada, que pode variar de uma abordagem rígida a uma que favorece a liberdade e a espontaneidade, influencia diretamente o desenvolvimento da autonomia, incluindo a capacidade de lidar com o bullying escolar, que é um desafio importante que demanda uma abordagem educacional eficaz. Desta forma, observar de perto os fatores do desenvolvimento da autonomia é essencial nesta temática, pois liga-se à autorregulação e à resolução de conflitos interpessoais. O presente trabalho parte da premissa de que, ao promover essas competências, podem proporcionar um ambiente escolar mais saudável e preventivo em relação ao bullying, destacando a importância de um modelo pedagógico que equilibre a disciplina com o espaço para o desenvolvimento livre e ético da criança. **Objetivos:** Analisar como a autonomia na resolução de conflitos, em crianças durante o estágio operacional concreto (06 a 12 anos) contribui para o enfrentamento do bullying escolar. **Metodologia:** A disciplina “Estágio Básico 1” possibilitou o aprofundamento da temática por meio da vivência na área da psicologia escolar, realizada em uma instituição de ensino privada. Com a intenção de compreender mais profundamente esta temática, este estudo adotou como metodologia a realização de uma revisão crítica da literatura científica por meio de uma pesquisa indiscriminada de artigos e recortes de livros em português, utilizando o Google Acadêmico

com as palavras-chave: resolução de conflitos, bullying e desenvolvimento infantil.

Resultados e Discussão: A educação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, especialmente na fase operacional concreta, quando as crianças começam a compreender conceitos mais complexos, como justiça, empatia e a diminuição do egocentrismo. Esta fase permite que elas considerem o ponto de vista do outro e reconheçam sentimentos alheios, tornando-as mais aptas a entender conflitos interpessoais e a colaborar de forma eficaz para sua resolução. Esse desenvolvimento é crucial no enfrentamento de problemas como o bullying, caracterizado por agressões repetitivas e intencionais, físicas, verbais ou psicológicas, que causam dor, humilhação e exclusão. A escola, ao reconhecer estes fatores no estágio do desenvolvimento, pode promover práticas educativas que valorizem o diálogo, a justiça restaurativa e a cooperação, contribuindo para a construção de um ambiente escolar saudável, em que as crianças são incentivadas a refletir sobre seus atos e participar ativamente da solução dos conflitos. Além disso, deve observar também o



ões pelas interações sociais, pois quando estimuladas à participação ativa e à resolução de conflitos, as crianças aprendem a lidar melhor com situações de agressão. Nesse sentido, promover autonomia contribui não apenas para o crescimento emocional, mas também para a construção de estratégias de defesa mais eficazes. Isso reforça a importância de práticas psicopedagógicas que valorizem o protagonismo infantil. **Considerações Finais:** Conclui-se que a autonomia é um fator protetivo importante na atenção de práticas educativas que promovam independência emocional, fortalecendo as crianças diante do bullying e contribuindo para relações mais saudáveis no ambiente escolar.

Palavras-chave: Autonomia; Resolução de Conflitos; Desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 215, p. 1-2, 9 nov. 2015.

MATIRE, Claudia; RAMOS, Marta Calil Nascimento; SILVA, José Carlos Tavares da; OLIVEIRA, Thelma Mary Araújo de. Orientação educacional e os desafios na mediação de conflitos. *Ciência Atual*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 20-30, 2021. ISSN 2317-1499.

PIAGET, Jean. *Psicologia da criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1972.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

A PSICOLOGIA NAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES: REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES

Ivan Nogueira dos Santos Júnior

Docente – Centro Universitário Fametro – Unifametro

ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: A intensificação dos desastres naturais e tecnológicos nas últimas décadas evidenciou a necessidade de práticas psicológicas especializadas em emergências. A Psicologia dos Desastres emerge como campo essencial para a compreensão e intervenção diante dos impactos psicossociais causados por eventos catastróficos. No Brasil, embora ainda



...a demonstra relevância crescente frente às vulnerabilidades sociais. **Objetivo:** Este trabalho visa sintetizar os principais conceitos e práticas da Psicologia nas emergências e desastre, destacando suas contribuições para a gestão do sofrimento, fortalecimento comunitário e promoção da resiliência. **Metodologia:** Foi realizada uma análise qualitativa a partir da revisão bibliográfica de artigos científicos que discutem a atuação prática em desastres. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia); SciELO (Scientific Electronic Library Online). A metodologia incluiu a identificação dos principais temas abordados nos artigos, comparando definições, práticas e desafios, com enfoque nos desastres naturais e tecnológicos. **Resultados e Discussão:** Os resultados apontam que o conceito de desastre ultrapassa causas naturais, estando fortemente ligado à vulnerabilidade social. A atuação psicológica é necessária em três fases: pré-desastre, com ações preventivas e educativas; durante o desastre, com suporte emergencial; e pós-desastre, focada no tratamento de transtornos como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático. A Psicologia contribui para fortalecer redes sociotécnicas e promover a percepção de riscos nas comunidades. As abordagens utilizadas consideram fatores culturais, sociais e emocionais, visando não apenas a intervenção no sofrimento individual, mas também a reconstrução comunitária. A análise também revela a necessidade de formação específica para psicólogos, especialmente no contexto brasileiro, onde a produção científica ainda é escassa. A participação da Psicologia nos programas de Defesa Civil e de Saúde Pública é apontada como

estratégica para prevenir e minimizar os danos psicossociais de futuros desastres.

Considerações Finais: A Psicologia dos Desastres se configura como uma área indispensável para lidar com a complexidade dos impactos humanos frente a crises e tragédias. Para avançar, é urgente investir em pesquisas longitudinais, formação acadêmica específica e integração efetiva entre políticas públicas e práticas comunitárias. Com uma perspectiva interdisciplinar e construtivista, a Psicologia pode fortalecer a resiliência e transformar as respostas sociais aos desastres.

Palavras-chaves: Emergências; Psicologia dos Desastres; Resiliência Comunitária

REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Borghetti; LACERDA, Márcia Alves de Camargo; LEGAL, Eduardo José. **A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão.** *Psicologia em Estudo*,





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

5, abr./jun. 2012.

FAVERO, Eveline; SARRIERA, Jorge Castellá; TRINDADE, Melina Carvalho. **O desastre na perspectiva sociológica e psicológica.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 2, p. 201–209, abr./jun. 2014.

MATTEDI, Marcos Antônio. **A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a Psicologia.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 28, n. 1, p. 162–173, 2008.

MELO, Cecília Araujo; SANTOS, Felipe Almeida dos. **As contribuições da psicologia nas emergências e desastres.** *Psicólogo inFormação*, ano 15, n. 15, p. 170-181, jan./dez. 2011.

**ENTRE O SILENCIAMENTO E A VOZ: MULHERES NEGRAS COMO SUJEITAS
EPISTÊMICAS NA PSICOLOGIA**

Vitória Régia Albuquerque Frota

Discente- Centro Universitário Fametro

vitoria.frota@aluno.unifametro.edu.br

Maria Zelfa de Souza Feitosa

zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Docente - Centro Universitário Fametro

Eixo Temático: Psicologia e Diversidade: Estudos de Gênero, Raça, Cultura,
Inclusão e Outros

RESUMO

Introdução: As mulheres negras, diante de tantos atravessamentos e subjetividades silenciadas, ao chegar no ambiente acadêmico se deparam com diversas barreiras epistêmicas.



essa problemática diante do destaque eurocêntrico e embranquecido nas dinâmicas, tratamentos e referenciais acadêmicos. Esse apagamento epistêmico de mulheres negras está relacionado ao que Sueli Carneiro (2005) denomina de epistemicídio, ou seja, a negação sistemática dos saberes, em especial aqueles oriundos de corpos racializados. Carla Akotirene (2019) reforça que a interseccionalidade, enquanto ferramenta analítica, torna possível compreender os modos como raça, classe e gênero atravessam os processos de subjetivação, promovendo uma leitura mais complexa da realidade. No ano de 2019 o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) publicou que 50,3% dos alunos que estudam em Instituições privadas ou públicas são negros, sendo pretos ou pardos. Levanta-se-se o seguinte questionamento: Em qual lugar estão as mulheres negras nesse contexto acadêmico? De acordo com Corsino (2022) a população negra carrega marcas históricas do seu passado, além de estar inserida em uma sociedade que nega sua existência, onde afeta a subjetividade desse indivíduo. **Objetivo:** Realizar uma análise interseccional do silenciamento de mulheres negras, na formação acadêmica em Psicologia, e suas implicações para a produção de conhecimento e práticas acadêmicas. **Metodologia:** Realizada uma Revisão de Literatura que, de acordo com Noronha e Ferreira (2000), visa analisar a produção bibliográfica em alguma temática específica, ao inserir-se em um recorte temporal. A trilha percorrida a partir de pesquisas realizadas nas bases de dados PePSIC e Scielo, além da Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, as palavras de busca foram “Psicologia e Interseccionalidade”, “Epistemologia e

Mulheres Negras”, “Interseccionalidade”, sendo o total de 80 artigos nas duas bases de dados, no entanto, foram selecionados 10, com os critérios de inclusão sendo produções voltadas para as temáticas que envolvem raça e gênero, no período de 2019 a 2024, em português, sendo os critérios de exclusão artigos que não articulavam interseccionalidade com epistemologia e voltados para clínica. **Resultados e Discussão:** A análise dos materiais selecionados revelou que o silenciamento das mulheres negras nos espaços acadêmicos não se dá apenas pela ausência de referências epistemológicas negras na formação, mas também pela organização estrutural dos cursos. A autora Carla Akotirene (2019), ao aprofundar o conceito de interseccionalidade, propõe um olhar ampliado sobre os atravessamentos de raça, gênero, classe e território. Sua crítica ao uso superficial da interseccionalidade no meio acadêmico reforça a necessidade de um compromisso político com as epistemologias negras. O artigo “Feminismo negro contra a injustiça epistêmica”, Bueno (2024) reforça essa crítica,



negro brasileiro tem se constituído como resistência e como prática de produção de conhecimento enraizada na experiência, assim como “Ciência de mulheres negras” Xavier (2021) mostra essa insurgência, propondo um fazer científico que não separa teoria de vivência. **Considerações finais:** Reconhecer as mulheres negras como sujeitas epistêmicas na Psicologia é necessário para sair de um saber sexista e racista, em que promove um campo que seja comprometido com a equidade e a justiça social diante dessa desigualdade histórica.

Palavras-chave: Psicologia; Interseccionalidade; Mulheres.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019.

BUENO, E.. O feminismo negro contra a injustiça epistêmica: um estudo das abordagens de Sueli Carneiro e Patricia Hill Collins. Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 24, p. e-44575, jan. 2024.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo.

CORSINO, Debora Lydinês Martins; VERCEZE, Flávia Ângelo; CORDEIRO, Silvia Nogueira. "Minha cor não desbota, não deixa se abater por qualquer coisa": o hiato entre força e sofrimento em histórias de mulheres negras. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 22, n. 1, p. 1-14, abr. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692022000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica,

n.41, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=downloads>. Acesso em: 07 abr.2025.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.) Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, L. R. de; BARROS, S. C. de; SANTOS, A. de O.; PENNA, W. P.; VEIGA, L. Da psicologia como profissão feminina à psicologia feminista: criando novos modos e novas epistemologias a partir do feminismo negro. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 16, n. 3, p. 1-10, 2021. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3553. Acesso em 14 abr. 2025.

XAVIER, G.. Ciência de Mulheres Negras: um experimento de insubmissão. Saúde em Debate, v. 45, n. spe1, p. 51-59, out. 2021.





**XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO**

**PROPOSTA DE INTERVENÇÕES PSICOEDUCATIVAS PARA PACIENTE E
CUIDADORES EM UMA CASA DE PASSAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE
ESTAGIÁRIAS DO CURSO DE PSICOLOGIA**

Carla Edwiges Mariano Rosa

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
carla.rosa@aluno.unifametro.edu.br

Nathasha Bianca Macedo Correia Silva

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
nathasha.silva@aluno.unifametro.edu.br

Francisca Fernanda Barbosa Oliveira

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
fernanda.oliveira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade



Introdução: Os sujeitos que vivenciam o processo de enfrentamento do câncer e de transplantes passam por diversas experiências de padecimento que uma doença crônica pode causar. Ademais, pode potencializar episódios de medo, incertezas em relação ao futuro, problemas de autoestima, dificuldades relacionais, sociais e familiares, e alguns transtornos de conduta a exemplo da ansiedade e da depressão (Baptista e Dias, 2017). Essas possíveis consequências associadas ao diagnóstico e tratamento destas enfermidades, podem impactar negativamente a adesão à intervenção e qualidade de vida dos pacientes e familiares, tornando-se imperiosa um atendimento psicossocial e ações psicoterápicas especializadas (Lourenção, Santos Jr. e Luiz, 2010). **Objetivo:** Relatar, mediante experiência de duas estagiárias do curso de graduação em psicologia, propostas de intervenções psicoeducativas para paciente e cuidadores em uma Casa de Passagem. **Metodologia:** Dentre as formas de divulgação científica, o relato de experiência se destaca por possibilitar a produção de conhecimento a partir de vivências (Mussi et al, 2021). As autoras optaram por esse formato para apresentar uma proposta de intervenção de Estágio Básico I obrigatório da graduação em Psicologia, efetuado em uma Casa de Passagem que acolhe pacientes oncológicos e transplantados de municípios vizinhos e outros estados durante o tratamento na cidade de Fortaleza. Mediante observações em campo e análise de necessidades, identificou-se alta rotatividade de pacientes e acompanhantes, desse modo, optou-se por realizar atividades grupais psicoeducativas de promoção da saúde. Realizou-se uma análise de necessidades conforme orienta Sarriera (2010), tanto as inferidas, (acerca de profissionais/ instituições) quanto as sentidas (relacionadas ao público – sujeitos da comunidade). Para isso, foram realizadas três visitas ao campo para

observações participativas e entrevistas com representantes que administram a instituição. As informações foram registradas em diários de campo, permitindo a identificação de demandas existentes, sendo base para a construção da proposta de intervenção. **Resultados e Discussão:** Conforme dados coletados e considerando a alta rotatividade dos assistidos na instituição, optou-se por planejar ações voltadas à promoção da saúde, em grupo, utilizando intervenções psicoeducativas. Segundo Lemes e Ondere Neto (2017), psicoeducação é uma forma de orientar pacientes e cuidadores a entender melhor a sua condição, seja física e/ou psicológica, e o tratamento necessário, assim, pode contribuir para a conscientização e a prevenção em saúde. A proposta inclui práticas de cuidado, com o objetivo de promover uma reflexão sobre





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

a pelos participantes, bem como apresentar estratégias que podem ser desenvolvidas no cotidiano na instituição; atividades de expressão emocional, objetivando auxiliar os participantes a identificar e expressar suas emoções, validar os sentimentos e facilitar a aceitação das emoções e o acolhimento mútuo, para promover a flexibilização psicológica diante do sofrimento baseado em técnicas da Terapia de Aceitação e Compromisso (Medeiros e Hartmann Junior, 2019). **Considerações finais:** As intervenções propostas demonstram potencial para o fortalecimento de práticas de promoção de saúde e melhoria da qualidade de vida. Outrossim, a experiência relatada é enriquecedora para as alunas, pois possibilita vislumbrar a atuação profissional com desafios inerentes ao campo da psicologia da saúde, bem como reafirma o papel do psicólogo na promoção da saúde em espaço de cuidado coletivo.

Palavras-chave: Promoção de saúde; Pacientes com doenças crônicas; Casa de passagem.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Myrian N.; DIAS, Rita R. Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos. 2. ed. **Rev. e ampl. Rio de Janeiro:** Guanabara Koogan, 2017.

LEMES, Carina Belomé; ONDERE NETO, Jorge. Aplicações da psicoeducação no contexto da saúde. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 17-28, mar. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abr. 2025.

LOURENÇÃO, Vanessa Cristina; SANTOS JUNIOR, Randolpho dos; LUIZ, Andreia Mara Gonçalves. Aplicação da terapia cognitivo comportamental em tratamento de câncer. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 5, n. 2, 2009. Disponível

em: <<https://www.bing.com/ck/a?!&&p=dea2481c1a3e71f5b891934d3fdf2a30412420afe86c77ff118171e9c75df117eJmldtHM9MTc0NDY3NTIwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=03026414-1d6a-6659-0c14-710c1c3b6731&psq=10.5935%2f1808-5687.20090014.&u=a1aHR0cHM6Ly9wZXBzaWMuYnZzYWx1ZC5vcmcvcGRmL3JidGMvdjVuMi92NW4yYTA2LnBkZg&ntb=1>>. Acesso em 15 abr. 2025.

MEDEIROS, Antônio Gabriel Araújo Pimentel de; HARTMANN JUNIOR, Jose Antonio Spencer. Terapia de aceitação e compromisso em idosos: revisão sistemática. *Rev. bras. ter. cogn.*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 112-119, dez. 2019. Disponível





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

cielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872019

000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 abr. 2025.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico.

Práx. Educ., Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abr. 2025.

1000500060&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abr. 2025.

SARRIERA, Jorge Castellá. Análise de necessidades de um grupo ou comunidade: a avaliação como processo. In: SARRIERA, Jorge Castellá; SAFORCADA, Elena Teodora (orgs.). **Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 141-154.

ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

Bruna da Silva Nunes Discente

Centro Universitário Fametro - Maracanaú

bruna.nunes01@aluno.unifametro.edu.br

Francisco José de Souza Discente

Centro Universitário Fametro – Unifametro – Maracanaú

francisco.souza@aluno.unifametro.edu.br

Ivan Nogueira dos Santos Júnior Docente





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

Centro Universitário Fametro – Unifametro – Maracanaú

ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: Cabe a necessidade de compreender a atuação dos profissionais da psicologia no sistema socioeducativo e evidenciar como a psicologia contribui para promoção da justiça social. É de suma importância para sociedade entender como esses profissionais desenvolvem seus trabalhos em prol de adolescentes que estão constantemente em conflito consigo mesmo e com a lei. **Objetivo:** Compreender os conhecimentos da psicologia com a vivência desse profissional nos sistemas socioeducativos. **Metodologia:** Utilizou-se uma abordagem qualitativa, utilizando como técnicas principais a revisão bibliográfica e a visita de campo. Inicialmente, realizou-se uma revisão de literatura em livros e artigos científicos, visando compreender prática profissional dos(as) psicólogos(as) no sistema socioeducativo. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia); SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). Complementarmente, foi realizada uma visita de campo a um Centro Socioeducativo, com o objetivo de observar práticas, coletar informações e compreender a aplicação prática dos conceitos estudados. A combinação dessas duas técnicas permitiu uma análise mais ampla, associando a teoria acadêmica às realidades observadas no local. **Resultados e Discussão:** Os textos encontrados e a visita em campo convergem ao indicar que o sistema socioeducativo ainda reflete uma lógica punitivista, marcada por violações de direitos e infraestrutura precária. O profissional, nesse cenário, é chamado a desenvolver práticas pautadas na escuta qualificada, na construção de vínculos e no fortalecimento do protagonismo juvenil. Atuando individualmente e em grupo, promovendo atividades culturais e reflexivas. Sua prática deve ser orientada pela ética, pelos direitos humanos e por uma perspectiva crítica e interseccional. O desafio é criar um ambiente favorável

que possa ser responsável pelo desenvolvimento e acompanhamento psicossocial aos adolescentes e também com vínculos profissionais frágeis, medicalização inadequada e baixa articulação entre políticas públicas. **Considerações finais:** A oportunidade in loco de observar e relacionar a teoria com a prática sobre a temática possibilitou a compreensão que a prática psicológica contribui para um atendimento humanitário em prol de todos os adolescentes que em um determinado período da sua vida afastaram-se da lei. Verificou-se a





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

onal integra os conhecimentos teóricos obtidos durante sua formação acadêmica à resolução de demandas práticas em seu exercício cotidiano. Portanto, a atuação dos profissionais da psicologia no sistema socioeducativo exige um posicionamento ético-político comprometido com a transformação social.

Palavras-chave: atuação profissional; sistema socioeducativo; adolescentes.

I Jornada de Psicologia de Maracanaú

Referências:

BARBOSA, Ana Larisse Santos; MEDEIROS, Ana Karla Fernandes. Os direitos da criança e do adolescente: um resgate histórico do sistema socioeducativo no Ceará, suas articulações e resistências. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 167-186, jan./abr. 2020. Disponível em: https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSO_46_art_7.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) no âmbito das medidas socioeducativas. 1. ed. Brasília: CFP, 2021. 96 p. ISBN 978-65-89369-02-8.

CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery (Coord.); KOLLER, Sílvia Helena (Org.). Estudos interdisciplinares em ciências humanas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. (Volume 10).

OPPERT, Deisy Maria Rodrigues; LEITE, Letícia da Silva; SIMM, Aline Monteiro. O papel do psicólogo no cumprimento das medidas socioeducativas. *Studies in Multidisciplinary Review*, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 593-607, jul./set. 2022. DOI: 10.55034/smr3n3-012.

PAPALIA, Diane E. Desenvolvimento humano. 14. ed. Porto Alegre: Amgh, 2022.

SILVA, Ana Karolina Zaghetto; FELIPPE, Andreia Monteiro. A atuação do psicólogo na medida socioeducativa de semiliberdade para adolescentes em conflito com a lei. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/viewFile/2481/1616>. Acesso em: 25 abr. 2025.

A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE APOIO PARA MÃES ATÍPICAS

Amanda Grazielly Sena Beserra

Discente - Centro Universitário Fametro
amanda.bezerra05@aluno.unifametro.edu.br

Gislaine de Jesus Mendonça

Discente - Centro Universitário Fametro
gislaine.mendonca@aluno.unifametro.edu.br

Maria Gabriela De Oliveira Rodrigues

Discente - Centro Universitário Fametro





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

Maria.rodrigues30@aluno.unifametro.edu.br

Ivan Nogueira dos Santos Júnior

Orientador: Docente – Centro Universitário Fametro

ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: A maternidade atípica traz uma série de desafios emocionais, sociais e econômicos intensos para as mulheres que enfrentam essa realidade. O diagnóstico de uma criança com transtorno do espectro autista (TEA) ou outros transtornos do desenvolvimento pode transformar profundamente a dinâmica familiar, com a mãe, muitas vezes, assumindo a maior parte dos cuidados. Estudos mostram que o estresse que essas mulheres vivenciam pode ser comparado ao estresse crônico enfrentado por soldados em combate. Muitas mães compartilham sentimentos de abandono por parte dos parceiros, além da falta de uma rede de apoio sólida e de políticas públicas eficazes que ofereçam suporte emocional, financeiro e social. Nesse contexto, fica claro o valor dos grupos de apoio, que oferecem um espaço acolhedor para compartilhar experiências, fortalecer vínculos sociais e promover a saúde mental e a qualidade de vida. **Objetivo:** Destacar a importância dos grupos de apoio para mães atípicas, mostrando como esses espaços ajudam a fortalecer o emocional e o social dessas mulheres. **Metodologia:** Abordagem qualitativa, utilizando como técnicas principais a revisão bibliográfica e visitas de campo. Inicialmente, realizou-se uma revisão de literatura em artigos científicos, visando compreender a prática de grupos como intervenção de cuidado. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia); SciELO (Scientific Electronic Library Online). Complementarmente, foi realizada visitas de campo a um projeto social de mães atípicas, com o objetivo de observar práticas, coletar

informações e compreender a aplicação prática dos conceitos estudados. **Resultados e Discussão:** As atividades observadas mostraram claramente o sofrimento emocional, a sobrecarga e a solidão que muitas mães de filhos atípicos enfrentam após o diagnóstico. Os grupos de apoio se revelaram essenciais, oferecendo um espaço seguro para acolhimento, promovendo a autoestima e permitindo que essas mulheres compartilhassem suas experiências, o que ajuda a diminuir o sentimento de isolamento. O projeto social destacou-se





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

é possível ouvir, acolher e trocar conhecimentos. A falta de políticas públicas específicas para apoiar essas famílias agrava ainda mais a situação de vulnerabilidade, tornando o apoio da comunidade fundamental. Além disso, construir redes de solidariedade fortalece a autonomia dessas mães, impactando positivamente seu bem-estar e a qualidade do cuidado que oferecem às crianças. **Considerações finais:** A criação e o fortalecimento de grupos de apoio para mães atípicas são essenciais para amenizar os impactos emocionais e sociais que vêm com o cuidado contínuo e cansativo. Essas iniciativas valorizam o papel da mãe como cuidadora e protagonista de sua própria história, oferecendo suporte emocional, fortalecendo redes sociais e aumentando a conscientização da sociedade sobre a realidade das famílias atípicas. Projetos e ações são fundamentais para promover uma cultura de acolhimento, inclusão e respeito, trazendo mudanças significativas para a vida dessas mulheres e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Palavras-chave: Maternidade atípica; Rede de apoio; Saúde mental

I Jornada de Psicologia de Maracanaú

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Bianca Rocha Mulazani; PINTO, Rosângela Lima; SILVA, Diego da. **Relato de experiência de estágio em um grupo terapêutico para mães de pessoas com deficiências: vicissitudes entre a escuta qualificada, acolhimento e técnicas de intervenção psicológica.** *Quest Journals: Journal of Medical and Dental Science Research*, v. 9, n. 7, p. 65-70, 2022. Disponível em: www.questjournals.org. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Maria Nicolly Vargas da. **Cuidado, suporte e atenção psicossocial a mães de crianças/adolescentes com transtorno do espectro autista: um ensaio teórico-reflexivo.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade LaSalle (UNILASALLE), Canoas, 2024.

SOUZA, Luana Vilela Vieira; SILVA, Alice Andrade. **Os desafios da maternidade atípica: explorando a intervenção terapêutica para o processo de ressignificação na vida da mulher.** *Revista Faculdades do Saber*, v. 10, n. 24, p. 658–670, 2025. Disponível em: <https://revistafaculdadesdosaber.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2025.

A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DAS EMOÇÕES PARA A PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lívia Rayle Diogo Facundo

Discente - Centro Universitário Fametro

livia.facundo@aluno.unifametro.edu.br

Maria Eduarda Mourão Magalhães





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

Discente - Centro Universitário Fametro
maria.magalhaes02@aluno.unifametro.edu.br
Ms. Amanda Lívia de Lima Cavalcante
Docente - Centro Universitário Fametro
amanda.cavalcante@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia, Educação e Aprendizagem

RESUMO

Esta produção foi desenvolvida a partir da disciplina Práticas Integrativas 3, na qual realizamos 10 horas de atividades práticas em uma creche localizada na cidade de Fortaleza, voltada para crianças da educação infantil. Este resumo apresenta um relato de experiência, incluindo as atividades desenvolvidas no campo, e a realização da análise de necessidades durante esse período. Diante da prática, objetivou-se compreender como a capacidade de identificar e nomear as próprias emoções pode trazer benefícios significativos para as crianças, especialmente no contexto da prevenção do abuso sexual. O trabalho adota uma abordagem qualitativa, baseando-se em uma pesquisa bibliográfica, como forma de coleta de dados. A partir das visitas investigativas, identificou-se uma demanda específica, que resultou na criação do projeto de intervenção intitulado "Minhas Emoções são o Meu Escudo!". Este projeto é voltado para crianças da educação infantil e visa fortalecer sua capacidade de reconhecer e comunicar suas emoções de forma saudável e protetiva. Durante o estudo, nota-se a urgência de se trabalhar com as crianças e seus responsáveis acerca da importância de elas compreenderem as suas emoções e saberem nomeá-las, a fim de que os números estatísticos, relacionados ao abuso sexual infantil, decresçam. Neste estudo foi possível adquirir experiência e conhecimento teórico-prático devido a conexão da dupla, que se interessa pela área infantil, além da prática em campo e das supervisões quinzenais, as quais podíamos nos aprofundar no assunto e realizar o relatório, com o suporte da professora orientadora.

Palavras-chave: Infância; Emoções; Prevenção; Abuso sexual.

INTRODUÇÃO

O referido resumo configura-se como um relato de experiência, elaborado por discentes do curso de Psicologia, regularmente matriculados no semestre de 2024.2, e desenvolvido a partir da vivência na disciplina Práticas Integrativas III, cursada no semestre de 2024.1. Esta disciplina integrou teoria e prática, utilizando métodos e funções fundamentais à atuação do psicólogo, como a observação, escuta, entrevista e pesquisa qualitativa.

A disciplina teve como objetivo a realização de uma atividade de caráter teórico-prático, na qual problematizamos e avaliamos as demandas do campo, para a construção de um projeto de intervenção. Para isso, a fim de alcançar o objetivo proposto nos vinculamos a uma creche pública da cidade de Fortaleza, que presta assistência social e educacional a crianças, na faixa etária de 0 a 5 anos. A creche funciona de segunda à sexta-feira, das 7h às 17h, onde possuem uma rotina organizada para atender integralmente às necessidades das crianças.

Acompanhamos um recorte da rotina de crianças da educação infantil, junto de suas duas professoras, sob a supervisão da coordenadora da creche, e da nossa professora



vação participante e da entrevista aberta, realizamos a análise de necessidades, um processo investigativo que buscou compreender as demandas existentes no contexto da creche em que atuamos. Esse processo foi fundamental para garantir que a construção do projeto de intervenção fosse assertiva e alinhada com as reais necessidades do ambiente. Dessa forma, alcançamos o objetivo proposto de criar e elaborar um projeto de intervenção, seguindo rigorosamente os princípios éticos.

Essa experiência foi de grande importância para a nossa formação, pois nos proporcionou aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso, especialmente no que diz respeito à psicologia infantil e à prevenção de abusos. A nossa vivência no campo, ao observar o comportamento das crianças e desenvolver uma intervenção alinhada com suas necessidades, contribuiu significativamente para nossa compreensão sobre o impacto das emoções no desenvolvimento infantil e como a Psicologia pode atuar para garantir o bem-estar e proteção da infância.

Neste relato de experiência, compartilharemos nossa vivência e discutiremos a proposta de pesquisa "A Importância da Identificação das Emoções para a Prevenção do Abuso Sexual Infantil". Para isso, é necessário entender que as emoções constituem na atualidade um tema de grande interesse e reconhecimento na Psicologia. Este trabalho traz uma essencial reflexão envolvendo esse tema. A princípio, aprendemos em nossos estudos que emoção e sentimento são conceitos distintos. Embora, no senso comum, muitas vezes sejamos levados a acreditar que os dois termos são sinônimos, há uma diferença fundamental entre eles. A emoção é uma reação imediata do corpo a uma situação que provoca agrado ou desagrado no sujeito, sendo uma resposta orgânica e instintiva (Possebon, 2020).

Já o sentimento, por sua vez, é uma construção mais duradoura, desenvolvida ao longo do tempo e moldada pela experiência individual, considerando a subjetividade do sujeito, diferindo das emoções por não ser puramente orgânico. A emoção, por ser uma reação imediata, gera confusão na criança, que enfrenta dificuldades para compreender esse turbilhão de sensações. Isso ocorre porque a criança está em fase de desenvolvimento, ainda incapaz de nomear e reconhecer suas próprias emoções, pois não passou por um processo de aprendizagem, necessitando da interferência do outro para auxiliá-la nesse processo tão confuso. O

desenvolvimento emocional é gradual, a percepção ainda é acompanhada de dificuldade em



tos de maneira clara, como vemos na seguinte observação:

A criança vai formando seu senso crítico, sua percepção e, principalmente, amadurecendo seus sentidos. Desta forma, sua reação diante das situações pode ser diversa, vai do rir ao chorar, gritar. Ela não compreende o que está sentindo, assim, não conhece ainda a melhor forma de expor seus sentimentos. (Martinez, 2022, p.144.)

Considerando a idade das crianças que tivemos contato, elas ainda estão em processo de formação, aprendendo diariamente a se expressar, sendo uma fase do desenvolvimento onde é de extrema importância trabalhar as emoções e, consequentemente contribuir para que elas possam compreender de forma segura o que sentem e adquiram a capacidade de reconhecer e comunicar esses sentimentos.

Diante disso, para fundamentar a importância da nossa discussão, vale ressaltar como o portal de notícias Tribuna Hoje aborda o tema:

E considerando as peculiaridades dessa fase, onde há o desenvolvimento de várias habilidades socioemocionais, como a autonomia emocional que se consolida a partir da construção de uma autoestima saudável, o desenvolvimento da autoimagem (como cada pessoa se enxerga), possuir uma autoimagem positiva e autoestima permitirá à criança estar apta a reconhecer comportamentos abusivos e a solicitar auxílio quando necessário. Essas micro competências fortalecem a resiliência emocional da criança, além de facilitarem a construção de relacionamentos saudáveis e a comunicação assertiva.¹

Acreditamos que trabalhar isso poderá agregar à creche, pois, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, a segurança e a proteção das crianças é dever de todos os indivíduos, então, ao ser abordado esse tema, que traz informações essenciais para todos que desejam proteger a infância, nós poderemos contribuir com as professoras da creche, por meio de atividades relacionadas a emoções, limites corporais do seu corpo e do outro, contribuindo assim na formação das crianças.

O objetivo principal deste trabalho é compreender como a capacidade de identificar e nomear as próprias emoções pode trazer benefícios significativos para as crianças, especialmente no contexto da prevenção do abuso sexual. Dessa forma, a fundamentação teórica será sustentada por uma ampla pesquisa bibliográfica, com o objetivo de discutir a importância do reconhecimento das emoções infantis e destacar seu impacto na prevenção de situações de risco. Ademais, este trabalho visa esclarecer o verdadeiro significado de uma educação sexual, abordando a sexualidade de forma saudável e respeitosa. Portanto, o trabalho

¹ Site:

https://tribunahoje.com/noticias/saude/2024/05/24/138808-como-o-desenvolvimento-de-habilidades-contribui-para-a-prevencao-e-combate-ao-abuso-infanto-juvenil#google_vignette



proposta prática para trabalhar a prevenção com crianças da educação infantil, através do projeto intitulado "Minhas Emoções são o Meu Escudo!". O relato de experiência das atividades realizadas durante a disciplina e no campo de pesquisa será apresentado, proporcionando uma visão prática do que foi desenvolvido e refletindo sobre os resultados alcançados.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesta pesquisa baseou-se na abordagem qualitativa, que visa um estudo aprofundado de casos e fenômenos práticos, através da observação participante e entrevistas abertas. Diferentemente da abordagem quantitativa, que se apoia em dados e levantamentos estatísticos, a qualitativa nos permitiu observar e interagir diretamente com crianças e professoras, oferecendo uma visão mais rica e contextualizada do ambiente.

Gil (2008), explica as principais etapas da pesquisa qualitativa: redução, exibição e conclusão. A redução envolveu a seleção e organização dos dados obtidos nas observações e entrevistas dos momentos práticos, a exibição foi realizada através de textos, visando tornar mais fácil a análise sistemática desses dados, e a conclusão trouxe a fundamentação teórica necessária aos dados encontrados.

Além disso, foram utilizados artigos e trabalhos acadêmicos encontrados no Google Acadêmico, em sites como Pepsic e Scielo, realizando uma leitura e análise crítica dessas pesquisas para ressaltar as informações que trouxemos em nosso relato e dar significado a elas, tornando-as verdadeiras e com sentido.

Inicialmente tivemos a autorização da coordenadora da creche e a formalização do Termo de Compromisso de Estágio (TCE). A partir dessa articulação com o campo, a pesquisa na educação infantil teve início em abril de 2024, as visitas ao campo foram concluídas no mesmo mês. Essa pesquisa contou com quatro visitas de duas horas, com o objetivo de entender as demandas que a creche poderia trazer, considerando as nossas observações como estudantes de psicologia, e o olhar da própria escola sobre o que poderia ser melhorado.

Ademais, para que pudéssemos fazer uma boa análise de necessidade, durante essas visitas, foram observados os momentos de aula e lanche, onde todas as crianças manifestaram interesse em interagir conosco e não demonstraram constrangimento com a nossa presença na sala.

Outrossim, também realizamos entrevistas semiestruturadas com as professoras, com perguntas as quais pudemos entender o funcionamento da rotina das crianças e a maneira



se relacionam com amigos e professores. As professoras se mostraram muito solícitas para responder às nossas perguntas, onde elas trouxeram à tona situações a serem discutidas, sendo o desenvolvimento socioemocional e a curiosidade infantil sobre o corpo as demandas mais perceptíveis.

Essa vivência prática foi essencial para nossa formação enquanto estudantes de Psicologia, proporcionando o desenvolvimento de habilidades como observação crítica, análise de campo e aplicação de teorias na prática. A oportunidade que tivemos de interagir diretamente com as crianças e professoras enriqueceu nossa compreensão sobre o desenvolvimento infantil e os desafios envolvidos na prevenção de abusos, preparando-nos para futuras intervenções profissionais. A seguir serão discutidas as principais articulações teóricas associadas a proposta de intervenção construída para esse contexto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da nossa trajetória na disciplina teórico-prática, adquirimos conhecimentos fundamentais sobre a infância, com ênfase na importância das emoções para prevenção ao abuso sexual. Na creche, identificamos que a principal demanda era ensinar as crianças a reconhecer e nomear suas emoções. Essas habilidades contribuem para solucionar problemas, melhorar relacionamentos e prevenir o abuso sexual (Martinez, 2022)

Nas pesquisas, notamos que um dos principais obstáculos para as crianças reconhecerem situações de abuso sexual é o tabu dos adultos em abordar esses temas. A maneira como eles lidam com as primeiras experiências infantis relacionadas ao corpo e à sexualidade pode gerar sentimentos de vergonha, culpa e medo nas crianças, dificultando a prevenção de abusos. A falta de diálogo entre adultos e crianças sobre o corpo e a sexualidade impede o reconhecimento de situações abusivas, o que torna essencial a educação sexual desde cedo ensinando sobre limites corporais e como identificar quando estes são violados (Maia e Pastana, 2014).

Rocha (2024) esclarece que a educação sexual vai além de ensinar sobre o corpo, incluindo discussões sobre prevenção de abusos, emoções e relacionamentos. Neusa Maria, em uma cartilha de 2020, acrescenta que observar, ensinar e notificar são ações essenciais para prevenir a violência infantil. Ensinar as crianças a nomear as partes do corpo e relatar toques inadequados é fundamental para a prevenção de abusos.

Muitas crianças reprimem sentimentos como medo ou desconforto por não saberem



defende que é crucial incentivá-las a manifestar suas emoções,

pois ambientes que não permitem essa expressão podem gerar repressão emocional. Frases como "pare de chorar" podem ensinar as crianças a evitar emoções consideradas negativas, impactando como lidam com essas emoções ao longo da vida.

A identificação emocional ajuda as crianças a reconhecer e expressar suas emoções, sendo uma ferramenta essencial para prevenir o abuso sexual. Rocha (2024) afirma que a educação sexual ensina a criança a lidar com suas emoções e a se proteger, facilitando a comunicação e o reconhecimento precoce de abusos. Isso promove o diálogo com adultos de confiança e fortalece a autoproteção.

A falta de comunicação aberta entre crianças e adultos facilita abusos, pois os abusadores se aproveitam da dificuldade da criança de relatar comportamentos inadequados. A educação emocional é fundamental para a proteção contra abusos, é essencial estabelecer uma rede de proteção, onde a criança se sinta segura para compartilhar suas preocupações. Crianças em ambientes de violência verbal, física ou psicológica podem temer pedir ajuda, especialmente se o abusador é próximo da família, o que torna ainda mais difícil a revelação do abuso (Rocha, 2024).

No Brasil, novos casos de abuso sexual infantil são registrados ou silenciados diariamente, com 3 a 4 crianças sendo vítimas a cada hora, e 50% delas com até 5 anos. Dados da fundação Ambriq² mostram que 70% dos abusos ocorrem dentro de casa, cometidos por familiares ou pessoas de confiança. Embora o papel da família seja proteger, esse cenário expõe o contraste entre a expectativa de segurança e a vulnerabilidade das crianças. Logo, se o aprendizado sobre seus corpos, suas emoções e prevenção de abusos for limitada ao contexto familiar, muitas crianças permanecerão desprotegidas (Rocha, 2024).

Buccieri e Azevedo (2023) destacam que, quando a família falha em fornecer cuidados básicos, outros círculos sociais, como a escola, devem assumir a responsabilidade pela proteção integral da criança. A escola deve ser um ambiente seguro e acolhedor, onde as crianças possam discutir suas necessidades e aprender sobre o corpo e a autoproteção.

Em resposta às necessidades identificadas, nossa pesquisa resultou no desenvolvimento do projeto “Minhas Emoções São o Meu Escudo!”, com objetivo de capacitar crianças da educação infantil a reconhecer e comunicar suas emoções, promovendo

² Site:

<https://www.fadc.org.br/noticias/sinais-violencia-sexual-infantil#:~:text=Segundo%20dados%20p%C3%BAblicos%20compilados%20pela,da%20pr%C3%B3pria%20casa%20da%20v%C3%ADtima.>





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

violência sexual através do desenvolvimento de habilidades socioemocionais. O projeto visa estabelecer uma relação de confiança entre crianças e educadores, proporcionando ferramentas para lidar com emoções e situações de vulnerabilidade.

Este trabalho teve um impacto significativo na nossa graduação em Psicologia, aplicando conhecimentos em um contexto real e desenvolvendo habilidades práticas, como elaboração de intervenções educativas e compreensão das dinâmicas emocionais das crianças, consolidando a importância das emoções e prevenção no desenvolvimento infantil. O contato com crianças e educadores aprimorou nossa capacidade de observação, escuta e análise, competências essenciais para a atuação profissional futura.

O projeto foi estruturado em seis encontros, cujos temas são: Reunião de Alinhamento, Alegria, Tristeza, Raiva, Medo, Toque do SIM e Toque do NÃO.

O primeiro encontro, com duração de trinta minutos, foi uma reunião de alinhamento com a coordenação e professores da turma, onde apresentamos o projeto e explicamos a importância das atividades. Os quatro encontros seguintes foram de uma hora e quarenta minutos, divididos em quatro momentos principais. No primeiro momento, questionamos as crianças sobre o que entendem sobre a emoção do dia, captando seu entendimento prévio. No segundo momento, realizamos a leitura dos livros de Cornelia Maude Spelman, seguindo as emoções trabalhadas: “Quando me sinto BEM”, “Quando estou TRISTE”, “Quando estou ZANGADO” e “Quando tenho MEDO”.

O terceiro momento foi uma roda de conversa, onde questionamos as crianças sobre situações que as fazem sentir alegria, tristeza, raiva ou medo, utilizando uma linguagem apropriada. O quarto momento consiste em uma atividade de desenho, onde as crianças desenharam situações que despertam as respectivas emoções discutidas no encontro.

No sexto e último encontro, de duas horas e quarenta minutos, seguimos uma estrutura semelhante, iniciando com a leitura do livro “Pipo e Fifi” de Caroline Arcari, que ensina, de forma descomplicada, as crianças a diferenciar toques de amor e toques abusivos. Em seguida, realizamos a dinâmica do semáforo, uma atividade lúdica de limite corporal que trabalha o toque do sim e o toque do não, associando as emoções a esses tipos de toque.

Para finalizar, construímos com as crianças um escudo feito de caixas de pizza, onde cada criança colocou os desenhos que produziu ao longo do projeto, representando suas emoções e como essas emoções podem protegê-las. Agradecemos e nos despedimos das



atidão pela participação nas atividades, e à instituição pela

parceria e apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve um impacto significativo em nossa formação enquanto estudantes de Psicologia, proporcionou-nos uma experiência valiosa ao aplicarmos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso em um contexto real.

O estudo abordou a diferença entre emoção e sentimento e destacou a importância de ensinar crianças a reconhecer e nomear suas emoções, o que contribui para a prevenção do abuso sexual. Com o apoio de estudo bibliográfico, revelamos formas de ensinar proteção à criança, ensinando como reconhecer e denunciar seu abusador a um responsável de confiança.

Ademais, a conexão da dupla facilitou a articulação das ideias, considerando que a área infantil é do interesse de ambas, sendo o foco do nosso estudo nesta pesquisa. A disciplina Práticas Integrativas III nos aproximou da prática do psicólogo, mostrando as habilidades exercidas, como: observar, escutar, entrevistar, investigar e estudar o caso a partir de pesquisas bibliográficas. Esse contato direto nos ajudou a aprimorar essas habilidades, que são competências essenciais para a atuação profissional futura.

Supervisões quinzenais com a professora orientadora foram cruciais para aprofundar o estudo, avaliar a prática e planejar a continuidade da pesquisa teórico-prática. Essa produção certamente contribuirá para nossa atuação profissional, especialmente em contextos de educação e proteção de crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BUCCIERI, Karla Cristina Kurquievicz; AZEVEDO, Adriano Valério dos Santos. **Abuso Sexual na Infância e Redes de Apoio Social**. Dialética, 2023. *E-book* (p. 59). ISBN: 9786525265216. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

Como o Desenvolvimento de Habilidades Contribui para a Prevenção e Combate ao Abuso Infanto-juvenil. Tribuna Hoje, 24 de maio de 2024. Acesso em: 14 de setembro de 2024.

Digital, Redação Pós Pucpr. **Qual a diferença entre emoção e sentimento?: A Psicologia Responde**. Pós PUCPR Digital, 2024. Acesso em: 20 maio 2024.

Educação Sexual para a Prevenção do Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes. Childhood Brasil, 2019.





**XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO**

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUSTOSA, Ana Grasieli. **Você Sabe Como Orientar as Crianças Sobre a Prevenção do Abuso Infantil?** Diário do Nordeste, 16 de maio de. 2024. Acesso em: 14 de setembro de. 2024.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. et al; **Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: FURG, 2014. (Coleção Cadernos Pedagógicos, v. 21). ISBN: 978-85-7566-341-7.

MARIA, Neusa. **Cartilha Eu Me Protejo**. São Paulo: Projeto Eu Me Protejo, 2020. Acesso em: 14 de setembro de 2024.

MARTINEZ, Cristina. **O Mundo da Criança: Como Ajudá-las a Solucionarem Seus Próprios Problemas e Entenderem Suas Emoções**. Literare Books International, 2022. *E-book*. ISBN 978-6559224043. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O que é Emoção**. Núcleo de educação emocional, 2020.

ROCHA, Leiliane. **Como Falar Sobre Sexualidade Com as Crianças**. Astral Cultura, 2024. *E-book*. ISBN: 9786555664805. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

Saiba Identificar os Sinais de uma Vítima de Violência Sexual infantil. Fundação ABRINQ, 6 de maio de. 2024. Acesso em: 14 de setembro de. 2024.

SERRA, Rodrigo Giacobbo et al; **Cartilha de Regulação Emocional para Pais e Educadores**. Novo Hamburgo: Projeto Joga Aurora, 2021. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

VIGOTSKII, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Cone, 2010.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

DOMINAÇÃO SOCIAL VIA ALGORITMO DIGITAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA ATRAVÉS DO DESENHO ANIMADO FUTURAMA

Amanda Sisnando Lopes

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

amanda.lopes@unifametro.edu.br

Anna Paula Fagundes Bezerra

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

paula.bezerra@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Tecnologia: Impactos da Inteligência Artificial e da Inovação
Digital

RESUMO

Este estudo utiliza um episódio de *Futurama*, desenho animado que trata de questões da vida contemporânea, como um retrato da sociedade atual, em que apresenta os riscos da coleta de comportamentos digitais via algoritmo, no qual não se tem opção de não participação quando se relaciona com o 'Deus smartphone', aparelho esse criado e atualizado por humanos para não ser faltante e ater a necessidade da onipotência, mas sua intensidade de uso só torna o usuário mais faltoso. Como objetivo deste trabalho, analisar como o desenho *Futurama* utiliza a ficção científica para criticar o domínio tecnológico e suas implicações na sociedade. Desfruta-se da abordagem qualitativa, análise crítica ao desenho *Futurama*, artigos científicos, grupo de estudo, sites de notícia e documentário para embasamento teórico. Um dos grandes impactos trazidos das atualizações tecnológicas é o roubo do inconsciente e do pensar como insumo, uma forma de controle social prol obtenção de lucros. Há uma tentativa de retorno ao passado perante o controle do saber, formado de várias etapas que afetam os sujeitos de formas diversificadas em seu cotidiano, inclusive sobre o que se entende de si mesmo.

Palavras-chave: Futurama; Algoritmo; Usuário; Dados; Smartphone.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será feito uma análise do desenho *Futurama* episódio três, sexta temporada. Trata-se de um desenho humorístico adulto que utiliza de sátiras para denunciar estruturas sociais. Nesse contexto, o episódio descrito emerge como forma de perceber um tema tão notório na idade contemporânea quanto a relação homem e máquina, em destaque nessa obra audiovisual e nesse estudo, os smartphones.

O desenho aponta temas como o descarte de lixo eletrônico, dominação, algoritmo e modernidade líquida. O entretenimento, socialização e a informação se instauraram em um único objeto, os smartphone, tudo se tornou ao alcance das mãos, este episódio de *Futurama* aponta de forma concisa quem é beneficiado perante o dito, e quais as consequências dele.

O avanço tecnológico surgiu de forma revolucionária, mudou o cotidiano humano. Os smartphones deram poder ao homem, de saber de tudo, estar em todos os lugares, se



as sem de fato serem efetivos e tais qualidades pertencerem a quem utilizam.

Em 1973, Cooper apresentou o primeiro telefone móvel, o que vinha como uma forma de comunicação a distância, portátil o suficiente para locomover-se juntamente com o sujeito,

tomou grandes repercussões e diversas atualizações, até se transformar com o que temos na atualidade como smartphone, com toda sua potência e formas diversas de comunicação. Temos hoje um 'Deus', ou melhor, um ser não faltante, ou seja, um ser de essência, sem ausências, completo, de acordo com Lacan, 1964; a propaganda é feita com a promessa de que ao compra-lo, esse 'Deus' o servirá, mas quanto mais tempo é gasto de frente a essas telas, mais difícil será diminuir o tempo de uso, tendo em vista que aplicativos como o Instagram tem como objetivo proporcionar a experiência mais imersiva possível (as redes sociais competem pela atenção do usuário, de acordo com o documentário 'Dilema Das Redes', 2020), através de coletas de interesses e gostos do sujeito. O 'Deus smartphone' vê quase tudo, já que a auto-exposição e a exposição dos outros, através de fotos, vídeos, comentários além de dados pessoais fazem parte da utilização das redes sociais (e até mesmo apenas registrar no seu smartphone, sem divulgação, torna-se visível ao algoritmo); sabe de quase tudo, já que a maioria dos feitos tem necessidade de serem vistos; está em praticamente todos os lugares, de acordo com a ONU, 2023 mais de $\frac{3}{4}$ da população mundial é portadora de celular e, é cada vez mais procurado atualizações para aumentar sua potência, em outras palavras, trata-se do almejo humano de se tornar um ser não faltante, o almejo a onipotência, onisciência e onipresença. Bom, mas se o 'Deus smartphone' não serve a quem o compra, a quem serve?

O algoritmo é um sistema de inteligência artificial que gera instruções de conteúdos e ofertas de interesse do usuário, o que se distingue a cada sujeito, por isso, o algoritmo processa e interpreta em tempo real dados comportamentais intencionais e principalmente os inconscientes, como indica Gazire, 2020. Essa coleta de dados se dá através de registros de compra, fotos/vídeos (apagados ou mantidos), todos os e-mails enviados e recebidos, até conversas "privadas" são vistas pelo algoritmo, o que o usuário diz sobre si e o que dizem sobre

o mesmo. A fuga de tal instrumento midiático tornou-se tão difícil que vira suspeita, anti-social, quase criminosa e inviável, sem uma forma real de escolha. Vemos isso com Vertesi, 2014, uma socióloga da tecnologia, que se questionou se seria possível esconder sua



os nove meses ; para alcançar seu intuito, se ateu aos ‘links de iscas’ associados a bebês, pediu para os amigos para que não publicasse nada a respeito de sua gravidez, pois como ela mesma cita “Uma foto marcada com uma barriga visível e a sequência de “Parabéns!” revelaria tudo.”, baixou um navegador privado, que tem fama de facilitador de ações ilícitas, passou a usar pagamento via dinheiro em espécie ou vales presente, esses dois últimos fatos foi a que lhe deixou em uma posição suspeita, na tentativa de comprar vales presentes o suficientes

para um carrinho de bebê se depara com uma placa escrito sobre haver limites de compras com cartão pré-pago o e obrigatoriedade da loja de denunciar transações excessivas às autoridades.

A Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, número 13.709/2018, reconhece a fragilidade dos donos dos registros perante a coleta e a permite, é declarado como consentimento a obrigatoriedade da marcação “li e concordo” diante dos termos de uso antes de se ter permissão de acesso a uma plataforma digital, a exploração de dados torna-se apenas uma contratação. Zuboff, 2020 afirma o uso do comportamento humano como matéria, a mercantilização de dados pessoais para obtenção de lucros maximizados em empresas tecnológicas, além de manipulação de cunho político e social que beneficie os compradores de dados e as intenções das corporações tecnológicas, aspecto que ameaça a democracia. Como exemplo real e atual dessa ameaça, em 2018 Mark Zuckerberg, dono do Facebook, Instagram, WhatsApp e Threads, foi convocado pelo parlamento Britânico pelo envolvimento de divulgação e venda de dados sem consentimento para manipulação eleitoral prol Donald Trump.

O objetivo geral deste estudo é analisar como o desenho *Futurama* utiliza a ficção científica para criticar o domínio tecnológico e suas implicações na sociedade. Desse modo, os objetivos específicos seguem como: Investigar de que maneira *Futurama* representa a tecnologia como ferramenta de controle e dominação na narrativa e nos personagens; explorar a relação entre ficção científica e crítica social em *Futurama*, analisando como o desenho dialoga com questões contemporâneas sobre tecnologia e poder; discutir o papel do humor e sátira no desenho como estratégia para provocar reflexão crítica sobre o avanço tecnológico e suas conquistas.



Este estudo utiliza da abordagem qualitativa, por meio de análise crítica ao desenho *Futurama* (ep 3, temp. 6). O desenho foi escolhido pela sua capacidade de expor situações sociais reais, de forma a gerar reflexões aos telespectadores atentos. Explorando artigos científicos, documentário, sites de notícia e a ajuda de um grupo de estudos da Unifametro com o tema: Subjetivação Algorítmica, mediada pelo professor, no intuito de uma interpretação psicanalítica concisa na análise dessa obra audiovisual. O episódio três da sexta temporada foi assistido e descrito em detalhes, sua riqueza em críticas exigiu atenção e seleção aos pontos mais relevantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O episódio inicia-se com uma sátira a respeito do descarte de lixo eletrônico e a liquidez moderna, de acordo com o conceito de Bauman, de que se é trocado de objeto tecnológico. No desenho o lixo é transportado para o denominado “Terceiro Mundo”, um planeta coberto de lixo onde crianças escravizadas fazem todo o trabalho, substituindo o brincar, com cenas fortes de crianças alienígenas “brincando de caça ao brilhante” nas cinzas de itens tecnológicos.

Leela (personagem) se compromete a manter seu antigo telefone, até a chegada dos novos ‘OlhoPhone’, com propaganda listando toda a sua onipotência de uso, onde o usuário ira desfrutar, “-Você pode ver, ouvir, ignorar seus amigos, perseguir sua ex, baixar filme em um ônibus cheio e até checa seu e-mail enquanto é atropelado por um trem. Tudo com o novo olhoPhone”, instantaneamente todos descartam seus antigos aparelhos celulares e se direcionam a fila de compra, que se estende por toda a cidade, mostrando um efeito manada e a fetichização da mercadoria. Fry, depois de anoitecer na fila a passos lentos afirma “- Me sinto um zumbi sem cérebro, a quanto tempo estamos esperando?”, muito similar ao tempo de uso de frente a telas, ou aplicativos como o instagram, que mantem o usuário preso sem percepção de tempo diante da ‘rolagem infinita’, onde a única coisa que pode parar o usar é a força de vontade, já que não existe um término de postagens, o criador Aza Raskin diz lamentar ter criado, seu intuito era facilitar a experiência, mas o que ocasionou foi que pessoas gastassem milhares de horas frente às telas; e de como é incentivado o não pensar, presente no contexto do poder das massas.

Ao se encontrar finalmente com a luz da loja, o Professor (um personagem idoso) acredita ter morrido e diz “- A não, a luz, acho que estou indo para o inferno”, mostrando



bra perante todo esse avanço tecnológico.

O olhoPhone é um aparelho colocado nos olhos, trata-se de uma operação invasiva e dolorosa, mas, o sofrimento é logo esquecido após o surgimento do ‘ligar’ da tela. Este aparelho é controlado sem utilização das mãos e aparece perante os olhos, há um pequeno controle de voz, mas interpreta-se ser controlado mentalmente. Em janeiro de 2024, surge a primeira pessoa com o implante Neuralink do Elon Musk, um chip posto no cérebro que manifesta pensamentos em comandos para um computador, “Trata-se de uma interface cérebro-computador (BCI), que funciona detectando os pequenos impulsos elétricos gerados quando os humanos pensam em se mover e traduzindo-os em comandos digitais, como mover o cursor na tela.” BBC, 2025. A ‘cobaia’ chama-se Arbaugh, um homem de 30 anos paraplégico, o discurso é na devolução de

parte de sua independência, permitindo o controle do mouse apenas em pensar em mexer os dedos, mas ao avançar dessa tecnologia, há uma forte probabilidade de ocupação dos postos dos atuais smartphones, diante do dito até aqui, vemos que a privacidade, o inconsciente extimo já é algo explorado, com esse acesso ao cérebro pode ser perdido a privacidade não só do que se é feito, mas dos próprios pensamentos, sentimentos e crenças, como afirma o professor de neurociência Anil Seth à BBC. “Uma vez que se tem acesso ao que está dentro da sua cabeça, realmente não há mais barreiras para a privacidade pessoal”.

A Mãe, criadora dos olhosPhone afirma para seus trabalhadores e filhos “- É a quantidade exata de informação, durante anos eu coletei informações a moda antiga com robôs espiões e infomosquitos, ..., mas agora, graças ao Twitter, idiotas falam voluntariamente tudo que preciso saber para explorá-los. Ative o algoritmo de marketing direcionado!”, instantaneamente aparece uma propagando no ‘olho’ de Fray sobre o seu comentário postado e novo personagem, onde ele diz “-Essa coisa parece saber quando estou faminto”.

O desenho faz referência a divulgação de fakenews e a vídeos não autorizados de outros. Fray questiona “-Desde quando a internet tem a ver com roubar a privacidade alheia?” Bender: “- 6 de agosto de 1991”, data que foi posto no ar o primeiro site, que basicamente era ensinando como fazer mais sites e como eles funcionam, o intuito da criação é a divulgação de informações entre computadores; em 1989, Berners-Lee, o criador do site, teve a ideia de criar um gerenciamento de informações que conectaria documentos usando hipertexto, ou seja, uma espécie de algoritmo.



de pôr um vírus de computador que infecta o cérebro das pessoas, tornando esses usuários “zumbis obedientes ao comando”, o que evidencia os riscos diante do Neuralink do Elon Musk, não só por grandes empresas, mas como hackers e a desprivatização

do pensamento pelo capitalismo digital. Ao final do episódio vemos que o plano da Mãe foi bem sucedido, e que todos da cidade se voltam a loja para comprar o olhoPhone 2.0, bem similar ao começo do episódio, onde Fray já se identificava com um “zumbi sem cérebro”, em que apenas a coleta de dados e comportamentos digitais como insumo já são matérias suficiente de controle e manipulação social; já é como se soubesse o que o usuário pensa, esse que transforma e é transformado pelo algoritmo, já há um roubo do inconsciente.

O desenho *Futurama*, sendo constituído de humor ácido, cores chamativas e episódios curtos, entretém e atrai o público-alvo que deseja educar, trazendo questões históricas e atuais que são estruturais. Contendo diversos episódios e temporadas, juntamente com inúmeros fãs,

ele tem a capacidade de pôr dúvida a quem o acompanha, trazendo um pensamento crítico sobre suas próprias atitudes e da sociedade que o cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta forma de controle do saber existe desde a Idade Média com o poder de ‘Deus’, ou seja, da igreja, o ‘Deus smartphone’ é uma atualização para a idade contemporânea, onde o poder está centralizado nas mãos das empresas. O ‘Deus smartphone’ serve aquele que o vende, alienando e formando usuários de acordo com interesses próprios; é notório a semelhança com o poder da igreja na Idade Média, o saber “divino” e incontestável, que hoje há uma tentativa de retorno em forma de algoritmo.

A arte é um retrato da sociedade. *Futurama*, ao utilizar o humor e sátira, denuncia formas de dominação presente na modernidade; a arte é uma forma de resistência e comunicação, que enfrenta a repressão instintiva presente nos seres humanos.

Neste estudo são abordadas as principais denúncias de dominação executado por *Futurama*, porém, é importante afirmar que esse processo (de dominação) é constituído de várias etapas igualmente relevantes, com fortes impactos no cotidiano dos sujeitos, contendo alguns deles presente no episódio que não é possível debater pela limitação de espaço deste trabalho. Em pesquisas futuras pode ser desenvolvido questões como a importância do número de seguidores, a solidão na modernidade líquida, o narcisismo e o eu ideal.



REFERÊNCIAS

- BINKOWSKI, Gabriel. ROJA, Vinícius. “NOS CONFINS DO SUJEITO ALGORÍTMICO: UM DESAFIO ÉTICO-EPISTEMOLÓGICO PARA A PSICANÁLISE”. **SIG Revista de Psicanálise**. São Paulo. v.12. n.2.p.1-17. Dez, 2023. Disponível em: <https://ojs.sig.org.br/index.php/sig/article/view/87> ,Acesso em:20/02/2025
- BRANDÃO, Jack. FELICIO, Ednaldo. “Cem Anos de Solidão a Modernidade Líquida”. **Revista Letras Raras**. São Paulo. V.7, n.2, p.219-231. Set, 2018. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1541> , Acesso em: 08/02/2025
- BRISA, Karyne. **RE. Há resistência por toda arte**. Liga UFC, 2019. Disponível em: <https://www.liga.ufc.br/single-post/2019/01/01/r%C3%A9-h%C3%A1-resist%C3%Aancia-por-toda-arte> , Acesso em: 06/02/2025
- CAMPOS, Tiago. **Igreja Medieval**. UOL, Mundo Educação, [s.d]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/igreja-na-idade-media.htm> , Acesso em: 02/02/2025
- CARNEIRO, Erica. **Capitalismo de Vigilância e o Twitter de todo dia**. Mindflow, 2023. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mindflow/o-twitter-e-o-capitalismo-de-vigilancia/> , Acesso em: 15/12/2024
- DILEMA das redes. Direção de: Jeff Orlowski. Vale do Silício, Califórnia. Exposure Labs, Argent Pictures e The space Program. 2020. Netflix. Acesso em: 06/01/2025
- FILHO, Paulo. “SUJEITOS ALGORITMICOS, SUBJETIVIDADES PARANOICAS: capitalismo de dados, influência, (in)dividualidades”. **Compos**. Porto Alegre. p.1-22. Jun, 2019. Disponível em: https://medialabufrrj.net/wp-content/uploads/2019/06/trabalhos_arquivo_1MKDTKBNPAOJU_ZIR6011_28_7880_22_02_2019_13_42_16.pdf , Acesso em: 15/01/2025
- FORNASIER, Mateus. KNEBEL, Norberto. “O titular de dados como sujeito de direito no capitalismo de vigilância e mercantilização dos dados na Lei Geral de Proteção de Dados”. **Revista Direito e Praxis**, Rio de Janeiro. Vol. 12, N. 2, p. 1002-1033. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/46944> , Acesso em: 11/12/2024.
- GAZIRE, Patrícia. **Transformações na era digital, criação de um “inconsciente virtual”**. Blog de Psicanálise, 2020. Disponível em: <https://www.sbpsp.org.br/blog/transformacoes-na-era-digital-criacao-de-um-inconsciente-virtual/>. Acesso em:15/12/2024
- HIDALGO, Louise. **O extraordinário motivo que acelerou a invenção dos telefones celulares**. BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-52976778> , Acesso em: 20/01/2025
- IA x Inconsciente – o que eles têm em comum? – Uma perspectiva Junguiana**. USCS Pós-graduação, 2023. Disponível em: <https://www.posuscs.com.br/ia-x-inconsciente-o-que-eles-tem-em-comum-uma-perspectiva-junguiana/noticia/2789> , Acesso em 18/01/2025
- JSNETO. **Capitalismo de Vigilância**, Wikipédia, 2025, Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_de_vigil%C3%A2ncia , Acesso em: 15/12/2024



...rio, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da
psicanálise. Tradução: Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

LEWINGTON, Lara. MCMAHON, Liv. GERKEN, Tom. **O homem que serve de ‘cobaia’ para chip de Elon Musk no cérebro para controlar computadores com pensamento.** BBC News, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8e734eprnwo> , Acesso em: 10/01/2025

LUTER, Nelsir. **06 de agosto de 1991 lançado o primeiro Web Site da história.** Portal de Conteúdo by Roda de Cuia, 2023. Disponível em: <https://portal.rodadecuia.com.br/06/08/2023/tecnologia/internet/06-de-agosto-de-1991-lancad-o-o-primeiro-web-site-da-historia/?amp=1> , Acesso em: 10/01/2025

MAGALHÃES, Jessica. **Somos seres de interrogação por não termos essência?** Instituto bem do estar, 2025. Disponível em: <https://www.bemdoestar.org/artigos/somos-seres-de-interrogacao-por-nao-termos-essencia> , Acesso em: 24/01/2025

Mais de três quartos da população mundial possuem um telefone celular. ONU News, 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/12/1825432> , Acesso em: 18/01/2025

MARRAFON, Marco.Lira, Luiz. **Uma análise Foucaultiana das Relações de poder e do Imperativo de predição na obra “Era do capitalismo de Vigilância” de Shoshana Zuboff.** Revista Eletrônica da Academia Brasileira de Direito Constitucional, Curitiba, Vol. 15. 19, páginas: 130 a 153, Junho 2024. Disponível em: <https://abdconstojs.com.br/index.php/revista/article/view/593/321> . Acesso em: 03/01/2025

NEIRA, Pablo. SANCHEZ, Alvaro. **Vazamento de dados Facebook causa tempestade política mundial.** El País, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/19/internacional/1521500023_469300.html#?prm=copy_link , Acesso em: 03/01/2025

O Instagram vai espionar pela câmera frontal? Boato confunde usuários. O Sul, 2020. Disponível em: <https://www.osul.com.br/o-instagram-vai-espionar-pela-camera-frontal-boato-confunde-usuari-os/> , Acesso em: 25/12/2024.

Quatro truques de desing que nos tornam viciados em celulares. BBC News, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44673929> , Acesso em: 20/01/2025

QUEIROGA, Cintia. BARONE, Leda. COSTA, Beethoven. “Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu”. **JORNAL de PSICANÁLISE.** São Paulo. v.49, n.91. p.111-126. Dez ,2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200011 , Acesso em: 20/02/2025

Saiba como funciona um algoritmo e conheça os principais exemplos existentes no mercado. Rockcontent, 2024. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/algoritmo/> , Acesso em: 10/01/2025

SILVA, Josue. PONTES, José. FREITAS, João. “Alem da contemplação: O Poder Transformador da Artes no Desenvolvimento do Pensamento Crítico”. **Revista Científica Multidisciplinar O Saber.** v.1, n.1, p.1- 22. 2024. Disponível em: <https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/619> , Acesso em: 02/02/2025

VERTESI, Janet. **My Experiment Opting Out of Big Data Made Me Look Like a Criminal.** Time. 2014, <https://time.com/83200/privacy-internet-big-data-opt-out/> , Acesso em:11/12/2024.

VINIRGON. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.** Wikipédia, 2024. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Lei_Geral_de_Prote%C3%A7%C3%A3o_de_Dados_Pessoais





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de Vigilância**. Tradução: George Schlesinger. Rio de Janeiro 1. ed. Editora Intrínseca, 2020

**CONTRIBUIÇÕES ANALÍTICO-COMPORTAMENTAIS PARA O
TRATAMENTO DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES**

Carla Edwiges Mariano Rosa

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

carla.rosa@aluno.unifametro.edu.br

Israel Nascimento Coutinho Costa

Discente - Universidade de Fortaleza - Unifor

israelcoutinhocosta@gmail.com

Ticiane Siqueira Ferreira

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

ticiane.ferreira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: Os transtornos alimentares (TAs) são condições complexas, de causas multifatoriais caracterizadas por padrões alimentares disfuncionais e prejuízos na autoimagem. Na perspectiva da Análise do Comportamento, os TAs são compreendidos como padrões operantes mantidos por variáveis ambientais, em oposição à ideia de causas internas. Embora rejeite classificações puramente topográficas, a AC reconhece a utilidade dos sistemas diagnósticos como ferramentas clínicas. **Objetivo:** Compreender a sinergia entre atuações analítico-comportamentais e farmacológicas no tratamento de transtornos alimentares. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa com caráter exploratório e qualitativo, a partir de pesquisas nas bases PubMed e Psyc. **Resultados:** Os resultados indicam que o uso de fármacos tende a ser mais eficaz quando associado à psicoterapia. A escolha do medicamento depende do tipo de transtorno e dos sintomas apresentados: os ISRS's são mais indicados para bulimia nervosa e transtorno de compulsão alimentar, enquanto antipsicóticos e



zados na anorexia nervosa. Sob a ótica analítico-comportamental, os comportamentos alimentares disfuncionais são operantes, influenciados por fatores ontogenéticos, filogenéticos e culturais. A psicoterapia analítico-comportamental visa identificar funções desses comportamentos e promover repertórios mais adaptativos, por meio da análise funcional, intervenções em antecedentes, consequências e repertórios verbais, ampliando o autoconhecimento e a autonomia do paciente. **Considerações finais:** Conclui-se que a integração entre farmacoterapia e psicoterapia potencializa os resultados terapêuticos. O planejamento interdisciplinar e individualizado mostra-se essencial para o tratamento eficaz dos TAs. **Palavras-chave:** Análise do Comportamento; Transtornos Alimentares; Farmacoterapia.

INTRODUÇÃO

Os transtornos alimentares (TAs), como anorexia nervosa (AN), bulimia nervosa (BN) e transtorno da compulsão alimentar periódica (TCAP), são condições psiquiátricas complexas e multifatoriais, decorrentes de predisposições genéticas, alterações neurológicas e influências psicossociais (Hausswolff-Juhlin et al., 2014). Essas doenças são marcadas por comportamentos alimentares disfuncionais, distorções na percepção da autoimagem e dificuldades na regulação emocional.

O manejo eficaz depende de uma abordagem interdisciplinar e longitudinal, integrando psicoterapia, intervenções nutricionais e farmacológicas, com foco na adesão ao tratamento e na análise integral do paciente para desenvolver intervenções mais eficazes (Wu et al., 2024).

Conforme o DSM-5 (APA, 2013/2014) e CID-11 (OMS, 2019), os TAs são classificados em: Anorexia Nervosa (AN), caracterizada pela recusa em manter o peso corporal

mínimo (pelo menos 15% abaixo do esperado), com perda de peso auto induzida por restrição alimentar, vômitos, purgação, exercícios excessivos ou uso de anorexígenos/diuréticos; Bulimia Nervosa (BN), definida por episódios repetidos de compulsão alimentar (ingestão excessiva em curto período) seguidos de comportamentos compensatórios inadequados, como vômitos autoinduzidos, uso de laxantes, diuréticos, jejuns ou exercícios intensos; e Transtorno da Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), com episódios recorrentes de ingestão descontrolada, acompanhados de sofrimento psicológico, mas sem comportamentos compensatórios, diferenciando-se da BN.

Embora a psicoterapia seja a base do tratamento dos TAs, a farmacoterapia é crucial, especialmente em casos com comorbidades, presentes em cerca de 80% dos pacientes (Hausswolff-Juhlin et al., 2014). As principais classes medicamentosas incluem: Inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS), como fluoxetina (única aprovada pelo FDA para BN), sertralina e escitalopram, eficazes para BN e TCAP, mas com menor impacto na AN



de triptofano, precursor da serotonina (Sadock, 2017; Chiu et al., 2023; van den Eynde, 2008). Antipsicóticos atípicos, como a olanzapina, são úteis na AN por promoverem ganho de peso, regulando receptores de dopamina e serotonina (Sadock, 2017; Chiu et al., 2023). Estabilizadores de humor e anticonvulsivantes, como topiramato e lamotrigina, ajudam a reduzir episódios de compulsão e purgação em BN e TCAP (Sadock, 2017; van den Eynde, 2008). Psicoestimulantes, como a lisdexanfetamina, são eficazes no TCAP, controlando impulsividade e reduzindo compulsões alimentares por aumentarem a liberação de dopamina e norepinefrina (Hudson et al., 2017).

Segundo Wu et al., (2024) apesar dos avanços na psicofarmacologia, o tratamento dos TAs exige uma abordagem multidisciplinar integrando a psicoterapia, reabilitação nutricional e suporte médico de maneira contínua. Para a Análise do Comportamento (AC), a imprecisão do modelo médico de avaliação de psicopatologias causava o distanciamento das relações contingenciais, das quais tais comportamentos psicopatológicos deveriam ser investigados (Banaco et al., 2013).

Para Banaco et al., (2013), a AC divergia em aspectos comumente presentes em manuais médicos, sendo estes: Estatísticos, no qual o status de normal era considerado tudo o que a maioria das pessoas faz, e anormal o contrário. Na AC a história de vida do sujeito e a sua interação com o ambiente, explicam as diferenças individuais, tentando descrever leis gerais do comportamento; ao invés de buscar a etiologia da patologia, a AC busca descrever a

frequência, a intensidade e a probabilidade de ocorrência dos comportamentos; enquanto o modelo médico buscava descrever os comportamentos psicopatológicos minuciosamente e o desenvolvimento de qualquer doença mental, a AC busca dar ênfase na função que o comportamento possui na interação do sujeito com o mundo, decifrando quais variáveis mantêm um comportamento.

Estes manuais oferecem descrições topográficas do comportamento que são escassas para justificar as causas de um padrão comportamental. Porém, o uso de sistemas de classificação como DSM e CID, possuem algumas funções, como: facilitar a comunicação entre profissionais de áreas diversas; são recursos didáticos e descritivos; servem de guia para a distinção e investigação de variáveis durante a intervenção num caso clínico. (Cavalcante & Tourinho, 1998).

Para a AC o comportamento é visto como interações organismo-ambiente, e utiliza o modelo causal de causalidade (Skinner, 2003). Os padrões comportamentais de cada



antidos e fortalecidos por eventos ambientais. Portanto, não existe uma causa que produza diretamente um efeito, mas sim relações funcionais entre o comportamento e o ambiente. Ou seja, os comportamentos precisam ser contingentes, havendo uma dependência entre o comportamento e as variáveis ambientais que o controlam. Assim, a probabilidade que o comportamento ocorra novamente no futuro é determinada pelas condições contextuais presentes e pelas consequências produzidas pelo comportamento (Catania, 1999; Skinner, 2003).

No modelo de seleção por consequências proposto por Skinner (1981), de acordo com a adequação do ambiente e ao longo do tempo, as características comportamentais são selecionadas em três níveis. Sendo o nível filogenético, os comportamentos selecionados no decorrer do histórico evolutivo de uma espécie, advindos de uma adequação do sucesso diferencial no contato ambiental e no sucesso reprodutivo. O nível ontogenético corresponde aos comportamentos selecionados na história de vida de um organismo, sendo mantidos pelas consequências, que afetarão a probabilidade de ocorrência futuramente. No nível cultural, há a seleção de práticas culturais no decorrer histórico de uma cultura, ocorrendo um reforço social de práticas que são convenientes para determinada sociedade (Skinner, 1981; Vale & Elias, 2011). Assim, conseguimos elucidar a causação múltipla de um comportamento.

Diante do exposto, percebemos a multifatorialidade do comportamento, modificando-se conforme o sujeito interage com o ambiente, sendo adaptável às contingências. Portanto,

quando nos referimos a um comportamento patológico em AC, é preciso compreender um comportamento que é normal, pois foi adaptado pelo sujeito frente a uma série de contingências, porém, é considerado inadequado socialmente, podendo suscitar sofrimento ao indivíduo que se comporta (Vilas Boas, Banaco & Borges, 2011).

Deste modo, o objetivo deste resumo consiste em compreender a sinergia entre atuações analítico-comportamentais e farmacológicas no tratamento de transtornos alimentares. A justificativa para este tema baseia-se na condição multifacetada dos transtornos alimentares, que envolvem fatores psicológicos, biológicos e comportamentais, abordando como a integração dessas abordagens pode potencializar os resultados terapêuticos e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

METODOLOGIA

Essa pesquisa configura-se como uma revisão de literatura integrativa, a qual consiste



estudos de forma ordenada, sobre um determinado tema. Sendo construída por: identificação do tema, escolha da hipótese; organização de critérios para a inclusão e exclusão de estudos; designação de informações que serão extraídas dos estudos; avaliação dos estudos incluídos e interpretação de resultados (Cavalcante & Oliveira, 2020).

Ao longo do estudo foram realizadas pesquisas bibliográficas na base de dados Pepsic e Pubmed, a partir dos descritores: “transtornos da alimentação”, “terapia medicamentosa”, “inibidores seletivos da recaptção de serotonina”, “tratamento farmacológico” e “análise do comportamento”. A partir dessas palavras chaves, selecionamos 8 artigos dessas plataformas, utilizando como critérios para filtragem a língua portuguesa, o ano de publicação posterior à 2008 e a leitura dos resumos para identificar a afinidade do achado com a temática trabalhada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme Hudson et al., (2017), o alinhamento dos fármacos com psicoterapia, é mais eficaz do que a farmacoterapia isolada. Os efeitos colaterais são fatores importantes na avaliação da escolha de medicamentos aliados à psicoterapia, pois influenciam a adesão ao tratamento e a eficácia do manejo clínico. Estes podem variar de acordo com a classe do medicamento, dose administrada, duração do tratamento e características individuais variadas entre cada paciente.

Numa perspectiva analítico-comportamental, os comportamentos comumente presentes nesses transtornos são de ordem operante, produzindo consequências no ambiente e no organismo que se comporta, por serem mantidos pelas consequências que produzem, essas

ações têm função para o sujeito (Skinner, 2003). Conforme, o modelo causal elucidado previamente, tais respostas estão presentes no repertório comportamental do indivíduo pois, produzem reforçadores que aumentam a probabilidade de ocorrência do comportamento, ou de forma a acrescentar um estímulo para tal (positivo), ou pela retirada de um estímulo aversivo (negativo) (Skinner, 2003).

O conhecimento destes comportamentos em organismos individuais advém do meio cultural, pela ideia socialmente instaurada de 'corpos perfeitos' e pelo ambiente relacional em que se insere, por meio de regras formuladas socialmente. Ocorrendo descrições de contingências que orientam um comportamento, sem que precise experimentá-las diretamente, ou autorregras impostas pelo próprio indivíduo. O tipo de comportamento orientado por regras oferece vantagens de “pular etapas” no tempo de aprendizagem, diferentemente dos que são modulados pelas contingências. Logo, o comportamento do indivíduo pode depender



outro, podendo tornar-se insensível às contingências naturais (Catania,1999; Baum,1999; Vale & Elias, 2011).

O processo terapêutico analítico-comportamental, é norteado pela utilização da análise funcional, sendo que mostra as relações funcionais entre comportamento operante e o ambiente, a nível ontogenético, utilizando o paradigma da tríplice contingência (A: R → C). Portanto, a análise funcional é o aparato básico para os analistas do comportamento identificarem as contingências atuais que atuam sobre o comportamento do cliente. Sua relevância durante todo o processo terapêutico na elaboração de hipóteses acerca da aquisição e manutenção das classes comportamentais, planejamento de intervenções, facilitando a descoberta da função do comportamento e as contingências que o instalaram e as que o mantém, favorecendo novos padrões comportamentais (Skinner, 2003; Delitti, 2001).

O processo terapêutico possui inúmeras possibilidades de intervenções, podendo ser feitas por meio de técnicas, todo uso de técnicas é uma intervenção, mas nem toda intervenção é uma técnica. Durante este processo, a depender da análise do comportamento-alvo, pode-se perceber que tais problemas comportamentais do sujeito podem estar ligados a um dos termos da contingência do que a outros, permitindo intervenções em operantes baseadas na modificação do antecedente, da resposta ou da consequência (Del Prette & Almeida, 2012).

Intervenções em antecedentes podem ser vantajosas no processo de tratamento de T.As, a exemplo da alteração do comportamento verbal em regras e autorregras, explicadas

anteriormente. Segundo Catania (1999), o autocontrole geralmente surge em situações conflituosas, onde uma ação traz tanto consequências favoráveis quanto aversivas, está relacionado com a casos de manipulação do ambiente por parte de uma pessoa, de forma a alterar o comportamento em função de uma determinada consequência. Trabalhar com esta forma de intervenção pode surtir um efeito positivo em todo o processo, visto que, o oposto de autocontrole é a impulsividade, recompensas imediatas com peso desproporcional as de longo prazo, intensificadas conforme o comportamento libera um reforçador.

O autoconhecimento, outra possibilidade relevante para este processo, consiste no repertório de auto-descrição sobre o próprio comportamento, visando ampliar o contato do cliente com variáveis que controlam seu comportamento. À medida que o indivíduo descreve



Portanto, o comportamento é função, ele está consciente de suas ações, ficando sensível ao controle ambiental por conseguir discriminar e relatar suas ações (Skinner, 2003); (Neto & Lettieri, 2018). Ademais, é um recurso relevante para a mudança terapêutica, possui como principal objetivo promover a autonomia do cliente. No contexto clínico o terapeuta deve acolher como o cliente se autodescreve, com postura de audiência não punitiva, visando uma relação terapêutica mais satisfatória e a autonomia do sujeito (Del Prette & Almeida, 2012).

Intervenções em modificação das respostas como a modelação, onde o sujeito aprende determinados comportamentos a partir da imitação de um modelo, devido a probabilidade de ser reforçado pelas mesmas consequências que reforçam o comportamento do modelo (Catania, 1999). Também podem ser realizadas intervenções em modificação de consequências, a exemplo de esquemas de reforçamento, buscando reduzir a frequência de classes de repostas consideradas problemáticas, programando o reforçamento a partir da definição de um comportamento-alvo. Tais esquemas consistem em DRO (reforço diferencial de outras respostas), reforçando outras respostas do indivíduo em determinado intervalo de tempo, sempre que o comportamento indesejado não ocorre; DRI (reforço diferencial de respostas incompatíveis), reforçamento de respostas fisicamente impossíveis de serem emitidas simultaneamente a resposta problema; DRA (reforço diferencial de respostas alternativas), reforçamento de respostas alternativas a resposta problema, de forma que possuam a mesma função (Catania, 1999; Del Prette & Almeida, 2012).

A realização de intervenções precisa estar relacionada a coleta de dados e a determinação de relações funcionais. A partir do momento em que o terapeuta conhece o cliente, inicia uma coleta de dados para uma avaliação funcional específica para aquele caso. É preciso

cautela do terapeuta, pois se ele não tiver habilidade em realizar a intervenção a partir dos dados da avaliação funcional, poderá correr o risco de aplicar técnicas de forma precipitada (Del Prette & Almeida, 2012).

Portanto, os fármacos em uso pelo cliente, são mais uma variável que o terapeuta deve considerar na avaliação funcional, pois a depender de cada fármaco e de como é sua participação nas contingências individuais, possuirão função farmacológica, gerando ação e reações adversas possíveis, podendo influenciar nas consequências de determinadas respostas e/ou na modificação de função de algum estímulo (Corchs, 2012). Assim, a psicoterapia,



tratamento em TAs, busca, por meio do alinhamento com a terapia farmacológica, melhorar a adesão do paciente ao tratamento, promovendo uma abordagem integrada que potencialize os resultados terapêuticos favorecendo a estabilidade clínica a longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, diante do exposto a psicoterapia é relevante no manejo dos transtornos alimentares, especialmente quando integrada a um tratamento interdisciplinar. Apesar dos avanços da farmacoterapia, sua eficácia isolada é limitada, influenciada pela gravidade do transtorno, adesão ao tratamento e comorbidades psiquiátricas.

Acerca da ótica analítico-comportamental, os TAs podem ser entendidos como padrões de comportamentos operantes, mantidos por reforço ambiental e social. Evidencia-se a ferramenta da análise funcional como primordial para a identificação das variáveis que impactam esses comportamentos, auxiliando na formulação de estratégias de intervenção. Ademais, o uso de técnicas como reforço diferencial, modelação, desenvolvimento de autocontrole e autoconhecimento são relevantes na modificação de padrões comportamentais disfuncionais.

Desse modo, a sinergia entre farmacologia e psicoterapia pode não apenas melhorar a adesão ao tratamento, mas pode também potencializar os resultados terapêuticos, facilitando a estabilidade clínica a longo prazo. O planejamento interdisciplinar e individual considerando as especificidades de cada paciente, se reafirma primordial no tratamento dos TAs, promovendo uma estratégia eficaz e viável para o manejo dessas condições.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5: Manual diagnóstico e**

estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Tradução: M. I. C. Nascimento; P. H. Machado; R. M. Garcez; R. Pizzato; S. M. M. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BANACO, Roberto Alves; ZAMIGNANI, Denis Roberto; MARTONE, Ricardo Correa; VERMES, Joana Singer; KOVAC, Roberta. **Psicopatologia**. In: HUBNER, Maria Martha Costa; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos; ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista; PRISZKULNIK, Léia; MOREIRA, Márcio Borges (Orgs.). *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 154-166.

BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 2. ed. trans. M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, & E. Z. Tourinho. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. 4. ed. Tradução:



- da Costa; A. Gadotti. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- CAVALCANTE, Livia; OLIVEIRA, Adélia. **Métodos de Revisão Bibliográfica nos Estudos Científicos**. Psicologia em Revista, v. 26, n. 1, p. 83–102, 13 abr. 2020. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006]. Acesso em: 6 de jan. 2025.
- CHIU, H.-P. et al. A retrospective study of pharmacological treatment in anorexia nervosa: 6-month and 12-month follow-up. **BMC Psychiatry**, v. 23, n. 1, 27 fev. 2023.
- CORCHS, Felipe. **Considerações da psicofarmacologia para a avaliação funcional**. In: BORGES, Nicodemos Batista; CASSAS, Fernando Albregard (org.). *Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos*. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2012. p. 192-199.
- DELITTI, Maria. **Análise funcional: o comportamento do cliente como foco da análise funcional**. In: DELITTI, Maria (Org.). *Sobre comportamento e cognição: a prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental*. 2. ed. v. 2, p. 35-42. Santo André: ESETec, 2001.
- DELPRETTE, G.; ALMEIDA, T. A. C. **O uso de técnicas na clínica analítico-comportamental**. In: BORGES, Nicodemos. Batista.; CASSAS, Fernando. Albregard. (Orgs.). *Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 147–159.
- HUDSON, J. I.; MITSUYAMA, R.; TANDON, N. Efficacy of lisdexamfetamine in adults with binge-eating disorder: A randomized clinical trial. **JAMA Psychiatry**, v. 74, n. 9, p. 903-910, 2017.
- NENO CAVALCANTE, Simone; ZAGURY TOURINHO, Emmanuel. **Classificação e Diagnóstico na Clínica:: Possibilidades de um Modelo Analítico-Comportamental**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 139–147, 2012. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17319. Acesso em: 6 jan. 2025.
- NETO, Esequias Caetano de Almeida; LETTIERI, Denise. **O autoconhecimento na terapia comportamental: revisão conceitual e recursos terapêuticos como sugestão de intervenção**. In: DE-FARIAS, Ana Karina C. R.; FONSECA, Flávia Nunes; NERY, Lorena Bezerra (Orgs.). *Teoria e formulação de casos em análise comportamental clínica* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2018. p. 162–184.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde – 11ª revisão (CID-11)*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int.> Acesso em: 24 abr. 2025.
- SADOCK, B; SADOCK, V; RUIZ, P. **Kaplan & Sadock Compêndio de psiquiatria**. 11ª

edição. Artmed, 2017.

SKINNER, B. F. **Selection by consequences**. *Science*, v. 213, p. 501-504, 1981. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v9n1/v9n1a10.pdf]. Acesso em 5 jan. 2025.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução: J. C. Todorov; R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VALE, Antonio Maia Olsen do; ELIAS, Liana Rosa. Transtornos alimentares: uma perspectiva analítico-comportamental. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 52-70, jun. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452011000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 mar. 2025.

VAN DEN EYNDE, F.; SCHMIDT, U. Treatment of bulimia nervosa and binge eating





**XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO**

p. 161–166, abr. 2008.

VILAS BOAS, D. L. O.; BANACO, R. A.; BORGES, N. B. **Discussões da análise do comportamento acerca dos transtornos psiquiátricos.** In: BORGES, N. B.; CASSAS, F. A. (Orgs.). *Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 95-101.

VON HAUSWOLFF-JUHLIN, Y.; BROOKS, S. J.; LARSSON, M. The neurobiology of eating disorders-a clinical perspective. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, v. 131, n. 4, p. 244–255, 16 set. 2014.

WU, K. et al. Neuromodulation of Eating Disorders: A Review of Underlying Neural Network Activity and Neuromodulatory Treatments. *Brain Sciences*, v. 14, n. 3, p. 200, 1 mar. 2024.

**ATUAÇÕES FARMACOLÓGICAS NO TRATAMENTO DE
TRANSTORNO ALIMENTARES: UMA ABORDAGEM INTEGRATIVA**

Carla Edwiges Mariano Rosa

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

carla.rosa@aluno.unifametro.edu.br

Israel Nascimento Coutinho Costa





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

Discente - Universidade de Fortaleza - Unifor

israelcouthocosta@gmail.com

Ticiane Siqueira Ferreira

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

ticiane.ferreira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: Os transtornos alimentares são condições psiquiátricas multifatoriais, e demandam uma abordagem interdisciplinar. A farmacoterapia exerce função fundamental diante das comorbidades com uso de ISRS's, antipsicóticos atípicos entre outros atuantes nas disfunções neuroquímicas específicas. **Objetivo:** Investigar a atuação farmacológicas no tratamento de transtornos alimentares. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, por meio da pesquisa bibliográfica na plataforma PubMed, possuindo caráter exploratório e qualitativo. **Resultados:** Transtornos alimentares, como anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno da compulsão alimentar, são condições complexas com causas genéticas e psicossociais. Caracterizam-se por comportamentos alimentares anormais e distorções da autoimagem. O tratamento integra psicoterapia, nutrição e farmacoterapia. Anorexia nervosa envolve recusa de peso mínimo; bulimia, compulsões com compensações; compulsão alimentar, ingestão descontrolada. Neurobiologicamente, a anorexia apresenta disfunções serotoninérgicas; bulimia e compulsão alimentar, alterações dopaminérgicas. Antidepressivos são eficazes na anorexia; fluoxetina e topiramato ajudam na bulimia; lisdexanfetamina reduz compulsões na compulsão alimentar. **Considerações finais:** Antidepressivos, fluoxetina e lisdexanfetamina mostram eficácia em anorexia, bulimia e compulsão alimentar, mas efeitos colaterais desafiam a adesão. Neurobiologicamente, disfunções serotoninérgicas e dopaminérgicas explicam os sintomas. A abordagem interdisciplinar, unindo psicoterapia e farmacoterapia, é essencial para resultados eficazes, promovendo estabilidade clínica e melhorando a qualidade de vida dos pacientes a longo prazo.

Palavras-chave: Transtornos alimentares; Psicofarmacologia; Disfunções Neurobiológicas.

INTRODUÇÃO

Os transtornos alimentares (TAs), como anorexia nervosa (AN), bulimia nervosa (BN) e transtorno da compulsão alimentar periódica (TCAP), são condições psiquiátricas complexas e multifatoriais, decorrentes de predisposições genéticas, alterações neurológicas e influências psicossociais (Hausswolff-Juhlin et al., 2014). Essas doenças são marcadas por comportamentos alimentares disfuncionais, distorções na percepção da autoimagem e dificuldades na regulação emocional. O manejo eficaz depende de uma abordagem interdisciplinar e longitudinal, integrando psicoterapia, intervenções nutricionais e farmacológicas, com foco na adesão ao tratamento e na análise integral do paciente para

desenvolver intervenções mais eficazes (Wu et al., 2024).

Conforme o DSM-5 (APA, 2013/2014) e CID-11 (OMS, 2019), os TAs são classificados em: Anorexia Nervosa (AN), caracterizada pela recusa em manter o peso corporal mínimo (pelo menos 15% abaixo do esperado), com perda de peso auto induzida por restrição alimentar, vômitos, purgação, exercícios excessivos ou uso de



nia Nervosa (BN), definida por episódios repetidos de compulsão alimentar (ingestão excessiva em curto período) seguidos de comportamentos compensatórios inadequados, como vômitos autoinduzidos, uso de laxantes, diuréticos, jejuns ou exercícios intensos; e Transtorno da Compulsão Alimentar Periódica (TCAP), com episódios recorrentes de ingestão descontrolada, acompanhados de sofrimento psicológico, mas sem comportamentos compensatórios, diferenciando-se da BN.

Do ponto de vista neurobiológico, a AN é associada a disfunções serotoninérgicas, com hiperatividade dos receptores 5-HT1A e 5-HT2A, que regulam humor, impulsos e apetite, além de redução da atividade dopaminérgica nos circuitos de recompensa e tomada de decisão. Isso resulta em aversão alimentar e falta de prazer ao comer (Hauszwolff-Juhlin et al., 2014; Sadock, 2017; Frank et al., 2019). Na BN, observa-se hipersensibilidade dopaminérgica, com ativação exagerada durante compulsões, e baixa regulação serotoninérgica (receptores 5-HT1A e 5-HT2A), contribuindo para a dificuldade em resistir a impulsos alimentares (Sadock, 2017; Frank et al., 2019). O TCAP é caracterizado por hiperatividade dopaminérgica, levando à busca por alimentos palatáveis (ricos em açúcares e gorduras), com liberação rápida de dopamina, e hipossensibilidade crônica a estímulos, exigindo maior consumo para atingir satisfação. Há também disfunções em serotonina, GABA, glutamato e sinais periféricos de saciedade (Sadock, 2017; Frank et al., 2019).

Embora a psicoterapia seja a base do tratamento dos TAs, a farmacoterapia é crucial, especialmente em casos com comorbidades, presentes em cerca de 80% dos pacientes (Hauszwolff-Juhlin et al., 2014). As principais classes medicamentosas incluem: Inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS), como fluoxetina (única aprovada pelo FDA para BN), sertralina e escitalopram, eficazes para BN e TCAP, mas com menor impacto na AN devido à baixa disponibilidade de triptofano, precursor da serotonina (Sadock, 2017; Chiu et al., 2023; van den Eynde, 2008). Antipsicóticos atípicos, como a olanzapina, são úteis na AN por promoverem ganho de peso, regulando receptores de dopamina e serotonina (Sadock, 2017; Chiu et al., 2023). Estabilizadores de humor e anticonvulsivantes, como topiramato e

lamotrigina, ajudam a reduzir episódios de compulsão e purgação em BN e TCAP (Sadock, 2017; van den Eynde, 2008). Psicoestimulantes, como a lisdexanfetamina, são eficazes no TCAP, controlando impulsividade e reduzindo compulsões alimentares por aumentarem a liberação de dopamina e norepinefrina (Hudson et al., 2017).



disponibilidade de serotonina, melhorando humor, reduzindo ansiedade e comportamentos compulsivos em BN e TCAP. Antipsicóticos atípicos modulam dopamina e serotonina, auxiliando no controle de sintomas e na regulação do apetite na AN. Estabilizadores de humor previnem oscilações emocionais e impulsividade, fatores agravantes dos TAs. Psicoestimulantes controlam comportamentos impulsivos, especialmente no TCAP (Hudson et al., 2017). Apesar dos avanços na psicofarmacologia, o tratamento dos TAs exige integração contínua de psicoterapia, reabilitação nutricional e suporte médico. A personalização, considerando respostas prévias a medicamentos, perfil metabólico e comorbidades, é essencial para otimizar resultados (Wu et al., 2024).

Deste modo, o objetivo deste resumo consiste em investigar a atuação farmacológicas no tratamento de transtornos alimentares. A justificativa para este tema baseia-se na condição multifacetada dos transtornos alimentares, que envolvem fatores psicológicos, biológicos e comportamentais, abordando como a integração dessas abordagens pode potencializar os resultados terapêuticos e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

METODOLOGIA

Essa pesquisa configura-se como revisão de literatura integrativa, a qual consiste na síntese de resultados de estudos de forma ordenada, sobre um determinado tema. Sendo construída por: identificação do tema, escolha da hipótese; organização de critérios para a inclusão e exclusão de estudos; designação de informações que serão extraídas dos estudos; avaliação dos estudos inclusos e interpretação de resultados (Cavalcante & Oliveira, 2020).

Ao longo do estudo foram realizadas pesquisas bibliográficas na base de dados Pubmed, a partir dos descritores: “transtornos da alimentação”, “terapia medicamentosa”, “inibidores seletivos da recaptação de serotonina” e “tratamento farmacológico”. A partir dessas palavras chaves, selecionamos 13 artigos dessas plataformas, utilizando como critérios para filtragem: a língua portuguesa, o ano de publicação posterior à 2008 e a leitura dos resumos para identificar a afinidade do achado com a temática trabalhada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os dados obtidos no estudo de Chiu, 2023, utilizando como parâmetro o

ganho e manutenção de peso, o tratamento de AN com antidepressivos por seis meses mostrou-se eficaz no aumento do Índice de Massa Corporal (IMC), com um aumento médio



a de antipsicóticos – aumentando em 1,1. Nota-se também que a alternância de classes e a combinação destas não obteve resultados estatisticamente relevantes, atingindo, respectivamente, 0,1 ($p=0,397$) e 0,5 ($p=208$). No acompanhamento ao longo de um ano, a liderança dos antidepressivos foi confirmada com um aumento de IMC de 2,7 pontos ($p<0,001$), enquanto antipsicóticos atingiram 2.8 pontos, porém sem relevância estatística ($p<0,168$).

Alternância e combinação de medicamentos, assim como a ausência deles, também não atingiram resultados estatisticamente relevantes. Os antidepressivos também foram mais eficazes na constância do ganho de peso, ao comparar os tempos iniciais com cada intervalo pré-determinado de 3, 6, 9 e 12 meses. Esses resultados mostram que, uma vez iniciado o tratamento farmacológico, o seu seguimento é fundamental para promover um ganho de peso, sendo esse uma abertura para a possibilidade de outros tratamentos farmacológicos, como o uso de ISRS, previamente impedidos pela desnutrição severa. A aderência ao projeto de tratamento é, no plano psicofarmacológico, uma variável mais importante que a escolha do fármaco em si.

Além disso, o tratamento de BN e TCAP pode ser similar. De acordo com Rodan et al. em 2023, a fluoxetina é a droga principal para BN, apesar de que os sintomas dessa podem ser reduzidos por uma droga anticonvulsivante – o topiramato. De primeira linha, segue o uso dos ISRS, principalmente a fluoxetina, essa reduzindo a compulsão alimentar em 50 a 67%, episódios de purgação em 50 a 57% e reduz a probabilidade de recidiva (Bello, 2018).

Um ensaio clínico (Sysko, 2010) proporcionou guia útil no manejo farmacológico: pacientes que, até a terceira semana, não atingissem uma redução de 60% na frequência dos episódios compulsivos deveriam ser considerados não-responsivos ao tratamento. Além disso, como foi supracitado, o topiramato atua modulando a atividade do glutamato e do GABA. Esse tratamento se mostrou eficaz em reduzir os episódios compulsivos e os casos de purgação, melhorando a percepção da autoimagem e nos comportamentos alimentares, provando eficácia num período de 10 semanas (Hay, 2010).

Para o TCAP, a lisdexanfetamina é o único medicamento aprovado pelo FDA, apesar da possibilidade de tratamento com fármacos destinados à BN, sendo ela utilizada devido à sua eficácia na redução de episódios de compulsão comparada ao placebo – a lisdexanfetamina é responsável por reduzir os casos dos pacientes testados para aproximadamente 3%, enquanto o



namadamente 30% – como reproduzido em ensaios clínicos randomizados (Hudson et al., 2017). No entanto, mais eficaz que somente a farmacoterapia é a combinação do tratamento farmacológico com a psicoterapia.

Um dos aspectos importantes na avaliação da escolha de medicamentos aliados à psicoterapia são os efeitos colaterais, influenciando diretamente a adesão ao tratamento e a eficácia do manejo clínico. Os efeitos podem variar de acordo com a classe do medicamento, dose administrada, duração do tratamento e características individuais extremamente variadas entre cada paciente. Os ISRS são utilizados de maneira ampla no tratamento de TAs, mas são frequentemente associados a efeitos como náuseas, diarreia, insônia e disfunção sexual (McElroy et al., 2015).

O uso prolongado dessas drogas está associado ao ganho de peso substancial, apesar de, inicialmente, auxiliar na redução do peso (Monteiro et al., 2017). Em casos raros, pode levar à síndrome serotoninérgica, sendo capaz de evoluir para um caso fatal, ou à síndrome da descontinuação, caracterizada por irritabilidade e tontura após interrupção abrupta (Haber et al., 2022). Essas nuances mostram que o acompanhamento longitudinal do paciente é crítico para seu bem-estar, e o responsável deve estar ciente das possíveis complicações, tanto da perpetuação do uso desses fármacos quanto para remoção brusca ou até ausência total do tratamento farmacológico.

A eficácia do tratamento farmacológico é limitada e varia consideravelmente a depender do tipo de transtorno, duração e a fase dele, população afetada e a presença/ausência de tratamento interdisciplinar. Por exemplo, ao tratar de pacientes com AN, o uso imediato de ISRS pode ser ineficaz, devido à redução de substrato para o bom funcionamento do fármaco, causado pela desnutrição severa. A desnutrição severa também exacerba efeitos colaterais como insônia e náuseas, que podem, como citado anteriormente, comprometer a adesão ao tratamento.

O período de tratamento longo e os efeitos colaterais das medicações, como problemas sexuais, presentes em cerca de 72% dos pacientes, ou ganho de peso, presente em 65% dos pacientes (Ferrari et al., 2018), é um dos fatores contribuintes para o problema de adesão no tratamento farmacológico e, consequentemente, sua eficácia. Apesar disso, a evidência científica mais recente e robusta é que os resultados são majoritariamente positivos no uso de ISRS para AN – e os demais fármacos para seus respectivos transtornos – reforçando a ideia de que cada paciente precisa de acompanhamento personalizado, de acordo com suas necessidades e capacidades no momento.



A referência máxima para tratamento da anorexia nervosa segue sendo a combinação da psicoterapia com a abordagem auxiliar de outras disciplinas, a qual pode coordenar um tempo de início satisfatório, a fim de reduzir a possibilidade de complicações devido à desnutrição e à severidade do transtorno (Fairburn et al., 2018). O planejamento interdisciplinar pode ser grande aliado no tratamento de qualquer dos TAS citados, visto que a combinação da psicoterapia com estes é satisfatória – aumenta a adesão e garante desfechos melhores.

A psicoterapia, para a eficácia do tratamento em TAS, busca, por meio da interface com a terapia farmacológica, melhorar a adesão do paciente ao tratamento, promovendo uma abordagem integrada que potencialize os resultados terapêuticos e favoreça a estabilidade clínica a longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conforme exposto, a psicofarmacologia é relevante no manejo dos transtornos alimentares, especialmente quando integrada a um tratamento interdisciplinar. Antidepressivos, sobretudo os ISRS como a fluoxetina, demonstram maior eficácia na manutenção de peso e na redução de episódios compulsivos e purgativos em BN e TCAP, além de reduzir a taxa de recidiva. O topiramato auxilia na modulação do comportamento alimentar e autoimagem, enquanto a lisdexanfetamina é a única aprovada para TCAP, com eficácia superior ao placebo. Entretanto, a alternância entre classes farmacológicas não mostrou benefícios, reforçando a importância da continuidade com um único agente.

Apesar dos avanços da farmacoterapia, sua eficácia isolada é limitada, influenciada pela gravidade do transtorno, adesão ao tratamento e comorbidades psiquiátricas. Efeitos adversos como ganho de peso, disfunção sexual e sintomas gastrointestinais impactam a adesão. Na AN, a desnutrição severa pode comprometer a ação dos ISRS, priorizando a estabilização nutricional antes da intervenção farmacológica.

Desta forma, aliar farmacologia e psicoterapia pode não apenas melhorar a adesão ao tratamento, mas também potencializar os resultados terapêuticos, facilitando a estabilidade clínica a longo prazo. O planejamento adequado ajuda no uso responsável do fármaco para as condições específicas, se tornando imperioso para evitar o processo de medicalização da vida.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Tradução: M. I. C. Nascimento; P. H. Machado; R. M. Garcez; R. Pizzato; S. M. M. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2014.



L. Safety of pharmacotherapy options for bulimia nervosa and binge eating disorder. **Expert Opinion on Drug Safety**, v. 17, n. 1, p. 17–23, 31 out. 2017.
CAVALCANTE, Livia; OLIVEIRA, Adélia. **Métodos de Revisão Bibliográfica nos Estudos Científicos**. Psicologia em Revista, v. 26, n. 1, p. 83–102, 13 abr. 2020. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006]. Acesso em: 6 de jan. 2025.

CHIU, H.-P. et al. A retrospective study of pharmacological treatment in anorexia nervosa: 6-month and 12-month follow-up. **BMC Psychiatry**, v. 23, n. 1, 27 fev. 2023.

FAIRBURN, C. G.; COOPER, Z.; SHAFRAN, R. Cognitive behavior therapy for eating disorders: a transdiagnostic theory and treatment. **Behaviour Research and Therapy**, v. 46, n. 5, p. 592–613, 2008.

FERRARI, A. J. et al. Burden of Depressive Disorders by Country, Sex, Age, and Year: Findings from the Global Burden of Disease Study 2010. **PLoS Medicine**, v. 10, n. 11, p. e1001547, 5 nov. 2013.

FRANK, G. K. W.; SHOTT, M. E.; DEGUZMAN, M. C. The Neurobiology of Eating Disorders. **Child and adolescent psychiatric clinics of North America**, v. 28, n. 4, p. 629–640, 1 out. 2019.

HABER, P.; RUSSELL, C.; LODGE, K. Serotonin syndrome: A complex clinical diagnosis. **Australian Prescriber**, v. 45, n. 1, p. 10–15, 2022.

HAY, P. J.; CLAUDINO, A. M. Bulimia nervosa. **BMJ Clinical Evidence**, v. 2010, p. 1009, 19 jul. 2010.

HUDSON, J. I.; MITSUYAMA, R.; TANDON, N. Efficacy of lisdexamfetamine in adults with binge-eating disorder: A randomized clinical trial. **JAMA Psychiatry**, v. 74, n. 9, p. 903–910, 2017.

MCELROY, S. L. et al. Efficacy and Safety of Lisdexamfetamine for Treatment of Adults With Moderate to Severe Binge-Eating Disorder. **JAMA Psychiatry**, v. 72, n. 3, p. 235, 1 mar. 2015.

MONTEIRO, M. P.; CARVALHO, M. M.; FONSECA, V. M. Impacto do uso prolongado de ISRSs no peso corporal: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 39, n. 4, p. 338–347, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde – 11ª revisão (CID-11)*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int.> Acesso em: 24 abr. 2025.

SADOCK, B.; SADOCK, V.; RUIZ, P. **Kaplan & Sadock Compêndio de psiquiatria**. 11ª edição. Artmed, 2017.

SYSKO, R. et al. Early response to antidepressant treatment in bulimia nervosa. **Psychological Medicine**, v. 40, n. 6, p. 999–1005, 15 set. 2009.

VAN DEN EYNDE, F.; SCHMIDT, U. Treatment of bulimia nervosa and binge eating disorder. **Psychiatry**, v. 7, n. 4, p. 161–166, abr. 2008.

VON HAUSWOLFF-JUHLIN, Y.; BROOKS, S. J.; LARSSON, M. The neurobiology of eating disorders-a clinical perspective. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, v. 131, n. 4, p. 244–255, 16 set. 2014.

WU, K. et al. Neuromodulation of Eating Disorders: A Review of Underlying Neural Network Activity and Neuromodulatory Treatments. **Brain Sciences**, v. 14, n. 3, p. 200, 1 mar. 2024.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

TECNOLOGIA COMO PONTE PARA SAÚDE MENTAL: REFLEXÕES SOBRE USABILIDADE E EFICIÊNCIA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO ONLINE

Rebeca Salgueiro de Azevedo

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
rebeca.azevedo@aluno.unifametro.edu.br

Yara Azevedo de Matos Belo

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
yara.azevedo87@gmail.com

Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
teresa.costa@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Tecnologia: Impactos da Inteligência Artificial e da Inovação Digital

RESUMO

Introdução: O presente artigo tem como objeto de estudo o plantão psicológico online, modalidade de atendimento clínico que se destaca por sua escuta qualificada e acolhimento imediato em contextos de crise e sofrimento psíquico. Entendendo a necessidade de ampliação e readequação da escuta psicológica em contextos emergenciais, propõe-se o estudo da viabilidade dessa modalidade de atendimento na sociedade atual. **Objetivo:** analisar a permanência e a eficácia do plantão psicológico online no cenário pós-pandemia. **Método:** Utilizou-se pesquisa bibliográfica descritiva nas bases de dados Psico e SciELO. **Resultados:** Observa-se com o aprofundamento das pesquisas, que o plantão psicológico passa em sua existência por adequações e não é diferente no contexto pandêmico vivido recentemente, tornou-se uma importante modalidade em seu formato online trazendo possibilidade de escuta e acolhimento em tempos de desorganização e incertezas. Embora tenha evidenciado inúmeros desafios, sua relevância se faz presente e nos convida a investigar como esse formato de atendimento se desenha atualmente. **Considerações finais:** Observa-se que o plantão psicológico online amplia a possibilidade de acolhimento em momentos de crise, democratizando a escuta psicológica, no entanto, traz pontos a serem questionados no que se refere a sua caracterização em relação ao plantão tradicional, evidenciando muitos desafios em sua usabilidade.

Palavras-chave: plantão psicológico; online; crise;

INTRODUÇÃO

O presente estudo configura-se como requisito indispensável da Atividade Prática Supervisionada (APS) do curso de psicologia da UNIFAMETRO, tendo seu tema proposto vinculado à 12ª Jornada de Psicologia com o tema geral, Diálogos Interdisciplinares: Psicologia e os Saberes do Futuro. Relacionando-se com o eixo temático psicologia e tecnologia: impactos da inteligência artificial e da inovação digital.

Para tanto, o tema proposto para este estudo refere-se a prática do plantão psicológico e seu formato online, assim como reflexões sobre sua usabilidade e eficácia nos tempos atuais. Para isso, buscou-se pesquisar sobre como esse serviço pode ser oferecido, sua estrutura, desafios e potencialidades.

De acordo com Rebouças e Dutra (2010), o plantão psicológico surgiu em 1969, em



Aconselhamento Psicológico (SAP), dentro do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Esse modelo de atendimento foi idealizado por Rachel

Léa Rosenberg, ao lado do professor Oswaldo de Barros Santos, como uma resposta à necessidade de oferecer escuta psicológica imediata e acessível, especialmente em um contexto de escassez de recursos e longas filas de espera. O plantão psicológico foi concebido como uma modalidade de atendimento cujo objetivo principal era promover um esvaziamento da clínica tradicional, ao mesmo tempo em que proporcionava acolhimento e escuta qualificada àqueles que buscavam o serviço baseado no modelo de aconselhamento psicológico proposto por Carl Rogers.

O plantão psicológico, portanto, é um modelo de atendimento presencial, presente principalmente nas clínicas-escolas. No entanto, assim como a psicoterapia tradicional, ele passou a incorporar o uso de meios tecnológicos para sua aplicabilidade a partir do contexto de crise provocado pela pandemia de COVID-19. Esse movimento representou uma adaptação necessária diante das restrições sanitárias, permitindo a continuidade do cuidado psicológico mesmo à distância e ampliando o acesso ao serviço para além dos limites físicos das instituições.

A pandemia da COVID-19, uma crise mundial que atingiu a todos de diferentes formas, trouxe à tona uma realidade até então desconhecida: o isolamento social. Foi necessário promover uma readequação de papéis, das formas de se relacionar e de lidar com a própria sobrevivência. Houve uma ruptura com tudo aquilo que era familiar e cotidiano, sem qualquer possibilidade de prever o futuro. Esse cenário instaurou um ambiente marcado por angústia e incertezas, provocando impactos significativos nas esferas social, econômica, cultural e, especialmente, na saúde mental.

Diante da necessidade de distanciamento físico, a psicoterapia online, já existente, se consolidou como uma alternativa eficaz ao atendimento presencial. Esse contexto impulsionou a regulamentação e a ampliação do uso das tecnologias no cuidado em saúde mental, tornando a psicoterapia mediada por dispositivos eletrônicos mais reconhecida e comprovada em sua efetividade em diferentes contextos.

Perante o que estava sendo vivenciado, no ano de 2020, em meio à urgência, foi identificada uma necessidade de psicólogos ofertarem cuidados à sociedade. Sendo assim, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), no dia 26 de março de 2020, ampliou e flexibilizou as



gico, o que possibilitou que esses atendimentos ultrapassassem os contornos e o método tradicional do setting terapêutico e da clínica convencional, incluindo a metodologia do plantão psicológico.

Segundo Bezerra, Moura e Dutra (2021), no que se refere às práticas de cuidado com saúde mental, as tecnologias se apresentaram também como um dos principais recursos, tornando-se os serviços de atendimento online, caminhos para escuta e elaboração do sofrimento que emerge e se intensificava nesse contexto.

Para Barcellos, Ferreira, Santos e Junior (2020), face a nova configuração social e de sofrimento psíquico trazidos pela crise da Covid19, o plantão psicológico online se apresentava como uma nova possibilidade de levar às pessoas um acolhimento, um novo olhar para a vida que se apresentava e a possibilidade de ser um importante aliado na busca de sentido num ambiente tão incerto, caminhos nunca trilhados, na tentativa de construção e reconstrução de novos saberes e fazeres da psicologia.

Compreendendo essas questões, faz-se relevante o estudo sobre a estrutura do plantão psicológico no formato online, conhecendo experiências já desenvolvidas e analisando as possibilidades desse serviço dentro de uma sociedade com demandas diversas, destacando suas potencialidades, fragilidades e sua contribuição pós cenário pandêmico.

Considera-se que a saúde mental enfrenta diversos desafios dentro de uma sociedade cada vez mais voltada à hiperprodução, sendo de imensa importância o estudo de novas práticas da psicologia, que ampliem e permitam às pessoas viverem sua subjetividade e a promoção de espaços alternativos e acessíveis para escuta e acolhimento nas diversas crises.

Em vista disso, o objetivo geral deste estudo é analisar a permanência e a eficácia do plantão psicológico online no cenário pós-pandemia. Como objetivos específicos, investigar se o formato online mantém as características fundamentais do plantão psicológico ou se provoca sua descaracterização; e avaliar a viabilidade do plantão psicológico online como uma alternativa emergencial em contextos de crise.

METODOLOGIA

Esse estudo foi desenvolvido utilizando o método de revisão bibliográfica, e consiste na análise de produções acadêmicas e científicas previamente publicadas sobre a usabilidade e eficácia do plantão psicológico. Segundo Cavalcante e Oliveira (2020), os estudos de revisão bibliográfica caracterizam-se pelo uso e análise de documentos de domínio científico, tais como artigos, livros, teses, sem recorrer diretamente aos fatos empíricos. Utilizando, portanto,



secundárias, ou seja, contribuição de outros autores sobre um certo tema.

Buscou-se aprofundamento e fundamentação teórica através de buscas nas bases Psico – Periódicos de Psicologia e SciELO. Os descritores utilizados para as pesquisas foram:

“plantão psicológico” and “online”, “crise” and “escuta psicológica”. Já os critérios de inclusão utilizados para a elaboração da pesquisa foram: tratar-se de um artigo em português, texto completo e ter no resumo as palavras: plantão psicológico online, plantão psicológico, escuta psicológica. Já como critérios de exclusão foram usados: não possuir o texto completo disponível, não ser artigos escritos em português e não possuir em seu resumo as palavras listadas como critério de inclusão.

Foram selecionados dez artigos com base em sua relevância, alinhados ao objetivo do estudo, com foco nas palavras-chave "plantão psicológico online" e "escuta psicológica", além de estarem completos e em língua portuguesa. Os estudos foram submetidos a uma análise descritiva, que visou resumir suas principais características, dividindo-os em categorias: definição de plantão psicológico, uso da tecnologia em situações de crise, e as vantagens e desvantagens do uso da tecnologia nesse atendimento. A partir dessa análise, seguiu-se uma reflexão bibliográfica sobre avanços, desafios e perspectivas futuras para o plantão psicológico online.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O plantão psicológico é uma modalidade de atendimento clínico que se caracteriza por sua flexibilidade, escuta qualificada e acolhimento ético, sendo especialmente voltado para situações emergenciais e de crise. Diferente da psicoterapia tradicional, não exige vínculo prévio nem continuidade, adaptando-se às necessidades imediatas do sujeito. Essa prática foi desenvolvida para atender demandas que não se encaixavam nos moldes convencionais da clínica, sobretudo em contextos institucionais de saúde pública. Trata-se de um dispositivo que busca democratizar o acesso ao cuidado psicológico, promovendo intervenções breves, mas potencialmente transformadoras segundo Silva, Capelozza, Bernardino (2020).

Desde sua criação, essa prática de atendimento passou por inúmeros desafios e mudanças, mas vem se mantendo como importante instrumento no enfrentamento de crises emocionais e emergências psíquicas. Segundo Bezerra, Moura e Dutra (2021), trata-se de uma prática clínica que se volta à necessidade do indivíduo muito mais do que para o problema,



na maior consciência de si e de sua realidade, promovendo a elaboração do sofrimento enfrentado por este.

Sua proposta não é a resolução ou aprofundamento da problemática do indivíduo, mas a abertura de um espaço de acolhimento, escuta e compreensão do sofrimento, buscando dar ênfase nas potencialidades daquele sujeito para lidar com a realidade que se apresenta. Para

Rebouças e Dutra (2010), a intenção dessa modalidade de atendimento é, junto ao paciente esclarecer a queixa atual, avaliar as possibilidades de enfrentamento e os recursos disponíveis.

Vivemos em uma sociedade marcada pela urgência e falta de tempo, o que dificulta o acesso a espaços de escuta e cuidado psicológico. Apesar da crescente visibilidade da saúde mental, os serviços ainda são restritos a certos grupos. A pandemia da COVID-19 agravou esse cenário, trazendo mudanças bruscas na rotina, luto e medo da morte, o que gerou angústias e uma demanda crescente por acolhimento em saúde mental (Rankings, 2024).

Em resposta, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), através da resolução CFP nº011/2018, ampliou as possibilidades de atuação do psicólogo e facilitou os mecanismos para obtenção do cadastro profissional e prestação do serviço online, evitando a descontinuidade da assistência à saúde mental, impedida de ocorrer de forma presencial naquele momento.

Bezerra, Moura e Dutra (2021), comentam a tecnologia como algo cada vez mais presente na vida das pessoas, e que entrou totalmente como parte do dia a dia de todos durante o período de isolamento social trazido pela pandemia. Nesse tocante, a tecnologia se tornou um dos principais recursos utilizados no apoio e eficácia dos cuidados em saúde mental. Esses serviços, oferecidos de forma online, tornaram-se um caminho possível para a escuta e elaboração de todo o sofrimento que se enfrentava naquele momento.

Torna-se possível assim, o plantão psicológico online com a proposta similar ao plantão original, de dar suporte emocional, escuta e acolhimento diante do fenômeno que emerge. Para Ortolan e Sei (2021), a possibilidade de proporcionar aos pacientes um espaço que promovesse momentos de reflexão e reordenação de seus projetos de vida, acolhimento de urgências psíquicas e transformação do encontro entre plantonista e paciente em um lugar de elaboração dos traumas gerados pela crise, é certamente um dos pontos fortes dessa modalidade de atendimento.

No entanto, também se observa muitos desafios no que diz respeito à caracterização do plantão online em relação ao plantão presencial e de sua execução. Ortolan e Sei (2021),



fundamento dos atendimentos, instruções sobre acessos e privacidade, conectividade com a internet, interrupção no atendimento, o silêncio que pode não ser interpretado de maneira correta pelo plantonista, havendo dificuldade no manejo, dentre outros.

De tal forma que sua modalidade de eficácia plena se manifesta, sobretudo, no formato presencial, onde é possível acolher o sujeito de maneira mais integral e sensível às nuances da sua demanda. Isso porque o encontro presencial favorece a construção de um espaço de escuta mais potente, onde aspectos não verbais da comunicação — como expressões faciais, gestos, postura e tom de voz — podem ser percebidos com maior clareza, enriquecendo a compreensão do sofrimento apresentado.

Além disso, o ambiente físico preparado para o acolhimento psicológico contribui para a criação de um espaço seguro, silencioso e ético, o que muitas vezes é inviável nos atendimentos remotos, marcados por interferências externas, falta de privacidade ou instabilidade tecnológica. A presença física do profissional também transmite ao sujeito uma sensação concreta de apoio e disponibilidade, o que fortalece a experiência de acolhimento e cuidado em momentos de crise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todos esses aspectos, não se pode deixar de reconhecer que o plantão psicológico online representa uma alternativa válida e necessária em contextos de crise emergencial. Ainda que apresente limitações em comparação ao formato presencial, mostrou-se uma ferramenta eficaz para o acolhimento do sujeito, permitindo a continuidade do cuidado e da escuta sensível em momentos em que o acesso presencial se torna inviável, reafirmando seu valor enquanto dispositivo clínico acessível e adaptável às exigências da contemporaneidade.

O plantão psicológico se consolida como uma prática clínica potente e indispensável, especialmente em contextos marcados por urgência, incertezas e sofrimento psíquico generalizado. Sua proposta ética e centrada no sujeito, fundamentada em uma escuta sensível e acolhedora, oferece um espaço transformador mesmo que pontual. No formato presencial, essa modalidade alcança sua máxima eficácia, pois favorece a escuta qualificada ampliada por elementos não verbais da comunicação, como expressões, gestos, tom de voz e ocorre em um ambiente físico preparado para o cuidado, garantindo segurança, privacidade e a presença concreta do profissional, desafios estes enfrentados na modalidade online. Esses elementos



atendimento e fazem do ato de ser ouvido um passo fundamental para a ressignificação da dor e a promoção da saúde mental.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Cíntia; PEREIRA MOURA, Kílvia; DUTRA, Elza. Plantão psicológico on-line a estudantes universitários durante a pandemia da Covid-19. *Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, v. 13, n. 2, 2021. DOI: 10.26823/nufen.v13i2.22515. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22515>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- BARCELLOS, Ângela Catharina Gontijo e; FERREIRA, Maria Luiza Lopes; SANTOS, Maria de Aquino Mendes; ROTA JÚNIOR, Cláudio. Plantão psicológico online em tempos de pandemia: um relato de experiência. *Revista Unimontes Científica*, v. 22, n. 2, p. 1–15, 2020. DOI: 10.46551/ruc.v22n2a10. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/3394>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- CHAVES, Priscila Barros; HENRIQUES, Wilma Magaldi. Plantão psicológico: de frente com o inesperado. *Psicologia Argumento*, v. 26, n. 53, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19831>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- CORREIA, Karla Carneiro Romero; ARAÚJO, Juliana Lima de; BARRETO, Sarah Rebeca Viana. Saúde mental na universidade: atendimento psicológico online na pandemia da Covid-19. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, p. e245664, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/yxyzpqmnv1234567890/>. Acesso em: 17 abr. 2025. (URL exata não informada, sugerido inserir a correta)
- GONÇALVES, S. T.; BELMINO, M. C. de B. O meio virtual como espaço profissional: serviços psicológicos online. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 4, n. 12, p. 33–39, 2017. DOI: 10.16891/326. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/326>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- MORETTO, Cybele; NUKUI, Sonia; ANTUNES, Valéria. Estágio e supervisão em plantão psicológico on-line na pandemia: desafios a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. *Mental*, Barbacena, v. 16, n. 29, 0004, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1679-4427.v16n29.0004>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272024000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2025.
- PAPARELLI, Rosélia Bezerra; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 27, n. 1, p. 64–79, 2007.
- SANTOS, Jorge Henrique Corrêa dos; SANTOS, Manoel Antônio dos; OLIVEIRA-CARDOSO, Érika Arantes de. Experiência de psicólogas(os) brasileiras(os) com atendimento psicológico online durante a primeira onda da pandemia de Covid-19. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 44, p. e261241, 2024. Acesso em: 17 abr. 2025.
- SILVA, Michelle de Castro; CAPELOZZA, Ariane Cristine; BERNARDINO, Letícia Vieira. Plantão psicológico em hospital e o processo de mudança psicológica. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 22, n. 1, p. 1–18, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/5RVgMQLmYF3JMZjGWshccnH/>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- SOUZA, Laura Vilela et al. Recursos da terapia narrativa de sessão única em tempos de pandemia e isolamento social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, São Paulo, v. 29, n. 67, p. 7–22, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.38034/nps.v29i67.571>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412020000200002&lng





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

abr. 2025.

PRÁTICAS PSICOSSOCIAIS EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS: UM RELATO À LUZ DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

Nicole Gadelha de Souza

Discente-Centro Universitário Fametro – Unifametro

nicole.souza02@aluno.unifametro.edu.br

Yasmim Gabriely de Vasconcelos Barros

Discente-Centro Universitário Fametro – Unifametro

yasmim.barros01@aluno.unifametro.edu.br

José Pereira Maia Neto

Discente-Centro Universitário Fametro – Unifametro

maia.neto@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: Este relato de experiência aborda a atuação da Psicologia Social em territórios periféricos de Fortaleza, Ceará, a partir da perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, destacando a influência do contexto social na formação do ser humano. **Objetivo:** Compreender a realidade periférica baseada na perspectiva sócio-histórica, explorar práticas psicológicas no contexto de vulnerabilidade social e refletir sobre o papel da psicologia social para a comunidade. **Métodos:** Entrevista semiestruturada e observação simples com um psicólogo social atuante em uma instituição governamental, além de pesquisa exploratória com artigos científicos sobre a temática. **Resultados:** A experiência evidenciou que as práticas psicológicas sociais precisam considerar as condições socioeconômicas e territoriais, compreendendo o sujeito como produto e produtor de sua realidade. Também foi observado que a teoria, muitas vezes, precisa ser adaptada à prática diante das complexidades dos territórios periféricos. **Considerações finais:** A Psicologia Social, fundamentada na perspectiva sócio-histórica, é essencial para fortalecer a emancipação social e colaborar com o desenvolvimento humano em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Psicologia Sócio-histórica; Vulnerabilidade social; Psicologia Social.

INTRODUÇÃO

Sob primeiro viés, entende-se que a psicologia social perpassa todas as áreas profissionais do saber psicológico, pois analisa as relações mútuas entre indivíduo e sociedade e vice-versa, a partir das estruturas sociais vigentes. Nesse cenário, a propagação de tal modalidade, no Brasil, contribuiu para a aproximação das demandas reais existentes nas comunidades de zonas periféricas, uma vez que compreende como a vida desses indivíduos é diretamente afetada pelas problemáticas socioeconômicas. Dito isso, notamos



ao seu território, contexto social e histórico e que, para a psicologia atuar nesse campo, é necessário está dentro desse construto de territorialização.

Outrossim, os programas sociais, na qual os psicólogos são uma ferramenta relevante para as comunidades periféricas, possuem o intuito de promover os direitos humanos, desenvolvimento cultural, esportivo, artístico e atender as demandas da população. Ademais, além da proteção social, há atendimentos psicossociais gratuitos e elaboração de projetos para um território específico, não anulando os indivíduos de outras áreas. Dessa forma, há diversas

possibilidades para o compromisso com as mudanças sociais, assim como a conscientização e a escuta voltada para essa população.

Por isso, foram utilizados por nós, estudantes de psicologia, recursos metodológicos elaborados por meio de: uma entrevista direcionada para um psicólogo social que trabalha em uma estrutura governamental; observações das principais práticas psicológicas sociais nessa instituição; visitas em projetos sociais agregados; entendimento de como ocorre o atendimento com a comunidade; e vivência prática no campo específico da psicologia social. Nesse viés, compreendemos a relevância de reconhecer o território como potência para a própria população.

À vista disso, a pergunta de reflexão elaborada por nós, com a vivência no campo foi: “Como as práticas psicológicas, na área social, se constroem no contexto de vulnerabilidade como uma práxis emancipatória junto a grupos periféricos?”, considerando a psicologia como uma profissão comprometida com as problemáticas sociais. Desse modo, pode-se notar que há relação dialética entre o indivíduo e a sociedade, uma vez que as condições sociais influenciam a subjetividade e vice-versa. Visto isso, selecionamos as pesquisas baseadas na psicologia Sócio-histórica devido sua atemporalidade perante os processos de emancipação social.

Destarte, nosso objetivo geral com esse relato de experiência, sendo significativo tanto para a nossa formação acadêmica, quanto para a psicologia social contemporânea, é: compreender a realidade periférica baseando-se na perspectiva sócio-histórica. Além disso, nos objetivos específicos, buscamos explorar as práticas psicológicas sócio-históricas no contexto de vulnerabilidade social e refletir sobre o papel da psicologia social para a comunidade.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

Experiência fundamenta-se nas atividades desenvolvidas durante a disciplina de Estágio Básico: Teorias Psicológicas, ofertada por uma Instituição de Ensino Superior localizada na cidade de Fortaleza, Ceará, no período de fevereiro a maio de 2025. Para tanto, as práticas realizadas incluíram o exercício de dois métodos principais: uma entrevista semiestruturada e uma observação simples, ambas conduzidas com um psicólogo selecionado pela equipe de alunas do curso de Psicologia. Os encontros ocorreram em datas específicas, previamente agendadas, durante as manhãs de algumas terças e quintas-feiras, conforme cronograma organizado em comum acordo com o profissional participante.

Nesse sentido, a entrevista semiestruturada foi guiada por um roteiro flexível, elaborado pelas alunas, o que permitiu maior liberdade de expressão ao entrevistado e favoreceu a

exploração mais aprofundada de aspectos relacionados à realidade da prática profissional. Por sua vez, a observação simples consistiu no acompanhamento das atividades desenvolvidas pelo psicólogo em seu ambiente de trabalho, sem qualquer intervenção ou participação ativa das estudantes, adotando-se uma postura exclusivamente observadora, conforme proposto por (Gil, 2008).

Para a realização das práticas, foi escolhido um psicólogo social que atua a partir da perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, inserido em um complexo cultural vinculado à Prefeitura Municipal de Fortaleza, situado em bairros periféricos da cidade. As metodologias anteriormente descritas — a entrevista semiestruturada e a observação simples — foram aplicadas no contexto da atuação desse profissional, que realiza plantões psicológicos gratuitos disponibilizados pela instituição, participa de visitas domiciliares quando necessário, facilita rodas de conversas em organizações próximas e atua com o setor de direitos humanos do espaço, entre outras atividades.

Ademais, realizamos uma breve pesquisa exploratória com base em artigos científicos disponíveis em portais acadêmicos, como Google Acadêmico. Para a escolha dos materiais, consideramos a consistência das fundamentações teóricas relacionadas à Psicologia Sócio-histórica e aos métodos de pesquisa, dando prioridade a estudos que abordassem sua aplicabilidade em contextos de vulnerabilidade social. Essa etapa teve como finalidade proporcionar um conhecimento prévio sobre a área de atuação do psicólogo, o que contribuiu para a condução de uma entrevista mais direcionada e para uma melhor compreensão da prática



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas práticas da disciplina e nas pesquisas realizadas, torna-se fundamental para nós, em um primeiro momento, compreender a origem e os principais conceitos da Psicologia Sócio-histórica. Diante disso, desenvolvida pelo psicólogo russo Lev Vygotsky no século XX, durante a Revolução Russa, essa abordagem fundamenta-se em princípios marxistas, segundo os quais o ser humano se diferencia dos demais animais por construir relações histórico-sociais e por compreender as consequências de seus atos, capacidade descrita como “experiência duplicada”, conforme Karl Marx (Veer e Valsiner, 2010).

Nesse sentido, entende-se que a perspectiva Sócio-histórica traz uma visão do indivíduo a partir de seu contexto social, considerando-o um agente ativo em constante interação com o meio, sendo simultaneamente produto e produtor da sua realidade. Assim, a dimensão

psicológica só pode ser compreendida por meios dos aspectos sociais, culturais e individuais que formam cada ser humano (Goes, 2000), o que implica uma mudança na responsabilização exclusiva do sujeito por suas dificuldades, reconhecendo a influência do contexto como fator atuante em sua trajetória de vida.

Após o entendimento desse arcabouço teórico, foi possível adentrar nas práticas do psicólogo escolhido. Durante a entrevista, o profissional relatou que o espaço da instituição em que ele atua está localizado em uma região com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), indicador que avalia as dimensões básicas de saúde, educação e renda de um território. Além disso, a área é marcada pela presença de facções rivais, o que gera uma constante preocupação entre os moradores locais quanto à possibilidade de retaliações dos grupos criminosos caso se desloquem até a instituição, temendo adentrar na região controlada pela facção inimiga.

Ainda, dentro desse cenário, foi percebido pelas acadêmicas do relato vigente que é indispensável adentrar os contextos vivenciados pela comunidade, assim como, considerar as experiências contextuais e históricas que permeiam a vida desses indivíduos. Assim, a reflexão acerca dessa percepção é que todas as atividades elaboradas pela psicologia, na área social, devem ter foco total nas demandas que os indivíduos trazem, sempre conscientizando sobre as possibilidades existentes na sua própria realidade. Dessa forma, há um destaque dessa visão para nossa formação, apontando que a psicologia social, da mesma forma que o



na psicologia Sócio-histórica, necessita potencializar a construção da realidade, por meio da conceitualização e politização, ou seja, entendimento das determinações culturais que permeiam a sociedade e os indivíduo (Vygotsky, 2004).

Nesse contexto, alinhado à visão da Psicologia Sócio-histórica, o psicólogo comentou para nós que percebe como o sujeito molda e é moldado pelos acontecimentos do território, e fez referência à Zona de Desenvolvimento Proximal, destacando como as situações que estão próximas a nós, influenciam diretamente nossos atos. Esse comentário está relacionado ao fato de que, quando ocorre um tiroteio na região, o profissional sabe que será uma questão frequentemente abordada durante os atendimentos psicossociais ou, até mesmo, um fato que pode reduzir o número de pessoas que comparecem no dia, devido ao medo e insegurança.

Ademais, ao perguntamos ao psicólogo sobre as principais diferenças entre teoria e prática em sua vivência, ele nos respondeu que “a parte teórica não vai te dizer que você vai ser ameaçado por estar naquele território, não diz que você vai correr riscos”. Ele ainda acrescentou

que os livros não oferecem um guia completo, sendo construções idealizadas com referências teóricas valiosas, mas que na prática, nem tudo aquilo pode ser aplicado diretamente. Essa constatação nos levou a refletir sobre a necessidade de adaptações constantes das teorias à realidade local, considerando que a visão Sócio-histórica, por ser uma abordagem desenvolvida fora do contexto brasileiro, não contempla totalmente as complexidades territoriais do país.

Sob esse prisma, a partir das observações nos atendimentos psicossociais na instituição, notamos que os indivíduos não são influenciados somente pelos processos de maturação biológica, a situação social vivenciada pelos indivíduos periféricos relacionada ao acesso à educação, à saúde, à moradia e ao trabalho, são restrições que interferem nas possibilidades dos grupos desenvolverem-se dentro do seu próprio contexto e nas soluções para suas demandas (Rodrigues e Sousa, 2016, p. 245). Durante as práticas, foi percebido como os projetos sociais e o profissional da estrutura governamental alavanca processos assistenciais para promover a potência periférica. Dessa maneira, nós estudantes, problematizamos a psicologia social contemporânea, a fim de encontrar dentro de seus saberes teóricos uma possível colaboração com o processo emancipatório e com o desenvolvimento humano em áreas periféricas.



acompanhamento das atividades da instituição, foi possível percebermos a psicologia social e o psicólogo inserido dentro desse território como um elemento potencializador que enxerga os indivíduos, como já supracitado, sendo produto e produtor do contexto contemporâneo (Vygotsky, 2009; 2007). Dessa forma, é válido reforçarmos a significância de explorar no âmbito social a criatividade e a autonomia dos indivíduos de periferia, pois, é desse modo que a práxis vista fora da teoria – o indivíduo conseguir, de certo modo, mudar sua realidade com aquilo que tem – se efetiva nas vidas existentes na comunidade. Contudo, refletimos como a prática do psicólogo é um intermédio para essa concretização, tanto por meio de encaminhamentos, informações e acolhimentos quanto pela promoção da saúde mental e colaboração no desenvolvimento de possibilidades nesse território.

Essa realidade evidenciada durante a entrevista e observação com o psicólogo, reforça para nós a importância de considerar as especificidades territoriais e socioculturais na atuação profissional. Além de que valorizar os atendimentos psicossociais gratuitos é essencial, pois são importantes instrumentos de amparo e transformação social para indivíduos em situação de vulnerabilidade. No entanto, é preciso compreender a necessidade de pressão sobre os meios governamentais para o enfrentamento da violência e da desigualdade socioeconômica,

reconhecendo que, segundo o entrevistado, parte do sofrimento psíquico desses sujeitos decorre de fatores estruturais que ultrapassam sua capacidade individual de controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as mais diversas contribuições desta atividade para nossa formação acadêmica, temos, com essa oportunidade, a capacidade de compreender uma realidade periférica aos olhos da psicologia Sócio-histórica, além de trazer a luz que a vulnerabilidade social não é vista somente redutível à pobreza, mas sim que há vivência de diversas dificuldades de inserção social e de outras dificuldades nos mais diversos âmbitos sociais e subjetivos.

Dessa forma, a prática nos proporciona entendimento de como a Psicologia Sócio-histórica se entrelaça na área social e nas necessidades da população periférica, que proporciona a psicologia saberes para um futuro emancipatório, uma vez que compreendemos como o psicólogo da instituição trabalha com a população dentro de territórios facionados, no qual atende demandas sociais e psicológicas existentes, além de obtermos contato com demandas reais de uma comunidade.

Por fim, as limitações desta pesquisa relacionam-se ao fato de nos encontrarmos nos





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

o que comprometeu uma compreensão completa da área, bem como a assimilação de conceitos específicos da abordagem teórica adotada. Nesse sentido, a realização de pesquisas exploratórias e o suporte obtido com os docentes constituíram os principais instrumentos de apoio para a interpretação adequada das informações obtidas.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Ana Flávia de Sales; RODRIGUES, Divino de Jesus da Silva; ARPINI, Dorian Mônica. Juventudes e políticas públicas. In: MOREIRA, M. I. C.; SOUSA, S. M. (orgs.). **Psicologia sócio-histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, p. 325-355, 2022.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, p. 100-113, 2008.
- LIMA, Paula Márcia de; CARVALHO, Carolina Freire de Carvalho de. A Psicoterapia Sócio-histórica. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, p. 154-163, 2013.
- SAWAIA, Bader Burihan; MAHEIRIE, Kátia. A Psicologia Sócio-histórica: um referencial de análise e superação da desigualdade social. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 1-3, 2014.

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA BRASILEIRA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL

Tiago Montezuma Mendes Pereira

Discente - Centro Universitário Unifametro
tiagomontezuma09@gmail.com

Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira

Docente – Centro Universitário Unifametro
zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Diana Maria Cavalcante Moraes

Docente – Centro Universitário Unifametro
diana.morais@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia Social e Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: O cinema é concebido como a “arte da representação e da significação”, o veículo das representações da qual os sujeitos constroem suas identidades e interpretam as identidades dos outros. Os meios de comunicação e as artes, atualmente, são importantes mediadores de representações que perpassam o social, e que com isso ajudam a produzir discursos em torno da identidade cultural de um grupo. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é discutir a importância do cinema brasileiro na formação de identidade cultural nacional, a partir



as. **Método:** Este estudo foi desenvolvido utilizando o método de revisão bibliográfica, e consiste na análise de produções acadêmicas e científicas previamente publicadas sobre a área de psicologia social e sua relação com a arte cinematográfica, com os descritores: ‘cinema’, ‘identidade’, ‘representação social’. **Discussão:** Há um desafio de discussão identitária, que exige que se abram espaços de interlocuções permanentes com outras disciplinas. O cinema é uma ferramenta de representação que pode moldar a percepção social das pessoas, influenciar a sensibilidade e contribuir para a transformação dessa sociedade. **Considerações finais:** Podemos relacionar que a sétima arte pode servir de palco para o desencadeamento de manifestações de troca entre esta mesma e as relações sociais. A partir dessas obras, podemos nos sentires representados como um cinema próprio, que necessita cada vez mais de divulgação para conhecermos mais da nossa história enquanto nação.

Palavras-chave: Cinema; Identidade; Representação social; Psicologia Social.

INTRODUÇÃO

O cotidiano sempre foi uma inspiração fundamental para o cinema - máquina de sonhos, de identidades e representações de uma cultura. O cinema é concebido como a “arte da representação e da significação”, o veículo das representações que uma sociedade dá a si mesma e a partir da qual os sujeitos constroem suas identidades e interpretam as identidades dos outros (AUMONT, 1995). A identidade é sempre em parte uma narrativa, e em parte um tipo de representação, a qual está sempre dentro desta (HALL, 2001).

Os meios de comunicação e as artes, atualmente, são importantes mediadores de representações que perpassam o social, e que com isso ajudam a produzir discursos em torno da identidade cultural de um grupo. Dentro destes meios, os audiovisuais são os mais comumente consumidos. Surge, então, a necessidade de refletir sobre os discursos identitários que perpassam estes meios (ROSSINI, 2005).

Segundo Roger Chartier (2002, p.165), que descreve a utilização do cinema como uma representação social, utilizando-se do conceito difundido de várias maneiras, como “uma noção que permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais”.

O próprio termo “*representar*” permite ser traduzido como o ato de criar ou recriar um determinado objeto, dando-lhe uma nova significação, um outro sentido. As representações formam, segundo Jodelet (2001), um sistema, e quando compartilhadas pelos membros de um grupo, possibilitam o aparecimento de uma visão mais ou menos consensual da realidade. Ora, se há uma visão que decorre dessa nova apreensão da realidade, há, uma imagem, entendida aqui como elemento que busca no estatuto da imaginação seu próprio lugar de articulação; uma consciência, que Deleuze (1985) conecta, no universo cinematográfico, ao papel da câmera.

Pensar nos aspectos de representações sociais e produção identitária no contexto



Exaustiva e incansável busca pela compreensão de significados assumidos e adjudicados pelos indivíduos às transformações experienciadas ao longo de suas vidas e, ainda, um dos maiores desafios teóricos da atualidade para as diferentes áreas das ciências humanas. No contexto de uma Psicologia Social Crítica, este debate toma especial relevância, pois infere à realização de análises das relações estabelecidas entre o indivíduo e seu contexto social (ALMEIDA, 2005; MIRANDA, 2011). Logo, tem-se uma relevância sobre a pesquisa bibliográfica do assunto, a partir da ótica artística cinematográfica sobre os processos de representação social e sua decorrente produção identitária. Como o cinema consegue contribuir para construção dessa identidade nacional? Temos como fator atualmente, inclusive, de alta do cinema brasileiro após representações do Brasil no Oscar e não somente passar a imagem da nossa cultura para o estrangeiro, mas para nós mesmos, enquanto povo e nação.

O objetivo geral deste trabalho, portanto, é discutir a importância do cinema brasileiro na formação de identidade cultural nacional, a partir das representações sociais construídas. Dessa maneira, especificamente, pretende-se compreender a ligação existente entre cinema e relações sociais.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido utilizando o método de revisão bibliográfica, e consiste na análise de produções acadêmicas e científicas previamente publicadas sobre a área de psicologia social e sua relação com a arte cinematográfica. Segundo Cavalcante e Oliveira (2020), os estudos de revisão bibliográfica caracterizam-se pelo uso e análise de documentos de domínio

científico, tais como artigos, livros, teses, sem recorrer diretamente aos fatos empíricos. Utilizando, portanto, fontes secundárias, ou seja, contribuição de outros autores sobre um certo tema. Buscou-se aprofundamento e fundamentação teórica através de buscas nas bases Psico-Periódicos de Psicologia, SciELO e Google Acadêmico. Os descritores utilizados para as pesquisas foram: ‘cinema’, ‘representação social’, ‘psicologia social’, ‘identidade’.

Os critérios de inclusão utilizados para a elaboração da pesquisa foram: tratar-se de um artigo em português, texto completo e possuir estruturas referenciais que estejam de acordo com a temática a ser pesquisada. Não somente teorias de cinema por si só, mas com relação evidente com causas sociais. Já como critérios de exclusão foram usados: não possuir



não ser artigos escritos em português e não possuir estreita relação com o tema pesquisado.

Foram selecionados vinte artigos com base em sua relevância, que foi definida através do objetivo que deveria estar alinhado com o objeto de estudo, assim como a necessidade de estarem apresentados em forma de texto completos e na língua portuguesa. Em seguida, os estudos escolhidos foram submetidos a uma análise descritiva, com objetivo de descrever e resumir as características principais de um conjunto de dados, dividindo-os nas seguintes categorias: definição de representações sociais, linguagem, cinema e sua ligação com as causas sociais, e a partir disso poder gerar sua consequência de produção identitária. Alguns trechos foram utilizados com base em livros de psicologia social, como de Antônio da Costa Ciampa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As representações sociais, segundo definição clássica apresentada por Jodelet (1985), são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, consequentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos: imagens, conceitos, categorias e teorias. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação.

Deste modo, as representações são fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo e linguagem, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam. Estas representações podem ser trabalhadas inclusive de maneira interdisciplinar (SPINK, 1993), como a própria arte cinematográfica.

No que se trata de linguagem, em específico, esta é um produto de uma coletividade. Reproduz através do significado das palavras articuladas em frases os conhecimentos e os valores associados a práticas sociais que cristalizaram, ou seja, a linguagem reproduz uma visão de mundo, produto das relações que se desenvolveram a partir do trabalho produtivo para a sobrevivência do grupo social. Sob essa perspectiva, qualquer análise da linguagem implica considerá-la como produto histórico de uma coletividade (Ciampa et. al, 2012).

O cinema é compreendido como uma linguagem imagética constitutiva do tecido



inário do cineasta e suas representações sociais do cotidiano vivido com as tensões, conflitos e embates da realidade nesse âmbito, assim como a construção dos personagens e de suas múltiplas tramas são representações de mundo do cineasta que demonstram seus valores, comportamentos, sentimentos e até mesmo ideologias (AVELINO e FLÓRIO, 2013).

A reprodução de ideologia como produto subjetivo de ação-pensamento tem, necessariamente, suas raízes históricas, na medida em que a linguagem presente no pensar é um produto do grupo social ao qual o indivíduo pertence, mediando relações sociais e reproduzindo, no conjunto de seus significados, a ideologia do grupo dominante e suas manifestações específicas no grupo social ao qual o indivíduo está inserido (Ciampa et. al, 2012).

É através dos discursos, incluso nessas ideologias, das imagens e das mensagens midiáticas que as representações sociais circulam e é neles que acontece o que Jodelet (2001) chama de “cristalização de condutas”. Essas condutas seriam materializadas na linguagem e seriam estruturadas a partir da articulação de elementos tanto afetivos quanto mentais e sociais que, integrados, passariam a afetar, por sua vez, a realidade material, coletiva e ideativa.

Novamente abre-se um lugar para o cinema, nesse quesito. Toda obra cinematográfica vem carregada de ideologia e encontra um espectador que também carrega consigo toda uma história de vida, sua própria maneira de decodificar os sentidos produzidos pela obra, de compreender, assimilar e reproduzir uma ideologia. É justamente na elaboração de um discurso particular possibilitado pela relação da câmera com o sujeito, que podemos identificar os artifícios de uma linguagem própria à sétima arte e, conseqüentemente, toda uma carga ideológica reproduzida por ela (CODATO, 2010).

No que se refere a uma corrente cinematográfica em tempos modernos, como o Cinema

Novo, para este importava sobretudo retratar a realidade social e cultural do país, refletindo sobre a sua condição de subdesenvolvimento e propiciando a expressão de uma identidade nacional. Conforme analisa Simonard (2003), o Brasil era visto como um país colonizado culturalmente, característica que também se refletia nas produções cinematográficas.

Desse modo, o mais importante seria fugir dos padrões estrangeiros, mostrando que é



...o custo e de boa qualidade. Com o lema “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, os entusiastas do Cinema Novo voltavam-se principalmente para a realidade brasileira, utilizando cenários muito simples e poucos recursos visuais. As filmagens muitas vezes eram feitas em preto e branco, privilegiando o jogo de sombras e os contrastes da imagem. Um dos filmes mais representativos desse período é “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, dirigido por Glauber Rocha. Ao lado de “Vidas Secas”, de Nelson Pereira dos Santos, “Deus e o Diabo na Terra do Sol” teve grande repercussão no Festival de Cannes em 1964 (SOUZA, 2011).

Como início da discussão, foram utilizadas referências do autor Antônio da Costa Ciampa, em seus trabalhos dos anos 80. Este sustenta a identidade como um processo inescapável de transformações, ou seja, compreende o sujeito através do crivo materialista histórico, subvertendo uma tradição substancialista do conceito, que mantinha até então a ideia de “permanência e unicidade do ser” (Ciampa, 1984; Almeida, 2005).

A partir dessas questões relatadas, há um desafio de discussão identitária, que exige que se abram espaços de interlocuções permanentes com disciplinas afins e múltiplos autores, tendo em vista a complexidade do fenômeno e sua característica multifacetada. Tentar compreender os sujeitos através desta teoria implica em acompanharmos as constantes mudanças e as diferentes representações (MIRANDA, 2014).

O cinema é uma ferramenta de representação social que pode moldar a percepção social das pessoas, influenciar a sensibilidade e contribuir para a transformação dessa sociedade. Retrata diferentes realidades, traz à tona questões sociais importantes e consciência desses assuntos, influencia a forma como as pessoas enxergam determinados grupos sociais, além de contribuir para a formação do imaginário coletivo e de construção de um processo de identidade nacional.

As formas de representações instrumentalizadas na linguagem cinematográfica facilitam o processo de reflexão identitária, por contribuir para a formação do imaginário coletivo através dos processos de representações sociais presentes no discurso fílmico (PIRES e SILVA, 2014).

O desafio da discussão identitária e representações sociais também exige que se abram espaços de interlocuções permanentes com disciplinas afins e múltiplos autores, tendo em



meno e sua característica multifacetada (MIRANDA, 2014). Neste sentido, podemos salientar a importância do cinema no trabalho e construção dessa identidade brasileira, através de suas representações sociais. Mas mesmo a partir dos conceitos de identidade de Antônia da Costa Ciampa, nenhuma identidade é fixa, e sim mutável, passando sempre por metamorfose. Os indivíduos mudam, e o jeito como cada população se vê, vai mudando com o passar dos tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sociais são caracterizadas pelas trocas existentes entre indivíduo e sociedade, auxiliam no processo de identidade cultural e pertencimento a um grupo ou nação. Podemos relacionar que a sétima arte pode servir de palco para o desencadeamento de tais manifestações de troca: a arte cinematográfica e as relações sociais. Além disso, cada obra cinematográfica é fruto de seu tempo, e carrega consigo aspectos culturais, socioeconômicos, ideológicos e mesmo subjetivos dos artistas realizadores, principalmente seus diretores. Movimentos modernos no cinema brasileiro, como o cinema novo, trazem diferentes aspectos que juntos trazem a retratação do Brasil e seus aspectos únicos, sejam culturais como sociais, sem esconder nossa realidade. Dependendo de cada localidade de produção, podemos verificar aspectos regionais bem evidentes. A partir desses elementos, podemos nos sentiremos representados como um cinema próprio, nacional, rico e diverso, que necessita cada vez mais de divulgação para conhecermos mais da nossa história enquanto nação. Além disso, o conceito de identidade não é fixo, então sempre estamos em constante mudança, e o cinema é justamente essa arte que nos acompanha historicamente.

REFERÊNCIAS

- Almeida, J. A. M. **Sobre a anamorfose: identidade e emancipação na velhice**. (Tese de Doutorado não-publicada). Programa de Estudos Pós- Graduação em Psicologia Social, São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- AUMONT, Jaques et al. **A estética do filme**. Campinas: Papirus Editora, 1995.
- AVELINO, Yvone dias. FLÓRIO, Marcelo. História cultural: o cinema como representação da vida cotidiana e suas interpretações. **Projeto História**, São Paulo, n. 48, Dez. 2013.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. DIFEL, 2002.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CODATO, H. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**, XXIX(55):47-56, janeiro-abril, 2010.
- DELEUZE, G. A imagem-tempo. São Paulo, Brasiliense, 338 p., 1985.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

- de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: **Vozes**, 2001.
- JODELET, D., 1985. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: **Psicologia Social** (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos, 1985.
- JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro, UERJ, 420 p., 2001.
- MIRANDA, S. F. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5 - n. 2, p. 124-137, jul./dez. 2014.
- Miranda, S. F. . Identidades de Afro- -descendentes: resistência e preconceito como motores de um processo em produção. Recife: ABRAPSO, 2011.
- PIRES, M. C. F.; SILVA, S. L. P. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Imagens & Palavras** • Educ. Soc. 35 (127) • Jun 2014.
- ROSSINI, M., S. Discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90. **Revista FAMECOS** • Porto Alegre • nº 27 • agosto 2005.
- SIMONARD, Pedro. Origens do cinema novo: a cultura política dos anos 50 até 1964. **Revista achegas**, n. 9, jul. 2003.
- SOUZA, T. E. S. Entre o mar e o sertão: uma análise da narrativa de “Deus e o Diabo na Terra do Sol. **Ecovale**, Juazeiro – BA, 2011.
- SPINK, M.,J.,P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pú**

RESILIÊNCIA DE PACIENTES ONCOLÓGICOS FRENTE AO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À DOENÇA: UMA REVISÃO





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

INTEGRATIVA

Camilly Byanca de Sousa Aguiar

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
camilly.aguiar01@aluno.unifametro.edu.br

Dayane Natali Teixeira de Farias

Discente - Centro Universitário Fametro – Unifametro
dayane.farias@aluno.unifametro.edu.br

Juliana Magna Costa Silva

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
juliana.silva09@aluno.unifametro.edu.br

Francisca Fernanda Barbosa Oliveira

Docente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
fernanda.oliveira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: A resiliência, compreendida como a capacidade de adaptação frente as diversidades, é crucial no contexto do câncer, auxiliando no enfrentamento de desafios físicos, psicológicos e sociais impostos pela doença. Estas são influenciadas por fatores de proteção e vulnerabilidade, sendo essencial a compreensão das individualidades para promover um enfrentamento eficaz. **Objetivo:** Relatar, por meio de uma revisão integrativa de literatura, o papel da resiliência de pacientes oncológicos frente ao processo de adaptação à doença. **Métodos:** Realizou-se o levantamento nas bases de dado: *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Selecionam-se artigos em português (BR), disponíveis na íntegra entre os últimos cinco anos, excluindo qualquer tipo de revisão. A seleção, feita por leitura de títulos e resumos, totalizou 6 artigos, sendo 2 na SciELO e 4 na BVS. **Resultados:** A análise dos estudos evidenciou a complexidade da experiência de pacientes oncológicos, sua capacidade de resignificação e a influência de fatores psicológicos, sociais e culturais no processo de adaptação e enfrentamento. O sofrimento psíquico no período do diagnóstico impacta a resiliência, enquanto fatores como o apoio social e a forma de lidar com o estresse podem fortalecê-la. Atividades como a música emergem como ferramentas para elaboração desse processo. **Considerações finais:** A experiência do paciente oncológico é multifacetada e marcada por diferentes formas de sofrimento psíquico. A resiliência, nesse contexto, é um processo dinâmico influenciado por fatores psicológicos, sociais e culturais. A pesquisa, apesar das limitações, aponta para a necessidade de futuras investigações na área. **Palavras-chave:** Resiliência; Oncológico; Diagnóstico; Enfrentamento.

INTRODUÇÃO

O estudo da resiliência tem ganhado crescente destaque na psicologia, com diferentes perspectivas teóricas buscando compreender como os indivíduos se mantêm saudáveis e se adaptam diante de adversidades significativas (Guambe, 2024). A origem desse conceito inicialmente vem da física, o qual seria a capacidade de corpos elásticos, após a deformação, retornarem ao estado normal. A psicologia, por sua vez, apropriou-se do termo e designou um significado mais complexo e adaptado às questões humanas, referindo-se à capacidade dos indivíduos de manterem-se saudáveis e adaptados apesar da exposição a adversidades

significativas (Brandão; Gianordoli-Nascimento; Mahfoud, 2011). Essa capacidade de



mente relevante no contexto de doenças crônicas e potencialmente ameaçadoras à vida, como o câncer (Guambe, 2024).

O câncer, reconhecido como um problema de saúde pública global (Lorenzoni, A.M.V; Santos J.M.A; Tigre A.H, 2022), impõe uma série de desafios aos indivíduos, tanto em níveis físicos quanto em níveis psicológicos e sociais. O diagnóstico e o tratamento oncológico exigem dos pacientes a capacidade de adaptação para lidar com sintomas, efeitos colaterais, mudanças na rotina e incertezas em relação ao futuro. Nesse cenário, a resiliência emerge como um fator psicológico crucial para facilitar esse processo (Guambe, 2024; Dib et al., 2022).

Além disso, a capacidade de adaptação e resiliência no contexto oncológico são influenciadas por uma complexa interação de fatores de proteção e vulnerabilidade. Fatores de proteção como o apoio familiar, o acesso adequado ao atendimento psicológico e até mesmo a comunicação clara entre os profissionais da saúde contribuem para fortalecer a resiliência dos pacientes. Enquanto a dificuldade de lidar com a finitude, a falta de humanização no atendimento e o tratamento tardio podem contribuir para aumentar o estado de vulnerabilidade desse paciente, enfraquecendo a sua resiliência (Guambe, 2024; Dib et al., 2022).

Nessa análise, é essencial considerar a natureza biopsicossocial do ser humano. Cada paciente é único e passa por diferentes experiências. Por isso, compreender essas individualidades é crucial para promover uma adaptação mais eficaz e fortalecer a resiliência no enfrentamento ao câncer (Guambe, 2024; Dib et al., 2022). Diante do cenário apresentado torna-se relevante estudar a resiliência no processo de adaptação ao diagnóstico de câncer, para compreensão dos mecanismos pelos quais os pacientes desenvolvem e utilizam sua resiliência. Isso pode auxiliar no desenvolvimento de intervenções psicológicas mais eficazes, que promovem o bem-estar e a qualidade de vida não só do paciente, mas de todos aqueles que são atravessados pelo processo de diagnóstico e adoecimento (Guambe, 2024; Dib et al., 2022).

Dessa forma, diante do exposto, o objetivo do presente estudo é descrever, por meio de uma revisão integrativa de literatura, o papel da resiliência de pacientes oncológicos frente ao processo de adaptação à doença.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa de literatura de cunho qualitativo. O levantamento de dados deu-se nas seguintes bases de dados: *Scientific*



SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a partir dos seguintes

descritores: Resiliência *and* Câncer *and* Diagnóstico, Adaptação *and* Câncer *and* Psicologia, Resiliência OR Pacientes OR Câncer AND Diagnóstico OR Adaptação, Resiliência OR Pacientes OR Câncer.

A coleta de dados ocorreu em abril de 2025. Foram selecionados artigos no idioma português (BR), disponíveis na íntegra entre os últimos cinco anos. Excluíram-se pesquisas de qualquer tipo de revisão. Além desses critérios utilizados, também foram selecionados por meio da leitura do título e resumo, o qual totalizou 6 artigos, sendo 2 na *SciELO* e 4 na BVS, os quais podem ser observados na tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Categorização dos estudos recuperados quanto a título, autoria e ano.

TÍTULO	NOME DOS AUTORES	ANO DO ARTIGO
Do começo ao fim, caminhos que segui: itinerários no cuidado paliativo oncológico.	ABRAHÃO, A.L.; RODRIGUES, D.M. de V.; LIMA, F.L.T	2020
Pacientes com câncer e suas representações sociais sobre a doença: impactos e enfrentamentos do diagnóstico.	DIB, R. V; GOMES, A. M. T; RAMOS, R. S.; FRANÇA, L. C. M.; PAES, L. S.; FLEURY, M. L. O.	2022
Música como recurso de enfrentamento em pacientes oncológicos e familiares.	FRIZZO, N.S.; SOUZA, A. Z. C.; MULLER, A.P.W.C.; OZI, A.M.	2020
Vivências psicológicas em doentes oncológicos e mecanismo de enfrentamento.	GUAMBE, T. M.; MAZUZE, B. S. D.; MAZUZE, A. J. C.; MANHIQUE, A. M. Z. N; POLEJACK L.	2024
Autoimagem e resiliência de pacientes oncológicos.	LINS, F.G.; SOUZA S. R.; SÓRIA D. A. C.; NASCIMENTO H. B.	2020



mecanismos de defesa em pacientes com câncer em quimioterapia ambulatorial.	LORENZZONI, A.M.V.; SANTOS, J. M A; TIGRE A. H.	2022
---	---	------

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise dos seis estudos (Guambe *et al.*, 2024; Dib *et al.*, 2022; Lorenzzoni, A.M.V; Santos J.M.A; Tigre A.H, 2022; Abrahão; Lima; Rodrigues, 2020; Frizzo *et al.*, 2020; Lins *et al.*, 2020) observou-se a complexidade da experiência de pacientes oncológicos diante do diagnóstico e tratamento do câncer, como também a capacidade de resiliência frente às adversidades impostas pela condição oncológica. Constatou-se a influência de fatores psicológicos, sociais e culturais que contribuem para moldar o processo de adaptação, resiliência e enfrentamento da doença.

A resiliência, compreendida como a capacidade dos indivíduos de manterem-se saudáveis e se adaptarem diante às adversidades significativas como o câncer, revela-se de maneira crucial no processo de diagnóstico oncológico (Guambe, 2024). Essa capacidade pode se manifestar de diferentes formas ao longo de todo o processo de diagnóstico, como na busca ativa do paciente por informações claras, na tentativa de compreender a complexidade da sua nova condição de saúde e na superação de barreiras que podem surgir ao longo do processo (Abrahão; Lima; Rodrigues, 2020). Além disso, a capacidade de desenvolver estratégias de enfrentamento e resiliência não ocorre em um momento único, mas se molda singularmente a história e a realidade de cada paciente (Guambe, 2024; Dib *et al.*, 2022).

Conforme Mechanic e Volkart (1961) apud Abrahão; Lima; Rodrigues (2020) os precursores do conceito de itinerário terapêutico, cada paciente percorre um caminho singular na busca pelo cuidado oncológico desde a percepção inicial da enfermidade até o acesso ao serviço de saúde e formas de cuidado. O itinerário é construído a partir de contextos sociais e marcado por decisões pessoais, barreiras institucionais e possibilidades de acesso ao cuidado (Abrahão; Lima; Rodrigues, 2020).

O paciente é responsável por trilhar esse caminho, mas, muitas vezes, encontra nesse itinerário barreiras que dificultam o estabelecimento do diagnóstico e o tratamento pela ausência de cuidado desse indivíduo que não é só um corpo adoecido, mas um ser integral, um



o das experiências. A resiliência pode ser observada na persistência do paciente em face dessas barreiras, na sua capacidade de encontrar alternativas e de se manter engajado no processo de cuidado (Abrahão; Lima; Rodrigues, 2020).

O período entre a suspeita e confirmação diagnóstica é marcado por sofrimento psíquico caracterizado por medo, tristeza, ansiedade e incerteza em relação ao futuro. Essa angústia pode ser agravada pela demora na obtenção de um diagnóstico claro e pela falta de clareza nas

informações fornecidas, o que prolonga o período de apreensão e dificulta o início do processo

de adaptação e de resiliência do paciente (Guambe *et al.*, 2024; Dib *et al.*, 2022).

A demanda do sofrimento psíquico pode ser de tamanha intensidade, acarretando sintomas depressivos e ansiosos. De acordo com o estudo de Lorenzoni, A.M.V; Santos J.M.A; Tigre A.H (2022), em uma pesquisa com 55 participantes de quimioterapia ambulatorial, sendo em sua maioria mulheres, observou-se uma correlação negativa dos níveis depressivos e ansiosos com a capacidade de resiliência. Conclui-se que questões psíquicas influenciam no enfrentamento e na adesão ao tratamento do câncer. Em contrapartida, a pesquisa constatou que o tratamento é um fator que contribui para o desenvolvimento da resiliência, juntamente à forma que o paciente lida com a situação estressora. Portanto, os fatores protetores podem existir em diferentes situações a depender do paciente oncológico e do seu processo adaptativo.

Ao apresentar sofrimento pelo processo de diagnóstico, sintomas físicos podem se agravar devido às questões emocionais. Os pacientes oncológicos estão vulneráveis a fatores que podem levar ao sofrimento psíquico, como a demora de descoberta do câncer e a falta de clareza do diagnóstico, consequentemente, sintomas físicos podem se agravar devido às questões emocionais, além da severidade da doença que pode modificar a aparência do paciente, o que é um fator determinante em relação à resiliência, principalmente para mulheres, em relação à imagem corporal (Dib *et al.*, 2022; Lins *et al.*, 2020).

Além disso, há a associação da doença à morte que gera uma baixa adaptação e reduz o potencial de resiliência. Em contrapartida, família, amigos e a fé são fatores de proteção que influenciam diretamente no enfrentamento da doença e no potencial de vida. A resiliência se manifesta na busca por apoio social, na maneira como o paciente lida com as mudanças em sua imagem corporal e na capacidade de encontrar significado e esperança apesar da



(Dib *et al.*, 2022; Lins *et al.*, 2020).

É nesse cenário que também emerge como um recurso terapêutico no fortalecimento da resiliência de pacientes oncológicos a atividade musical coletiva para despertarem e elaborar

suas dimensões subjetivas e ressignificar as emoções e o sentido da vida. Conjuntamente a esse processo de elaboração surge o desafio cotidiano do tratamento quimioterápico, no qual o paciente deve buscar uma nova compreensão sobre suas experiências e enfrentar as adaptações necessárias a esse momento (Frizzo *et al.*, 2020).

A música, através de uma ação reflexiva das canções, pode contribuir para o aumento da autoestima e do bem-estar dos pacientes. Ao compartilharem suas experiências em grupo, os

pacientes encontram na música um espelhamento de vivências semelhantes do câncer, o que possibilita a exploração de ideias e pensamentos (Frizzo *et al.*, 2020). Nota-se, portanto, que pacientes oncológicos sofrem diversas implicações psicossociais advindas do processo de adoecimento que nesse contexto exigem dele respostas adaptativas. (Lins *et al.*, 2020). Com isso, faz-se necessário o aprofundamento de estudos sobre a resiliência de pacientes oncológicos frente à doença, visto que existem poucas pesquisas na área de atuação do psicólogo com relação a essa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, observou-se uma perspectiva multifacetada da experiência do paciente oncológico. A resiliência nesse contexto, é um processo dinâmico, influenciado por diversos fatores psicológicos, sociais e culturais e não como um traço fixo. Esses resultados evidenciam que a jornada do paciente transcende a resposta biológica à doença, englobando dimensões subjetivas que moldam a adaptação do indivíduo.

Consta-se então a importância de compreender as diferentes formas de sofrimento psíquico atreladas à jornada individual e subjetiva de cada paciente, pois é um aspecto central na vivência do câncer. A intensidade e a persistência desse sofrimento impactam diretamente a resiliência e o bem-estar, reforçando a importância do suporte emocional e psicológico. Além disso, a identificação e compreensão dos fatores de proteção mostram-se fortalecedores da resiliência e a promoção desses recursos deve integrar o cuidado oncológico.

Os resultados dessa pesquisa não devem ser generalizados, visto que o estudo apresenta limitações na quantidade e na diversidade dos estudos, isso devido ao recorte



s pesquisadas. No entanto, além de destacar a importância da discussão das diferentes formas de resiliência no contexto oncológico, os estudos também apontam caminhos para futuras pesquisas nesta área.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, A.L.; RODRIGUES, D.M. de V.; LIMA, F.L.T. Do começo ao fim, caminhos que segui: itinerários no cuidado paliativo oncológico. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v.44, n.125, p. 349-361, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/S4zWRQTW9jSDKRW5NtnLXpm/?lang=pt>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

BRANDÃO, J.M.; GIANORDOLI-NASCIMENTO; MAHFOUD, M, I.F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**, v. 21, n. 49, p. 263-271, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/X8smHqGPJnV9jWTCYTmTmrx/>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

DIB, R. V. *et al.* Pacientes com câncer e suas representações sociais sobre a doença: impactos e enfrentamentos do diagnóstico. **Revista Brasileira de Cancerologia**, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1398723>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

FRIZZO, N.S. *et al.* Música como recurso de enfrentamento em pacientes oncológicos e familiares. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/V7JvhdtxKKbrw6vXyxsBrRR/?lang=pt>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

GUAMBE, T.M. *et al.* Vivências psicológicas em doentes oncológicos e mecanismo de enfrentamento. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1580729>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

LINS, F.G. *et al.* Autoimagem e resiliência de pacientes oncológicos. **Revista Online de Pesquisa: cuidado é fundamental**. p. 492-498, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1087561>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

LORENZZONI, A.M.V; SANTOS, J. M A; TIGRE A. H. Resiliência e mecanismos de defesa em pacientes com câncer em quimioterapia ambulatorial. **Revista Brasileira de Cancerologia**, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-13875>. Acesso em: 14 de abril de 2025.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

ESCUA PSICOLÓGICA NO AMBIENTE INSTITUCIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Christiane Dayana Vasconcelos Feijão Bezerra

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
christiane.bezerra@aluno.unifametro.edu.br

Rayanna Mayra Costa Xavier

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
rayanna.xavier@aluno.unifametro.edu.br

Vitória Raynara Dias Barbosa

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
vitoria.barbosa01@aluno.unifametro.edu.br

Olivia Lima Guerreiro de Alencar

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
olivia.alencar@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Trabalho na Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: A saúde mental no ambiente de trabalho é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. No contexto institucional, a escuta psicológica tem sido considerada uma estratégia de intervenção para contribuir na saúde mental do trabalhador. **Objetivo:** Realizar serviço de escuta psicológica com colaboradores de uma instituição pública. **Método:** Foram realizados atendimentos de escuta psicológica com funcionários que voluntariamente procuraram o serviço, cuja divulgação interna foi realizada pelo setor de gente e gestão. **Resultados:** A equipe de estagiárias identificou que a atividade de estágio realizada possibilitou o desenvolvimento de algumas competências humanas, consideradas extremamente relevantes para a prática clínica pretendida no futuro: 1. habilidades de empatia e acolhimento perante situações de sofrimento psíquico;



do do enquadre proposto pela instituição; 3. Habilidades éticas referentes a sigilo e registro de informações; 4. Compreensão sobre o sofrimento psíquico no contexto de trabalho. **Considerações finais:** A experiência foi significativa na construção de habilidades humanas como preparação para atuação futura no contexto clínico, visto que proporcionou contato direto com dilemas de sofrimento humano e aplicabilidade da teoria à prática.

Palavra-chave: Escuta Psicológica; Saúde mental; Instituição.

INTRODUÇÃO

O cuidado com a saúde mental no ambiente de trabalho tem se mostrado cada vez mais relevante, sendo considerado um dos pilares para o desenvolvimento humano, a produtividade e o bem-estar dos profissionais. Uma saúde mental preservada permite que o indivíduo lide com os desafios do cotidiano com resiliência, senso de propósito e capacidade de cooperação, aspectos essenciais em contextos institucionais e sociais. Conforme afirmam Dejours e Abdoucheli (1987), o sofrimento no trabalho não deve ser encarado como patologia em si, mas como uma expressão do enfrentamento subjetivo diante das exigências laborais. O trabalhador, ao transformar esse sofrimento em criatividade, é capaz de extrair prazer da atividade, desenvolvendo novas formas de agir e de se relacionar com suas funções.

Neste sentido, a escuta psicológica desponta como uma estratégia de intervenção relevante. Trata-se de um processo que oferece ao sujeito a possibilidade de compreender suas emoções, desenvolver autonomia e ampliar a consciência crítica sobre seus sentimentos, atitudes e relações interpessoais. De acordo com Dourado, Macêdo e Lima (2016), a escuta na prática psicológica caracteriza-se por um ouvir atento e qualificado, que permite ao indivíduo expressar-se livremente, construindo novos significados para sua vivência. Essa escuta, pautada no sigilo, na empatia e na ausência de julgamento, promove um cuidado humanizado e fortalece o vínculo terapêutico. No contexto organizacional, a escuta terapêutica não apenas acolhe, mas também orienta os trabalhadores, oferecendo um espaço seguro para reflexão e expressão emocional. Tal prática contribui para a melhoria das relações interpessoais, favorece o autoconhecimento e possibilita mudanças subjetivas que impactam diretamente no bem-estar individual e coletivo. Além disso, fortalece a cultura organizacional ao incentivar uma comunicação mais aberta e assertiva, bem como relações baseadas na confiança mútua. Com isso, a escuta qualificada é uma estratégia de cuidado nas ações desenvolvidas, pois nos espaços promovidos os participantes têm a oportunidade de compartilhar suas demandas pessoais e profissionais. Essa prática favorece o contato com a subjetividade do indivíduo, sendo caracterizada pela sensibilidade ao que é comunicado tanto verbal quanto não verbalmente, através de gestos, palavras, ações e emoções. SILVA, J.; SILVA, D. B.;



METODOLOGIA

Com isso, este trabalho teve como objetivo realizar ações de escuta psicológica para promover a saúde mental de colaboradores no ambiente de trabalho de uma instituição. Assim, a inserção da escuta psicológica em ambientes laborais, especialmente em instituições públicas de atendimento à população, representa um compromisso ético com o cuidado integral dos profissionais. Além de atender demandas emocionais muitas vezes silenciadas, essa prática fortalece o potencial humano e contribui para a construção de ambientes mais saudáveis, produtivos e acolhedores.

O serviço de escuta psicológica foi realizado numa instituição pública, voltada para realização de atividades socioeducativas com crianças e adolescentes. O objetivo principal foi a realização do Estágio Básico I, através da intervenção voltada para a escuta psicológica e promoção da saúde mental em ambiente de trabalho, direcionada para os funcionários da referida instituição. O projeto foi dividido em duas etapas: 1. atendimentos individuais e 2.

Oficina sobre autocuidado em saúde mental, elaborada a partir das demandas identificadas nos atendimentos individuais.

O ponto de partida para a iniciação do projeto, foi a visita ao equipamento da instituição para reconhecimento do território. Com a intenção de observar, conhecer o espaço e se familiarizar, dado que a sede citada é considerada a sede central, e seria o ambiente utilizado para a realização do projeto de intervenção. Foram efetuadas duas visitas para reconhecimento do local, a primeira ocorreu uma reunião com a supervisora de Estágio Básico, onde foi apresentado e detalhado como seria os próximos meses, ademais, a execução de todo o planejamento será em torno de 2 meses, visando atender o maior número de colaboradores possíveis.

A segunda visita no campo de estágio, ocorreu com a supervisão da gerente do equipamento. Foi apresentado todo o espaço, assim como alguns dos funcionários daquela instituição. Ficou claro o entusiasmo de cada colaborador diante da apresentação do projeto. Após o reconhecimento total do ambiente de estágio, houve uma reunião final com a psicóloga da instituição a fim de finalizarmos as ideias propostas para a intervenção, como também houve uma breve apresentação de cada estagiária.



tas, foi dado início a construção de um roteiro de entrevista, na qual foi desenvolvido em aulas de supervisão, com base nos aspectos psicodinâmicos do trabalho de Christophe Dejours (1987). Logo em seguida, foi necessária uma articulação com a parte administrativa da instituição, onde foi combinado os horários e o tempo para cada colaborador que fosse se inscrever na proposta de escuta Psicológica. Vale ressaltar que a instituição criou um formulário para que os seus funcionários pudessem se inscrever no horário mais adequado para eles. É importante destacar que o projeto é destinado para todas as unidades da instituição no município de Fortaleza, portanto, são mais de 300 funcionários, sendo assim estaria aberto para que todos pudessem se inscrever, tendo como sede principal a unidade central.

As escutas Psicológicas ocorreram no mês de abril e nas duas primeiras semanas do mês de maio de 2024, toda quarta – feira, iniciando -se às 8 horas e finalizando às 12 horas. A estimativa inicial foi a realização de 5 atendimentos por dia, com 40 minutos de sessão, se prolongando em até 50 minutos. Vale enfatizar que o roteiro citado, em cada atendimento teve uma adaptação, a fim de se encaixar nas demandas dos funcionários que se submeteram ao atendimento, cada pessoa poderia ser atendida até quatro vezes.

Salienta-se, que no início de cada sessão, os atendimentos seguiram o seguinte protocolo: a) apresentação breve dos componentes da equipe; b) Esclarecimento sobre as condições gerais do serviço de escuta psicológica; c) Aspectos éticos acerca do sigilo profissional; d) Duração e continuidade dos atendimentos. Naqueles casos em que foi necessário encaminhamento para psicoterapia, foi fornecido uma lista para a instituição, de alguns atendimentos com valores sociais e gratuitos em Fortaleza, para auxiliar a busca dos que se interessam em prosseguir com o atendimento. No final do ciclo do estágio, percebeu-se a demanda coletiva de conscientização sobre autocuidado e saúde mental, a qual foi atendida com uma palestra ministrada para participação livre de 150 funcionários da referida instituição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência no estágio básico em Psicologia, realizada em um serviço público institucional, possibilitou às estagiárias um contato direto com a realidade dos trabalhadores que compõem esse contexto, ampliando a compreensão sobre como as estruturas institucionais impactam diretamente na saúde mental. A escuta oferecida durante o plantão



Equipe de estagiárias que o sofrimento psíquico, muitas vezes, emerge das relações laborais e da sobrecarga imposta por dinâmicas organizacionais rígidas e pouco acolhedoras. Nesse processo, foi possível às estagiárias desenvolver habilidades fundamentais como empatia, escuta ativa e sensibilidade frente às singularidades de cada demanda.

Além disso, a vivência permitiu exercitar a articulação entre teoria e prática, favorecendo uma atuação mais crítica, fundamentada e ética. A supervisão constante contribuiu para a construção de um olhar clínico mais atento às nuances da escuta em contextos institucionais e reforçou a importância de procedimentos técnicos, como o registro adequado e a guarda responsável dos documentos gerados. Ao longo do estágio, foi notável o amadurecimento profissional das estagiárias, que passaram a reconhecer o valor da escuta como instrumento de acolhimento e cuidado, mesmo em contextos marcados por limitações estruturais.

Os resultados dessa vivência indicam que o estágio, além de espaço de aprendizado técnico, também se configura como território de construção ética e subjetiva para quem se forma na prática do cuidado psicológico. O projeto possibilita o desenvolvimento de habilidades clínicas, como empatia e escuta ativa, e promove reflexões importantes sobre a ética, o sigilo e os limites da atuação. Reconheço que uma das limitações do estudo está na

abrangência da intervenção, dado o tempo disponível e o número de profissionais na instituição.

Ainda assim, os resultados obtidos indicam que práticas como a escuta qualificada e a realização de oficinas sobre autocuidado fortalecem a saúde mental coletiva. Destaca-se, também, que o envolvimento institucional e o acolhimento das equipes foram fundamentais para a efetivação da proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir este trabalho representa um marco significativo na nossa trajetória acadêmica. A experiência vivida no Estágio Básico I permite compreender, de forma mais ampla, a relevância da escuta psicológica no ambiente institucional. Observo que o cuidado com a saúde mental dos trabalhadores deve ser parte integrante das ações em saúde, especialmente em espaços públicos. A vivência aponta para a necessidade de novos estudos e práticas que ampliem a compreensão sobre o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho e



em contextos organizacionais. A escuta, quando acolhedora e ética, revela-se como um potente instrumento de transformação subjetiva e fortalecimento institucional.

REFERÊNCIAS

- DEJOURS, C. (1987). A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo. Acesso em 30/04/2024. <https://scielo.br/j/pcp/a/R4yymBFkPGNFb3BSvXFnZzn/>.
- DOURADO, A.M., Macêdo, S., & Lima, D. (2016). Experienciando a escuta clínica no estágio em psicologia: um estudo fenomenológico. Em A.A.S. Sampaio, & D.H.P. Espíndula. Pesquisa e prática em psicologia no sertão (pp. 471-495). Brasília: Instituto Walden 4. Acesso em 28/04/2024
- SILVA, Jardson; SILVA, Dayse; NASCIMENTO, Lilia; ARAUJO, Rayssa. PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES DA SAÚDE: AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES COMO ESTRATÉGIAS DE CUIDADO. **ciência plural Revista**, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/365857365_PROMOCAO_DA_SAUDE_MENTAL_DOS_TRABALHADORES_DA_SAUDE_AS_PRATICAS_INTEGRATIVAS_E_COMPLEMENTARES_COMO ESTRATEGIAS_DE_CUIDADO. Acesso em: 25 abr. 2025.

PSICOEDUCAÇÃO EM ESTILOS PARENTAIS NA ADOLESCÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Caio Felipe Maia Oliveira

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

caiofelipemaiaoliveira@gmail.com

Bruno Nogueira Garcia

Docente - Centro Universitário Fametro – Unifametro

bruno.garcia@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: A adolescência é um período crítico do desenvolvimento humano marcado por intensas transformações emocionais, cognitivas e sociais, nas quais os cuidadores desempenham papel essencial na promoção da Saúde Mental. **Objetivo:** Compreender os efeitos das práticas de psicoeducação sobre estilos parentais na adolescência, com ênfase na promoção de Saúde Mental a partir da Terapia Cognitiva



trata-se de uma revisão narrativa que selecionou artigos científicos revisados por pares, entre 2014 e 2025, em inglês e português, nas bases de dados Scielo e PubMed e escolhidos segundo critérios de relevância temática para a TCC e qualidade metodológica. **Resultados:** Intervenções de psicoeducação parental integradas à TCC melhoram a comunicação familiar, elevam o envolvimento emocional positivo e reduzem comportamentos disfuncionais, assim como sintomas depressivos, ansiosos e condutas de risco em adolescentes. A participação ativa dos pais correlaciona-se com ganhos em autorregulação emocional e na adoção de práticas parentais positivas, como escuta empática e reforço positivo. **Conclusão:** A psicoeducação sobre estilos parentais aliada à TCC mostra-se eficaz na promoção da Saúde Mental de adolescentes, fortalecendo vínculos familiares e fornecendo aos cuidadores habilidades práticas para enfrentar os desafios do desenvolvimento, sendo componente essencial em intervenções preventivas e terapêuticas.

Palavras-chave: Estilos Parentais; Saúde Mental; Adolescência; Terapia Cognitivo-Comportamental

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a adolescência abrange a faixa etária de 10 a 19 anos e configura-se como período de transição entre infância e adultez, marcado por profundas mudanças psicológicas, neurológicas e sociais. Nesse contexto, o meio social impõe novas demandas e responsabilidades, exigindo que o jovem construa sua identidade, consolide valores e faça escolhas profissionais (NEUFELD, 2017).

O Relatório Situação Mundial da Infância 2021 do UNICEF aponta que cerca de um em cada seis adolescentes na América Latina e no Caribe apresenta algum transtorno mental, estando particularmente vulnerável à automutilação, à depressão e ao comportamento suicida (UNICEF, 2021). Essas experiências podem comprometer significativamente a qualidade de vida e o bem-estar psicológico do sujeito em formação.

Dentre os fatores de risco para o adoecimento mental nessa fase, destacam-se predisposição hereditária; vivências adversas na infância, como abuso físico, psicológico ou

sexual; uso de álcool e outras drogas; e relações familiares disfuncionais (PINTO, 2014). Embora os estilos parentais exerçam influência direta sobre o desenvolvimento emocional dos adolescentes, estudos que correlacionem tais estilos à saúde mental e que ofereçam diretrizes preventivas para pais e educadores ainda são escassos (PINQUART, 2016; NEUFELD, 2018).

Em contexto de psicoeducação parental, a Terapia Cognitiva Comportamental (TCC) serve não apenas para intervir nos sintomas do adolescente, mas também para capacitar cuidadores a reconhecerem gatilhos cognitivos e comportamentais,



mento familiar e a manutenção dos ganhos terapêuticos. Esse caráter integrador — que alia teoria cognitiva, técnicas comportamentais e ênfase no desenvolvimento — fundamenta sua eficácia em intervenções preventivas e terapêuticas voltadas ao público infanto-juvenil.

Nesse sentido, a partir de uma revisão narrativa, este trabalho tem como objetivo compreender os efeitos das práticas de psicoeducação sobre estilos parentais na adolescência, com ênfase na promoção de Saúde Mental a partir da

METODOLOGIA

TCC.

Este estudo configura-se como pesquisa bibliográfica, delineada como revisão narrativa. Para tanto, adotou-se o método de revisão narrativa, que, segundo Dorsa (2020), confere caráter integrador e crítico à literatura, permitindo analisar a evolução temporal das publicações, identificar os métodos com diferentes níveis de evidência e ressaltar novas perspectivas no campo pesquisado. A seleção dos trabalhos contemplou artigos revisados por pares, em português e inglês, publicados entre 2014 e 2025, nas bases de dados Scielo e PubMed, escolhidos segundo critérios de relevância temática para a TCC e qualidade metodológica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No referencial teórico sobre Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), destaca-se que essa abordagem psicoterapêutica parte do pressuposto de que pensamentos, emoções e comportamentos se encontram interligados, de modo que padrões cognitivos disfuncionais geram respostas emocionais e reações comportamentais desadaptativas. Na perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental para adolescentes, Neufeld (2017) define a TCC como “abordagem estruturada que visa identificar e reestruturar vieses de pensamento, ao mesmo tempo em que ensina estratégias comportamentais de enfrentamento, promovendo a autorregulação e o desenvolvimento de competências socioemocionais”.

Tecnicamente, o componente cognitivo centra-se na identificação de pensamentos automáticos negativos e na reestruturação de crenças disfuncionais, por meio de técnicas como



o registro de pensamentos e o exame de evidências. Já o componente comportamental envolve o uso de experimentos comportamentais, treinamento em habilidades sociais e exposição, buscando reforçar comportamentos adaptativos e reduzir esquivas ou respostas de fuga. Segundo Santini e Williams (2016), essa integração de técnicas cognitivo-comportamentais oferece “estrutura robusta para intervenções parentais e familiares”, ao combinar psicoeducação sobre o modelo cognitivo com práticas de reforço e treino de habilidades de coping.

Os estilos parentais, conforme delineados por Baumrind e, posteriormente, ampliados por Maccoby e Martin, incluem quatro tipologias principais: autoritário, autoritativo (ou democrático), permissivo (ou indulgente) e negligente (LAWRENZ, 2020). No estilo autoritário, observa-se elevada exigência combinada com baixa responsividade; os cuidadores empregam coerção, punições severas e, por vezes, ameaças físicas, restringindo a autonomia dos adolescentes e comprometendo sua autorregulação emocional. Essa dinâmica associa-se a maiores níveis de ansiedade, depressão, retraimento social e uso de substâncias (LAWRENZ, 2020). Em contraste, o estilo permissivo caracteriza-se por alta responsividade e quase nenhuma exigência: embora os pais atendam prontamente às necessidades emocionais, falham em estabelecer limites claros, o que pode resultar em impulsividade, agressividade e vulnerabilidade ao abuso de drogas (LAWRENZ, 2020).

No extremo oposto, o estilo negligente combina baixa responsividade e baixa exigência, traduzindo-se em distanciamento e insuficiente supervisão; filhos de cuidadores negligentes frequentemente apresentam baixo rendimento escolar, dificuldades em habilidades sociais e maior risco de iniciação precoce em álcool e outras substâncias (LAWRENZ, 2020). Já o estilo autoritativo — caracterizado por alta exigência conciliada com elevada responsividade — promove em adolescentes autoestima sólida, bem-estar psicológico, resiliência, maior autocontrole e índices reduzidos de comportamento de risco (OLIVARES; MENDEZ; ROS, 2005; TONI; HECAVEI, 2014).

No que tange às intervenções, estudos indicam que programas de



Integrados à Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) potencializam competências parentais e previnem adoecimentos mentais em adolescentes. Neufeld et al. (2018) demonstraram que a combinação de orientação estruturada e técnicas de TCC aprimora a comunicação familiar, aumenta o envolvimento afetivo e facilita a identificação precoce de sintomas, promovendo gestão adequada de conflitos e crises.

Conforme citado por Neufeld et al. (2018), ressalta-se que a inclusão de módulos de

treinamento de habilidades para pais, aliados ao processo psicoterapêutico, é fundamental, dada a influência contínua dos cuidadores sobre comportamentos-alvo na infância e adolescência. Santini e Williams (2016) enfatizam que a TCC, ao abordar componentes cognitivos (identificação e reestruturação de vieses de pensamento) e comportamentais (desenvolvimento de estratégias de coping), oferece estrutura robusta para intervenções parentais eficazes.

Diversas pesquisas recentes corroboram esses achados. Ibrahim et al. (2025) relataram, em programa comunitário de TCC com envolvimento parental, aumento significativo de práticas parentais positivas e de mindfulness na parentalidade, mediando melhorias na regulação emocional de crianças com transtorno do espectro autista. Bernal et al. (2019) observaram que, embora a adição de sessões de psicoeducação não amplie de modo direto a redução de sintomas em adolescentes com depressão maior, ela mantém níveis mais elevados de engajamento familiar, sugerindo benefícios indiretos na prevenção de recaídas.

De forma semelhante, van Ommeren et al. (2023) encontraram que intervenções combinadas reduzem episódios depressivos e comportamentos suicidas em jovens com transtorno bipolar, além de fortalecer habilidades de resolução de conflitos. Adicionalmente, programas como Reach Out and Read — focados em leitura compartilhada — mostram-se escaláveis e eficazes no fortalecimento de vínculos familiares e promoção de desenvolvimento socioemocional saudável, mesmo fora do contexto clínico (KLASS; NAVSARIA, 2021).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências apontam que o envolvimento dos pais em intervenções de Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) potencializa os efeitos terapêuticos em crianças e adolescentes, beneficiando também os cuidadores, ao reduzir níveis de estresse parental e aprimorar competências de manejo comportamental (NEUFELD et al., 2018; SANTINI; WILLIAMS, 2016). A psicoeducação familiar e a orientação sobre estilos parentais favorecem a compreensão das necessidades emocionais dos filhos, o estabelecimento de regras claras e a promoção de respostas empáticas, fortalecendo a estabilidade afetiva do ambiente familiar e atuando como fator de proteção para a saúde mental infanto-juvenil.

Entretanto, a variabilidade na forma e na intensidade de participação dos pais, bem como a falta de instrumentos padronizados para mensurar resultados, limitam a comparabilidade dos estudos e a generalização dos achados (BERNAL et al., 2019; VAN OMMEREN et al., 2023). Ainda assim, a maior parte da literatura corrobora que programas que

combinam TCC e capacitação parental são promissores para fomentar resiliência, reduzir sintomas emocionais e consolidar vínculos familiares. Recomenda-se, portanto, a elaboração de protocolos uniformes e pesquisas longitudinais para avaliar o impacto em longo prazo dessas práticas em diferentes contextos clínicos e comunitários.

REFERÊNCIAS

- BERNAL, G. et al. Can cognitive-behavioral therapy be optimized with parent psychoeducation? A randomized effectiveness trial of adolescents with major depression in Puerto Rico. **Family Process**, 2019. Disponível em: <https://consensus.app/papers/can-cognitivebehavioral-therapy-be-optimized-with-parent-bernal-rivera-medina/f521adbe5e9b5ec1b9f7a1f31d92510a/>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- DORSA, A. C. O papel da revisão da literatura na escrita de artigos científicos. **Interações** (Campo Grande), v. 21, n. 4, p. 681–683, jul. 2020.
- IBRAHIM, A. T. et al. Parent outcomes following participation in cognitive behavior therapy for autistic children in a community setting. **Autism Research**, 2025. Disponível em: <https://consensus.app/papers/parent-outcomes-following-participation-in-cognitive-ibrahim-le/861c14f6f2be511f9e69de49ce0c8ce7/>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- KLASS, P.; NAVSARIA, D. Creating practical primary care supports for parent-child



acy, and love. **JAMA Pediatrics**, 2021. Disponível em: <https://consensus.app/papers/creating-practical-primary-care-supports-for-parentchild-klass-navsaria/1188e688be9156c0bc1c52208316cb0e/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LAWRENZ, P. et al. Estilos, práticas ou habilidades parentais: como diferenciá-los? **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 2–9, jun. 2020. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872020000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 abr. 2025. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20200002>

NEUFELD, C. B. **Terapia Cognitivo-Comportamental para Adolescentes: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

NEUFELD, C. B. et al. Programa de orientação de pais em grupo: um estudo exploratório na

abordagem cognitivo-comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 33–43, dez. 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 abr. 2025. <https://doi.org/10.24879/2018001200300500>

OLIVARES, J.; MÉNDEZ, F. X.; ROS, M. C. O treinamento de pais em contextos clínicos e da saúde. In: CABALLO, V. E.; SIMON, M. A. (Orgs.). **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos específicos**. São Paulo: Santos, 2005. p. 365–385.

PINTO, A. C. S. et al. Risk factors associated with mental health issues in adolescents: an integrative review. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 3, p. 555–564, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000300022>

PINQUART, M. Associations of parenting dimensions and styles with internalizing symptoms in children and adolescents: a meta-analysis. **Marriage & Family Review**, v. 57, p. 613–640, 2016.

SANTINI, P. M.; WILLIAMS, L. C. Parenting programs to prevent corporal punishment: a systematic review. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 26, n. 63, p. 121–129, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-43272663201614>

SOUSA, M. L. de; CRUZ, O. Relationship between mental representations of parents and social competence of abused and nonabused children. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, p. e32224, 2016.

UNITED NATIONS CHILDREN’S FUND (UNICEF). **Saúde mental de adolescentes**. Brasília, out. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/saude-mental-de-adolescentes#:~:text=No%20Brasil%2C%20segundo%20o%20relat%C3%B3rio.de%20automutila%C3%A7%C3%B5es%2C%20depress%C3%A3o%20e%20suic%C3%ADdio>. Acesso em: 27 abr. 2025.

VAN OMMEREN, M. et al. Putting psychological interventions first in primary health care. **World Psychiatry**, 2023. Disponível em:



...vo compreender os efeitos subjetivos e socioculturais do diagnóstico psiquiátrico, questionando se essa classificação atua como ferramenta clínica ou se contribui para o silenciamento da vivência individual e coletiva. A metodologia utilizada foi uma revisão teórico-reflexiva de abordagem qualitativa, com base em textos da psicanálise e da psiquiatria crítica. Os resultados apontam que, ao reduzir o sofrimento a categorias generalizantes, o diagnóstico pode cristalizar identificações, reforçar estigmas e descolar o sujeito de sua própria narrativa, ignorando os determinantes sociais que produzem e mantêm o sofrimento. Por outro lado, quando atravessado por uma escuta psicanalítica e sensível às condições sociais, o diagnóstico pode se tornar um ponto de elaboração subjetiva e ressignificação da experiência. Conclui-se que o diagnóstico, longe de ser neutro, implica escolhas éticas e políticas, devendo ser manejado com cuidado para que não reforce desigualdades ou invisibilize os fatores socioculturais que marcam o sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Subjetividade; Psicanálise; Fatores socioculturais; Estigmatização.

INTRODUÇÃO

Ao abordar a saúde mental, é fundamental reconhecer que o diagnóstico psiquiátrico, embora exerça uma função organizadora no campo clínico, pode produzir efeitos subjetivos e socioculturais significativos no sujeito que o recebe. Sua principal finalidade é nomear quadros clínicos a fim de orientar intervenções terapêuticas, sobretudo de natureza medicamentosa. No entanto, tais classificações, fortemente influenciadas pela psiquiatria descritiva norte-americana, frequentemente se fundamentam em critérios estatísticos e descritivos, como os propostos pelo DSM e pela CID, priorizando a frequência e intensidade dos sintomas em detrimento da singularidade e da historicidade de cada sujeito.

Esse modelo classificatório, ao padronizar o sofrimento psíquico com base em médias estatísticas, ignora a complexidade das experiências subjetivas e os determinantes sociais e culturais que atravessam a produção do sofrimento. Conforme destacam Figueiredo e Tenório (2002), mesmo no campo da psiquiatria, é imprescindível considerar a presença do sujeito e de sua narrativa. É nesse ponto que a psicanálise oferece uma contribuição valiosa, ao propor uma ética do cuidado centrada na escuta da fala e da história do sujeito — e não apenas na supressão dos sintomas.

A literatura crítica corrobora essa perspectiva. Bastos (2011), por exemplo, analisa como a noção de normalidade na psiquiatria é construída a partir da curva de Gauss, modelo que define o saudável como o que está no centro estatístico, relegando às margens — e, portanto, ao campo da patologia — tudo aquilo que escapa da média. Além disso, autores como Frances (2013) e Paris (2015) evidenciam que, embora os diagnósticos legitimem intervenções psicofarmacológicas, carecem de fundamentos biológicos consistentes. São construções baseadas majoritariamente em entrevistas clínicas permeadas por interpretações subjetivas e marcadas por fatores sociais e culturais, revelando os limites e os riscos ético-políticos do modelo descritivo.



é necessário refletir sobre o impacto do diagnóstico para além de sua função classificatória, questionando se ele opera como um instrumento clínico de cuidado ou como um dispositivo que reforça identificações alienantes, estigmas e o silenciamento da singularidade. Como propõe Lacan (1973), o diagnóstico pode funcionar como um rótulo que fixa o sujeito em uma posição de alienação, mas também pode abrir caminhos de transformação, a depender da forma como é manejado na clínica. Este trabalho propõe-se, assim, a investigar

os efeitos subjetivos e socioculturais do diagnóstico psiquiátrico, examinando seu potencial enquanto ferramenta de escuta ou instrumento de invisibilização da experiência individual e coletiva. Compreender os efeitos subjetivos da alienação produzida pelo diagnóstico psiquiátrico no sujeito que o recebe, discutindo até que ponto essa classificação funciona como um instrumento clínico ou como um fator de silenciamento da experiência subjetiva, à luz da psicanálise. Apresentar os principais critérios utilizados pelos sistemas de classificação psiquiátrica, como o DSM e a CID, explicando como estes se baseiam em dados estatísticos e padrões de normalidade. Compreender como o sujeito lida com o diagnóstico e as mudanças que ele pode provocar na sua forma de pensar sobre o próprio sofrimento psíquico. Refletir sobre os impactos do diagnóstico psiquiátrico na clínica psicanalítica e como ele é abordado nessa perspectiva.

METODOLOGIA

Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma revisão bibliográfica, por meio da qual foram selecionadas obras teóricas e artigos científicos que tratam da relação entre diagnóstico psiquiátrico e subjetividade. A escolha por essa metodologia justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que demanda uma análise interpretativa dos discursos e das implicações clínicas discutidas no campo da psicanálise.

Para a seleção do material bibliográfico, foram utilizados textos acadêmicos disponíveis em bases de dados científicas, como SciELO e PePSIC, além de livros fundamentais no campo da psicanálise e da saúde mental. Utilizaram-se como descritores os termos "diagnóstico psiquiátrico", "subjetividade", "psicanálise", "saúde mental" e "efeitos do diagnóstico".

Os critérios de inclusão envolveram a escolha de materiais que abordassem diretamente a relação entre diagnóstico psiquiátrico e subjetividade, fundamentados na



na análise crítica da saúde mental, publicados em língua portuguesa e disponíveis em fontes reconhecidas. Foram excluídos materiais que não tratassem da temática proposta, que apresentassem uma abordagem exclusivamente biomédica, sem articulação com a dimensão subjetiva, ou que carecessem de fundamentação teórica consistente.

Os textos selecionados foram lidos e analisados de forma interpretativa, considerando especialmente os aspectos relacionados à função do diagnóstico psiquiátrico e seus efeitos na constituição subjetiva do sujeito, conforme proposto pela abordagem psicanalítica.

Vale salientar que, por se tratar de uma revisão bibliográfica, os argumentos aqui apresentados não têm caráter estatístico ou empírico. A proposta do presente trabalho é lançar novos pontos de análise acerca do tema, considerando que, dada a sua complexidade, ainda não

há consenso formado sobre o impacto dos diagnósticos psiquiátricos na subjetividade dos indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica realizada permitiu refletir criticamente sobre os efeitos subjetivos do diagnóstico psiquiátrico, especialmente quando se observa sua função clínica à luz da psicanálise. Uma das questões centrais que emerge desse debate é: o diagnóstico opera como um instrumento de escuta e cuidado, ou se converte em um mecanismo de silenciamento

da subjetividade?

Ao adotar uma lógica padronizada, os sistemas classificatórios, ainda que operem com a intenção de sistematizar condutas, frequentemente desconsideram a complexidade singular de cada sujeito. A nomeação diagnóstica, portanto, não pode ser tomada como uma prática neutra ou meramente descritiva, já que ela carrega implicações subjetivas e simbólicas profundas. O ponto de tensão não está unicamente na necessidade de nomear, mas na maneira como essa nomeação é inserida na relação clínica: se abre espaço para elaboração ou, ao contrário, cristaliza posições identitárias e restringe o campo da subjetividade.

Nesse sentido, Miller (2005) contribui ao destacar que o diagnóstico pode produzir dois efeitos distintos: ser uma ferramenta que orienta o tratamento ou, inversamente, solidificar identificações alienantes. Quando o sujeito se reduz ao significante diagnóstico —



depressivo” — o risco é o apagamento de sua história e do mal-estar que o atravessa, dificultando o processo de simbolização e elaboração subjetiva.

A crítica psicanalítica, tal como desenvolvida por Figueiredo e Tenório (2002), enfatiza a necessidade de uma escuta que vá além da nomenclatura, considerando o sujeito do inconsciente. Nesse campo, o sofrimento não é uma anomalia estatística a ser corrigida, mas uma expressão legítima de uma verdade única, que exige espaço para ser escutada e interpretada.

Roudinesco (1998) amplia essa reflexão ao denunciar o avanço da medicalização, que transforma conflitos existenciais em desordens clínicas tratadas por protocolos biomédicos. Dufour (2005), por sua vez, aponta como essa lógica se articula com o discurso neoliberal, no qual o sofrimento torna-se um desvio funcional a ser rapidamente eliminado, desconsiderando os atravessamentos sociais que o produzem. Dessa forma, a prática psiquiátrica corre o risco de se afastar cada vez mais da escuta clínica, ao priorizar soluções imediatas e padronizadas, em detrimento do reconhecimento da singularidade e das condições socioculturais que marcam cada sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os objetivos gerais e específicos apresentados anteriormente, foi possível perceber que os sistemas classificatórios de diagnóstico psiquiátrico, como o DSM e o CID, organizam os chamados transtornos mentais com base em critérios estatísticos e descritivos que privilegiam a normatização. Embora esses critérios sejam úteis para a comunicação entre profissionais da saúde mental, muitas vezes ignoram a dimensão singular

do sofrimento psíquico, tratando o sujeito a partir de uma lógica de desvio em relação a uma suposta normalidade. Com isso, o sujeito deixa de ser reconhecido em sua subjetividade e passa a ser reduzido a um mero diagnóstico.

Foi também observado que o diagnóstico, ao nomear uma condição psíquica, pode produzir efeitos diversos no sujeito. Em alguns casos, pode oferecer alívio ou dar sentido ao sofrimento; em outros, pode levar à cristalização de uma identidade patologizada, dificultando o processo de simbolização e de elaboração subjetiva. Como afirma Miller (2005), o diagnóstico pode tanto orientar o tratamento quanto fixar o sujeito a uma identificação rígida com o sintoma. Isso, por sua vez, pode comprometer o próprio processo analítico, criando



uma vez que o sujeito se vê reduzido àquilo que foi nomeado, limitando sua abertura ao movimento psíquico e à elaboração de sua história.

A psicanálise, nesse cenário, surge como uma abordagem clínica capaz de contrabalançar os efeitos reducionistas que o diagnóstico pode provocar. Diante do risco de que o sujeito se fixe a uma identidade patologizada, a psicanálise propõe uma escuta que acolhe o sofrimento não como algo a ser classificado, mas como expressão de uma verdade subjetiva e singular. Em vez de aprisionar o sujeito em um rótulo, essa abordagem privilegia o percurso da fala e da elaboração, permitindo que o diagnóstico, quando necessário, seja utilizado como ponto de partida e não como ponto final. Dessa forma, a clínica psicanalítica reafirma o valor da subjetividade, recusando a lógica da padronização e apostando numa escuta ética e singularizada, centrada no sujeito do inconsciente.

Dessa forma, pode-se afirmar que os objetivos traçados foram plenamente atendidos, ao abordar tanto os critérios utilizados pelos sistemas diagnósticos quanto os efeitos subjetivos provocados no sujeito e as possibilidades de uma escuta clínica fundamentada na psicanálise. Conclui-se que o diagnóstico, quando conduzido com ética, sensibilidade e abertura à escuta, pode representar um ponto de partida significativo no processo terapêutico. No entanto, ele não deve ser visto como um fim em si, mas sim como uma oportunidade de abertura à palavra, à elaboração do sofrimento e ao acolhimento daquilo que não se enquadra nas normas estabelecidas.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, A. M. O. O DSM-IV e a patologização da existência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 39–47, jan./mar. 2011. Acesso em: 21 abr. 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1996. Acesso em: 21 abr. 2025.
- DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir cabeças*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. Acesso 25 de abri. 2025
- FIGUEIREDO, Ana Cristina; TENÓRIO, Fernando. O diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 29–43, mar. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237030517_O_diagnostico_em_psiquiatria_e_psicanalise. Acesso em: 15 abr. 2025.
- FRANCES, Allen. *Voltando ao normal: um psiquiatra contesta o DSM-5 e a medicalização da vida*. Tradução de Sonia Moreira. Rio de Janeiro: Versal, 2017. Acesso 25 abri. 2025
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. Acesso em: 21 abr. 2025.
- MILLER, Jacques-Alain. Efeitos terapêuticos da psicanálise. In: _____. *Extimidade*. Rio de





**XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO**

27–142. Acesso 25 de abril. 2025

MILLER, Jacques-Alain. A orientação lacaniana: os signos do gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Acesso 25 de abril. 2025

PARIS, Joel. O delírio da psiquiatria: como sistemas de diagnóstico psiquiátrico modernos minaram a confiança dos pacientes. Tradução de Luísa Severo. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

REVISTA DA UFPR. Diagnóstico psiquiátrico e clínica psicanalítica. Revista da Abordagem Gestáltica, Curitiba, v. 17, n. 1, p. 101–111, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/30859/26185>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ROUDINESCO, Élisabeth. O paciente, o terapeuta e o Estado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Acesso em: 21 abr. 2025.

**DESAFIOS E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS POR RECRUTADORES NO
SEGUIMENTO DE ENTRETENIMENTO: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

Ingrid Nobre Benicio

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
ingrid.benicio08@unifametro.edu.br

Olivia Lima Guerreiro de Alencar

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
olivia.alencar@professor.unifametro.edu.br



RESUMO

Introdução: a crescente competitividade do mercado de trabalho exige que empresas do segmento de entretenimento, como bares e restaurantes, adotem estratégias eficazes de recrutamento e seleção (R&S) para garantir equipes qualificadas e alinhadas à cultura organizacional. **Objetivo:** este trabalho tem como objetivo investigar os principais desafios enfrentados por recrutadores nesse setor, com base em uma pesquisa documental. **Métodos:** utilizou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de conteúdo de materiais bibliográficos disponíveis em plataformas acadêmicas. **Resultados:** os resultados revelaram que a alta rotatividade, a baixa remuneração, as longas jornadas de trabalho e a urgência na ocupação de vagas dificultam a aplicação de processos seletivos estruturados, prejudicando a qualidade das contratações. Além disso, identificou-se que a escolha adequada do tipo de recrutamento e das ferramentas utilizadas na seleção, como entrevistas, testes e dinâmicas, influencia na retenção de talentos. **Considerações finais:** conclui-se que o aprimoramento dos métodos de R&S reduz os custos operacionais e melhora o desempenho organizacional. No entanto, a ausência de dados empíricos limita a compreensão prática do fenômeno, sendo recomendada a realização de pesquisas futuras com recrutadores da área para ampliar a análise. **Palavras-chave:** Gestão de pessoas; Recursos humanos; Recrutamento e seleção; Segmento de entretenimento; Rotatividade.

INTRODUÇÃO

Segundo Cardoso e Padilha (2018), os avanços tecnológicos e a globalização vêm intensificando progressivamente a competitividade no mercado de trabalho, exigindo das empresas constante adaptação às transformações do cenário econômico. Por esse motivo, atualmente tem-se priorizado o desenvolvimento de estratégias capazes de assegurar uma posição de destaque e diferenciação frente à concorrência. Para que essas iniciativas sejam bem-sucedidas, precisa-se de colaboradores qualificados, com domínio técnico e flexibilidade para acompanhar as mudanças. Além disso, é fundamental que esses profissionais busquem atualização contínua, a fim de impulsionar o crescimento e a sustentabilidade das organizações.

Para selecionar os candidatos que melhor correspondem a essas demandas, é necessária a adoção de processos de recrutamento e seleção (R&S) eficientes. Sob uma perspectiva técnica, o recrutamento consiste na etapa de atrair indivíduos para a ocupação de uma posição

específica dentro da empresa. Trata-se do momento em que as oportunidades são disponibilizadas. Após essa fase, inicia-se o processo de seleção, que tem como finalidade identificar quais candidatos são mais adequados para o cargo em questão (BORGES &



O presente trabalho possui como problema de pesquisa o seguinte questionamento: quais são os principais desafios relatados na literatura acerca do processo seletivo de profissionais no segmento de entretenimento?

A análise dos critérios e métodos de processos seletivos adotados por bares e restaurantes, bem como os obstáculos enfrentados pelos recrutadores apresenta relevância social, econômica e organizacional, considerando que este ramo é responsável por uma grande quantidade de empregos e movimentação financeira. No entanto, essa área enfrenta desafios devido a alta rotatividade de colaboradores, a dificuldade na retenção de talentos e a exigência de manter um padrão de atendimento de qualidade, mesmo quando os funcionários recém-admitidos ainda não tiveram tempo de internalizar a cultura organizacional. Eventuais falhas no serviço comprometem diretamente a experiência do cliente e a competitividade do empreendimento (FERREIRA et al, 2024). Além disso, Ferreira (2024) explica que a elevada rotatividade gera despesas extras relacionadas à contratação, capacitação e adaptação de novos colaboradores, afetando negativamente os custos operacionais do negócio. Deste modo, entender como os processos seletivos influenciam a formação das equipes é essencial para promover melhorias que impactem a eficiência operacional, redução da rotatividade e satisfação dos consumidores.

No âmbito acadêmico, o estudo proporciona uma maior compreensão do campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho, ao examinar a aplicação de estratégias de R&S no contexto corporativo do entretenimento. Assim, este trabalho contribui tanto para a literatura científica quanto para o aprimoramento das práticas de gestão, analisando os desafios enfrentados pelos profissionais de RH nos processos seletivos e examinando caminhos para uma atuação mais estratégica e alinhada às necessidades organizacionais.

O estudo tem como objetivo geral investigar os principais desafios e obstáculos enfrentados por recrutadores no processo seletivo de profissionais no segmento de entretenimento, com base em uma revisão documental da literatura. Os objetivos específicos consistem em descrever os métodos de recrutamento e seleção mais utilizados por recrutadores no segmento de entretenimento, segundo a literatura e identificar, nos textos analisados, os



METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se o método da pesquisa bibliográfica, fundamentada na revisão da literatura já existente sobre o tema nos últimos sete anos. A coleta de dados foi conduzida a partir da análise de seis artigos disponibilizados nas plataformas do Google Acadêmico e Scielo, sendo dois relatórios de estágio de mestrado, um trabalho de conclusão de curso (TCC), dois estudos de caso publicados em revistas científicas e uma revisão bibliográfica.

A metodologia deste trabalho é, portanto, qualitativa. Trata-se de uma abordagem que prioriza a compreensão dos fatos investigados por meio da análise de dados descritivos, obtidos a partir de textos, discursos e observações, sem recorrer à quantificação ou à utilização de instrumentos estatísticos (DALFOVO et al, 2008).

Por fim, no que tange ao tratamento dos dados, optou-se pela análise de conteúdo, técnica que reúne um conjunto de procedimentos metodológicos empregados na avaliação das comunicações e na interpretação de dados qualitativos. Esse direcionamento viabiliza a aplicação de métodos sistemáticos e objetivos para a descrição e categorização das mensagens analisadas (BARDIN, 2011; CAMPOS, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O recrutamento e seleção (R&S), subsistema da Gestão de Pessoas (GP), desempenha um papel central neste setor, sendo responsável pela atração de profissionais com perfil compatível ao da organização. A identificação de candidatos ideais representa um dos principais desafios da área (CHAVES, 2020; KARIM et al., 2021; HAMZA et al., 2021; apud MANGUE, 2023). Essa compatibilidade é essencial, pois influencia o desempenho organizacional (CHIAVENATO, 2020). Embora sejam processos distintos, recrutamento e seleção possuem funções complementares. Por esse motivo, é comum a confusão entre os termos. O recrutamento refere-se à divulgação de oportunidades, podendo ser interno, externo ou misto. A seleção, por sua vez, corresponde à escolha do candidato mais apto, podendo o recrutador fazer uso de diversos métodos e recursos para fundamentar sua decisão (LOPES et al., 2020).

O recrutamento interno prioriza candidatos já inseridos na empresa, por meio de promoções, transferências ou programas de desenvolvimento. Suas vantagens



...zação do desempenho interno e estímulo à motivação da equipe. No entanto, pode

limitar a diversidade de ideias e gerar insatisfação entre aqueles não contemplados (CHIAVENATO, 2020). Já o recrutamento externo busca talentos fora da organização e é indicado quando não há profissionais internos qualificados. Seus principais benefícios incluem a renovação da equipe e a introdução de novas perspectivas. Porém, envolve custos mais elevados, maior tempo de adaptação e riscos de escolhas inadequadas. Ademais, pode gerar desconforto entre funcionários antigos, ao se depararem com a ausência de oportunidades de crescimento interno (CHIAVENATO, 2002; STONE, 2002; DECENZO & ROBBINS, 2010; apud CARDONA, 2024). O recrutamento misto combina ambas as abordagens, ampliando o alcance do processo seletivo e equilibrando o desenvolvimento de talentos internos com a atração de novos profissionais. Todavia, vale ressaltar que é relativa a escolha do tipo ideal de recrutamento, bem como das técnicas e procedimentos de seleção, devendo-se orientar pelos preceitos de cada cargo e pelas particularidades da empresa (MAXIMIANO, 2014).

Definido o tipo de recrutamento, o próximo passo é determinar as fontes mais adequadas, como indicações de colaboradores, parcerias com instituições de ensino, anúncios em meios de comunicação, agências especializadas, plataformas digitais, programas de trainees, banco interno de currículos e site institucional ou redes sociais da empresa (DUTRA et al., 2017; CHIAVENATO, 2022, apud PERRESSIM, 2024). É interessante observar a crescente incorporação de tecnologias ao processo de R&S, especialmente por meio da internet, que tem se demonstrado uma ferramenta ágil e eficaz na captação de profissionais com perfis variados e em diferentes localidades (LUFT, 2020).

Concluída a etapa de recrutamento, inicia-se o processo de seleção. As ferramentas mais utilizadas pelos recrutadores são: entrevistas, provas de conhecimento, testes e dinâmicas de grupo; sendo a entrevista a mais frequente. No entanto, quando mal estruturada, pode ser prejudicada por interferências como ruídos, omissões, distorções, excesso de informações e barreiras comunicacionais,



Os desafios na prática de R&S se mostram ainda mais evidentes em setores como o de bares e restaurantes, cuja dinâmica é marcada por alta rotatividade, longas jornadas de trabalho, baixa remuneração, escassez de benefícios e constante pressão. Essa realidade dificulta o emprego de processos seletivos criteriosos, levando muitas vezes à adoção de operações pouco estruturadas, comprometendo a qualidade das contratações. Para enfrentar esse cenário, é necessário adotar estratégias eficazes de retenção, como boas condições de trabalho, salários compatíveis, oportunidades de crescimento, reconhecimento por desempenho e incentivo ao

equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Medidas como essas contribuem para a construção de um ambiente mais estável, produtivo e atrativo, alinhado às expectativas dos profissionais e às necessidades da organização (FERREIRA, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que os processos de R&S exercem papel estratégico na construção de equipes mais alinhadas às necessidades organizacionais, especialmente no setor de bares e restaurantes, onde os desafios se intensificam em virtude da alta rotatividade, condições adversas de trabalho e urgência por preenchimento de vagas. A análise da literatura evidenciou que a escolha adequada das fontes e métodos do processo seletivo pode reduzir custos operacionais, aumentar a retenção de talentos e melhorar a experiência dos consumidores. No entanto, percebe-se que muitos estabelecimentos ainda enfrentam dificuldades na implementação de processos estruturados, o que compromete a eficácia das contratações. Destaca-se, ainda, que o presente trabalho possui limitações, devido a utilização exclusiva da pesquisa bibliográfica, o que impossibilitou a coleta de dados empíricos junto aos recrutadores da área. Sugere-se, portanto, que estudos futuros adotem metodologias mistas, incorporando entrevistas ou questionários com profissionais de RH, a fim de aprofundar o entendimento prático sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Patrícia Batista de. Dificuldades enfrentadas pela Labore Consultoria na gestão



seleção para cargos operacionais e técnicos de uma multinacional em São Luís-MA. 2018.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Almedina Brasil. São Paulo. Ed. 70. 2011

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, DF. P.611-4, set-out; 2004.

CARDONA, Catarina Marisa Castilho. Processo de recrutamento e seleção profissional: a visão da psicologia do trabalho e das organizações. 2024. Tese de Doutorado.

CHIAVENATO, I. Gestão de pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações. Elsevier, 2020.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, SC. v. 2, n.4, p.01-13 sem II. 2008

DE SOUZA MIRANDA, Claudio et al. Falta de mão de obra qualificada no setor de serviço na região de Ribeirão Preto: uma avaliação pela ótica dos empresários. **Revista Ciências Administrativas**, v. 20, n. 1, p. 168-203, 2014.

FERREIRA, Ricardo et al. ANÁLISE DOS PROCESSOS DE RH DENTRO DA REDE DE RESTAURANTES: ESTUDO DE CASO MANÉ. Revista Tópicos, v. 2, n. 12, 2024. ISSN: 2965-6672.

LOPES, Renato Dias; RIBEIRO, Edna Aparecida; ARAÚJO, Michelle Aparecida. Gamificação no recrutamento e seleção de talentos. DESTARTE, v. 9, n. 2, p. 71-90, 2020.

LORDÊLO CHAVES, C. M; MELO SILVA LUFT, M. C. Utilização de tecnologias da informação e comunicação em processos de recrutamento e seleção organizacional: um estudo com consultorias de gestão de pessoas. Revista de Administração da UNIMEP, v. 18, n. 4, 2020.

MANGUE, Anna Catherine Chongo. RELATÓRIO DE ESTÁGIO. 2023.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. Recursos Humanos: estratégia e gestão de pessoas na sociedade global [livro eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014. ISBN: 978.85.216.2592-6. Paginação irregular.

NOGUEIRA, Shirlane Valerio et al. Gamificação no processo de recrutamento e seleção de talentos uma revisão bibliométrica. 2023.

PERRESSIM, William Sbrama; MACHADO, Amanda Layane Pereira; DA SILVA DELGADO, Vanesca Kerly. Condições de Recrutamento e Seleção em um Grupo de Micro e Pequenas Empresa no Município de Currais Novos/RN. **Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão em Gestão**, p. e35600-e35600, 2024.

SILVA, Ozeias Pires et al. RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE PESSOAS COMO INSTRUMENTOS DE SUCESSO ORGANIZACIONAL. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 7, p. 1-14, 2024.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

MATRIX E AS REDES SOCIAIS: UMA LEITURA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL

Francisco Denilson de Oliveira Mota

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

francisco.mota03@aluno.unifametro.edu.br

Andreza de Sousa Alves

Discente - Centro Universitário Fametro – Unifametro

andreza.alves03@aluno.unifametro.edu.br

Hanna Letícia Carreiro Xavier

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

hannaleticiac@gmail.com

Maria Juliana Alves

Discente - Centro Universitário Fametro – Unifametro

maria.alves14@aluno.unifametro.edu.br

Orientadora: Prof. Ms. Ticiane Siqueira Ferreira

Docente - Centro Universitário Fametro – Unifametro

ticiane.ferreira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Tecnologia: Impactos da Inteligência Artificial e da Inovação Digital

RESUMO

Introdução: As redes sociais têm ocupado cada vez mais espaço em nossas vidas, agindo como objetos de alienação e exercendo controle sobre nossos comportamentos. O filme *Matrix* (1999) apresenta um universo distópico onde a realidade está fadada às contingências manipuladas por máquinas inteligentes. A partir disso, a Análise do Comportamento pode ser utilizada para entender as dinâmicas por trás desses fenômenos e pensá-los



Objetivo: Analisar os pontos de encontro entre a obra audiovisual, as redes sociais e os conceitos da Análise do Comportamento. **Metodologia:** A pesquisa possui caráter qualitativo, de natureza teórico-analítica, do filme *Matrix* associada à literatura e metodologia científica da Análise do Comportamento. A partir disso, foi feita uma comparação entre os achados com a forma pelo qual as redes sociais exercem controle sobre o comportamento humano. **Resultados:** O conceito de agências controladoras pode ser utilizado para explicar o funcionamento desses mecanismos, assim como a forma pelo qual nossos comportamentos estão sujeitos às contingências por eles criadas, baseando-se em sistemas de reforçamentos. **Considerações finais:** Pensar nas circunstâncias onde os comportamentos são emitidos nos faz entender de que maneira eles ocorrem. A influência intencional dos mecanismos de controle nos leva a estados de alienação que muitas vezes passam despercebidos. Logo, analisar as contingências por eles criadas nos permite maior autonomia e autocontrole.

Palavras-chave: Análise do Comportamento; Matrix; Redes Sociais; Controle.

INTRODUÇÃO

Lançado em 1999 e dirigido pelas irmãs Lilly e Lana Wachowski, o filme *Matrix* se tornou um marco da ficção científica contemporânea, não apenas por suas inovações estéticas e visuais, mas também pela profundidade com que aborda temas como a realidade virtual, o controle e a alienação.

A história gira em torno de Neo, um jovem programador que leva uma vida aparentemente comum trabalhando na empresa de software Metacortex, enquanto mantém uma vida dupla como hacker de sistemas. Contudo, ele sente que há algo de errado em sua realidade. Essa inquietação é expressa na fala: “Você já se sentiu como se não soubesse se está acordado

ou se está sonhando?”, refletindo uma dúvida existencial que o impulsiona a buscar respostas.

A partir disso, ele se aproxima da personagem Trinity, que lhe responde: “É a pergunta que nos impulsiona, Neo”. Após esse encontro, Neo inicia uma jornada de descoberta, revelando que o mundo em que vive é, na verdade, uma simulação: a Matrix. A Matrix se trata de um mecanismo criado por máquinas inteligentes para manter os seres humanos em um estado ilusório. Suas consciências estão presas em uma realidade virtual interativa, enquanto seus corpos são utilizados como fonte de bioenergia para alimentar as próprias máquinas. Dentro desse sistema, o personagem Agente Smith atua como a personificação do controle, representando o poder opressor da Matrix sobre aqueles que ainda não despertaram para a verdade.

Ao refletirmos sobre essa obra pela ótica da Análise do Comportamento, é possível identificar pontos de convergência com os conceitos desenvolvidos por B. F. Skinner. Segundo essa abordagem, o comportamento humano é resultado direto da interação entre o indivíduo e o ambiente, sendo moldado por consequências que aumentam ou diminuem a probabilidade de uma resposta ocorrer novamente (Skinner, 2003). Nesse sentido, elementos



vo, controle de estímulos, comportamento operante e agências controladoras tornam-se fundamentais para compreender tanto o processo de alienação vivenciado por Neo quanto a sua posterior tomada de consciência.

Nesse contexto, o presente trabalho propõe uma análise do filme *Matrix* à luz da Análise do Comportamento, buscando estabelecer uma ponte com o modo como, na contemporaneidade, as redes sociais constroem realidades alternativas que influenciam, moldam e controlam o comportamento humano através de algoritmos que selecionam os conteúdos consumidos, reforçam determinadas respostas e limitam o contato com visões divergentes. Tais plataformas operam como uma espécie de “Matrix digital”, promovendo alienação e controle por meio de diferentes tipos de reforçamentos.

Essa dinâmica evidencia transformações significativas na estrutura social contemporânea. Segundo Castells (2002), as redes constituem uma nova morfologia social, capaz de alterar profundamente o fluxo de informação, a cultura, e os modos de produção. Nesse novo cenário, o poder exercido pelo controle da informação passa a ser mais relevante do que o poder formal, potencializando a capacidade das redes sociais digitais de influenciar comportamentos e percepções de maneira ampla e muitas vezes imperceptível.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é analisar os pontos de encontro entre o filme

Matrix, os conceitos centrais da Análise do Comportamento e a ação das redes sociais enquanto agências de controle. Assim, busca-se compreender de que maneira a ficção pode contribuir para uma leitura crítica dos processos comportamentais presentes na sociedade digital e, ao mesmo tempo, levantar reflexões relevantes para as dinâmicas e desafios do mundo contemporâneo, considerando possíveis formas de enfrentamento.

METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, combinando pesquisa teórica e análise aplicada. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica de obras de referência da Análise do Comportamento, com foco em conceitos fundamentais como comportamento operante, reforçamento, punição, agências controladoras, autocontrole e contracontrole, conforme desenvolvidos por B. F. Skinner e autores posteriores.

Para a interpretação dos elementos temáticos presentes no filme *Matrix* (1999), foi utilizada a Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011). Esta metodologia permite a interpretação sistemática da comunicação audiovisual, visando identificar categorias centrais, como alienação, controle social e ilusão da realidade que emergem da narrativa. A



contexto, possibilita uma leitura crítica e fundamentada dos significados que estruturam a obra cinematográfica.

Diante disso, realizou-se um paralelo entre o conteúdo do filme e a crescente influência das redes sociais na contemporaneidade. Foram selecionadas três redes sociais de grande relevância (Facebook, Instagram e TikTok), a fim de compreender de que maneira os mecanismos digitais têm se configurado como agências controladoras do comportamento humano.

Como critérios de inclusão dos materiais, foram selecionados livros que possibilitassem o desenvolvimento teórico da pesquisa, escritos por autores de relevância da Análise do Comportamento, e que apresentassem os conceitos de maneira descritiva e sistematizada. Foram excluídas obras cujo enfoque fosse predominantemente aplicado.

O filme foi utilizado como estudo de caso, por apresentar conteúdo de relevância para o objetivo do trabalho, possibilitando a identificação de padrões comportamentais que podem ser interpretados sob a ótica analítico-comportamental. Nesse contexto, *Matrix* cumpre o papel de metáfora crítica, permitindo a aproximação entre a ficção e os padrões de comportamento observáveis no cotidiano, especialmente no que se refere à influência exercida pelas redes sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trilogia *Matrix* (1999) opera como uma poderosa alegoria da busca pela identidade humana em um mundo dominado por sistemas de controle. No primeiro filme, acompanhamos a trajetória de Thomas Anderson em sua transição para Neo, uma persona que representa, de forma mais autêntica, seus valores e visão de mundo. Essa transformação, no entanto, entra em conflito direto com a ordem estabelecida, pois ao assumir seu verdadeiro eu, Neo desafia um sistema que busca controlar rigidamente as variáveis comportamentais dos indivíduos que o compõem.

B. F. Skinner, fundador do behaviorismo radical, base filosófica da Análise do Comportamento, apresentou o conceito de **comportamento operante**, que abrange a maioria dos comportamentos emitidos pelos organismos. Os comportamentos operantes são aqueles que produzem consequências no ambiente, as quais, por sua vez, influenciam a probabilidade de esses comportamentos ocorrerem novamente. O **reforço** ocorre quando as consequências de um comportamento aumentam essa probabilidade, enquanto a **punição** ocorre quando tais consequências a reduzem (Moreira & Medeiros, 2007).



ciência e Comportamento Humano (2003) discute o conceito de **agências controladoras**, que são instituições, sistemas ou grupos sociais que exercem controle sobre o comportamento dos indivíduos por meio do uso de reforços e punições. Assim, “o indivíduo controlado é obediente aos mandamentos da agência e se comporta em conformidade com seus procedimentos controladores” (Skinner, p. 368, 2003). Considerando isso, podemos caracterizar a Matrix como um tipo de agência controladora que opera diretamente sobre as variáveis comportamentais dos indivíduos, reforçando o que é julgado adequado e punindo aquilo que contraria o sistema estabelecido.

O conceito de agências controladoras pode ser expandido para diversas áreas, tais como o Estado, a lei, a educação, a religião, a psicoterapia, a economia, os meios de comunicação, a cultura e, mais recentemente, as redes sociais.

Um dos papéis da agência de controle é reforçar e punir comportamentos visando a manutenção das normas sociais. Quando Neo, Trinity, Morpheus e os demais integrantes da Resistência contestam essas normas, a Matrix reage por meio da punição, buscando formas de prejudicar física e emocionalmente os protagonistas. O Agente Smith, um dos principais antagonistas da saga, pode ser interpretado como a personificação desta agência controladora, atuando como seu principal instrumento de punição, com a função de reduzir os

comportamentos opostos dos personagens.

Considerando essa dinâmica entre as formas de controle e o comportamento social, podemos trazer a discussão para uma realidade mais próxima: as redes sociais. Segundo pesquisa feita pela empresa Kepios (2024), especializada em análises do uso de meios digitais, no início de 2024, cerca de 5,04 bilhões de pessoas estavam ativas em redes sociais, o que equivale a 62,3% da população mundial. Esse número nos leva a considerar que uma realidade sem redes sociais se tornou praticamente impensável, levando à necessidade de refletir sobre como a onipresença desses mecanismos digitais podem influenciar o nosso comportamento.

Partindo do princípio de que as redes sociais se tornaram uma agência controladora contemporânea, e delimitando o objeto de estudo para melhor compreensão, selecionamos três redes sociais que estão entre as mais utilizadas globalmente: Facebook, Instagram e TikTok. Essas plataformas oferecem uma variedade de recursos semelhantes entre elas, como:

1. O “Feed”, que permite acesso à uma infinidade de conteúdos;
2. Sistema de curtidas, comentários e compartilhamentos;



4. Conteúdos selecionados por algoritmos personalizados;
5. Mensagens entre usuários.

Essas ferramentas, quando analisadas sob a ótica comportamental, funcionam como exemplos de **estímulos discriminativos (SDs)**, sinais de que a emissão de um determinado comportamento, em um dado contexto, será seguida de um reforço. (Baum, 2006) Por exemplo, as notificações agem como SDs para o comportamento de abrir os aplicativos, que oferece diversas consequências reforçadoras como o acesso a novos conteúdos e fuga do estado de tédio, aumentando a probabilidade de que esse comportamento se repita. Isso se torna possível devido a manipulação de dados e uso de algoritmos personalizados na apresentação de conteúdos aos usuários. Entretanto, nem sempre o reforço é imediato ou contínuo, muitas vezes ocorre de forma imprevisível e variável. Skinner denominou essa dinâmica de **reforçamento intermitente**.

O reforçamento intermitente ocorre quando nem toda resposta é seguida de um reforço. No caso das redes sociais, é comum que apenas parte do conteúdo do feed seja reforçadora para o usuário, o que o leva a passar mais tempo navegando em busca de estímulos satisfatórios. Da mesma forma, curtidas, comentários, compartilhamentos e mensagens, sendo contingentes a terceiros, aparecem de modo imprevisível. Essa incerteza aumenta o número de postagens e

interações, tornando o comportamento mais resistente à extinção. Assim, podemos afirmar que os esquemas de reforçamento intermitente tendem a gerar maior frequência de respostas do que os de reforçamento contínuo, justamente pela variação na obtenção do reforço, o que demanda mais tentativas, aumentando o comportamento de uso das redes sociais. (Moreira e Medeiros, 2007).

Compreendendo essa dinâmica de controle exercido pelas redes sociais, chegamos a uma pergunta essencial: o que fazer diante disso? Em *Matrix*, Neo se depara com a possibilidade de tomar uma pílula azul e esquecer sobre a Matrix, retornando a sua vida cotidiana dentro da realidade virtual ou tomar uma pílula vermelha e descobrir a verdade sobre o mundo. Neo, escolhe a pílula vermelha. Com isso, ele consegue romper com o controle exercido pela máquina. Esse movimento pode ser enquadrado no que Skinner chamou de **contracontrole**.

“No contracontrole, o organismo controlado emite uma nova resposta que impede que



o controle sobre o seu comportamento.” (Moreira e Medeiros, p. 78, 2007). Assim como Neo, é possível emitir novas respostas que inviabilizem a dinâmica de alienação promovida pelas redes sociais. Limitar o uso, escolher ativamente o que consumir, criticar e expor mecanismos de manipulação digital, e valorizar formas alternativas de interação social são exemplos de respostas de contracontrole e, também, estratégias de **autocontrole**, que se trata do controle do próprio comportamento por meio da manipulação das contingências às quais estamos expostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada revelou que *Matrix*, os conceitos da Análise do Comportamento e as redes sociais convergem na temática dos sistemas de controle que moldam o comportamento humano. O trabalho destacou como o filme apresenta empiricamente aspectos teóricos descritos por Skinner e Baum, e como as redes sociais atuam como agências controladoras, influenciando, reforçando e punindo comportamentos de maneira sutil, porém eficaz.

Compreender as contingências que controlam o comportamento humano, portanto, revela-se essencial, pois, ao identificar estímulos discriminativos e esquemas de reforçamento, é possível desenvolver um olhar mais crítico sobre nossas próprias ações e escolhas. Esse entendimento não apenas amplia nossa autonomia individual, como também nos torna mais atentos às formas de manipulação e alienação às quais estamos constantemente expostos.

Em conclusão, embora o estudo tenha alcançado seus objetivos principais, devido ao formato do trabalho não foi possível aprofundar os impactos biopsicossociais derivados desse

controle, o que sugere a necessidade de pesquisas futuras. Ressalta-se ainda o papel do psicólogo na prevenção e intervenção, auxiliando indivíduos a desenvolverem estratégias de autocontrole e contracontrole, promovendo práticas saudáveis de uso dos meios digitais, considerando as contingências que mantêm esses comportamentos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUM, W. M.; TERESA, M. Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução. [s.l.] Porto Alegre. Artmed, 2006.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MATRIX. Direção: Lana Wachowski; Lilly Wachowski. Estados Unidos: Warner Bros, 1999. 1 filme (136 min), son., color.
- MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. Princípios básicos de Análise do Comportamento





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO

SKINNER, B. F. Ciência e comportamento humano. São Paulo, Sp: Martins Fontes, 2003.

**NOSFERATU: UM RETRATO DA HISTERIA FEMININA E
CONVERSÃO DO DESEJO, UM DIÁLOGO COM A PSICANÁLISE
CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA**

Lara Mendes Magalhães Torres

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

lara.torres01@aluno.unifametro.edu.br

Társila Ellen Pereira Aguiar

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

tarsila.aguiar@aluno.unifametro.edu.br

Marcus Kleredis Monteiro Vieira

marcus.vieira@professor.unifametro.edu.br

Docente-Centro Universitário Fametro- Unifametro



RESUMO

Introdução: Um breve resumo de *Drácula* de Bram Stoker, livro que originou *Nosferatu* (1922) e posteriormente o filme de 2024, fazendo uma ligação entre temas recorrentes nas diferentes iterações da obra. **Objetivo:** Tecer uma relação entre *Nosferatu* (2024) e sintomas da histeria clássica, recorrente no período em que o filme é situado, com reflexões acerca do gozo e da repressão do desejo, assim, utilizando a obra como um estudo de caso. **Método:** Análise bibliográfica de compilados de Freud e Lacan e artigos no Scielo e Pepsic, além de revisões acerca de temas abordados no filme e na obra original. *Nosferatu* (2024), *Nosferatu* (1922) e *Drácula* de Bram Stoker. **Resultados:** Em *Nosferatu*, Conde Orlok encarna o retorno do reprimido e o gozo além do princípio do prazer. Ellen, como histérica, atravessa a fantasia, assume seu desejo e sacrifica-se, dissolvendo seu corpo simbólico. A morte não elimina o real: o trauma persiste, reafirmando a tensão entre Eros e Thanatos. **Considerações finais:** O artigo analisa *Nosferatu* (2024) mostrando Ellen como a histérica clássica, negando seu desejo até sublimá-lo através do sacrifício. Ao se entregar ao gozo absoluto, ela dissolve seu corpo simbólico e liberta-se das imposições sociais e da própria histeria.

Palavras-chave: histeria, psicanálise, cinema, desejo, gozo

INTRODUÇÃO

Neste estudo, faremos uma análise do filme *Nosferatu* (2024), dirigido por Robert Eggers, remake do filme homônimo de 1922 de F.W Murnau. *Drácula*, publicado em 1897, refletia anseios e medos de uma sociedade inglesa vitoriana, o vampiro, por sua vez, assume o lugar do outro ameaçador, vindo do longínquo Leste Europeu (Transilvânia). Na virada do século XIX para o XX, havia uma crescente preocupação com a “pureza” britânica — e o vampiro aparece como uma figura contaminadora, mestiça, degenerada, que pode infectar a civilização vitoriana com sua alteridade, seu objetivo sendo “corromper” o mundo britânico com suas línguas, costumes e sua “praga”. Trata-se de um medo, que ademais, é resultante da colonização, pondo o colonizador em um lugar de vulnerabilidade perante o colonizado.

Nosferatu (2024) explora alguns temas em comum com a obra que o originou, mas também traz temas inéditos que não poderiam ser explorados na época em que se passa, como

a histeria feminina, o desejo e a pulsão. Com isso, nosso objetivo é justamente esse, analisar os conceitos, por exemplo, a histeria, é a chave para entender muitas dinâmicas dentro do filme, como de Ellen que se vê atravessada por conflitos psíquicos profundos, ou então a conversão do desejo que é vista através da figura do vampiro, onde o desejo reprimido se manifesta de forma ameaçadora e imprevisível. Além disso, a pulsão de morte neste novo filme é representada não só como um impulso destrutivo, mas como uma força que ressignifica as relações da personagem com a identidade e sexualidade. É isso que pretendemos explorar neste trabalho.

É conhecido que a psicanálise se originou a partir de estudos da clínica histérica.



seus pacientes com o método catártico, que envolvia o uso da hipnose, mas os sintomas de maior parte regrediram após um determinado período, já que a sugestão revelava mais acerca das suposições do "terapeuta" do que das queixas da cliente histérica. Freud, um neurologista, se debruça nos estudos da sexualidade humana, vista como um tabu na época, criando a psicanálise, que evidenciou a verdadeira fonte da histeria na psique, se tratando de uma variação da estrutura neurótica, marcada principalmente pela repressão sexual feminina, latente nesse período, como consequência do zeitgeist, que se manifestava em sintoma no retorno do recalque. Nos dias de hoje a partir do cinema e da arte, em geral é possível contemplar obras que se situam cronologicamente antes do desenvolvimento e contribuições de Freud à psicanálise, sendo ainda mais curiosa a análise de filmes como Nosferatu (2024) que exploram o gozo do Outro a partir da estrutura histérica e da sexualidade da mulher, frequentemente recalcada.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica de compilações de Freud e Lacan, juntamente com a leitura de artigos científicos em bases de dados como Pepsic e Scielo, com o objetivo de construir uma leitura mais psicanalítica e crítica do filme Nosferatu (Robert Eggers, 2024).

Nosso objetivo é estabelecer um diálogo entre a narrativa cinematográfica do filme Nosferatu e os conceitos da histeria feminina e da conversão do desejo na psicanálise. Para isso, realizamos uma leitura interpretativa dos textos teóricos, juntamente com uma análise de personagens e cenas do filme, cruzando informações, características e personagens com conceitos como a histeria feminina, recalque, conversão do desejo, pulsão de morte e gozo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conde Orlok (Nosferatu), não adota apenas o papel de estrangeiro como Drácula, mas de uma personificação do retorno do recalcado. Ele encarna para uma mulher, via deslocamento, algo que lhe foi negado, recalcado, mas que retorna com uma força devastadora: a dimensão traumática da sexualidade, o gozo e a pulsão de morte. Lacan, ao comentar o Real como aquilo que **resiste à simbolização**, reforça esse ponto em *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964): “O real é aquilo que resiste absolutamente à simbolização.”. Orlok representa isto: sua presença é uma perturbação que



simbólico da cidade (linguagem, leis, moral), desestruturando a ordem burguesa. Ellen Hutter, protagonista feminina da obra, é uma mulher atravessada pelos mais diversos sintomas - inquietação, devaneio, erotismo reprimido, ocupando o lugar da **histórica clássica**, como descrita por Freud, em *Estudos sobre a histeria* (1895): “Na histeria, o conflito de desejo se expressa pela conversão somática de uma ideia inconsciente”. Lacan, em *Seminário 17: O avesso da psicanálise* (1969), define a **estrutura histórica** como aquela que **faz o Outro desejar**, ao se oferecer como enigma: “A histórica interroga o desejo do Outro e se coloca como objeto de desejo, mas um objeto impossível.”. A personagem feminina atrai Orlok, mas também o repele, se mostrando insatisfeita com seu casamento, com a aparição do conde, negando qualquer interação sexual com o marido. Ela flerta com o gozo, mas se posiciona como aquela que **nega a satisfação plena**, preservando o desejo como constante tensão. O desejo que circula no filme é **desejo reprimido, pulsional**, e por isso mesmo ameaçador. O vampiro é figura de um **gozo além do princípio do prazer**, conceito que Freud desenvolve ao discutir a **pulsão de morte**, no clássico *Além do Princípio do Prazer* (1920): “Existe uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio do prazer: a pulsão de morte”. Nosferatu representa esse gozo excessivo, sem freio, justamente por se originar, na verdade, de Ellen. O medo do contágio em Nosferatu (2024) não é apenas ao estrangeiro, ao desconhecido, mas sobretudo ao **libidinal**, a mordida do vampiro se trata de um ato sexual simbólico que tem como objetivo a transmutação da vítima, o que a leva a revelar o desejo sob a máscara de normalidade, uma **transmissão do desejo** e, portanto, subversão das estruturas psíquicas ligadas ao recalque da sexualidade. Isto é evidenciado ao final do filme, onde Ellen Hutter, que ao longo do filme adota o papel de histórica, deliberadamente se entrega ao vampiro. Mas esta entrega não é passiva, ela sacrifica a si mesma para obliterar Conde Orlok, usando seu corpo como instrumento e armadilha. A histórica, por definição, não sabe o que deseja — ela se organiza em torno de uma

pergunta ao desejo do Outro. No final, porém, a personagem assume uma posição ativa: ela **sabe o que quer** e age. Isso implica uma espécie de **travessia do fantasma** (*traversée du fantasme*), conceito fundamental de Lacan, ela deixa de se identificar com a posição que ocupa dentro da fantasia (geralmente como objeto do desejo do Outro), e passar a se responsabilizar por seu próprio desejo — ou seja, sustentar o desejo como tal, sem se apoiar numa cena fantasmática que o sustente. Ao fazer isso, ela abandona a posição de objeto do



er, seu próprio marido, por exemplo) e se torna sujeito de seu próprio desejo (Conde Orlok) — ainda que isso a leve à morte. O gesto final da personagem não é só de sacrifício — é um **ato de gozo absoluto**, no sentido lacaniano. A morte da protagonista não é uma punição moral, mas sim uma espécie de **limite do gozo**, um ponto onde a pulsão deixa de buscar prazer e busca apenas a **dissolução** — aquilo que Freud descreve como **pulsão de morte** (*Todestrieb*). “O objetivo final da pulsão é o retorno ao estado inorgânico.” — *Além do princípio do prazer* (1920). Ela entrega o corpo não para ser possuída, mas para **desfazer-se enquanto corpo simbólico** — o corpo moral, o corpo de esposa, o corpo falado. O corpo histérico se dissolve no gozo absoluto. No final, o vampiro morre com a luz do sol — isto é, com a exposição ao campo do **simbólico**. Mas o que resta não é exatamente paz. A cidade continua doente, como se o trauma (o real) ainda pairasse. O real, para Lacan, **não desaparece com o desaparecimento do sintoma**, porque ele não é simbólico: “O real é o impossível, é o que não cessa de não se escrever.”, como argumenta Lacan em *Seminário 20*. Ou seja, matar Orlok não apaga a dimensão do desejo monstruoso, do gozo que ameaça a ordem. Ele apenas **retorna em outra forma**, talvez na lembrança, talvez no olhar da cidade, talvez no espectador. Freud já havia intuído essa ligação profunda entre morte, erotismo e representação estética: “A pulsão de morte trabalha silenciosamente ao lado do Eros, e sua manifestação simbólica mais poderosa está na arte.” disserta Freud, também em *Além do Princípio do Prazer* (1920). O cinema de horror, especialmente no estilo expressionista retomado por Eggers, expõe esse trabalho silencioso da pulsão. A mulher que morre em nome do desejo e da salvação estética se torna uma espécie de **sublimação máxima** da tensão entre Eros e Thanatos, a pulsão de morte e de vida, como evidenciado principalmente em tragédias e no mito do amor sublime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse artigo, com a **análise** do filme *Nosferatu* (2024) evidencia-se uma grande verossimilhança com o **fenômeno** da histeria, tal qual era apresentado nos primórdios do surgimento da clínica, por meio de Ellen Hutter vislumbramos a ação da pulsão de morte

desbalanceada, característica presente em pacientes desse quadro desde o século XIX, a **histórica clássica** se coloca em negação ao desejo que possui ao Outro, ansiando inconscientemente ceder a ele. Para ela, tomar esta postura ativa, é **inconcebível** em vida, portanto, somente sendo possível através da **sublimação máxima**, Ellen se sacrifica em



eria significar uma renúncia às expectativas sociais que lhe eram impostas constantemente, Nosferatu simboliza tudo que Ellen deseja, mas que é visto como moralmente condenável para uma dona do lar, inclusive para ela mesma. No ato final ocorre uma dissolução do seu corpo no simbólico como ato final da pulsão de morte: ela enfim se liberta de seus valores, crenças, e conseqüentemente, de sua histeria, entregando-se a um gozo que não é parcial, mas absoluto.

REFERÊNCIAS

- LACAN, J. The Four Fundamental Concepts of Psycho-Analysis. [s.l.] Routledge, 2018.
- BREUER, J.; FREUD, S. Studies On Hysteria. New York: Basic Books, 2009.
- FREUD, S. et al. Além do princípio de prazer. Porto Alegre, RS: L & PM Editores, 2016.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. [s.l.] Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. [s.l.] Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BOCCA, F. V. Histeria: primeiras formulações teóricas de Freud. Psicologia USP, v. 22, n. 4, p. 879–906, 21 nov. 2011.
- GUTIÉRREZ-TERRAZAS, J. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 5, n. 1, p. 91–100, jun. 2002.
- AZEVEDO, M. et al. Artigo Original O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE NA OBRA DE FREUD The Development of the Concept of Death Drive of in Freud's Work. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v15n1/08.pdf>>.
- LÚCIA, M. A alteridade: o outro como critério. Revista Da Escola De Enfermagem Da Usp, v. 33, n. 4, p. 355–357, 1 dez. 1999.
- DIAS, M. DAS G. L. V. Do gozo fálico ao gozo do Outro. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 11, n. 2, p. 253–266, dez. 2008.
- SCOTTI, S. Psicanálise: uma ética do desejo. Repositorio.ufc.br, 2025.

O COCO DE RODA COMO TECNOLOGIA ANCESTRAL PARA O FORTALECIMENTO DE IDENTIDADE NA CULTURA NORDESTINA

Rayare Terto dos Santos





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
rayare.santos@aluno.unifametro.edu.br

Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Diversidade: Estudos de Gênero, Raça, Cultura, Inclusão e Outros

RESUMO

Introdução: Este trabalho analisa como o coco de roda atua como tecnologia ancestral para o fortalecimento identitário na cultura nordestina, em meio a um contexto histórico de homogeneização cultural imposta pela cultura ocidental. **Objetivo** Discutir as implicações da prática do coco de roda na construção de subjetividades e na resistência cultural nordestina. **Métodos:** Essa pesquisa possui abordagem qualitativa, com análise discursiva de letras de coco disponíveis em plataformas digitais. **Resultados:** A análise das letras de coco de roda revela que essa prática cultural atua como uma forma de resistência contra a homogeneização cultural, mantendo vivas tradições que afirmam a identidade e a memória coletiva. As canções abordam temas como a luta contra a opressão, o pertencimento e o fortalecimento da comunidade. **Considerações finais:** A prática de coco de roda resiste às imposições culturais externas, sendo um meio de preservação e valorização dos saberes tradicionais como tecnologia ancestral.

Palavras-chave: Identidade cultural; coco de roda; cosmotécnica.

INTRODUÇÃO

A psicologia como ciência, está comprometida diretamente com o cuidado com o sujeito em sua totalidade, considerando aspectos biológicos e sócio-culturais que compõem a experiência humana. A cultura participa ativamente na formação da identidade e da saúde psíquica, se configurando como elemento essencial na construção subjetiva (Bock 2003). Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho visa apresentar como o coco de roda pode atuar na reafirmação da identidade da cultura nordestina, através do canto, da dança e do fortalecimento comunitário, tal como, no bem-estar destes que participam dessa expressão coletiva.

Esse trabalho tem como objetivo explorar práticas culturais tradicionais, especificamente o coco de roda, como forma de produção de saber e tecnologia ancestral, visando discutir como isto pode implicar na construção da subjetividade e fortalecimento da identidade cultural nordestina.

Segundo Hall (1999), a identidade cultural é um processo de constante construção, a qual é atravessada por experiências históricas e simbólicas do sujeito através das representações. Para o autor essas representações incluem as práticas de significações e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, nos posicionando como



pectiva permite compreender como as manifestações culturais, como o coco de roda, constrói sentidos sobre quem somos e qual história coletiva pertencemos.

O coco de roda, manifestação cultural de origem afro-indígena, reúne em sua estrutura, elementos rítmicos e simbólicos que se expressam por meio de cantiga rimada, dança e instrumentos percussivos, tal como pandeiro, bumbo, maracás, palmas e até tamancos de madeira para firmar a batida na pisada. Em suas letras, possui temáticas diversas ligadas ao cotidiano sertanejo nordestino e resistência social e afirmação de valores comunitários (Ferreti, 1997). Organizado em círculo e dançado em pares, fileiras e até mesmo sozinho, mas de forma coletiva, o coco de roda cria um espaço de encontro e expressão cultural (Ruffino, 2019).

Essa pesquisa também visa explorar o conceito de cosmotécnica a fim de propor uma visão plural sobre o que é tecnologia, para além do conceito ocidental e pós-colonial, pois ao deslocar nosso olhar das noções tecnocientíficas eurocêntricas, abrimos espaço para reconhecer práticas culturais como forma de produção de saber, cuidado e existência (Krenak, 2019)

Logo, utilizaremos aqui, alguns artistas fazedores do coco e da arte popular nordestina, como Dona Selma do coco, Comadre Fulozinha e Samba de coco raízes Arcoverde. Ao trazer essa temática para o âmbito da psicologia, este trabalho visa promover a ampliação de práticas de cuidado, valorizando saberes tradicionais.

METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, com uma abordagem de análise discursiva de músicas do gênero coco na qual foi fundamentada na revisão de literatura através da seleção de livros e artigos, através da plataforma SCIELO, assim como repositório de universidades e periódicos publicados, onde os critérios de inclusão foram baseados na qualidade dos conteúdos e na proximidade com o tema.

Para a elaboração dessa pesquisa primeiramente foi utilizado a análise qualitativa das músicas de roda de coco disponíveis nas plataformas YouTube e Spotify. Essa análise se deu a partir da interpretação das letras e das mensagens culturais expressas nessas canções, considerando trechos relacionados à resistência cultural, expressões de bem-estar e



Segundo Caregnato e Mutti (2005) o processo de análise discursiva questiona os significados construídos em diferentes formas de produção, sejam verbais ou não, desde que sua materialidade seja possível de interpretação. Logo, podem ser analisados textos, imagens, expressões corporais como dança ou movimento e a música, na qual foi utilizada nesta pesquisa

Quanto à fundamentação teórica desta pesquisa, foram realizadas buscas em artigos e livros relacionados aos temas identidade, cultura e tecnologia ancestral. As palavras-chave utilizadas nas pesquisas incluíram 'identidade e cultura', 'identidade cultural', 'tecnologia ancestral' e 'roda de coco', com o objetivo de selecionar as fontes mais colaborativas para a análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao discorrer sobre identidade cultural, Buccini (2019) afirma que a construção dessa identidade se dá principalmente através de narrativas históricas, como discursos midiáticos, literatura e contos da cultura popular, os quais geram uma cultura material e imaterial, ou seja, uma tradição. Para Hall (1999), a identidade nacional ou regional vai além de ser apenas uma entidade política, pois ela se configura como algo que produz sentido, um sistema de representação.

Quando nos aprofundamos no contexto da cultura nordestina e no imaginário social, percebemos que, sob a influência da grande mídia e dos processos coloniais, a imagem social do Nordeste está frequentemente associada ao cangaceirismo e a formas arcaicas de relações sociais, que, segundo Bernardes (2007), para quem não faz parte desse contexto, estariam situadas em um pré-capitalismo.

Partindo dessa perspectiva, é possível compreender como a cultura popular nordestina, embora muitas vezes reduzida a estereótipos, contém dentro de si outras epistemologias e formas de existência que desafiam a cultura homogênea imposta pelo saber colonial. E é nesse ponto que a visão de cosmotécnica surge como uma chave para entender essas manifestações culturais, que não se limitam às narrativas tradicionais e hegemônicas, mas propõem formas alternativas de subjetividade e bem-estar.

Yuk Hui (2020) propõe uma antítese à visão ocidental do que é tecnologia,



é um fenômeno universal ou neutro, mas está profundamente ligada às cosmovisões e práticas culturais de cada sociedade. Nesse contexto, a cosmotécnica se refere à ideia de que diferentes culturas e civilizações criam e utilizam tecnologias a partir de suas próprias filosofias e visões de mundo.

O autor critica a visão ocidental e capitalista sobre o que é tecnologia, que, segundo ele, está centrada na inovação tecnológica e na maximização do lucro, visando explorar e transformar a natureza, ao mesmo tempo em que desconsidera a diversidade de relações existentes (Hui, 2020). A partir dessa perspectiva, ele aponta a necessidade de abrir espaço para

outras formas de compreender a tecnologia. Para Hui, a cosmotécnica seria a unificação do cosmos e da moral por meio de atividades técnicas, sejam elas relacionadas à criação de produtos ou à produção de obras de arte (Fagim, 2023). Logo, descartando a ideia de que tecnologia se refere apenas a criações materiais com recursos avançados.

Essa visão homogênea da tecnologia acaba explorando e transformando a natureza, uma vez que todos os seres e processos são reduzidos a meros recursos disponíveis para a humanidade. (Hui, 2020) questiona esse modelo, sugerindo que ele ignora a diversidade de relações possíveis entre tecnologia e natureza. Ele propõe a necessidade de abrir espaço para outras formas de entender e utilizar a tecnologia, que não se limitem à visão capitalista e ocidental de exploração e controle.

A crítica de Hui, (2020), nos induz a pensar em maneiras de entender o que é a tecnologia, que sejam menos exploradoras, vendo práticas tradicionais como tecnologia, tendo em vista que essas atendem as necessidades humanas através de técnicas ancestrais, desde a nossa alimentação, vestuário, artesanato, música e muitos outros elementos que compõem essa estrutura social.

Ao pensarmos o conceito de cosmotécnica, pensamos na valorização do saber ancestral, na qual se opõe ao saber imposto estruturalmente por poderes coloniais. Ao ler a canção *Angicos* de *Comadre Fulozinha*, podemos observar essa



*“Seu doutor, não lhe dou ouvidos
Minha cabeça tá cheia de ideias
O perfume que eu uso
Não é como o seu
Sai daqui da minha terra”*

Ao se referir ao doutor, a música transmite uma ideia de resistência às autoridades que, para a sociedade, detêm o saber, reforçando a valorização do saber popular, que se reafirma na próxima frase ao dizer: “minha cabeça está cheia de ideias”. Ao dizer “o perfume que uso não é como o seu”, reforça-se uma diferenciação cultural, em que o perfume pode ser entendido como uma metáfora para a essência. Na última frase da estrofe, a canção diz: “Sai daqui da minha terra”, uma frase de reivindicação territorial e defesa do seu lugar, que historicamente foi invadido, de forma física e simbólica.

A próxima letra na qual foi escolhida, se apresenta em uma estrofe na qual é possível observar a relação do indivíduo com o seu lugar. *Dona Selma do coco* em sua canção *“Se Dona Selma não fizer mais coco”* juntamente com o coletivo na qual se faz presente nas músicas e

danças diz;

*“D. Selma: Coqueiro tá de coco novo, minha gente, o que é que há?
Coletivo: Se dona selma não fizer mais coco acabou a alegria do lugar”*

Podemos observar na própria canção a relevância do coco para o que o coletivo chama de “lugar”. Segundo Cavalcante e Elali (2011) lugar, para além do seu espaço físico, é constituído por vivências e os sentimentos, oferecendo visões históricas destes. Portanto, assim como o tempo, o lugar é importante para a construção do eu. Logo, Tuan (1977) cita a experiência como central para a percepção do indivíduo com o seu ambiente. Dessa forma, o lugar é o espaço que se torna significativo a partir da vivência, das emoções e das relações que ele desperta nas pessoas, sendo crucial para a formação da identidade individual e coletiva.

A terceira canção a ser citada, trata-se de *A caravana não morreu*, de *Samba de coco raízes Arcoverde*. Onde, traz uma estrofe referente a resistência e



ando Ivo Lopes, precursor do coco na família do grupo
(Brasil de fato 2022).

*“A caravana não morreu,
Não morreu, nem morrerá!
Depois do mestre partir
Para nunca mais voltar
Deixando seu repertório
Pra a gente continuar.*

A canção traz explicitamente em sua letra, a relação da continuidade do saber ancestral como forma de resistência, representando também, a memória cultural de um povo. Portanto, ao afirmar “A caravana não morreu” evoca a transmissão dessa prática como elemento vivo, que está presente através dos ensinamentos que são valorizados pôr a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este trabalho buscou evidenciar a importância do coco de roda como uma manifestação cultural que não apenas reafirma a identidade da cultura nordestina, mas também serve como um espaço de resistência e fortalecimento comunitário. Ao explorar a relação entre o saber tradicional e o conceito de cosmotécnica, é possível compreender como práticas culturais, podem ser vistas como formas legítimas de produção de saber.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 71, p. 41–79, 2007.
- BOCK, A. M. B. **A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. In: BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. 2005.
- CARMO, Beatriz; MARAJÓ, Marcela Varotto; MAIA, Marcelo Reis; RENA, Natacha. **O pensamento não ocidental, a cosmotécnica de Yuk Hui e a tecnologia chinesa**. Revista da UFMG, Belo Horizonte, 2023. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/612583-a-cosmotecnica-como-metodo-para-pensar-a-relacao-entre-tecnologia-e-cultura-entrevista-especial-com-fernando-wirtz> Acesso em: 24 abr. 2025.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

O sonho, uma tecnologia ancestral indígena: o conceito de cosmotécnica no pensamento de Ailton Krenak. 2023.

FERRETTI, Sérgio. **Festas tradicionais populares no Maranhão.** São Luís: Edição do autor, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HUI, Yuk. **A questão da tecnologia na China: um ensaio em cosmotécnica.** São Paulo: Ubu Editora, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

STROPASOLAS, Pedro. **Samba de coco: a história da família que faz do ritmo a própria natureza do Brasil.** Brasil de Fato, 1 ago. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/01/samba-de-coco-a-historia-da-familia-que-faz-do-ritmo-a-propria-natureza-do-brasil/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução de Sérgio P. A. Parreira. São Paulo: Difel, 1983.

YUK, Hui. **A pergunta pela cosmotécnica.** Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/602804-yuk-hui-e-a-pergunta-pela-cosmotecnica>. Acesso em: 24 abr. 2025.

O SILENCIAMENTO DA RACIALIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DO RACISMO

Maria Adriane Gomes Nascimento

Discente - Centro Universitário Fametro
maria.nascimento11@aluno.unifametro.edu.br

Orientador: José Edson da Silva

Docente - Centro Universitário Fametro
jose.silva@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: 4. Psicologia e Diversidade: Estudos de Gênero, Raça, Cultura, Inclusão e



RESUMO

A prática clínica em psicologia pressupõe uma escuta ética e contextualizada, mas silencia frequentemente as questões raciais, reproduzindo violências simbólicas. Discutir o silenciamento da racialidade na prática clínica e suas implicações na saúde mental da população negra. Estudo qualitativo, teórico-reflexivo, baseado em revisão bibliográfica crítica de autores sobre racismo e subjetividade. A análise evidenciou que o não reconhecimento do impacto do racismo perpetua epistemologias eurocentradas e invisibiliza sofrimentos raciais no setting clínico. Torna-se imprescindível a construção de uma prática psicológica ética, crítica e antirracista, que reconheça a racialidade como dimensão constitutiva da subjetividade.

Palavras-chave: Racismo; Psicologia clínica; Saúde mental; Racialidade; Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A prática clínica em psicologia pressupõe uma escuta ética, sensível e contextualizada. Contudo, quando se trata das questões raciais, especialmente do sofrimento psíquico decorrente do racismo, observa-se um silenciamento recorrente, tanto na formação dos profissionais quanto no exercício clínico. Em um país como o Brasil, onde o racismo opera de maneira estrutural e histórica, essa omissão contribui para a reprodução de violências simbólicas dentro do próprio setting terapêutico (Munanga, 2005).

A clínica tradicional, alicerçada em paradigmas universais e eurocentrados que desconsideram as especificidades das experiências racializadas, tende a reduzir o sofrimento psíquico a categorias abstratas, negligenciando a materialidade social e histórica do racismo na produção do adoecimento (Gonzalez, 1988; Mbembe, 2018). Tal silenciamento não é neutro: ele opera como uma forma de violência simbólica que invisibiliza as dores raciais, isola o sofrimento e, muitas vezes, impede a elaboração subjetiva das marcas do racismo (Ramos, 2020).

O mito da democracia racial, como aponta Munanga (2005), e a idealização de uma escuta “neutra” frequentemente impedem que psicólogas e psicólogos reconheçam o impacto do racismo na constituição subjetiva de pessoas negras. Esse silêncio, embora tecnicamente apresentado como imparcialidade, configura-se como um posicionamento político que reforça a exclusão de vivências legítimas de sofrimento psíquico. Conceição Evaristo (2017) contribui

para essa análise ao evidenciar como as experiências de pessoas negras são sistematicamente deslegitimadas e invisibilizadas em múltiplos espaços sociais, inclusive no âmbito da saúde mental.



po, justifica-se a necessidade de refletir sobre como a racialidade é tratada (ou ignorada) na clínica, considerando as implicações psicossociais desse não-dito no processo terapêutico. Assim, este trabalho tem como objetivo discutir o silenciamento da racialidade na prática clínica em psicologia e suas implicações sobre a saúde mental da população negra, buscando contribuir para o fortalecimento de uma prática psicológica ética, crítica e antirracista.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, com delineamento teórico-reflexivo. Trata-se de uma análise fundamentada em referenciais críticos da psicologia, estudos raciais e produções acadêmicas que problematizam o racismo como fenômeno estrutural e sua repercussão na prática clínica.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica, tendo como base autores e autoras que discutem a relação entre subjetividade, racialidade e psicologia, como Neusa Santos Souza, Grada Kilomba, Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Maria Aparecida Bento. Os textos foram selecionados com base em sua relevância acadêmica, representatividade no campo e contribuição para o pensamento crítico e antirracista.

A análise foi conduzida de forma interpretativa, buscando articular os conceitos-chave presentes nos textos com as práticas clínicas observadas na realidade brasileira. A metodologia adotada não busca esgotar o tema, mas sim contribuir para a reflexão crítica sobre o silenciamento da racialidade na psicologia clínica e propor caminhos para uma atuação ética e transformadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise do silenciamento da racialidade na prática clínica evidencia um paradoxo central na ciência psicológica: embora se proponha a acolher o sofrimento humano, a psicologia, enquanto ciência e prática, historicamente construiu seus referenciais a partir de epistemologias centradas na branquitude. Como apontam autores como Fanon (2008) e Gonzalez (1988), a subjetividade negra foi sistematicamente ignorada ou patologizada, resultando em epistemes descontextualizadas das realidades raciais e coloniais. Dessa forma, o



apagamento da dimensão racial na constituição da subjetividade não é acidental, mas expressão de uma estrutura teórica e institucional historicamente eurocentrada e racializada.

Conforme Grada Kilomba (2019), o não-dito em torno do racismo configura uma violência simbólica, que se manifesta também no espaço terapêutico. Pacientes negros, ao se depararem com uma escuta que não reconhece ou invalida suas experiências de discriminação racial, podem sentir-se duplamente silenciados: pela sociedade e pela própria clínica. Neusa Santos Souza (1983) reforça que a constituição psíquica do sujeito negro implica o atravessamento da dor de ser visto como o outro, inferiorizado em sua humanidade.

Além disso, a suposta “neutralidade” frequentemente adotada por psicólogas e psicólogos atua como um mecanismo de manutenção da branquitude, conforme aponta Sueli Carneiro (2005). Essa neutralidade não é isenta de efeitos: colabora para a perpetuação de estruturas de exclusão e violência simbólica, naturalizando o racismo como pano de fundo invisível às práticas clínicas. Para Bento (2002), o pacto narcísico da branquitude sustenta a negação coletiva das relações raciais, o que reverbera na formação acadêmica e nas práticas profissionais.

Diante disso, torna-se urgente pensar em formas de atuação clínica que reconheçam a racialidade como dimensão constitutiva da subjetividade. Isso implica investir em uma formação continuada antirracista, incorporar autores e autoras negras nos currículos acadêmicos e desenvolver uma escuta clínica crítica às violências históricas, sociais e raciais que atravessam os sujeitos negros. Assim, é preciso romper com a ilusão de uma neutralidade ética e técnica, reconhecendo a psicologia como um campo atravessado por disputas de poder, história e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O silenciamento da racialidade na prática clínica compromete a qualidade da escuta terapêutica, perpetuando estruturas de opressão que deveriam ser desfeitas no cuidado psicológico. Ignorar os efeitos do racismo na constituição psíquica de sujeitos negros implica negar a realidade social e histórica de parcela significativa da população brasileira, reproduzindo epistemologias coloniais e eurocentradas.

A neutralidade, muitas vezes evocada como princípio técnico, revela-se





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

a normatividade branca, impedindo o reconhecimento do sofrimento racializado. Diante disso, este trabalho reafirma a necessidade de construção de uma clínica antirracista, que reconheça a racialidade como dimensão constitutiva da subjetividade.

Essa clínica exige a ruptura com a ilusão de neutralidade, valorizando saberes não hegemônicos e promovendo uma escuta crítica, historicamente situada e politicamente implicada. Para tanto, é essencial que as formações em psicologia incluam autores negros e desconstruam referenciais eurocentrados, capacitando profissionais para práticas éticas e sensíveis às desigualdades sociais. Construir uma psicologia antirracista é não apenas uma exigência ética, mas também uma responsabilidade política diante da complexidade e pluralidade das experiências humanas.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: PEREIRA, Luiz Valério Trindade. *Racismo Recreativo*. 1. ed. São Paulo: Letramento, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. 8. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 53–61.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- SANTOS SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

PROCESSO DE RESILIÊNCIA NA ADAPTAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Geyson Juan Magalhães da Silva

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro)

E-mail para contato: geyson.silva@aluno.unifametro.edu.br

James Oliveira de Moraes

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro)

E-mail para contato: james.morais@aluno.unifametro.edu.br

Lucas Antunes de Souza Freitas

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro)

E-mail para contato: lucas.souza05@aluno.unifametro.edu.br

Ms. Amanda Lívia de Lima Cavalcante

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro)

E-mail para contato: amanda.cavalcante@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia, Educação e Aprendizagem

RESUMO

Introdução: A transição para a vida universitária é marcada por desafios diversos, incluindo acadêmicos, sociais e emocionais. Refletir sobre os processos de resiliência é fundamental nesse contexto, representando a capacidade de adaptação positiva diante de adversidades, bem como os fatores de risco ou proteção que estão em volta desse contexto. Portanto, analisar a contribuição do desenvolvimento dos processos de resiliência no bem-estar emocional de alunos universitários é essencial. **Objetivo:** Identificar demandas dos estudantes universitários iniciantes e elaborar um projeto de intervenção com previsão de aplicação no próximo semestre na disciplina de Práticas Integrativas IV. **Métodos:** O método utilizado se configura como relato de experiência associado com revisão de literatura. **Resultados:** Os resultados indicaram que as principais demandas dos alunos estão relacionadas à gestão da carga acadêmica, sensação de não pertencimento e dificuldades nas relações sociais. A resiliência emerge como um fator crucial para enfrentar esses desafios, destacando-se a importância da gestão do tempo e do apoio social. Implicações práticas incluem a implementação de programas de orientação acadêmica e suporte psicossocial para promover o bem-estar dos alunos. O estudo também identificou lacunas e desafios, ressaltando a necessidade de pesquisas adicionais e maior apoio institucional. **Considerações finais:** Em conclusão, este trabalho destaca a importância de compreender as demandas dos estudantes universitários e promover intervenções eficazes para facilitar sua adaptação e sucesso acadêmico.

Palavras-chave: Resiliência; Adaptação positiva; Psicologia; Cuidado em saúde mental.

INTRODUÇÃO

Deste trabalho acadêmico trata-se de um recorte de uma atividade prática realizada por alunos do 5º semestre do curso de Psicologia, matriculados na disciplina de Práticas Integrativas III. O objetivo da atividade foi identificar demandas no campo das práticas e elaborar um projeto de intervenção que deverá ser



semestre, na disciplina de Práticas Integrativas IV. A atividade ocorreu em um centro universitário localizado na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará, nordeste do Brasil. Os estudantes inseridos no campo das práticas tiveram a oportunidade de mapear as principais demandas dos alunos iniciantes, percebidas tanto pelos discentes quanto pelos docentes dos 1º e 2º semestres do curso de Psicologia, a fim de construírem um projeto de intervenção que será proposto para aplicação no semestre vindouro.

Posto isto, para tentarmos compreender a complexidade da vivência universitária, é importante falarmos sobre a transição para a vida universitária, uma fase que é marcada por um período de transformação e desafios para os estudantes, especialmente para aqueles que estão nos primeiros semestres da primeira graduação. Durante essa fase marcada por mudanças e adaptações, os estudantes enfrentam alterações em diferentes aspectos de suas vidas – pessoal, afetiva, social e profissional –, exigindo uma adaptação positiva às novas circunstâncias (Cabras & Mondo, 2018).

São diversos os desafios enfrentados pelos discentes ao adentrarem o ambiente universitário, que incluem aspectos acadêmicos, institucionais, sociais, psicossociais e vocacionais, conforme identificado na literatura por Cabras & Mondo (2018). Para compreendermos a trajetória pela busca de adaptação dos universitários frente às dificuldades vivenciadas, é necessário entendermos o conceito de resiliência na Psicologia. Segundo Moraes, Juliano, Yunes et al. (2014), a resiliência é um processo desenvolvimental relacional e dinâmico que envolve adaptação ou transformação positiva em resposta a adversidades significativas. Identificar tanto as adversidades quanto o processo de adaptação ou mudança dos estudantes é essencial para que possamos entender o processo de resiliência no contexto universitário.

Nesse contexto, a resiliência surge como um componente fundamental que colabora para o enfrentamento e superação dos desafios durante a adaptação à universidade. Muitos estudantes, apesar das adversidades, conseguem adaptar-se positivamente ao ambiente acadêmico. De acordo com algumas respostas obtidas



curtidas com estudantes e professores do centro universitário em questão, as áreas como lista de prioridades, relações de amizade, convívio familiar e gestão do tempo surgiram como elementos-chave na construção do processo de resiliência no ambiente acadêmico.

Portanto, é importante que a Psicologia compreenda esse processo para desenvolver intervenções eficazes que promovam o bem-estar e o sucesso dos estudantes ao longo de sua formação acadêmica. Esta atividade acadêmica visa preencher uma lacuna na compreensão da adaptação dos estudantes universitários, especialmente aqueles dos primeiros semestres. Ao investigar o processo de resiliência desses alunos diante das adversidades enfrentadas durante a transição para a vida acadêmica, esta atividade não apenas contribui para o avanço do conhecimento acadêmico em psicologia, mas também oferece insights práticos para instituições de ensino e profissionais da psicologia. Entender como os estudantes lidam com desafios

específicos, como gestão de carga acadêmica e construção de relações sociais, pode contribuir para a construção de práticas que promovam um ambiente universitário mais favorável ao bem-estar e ao sucesso acadêmico dos alunos. Esta atividade possui diversos objetivos.

Um dos objetivos da atividade é buscar identificar as principais adversidades enfrentadas pelos alunos do primeiro semestre do Curso de Psicologia. Além disso, almeja-se compreender os processos de resiliência que os alunos vivenciam ao lidar com essas adversidades. Diante disso, o objetivo dessa pesquisa é: analisar a contribuição do desenvolvimento dos processos de resiliência no bem-estar emocional de alunos universitários. Por fim, o trabalho tenta encontrar meios práticos para instituições de ensino superior e profissionais da área da psicologia, visando apoiar e promover uma adaptação bem-sucedida dos alunos universitários, especialmente durante os primeiros semestres da graduação.

METODOLOGIA

Este estudo se configura como uma pesquisa qualitativa do tipo relato de experiência. Mussi, Flores e Almeida (2021) apontam a importância do Relato de



de produção de conhecimento que retrata vivências acadêmicas e/ou profissionais em um dos pilares da formação universitária, ressaltando a descrição da intervenção como sua característica principal.

Além disso, enfatizam a relevância de embasamento científico e reflexão crítica na construção desses estudos. Além das pesquisas bibliográficas, para a construção da presente atividade, foi necessário empregar a prática da observação sistemática, aliada à realização de entrevistas semiestruturadas com alunos e professores dos primeiros semestres do Curso de Psicologia. Essa combinação de métodos permitiu a identificação dos processos de resiliência vivenciados pelos alunos durante o início da graduação, além de colaborar para o planejamento e criação do projeto de intervenção proposto pelos estudantes da disciplina de Práticas Integrativas III.

Posto isto, a fim de trazer compreensão sobre as técnicas utilizadas durante a elaboração desta atividade, recorreremos à literatura de Danna & Matos (2015), que aborda a observação como um instrumento valioso para coletar dados e interpretar suposições que podem ocorrer na realidade. Lakatos (1996) também ressalta o papel da observação como meio de identificar e obter evidências sobre objetivos inconscientes que orientam o comportamento.

No que diz respeito ao método de entrevista, Haguette (1997) descreve-a como uma técnica de interação social entre dois indivíduos, onde o entrevistador busca informações sobre

o entrevistado. A formulação da entrevista semiestruturada ocorre por meio da combinação de perguntas abertas e fechadas, permitindo uma abordagem mais informal para encorajar o entrevistado a compartilhar suas experiências.

Em conclusão, além das abordagens mencionadas anteriormente, também conduzimos um grupo focal com alguns alunos previamente selecionados. Este método, considerado uma técnica de pesquisa qualitativa, é derivado de entrevistas grupais e visa coletar informações por meio das interações entre os participantes. Morgan (1997) define os grupos focais como uma ferramenta valiosa para reunir informações detalhadas sobre um assunto específico, enquanto Kitzinger (2000) os



de entrevista em grupo que se baseia na comunicação e interação entre os participantes. O principal objetivo do grupo focal é proporcionar insights detalhados sobre o tema em estudo, sugerido pelo pesquisador, coordenador ou moderador do grupo, por meio da seleção cuidadosa dos participantes. Por fim, nesta pesquisa serão apresentadas as principais demandas observadas durante esse processo articuladas com a temática da resiliência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade realizada buscou compreender as demandas enfrentadas pelos alunos do primeiro semestre do curso de Psicologia durante sua transição para a vida universitária, assim como os processos de resiliência que influenciam sua adaptação. A análise dos dados coletados revelou insights importantes sobre os desafios enfrentados pelos estudantes e as possíveis estratégias de enfrentamento que podem ser utilizadas.

Os resultados indicaram que as principais demandas dos alunos iniciantes estão relacionadas à gestão da carga acadêmica, à sensação de não pertencimento, às dificuldades na construção e manutenção de relações sociais, e às incertezas e pressões internas e externas ao ambiente acadêmico. Esses achados corroboram com estudos anteriores, que destacam a complexidade da vivência universitária e os múltiplos desafios enfrentados pelos estudantes.

Um aspecto relevante observado foi a importância da lista de prioridades na vida dos alunos, evidenciando a necessidade de equilibrar as demandas acadêmicas com outros aspectos de suas vidas pessoais, afetivas e profissionais. Além disso, a qualidade das relações de amizade e o apoio familiar foram identificados como fatores-chave na promoção da adaptação dos estudantes ao ambiente universitário.

Em relação aos processos de resiliência, os resultados sugerem que muitos estudantes conseguem adaptar-se positivamente ao ambiente acadêmico, mesmo diante das adversidades

enfrentadas. A análise das entrevistas semiestruturadas revelou que a gestão do tempo é uma habilidade crucial para enfrentar as demandas acadêmicas e pessoais, contribuindo para o desenvolvimento da resiliência dos alunos.



atividade têm importantes implicações para a prática clínica e a intervenção psicológica no contexto universitário. Compreender as demandas e os processos de resiliência dos alunos permite o desenvolvimento de intervenções eficazes que visam promover o bem-estar e o sucesso acadêmico. Por exemplo, programas de orientação acadêmica e suporte psicossocial podem ser implementados para ajudar os alunos a lidar com as demandas acadêmicas e desenvolver habilidades de enfrentamento eficazes. Além disso, estratégias para fortalecer as redes de apoio social dos estudantes, tanto dentro quanto fora do ambiente universitário, podem contribuir para a promoção da resiliência e do bem-estar emocional.

No Quadro 1, são apresentadas algumas das principais demandas encontradas por meio das entrevistas realizadas com alunos e professores, bem como os fatores que colaboram no processo de resiliência dos alunos.

Quadro 1 – demandas e fatores de resiliência

Principais demandas dos alunos iniciantes	Fatores que colaboram no processo de resiliência dos alunos
Gestão da carga acadêmica	Gestão do tempo
Sensação de não pertencimento	Apoio social
Dificuldades na construção de relações sociais	Lista de prioridades
Incertezas	Relações de amizade e apoio familiar

Fonte: autoria própria

Com base nos dados fornecidos no Quadro 1, é evidente que os alunos iniciantes enfrentam desafios como gestão da carga acadêmica, sensação de não pertencimento, dificuldades nas relações sociais e incertezas. No entanto, fatores como gestão do tempo, apoio social, definição de prioridades e apoio familiar contribuem de modo significativo para a elaboração do processo de resiliência dos discentes. Desse modo, perceber e abordar essas demandas e fatores de resiliência é fundamental para o sucesso acadêmico dos estudantes ingressantes do ensino superior.

Durante a nossa experiência com os estudantes de Psicologia na universidade, foi interessante observar como a falta de conhecimento sobre os



impacta diretamente a experiência acadêmica.

Percebemos que muitos alunos não têm conhecimento

sobre como utilizar os recursos oferecidos pela instituição, algo que nós mesmos vivenciamos em nossa própria vida acadêmica. Essa "falta" no acesso às ferramentas adequadas pode influenciar o aprendizado, e identificamos que essa questão é uma preocupação de muitos alunos.

Diante disso, sentimos que implementar um tour pela faculdade, focado em apresentar os equipamentos e instalações disponíveis aos alunos. Essa iniciativa poderia não só ajudar a familiarizar os estudantes com os recursos, mas também incentivar o uso mais efetivo deles em suas atividades práticas. Acreditamos que, com uma melhor compreensão das ferramentas ao seu dispor, os alunos poderão se sentir mais confiantes em suas atividades acadêmicas e, conseqüentemente, melhorar seu desempenho na graduação.

Então percebendo essa situação, um tour pela faculdade seria algo que impactaria significativamente de forma positiva para uma melhor integração desses alunos, resultando possivelmente em um melhor desempenho dos mesmos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa alcança seus objetivos ao analisar os desafios enfrentados por estudantes universitários recém-ingressos e seus impactos na saúde mental. Entende-se que a transição para a vida acadêmica é caracterizada por mudanças, transformações e desafios que podem afetar a adaptação e o bem-estar psicológico dos alunos.

Os resultados desta pesquisa mostram a necessidade de medidas especializadas para apoiar os estudantes durante os períodos iniciais da vida acadêmica. Observamos que a falta de integração e o desconhecimento dos recursos acadêmicos são aspectos que influenciam o aumento da ansiedade e outros problemas de saúde mental entre os alunos.

As limitações do estudo incluem um período limitado para coleta de dados, uma quantidade restringida de alunos e professores, exclusividade da pesquisa no curso de Psicologia em uma única universidade, podendo não refletir outras realidades culturais.



...sas, é importante considerar uma perspectiva mais abrangente, incluindo múltiplas instituições, culturas, cenários e aprofundar a compreensão das necessidades específicas dos participantes para evitar generalizações inadequadas.

REFERÊNCIAS

CABRAS, C., MONDO, M. Coping strategies, optimism, and life satisfaction among first-year university students in Italy: gender and age differences. *High Educ* 75, 643–654 (2018). <https://doi.org/10.1007/s10734-017-0161-x>

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-1168202000010006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2024.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **CNS promoverá live sobre a saúde mental dos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2971-27-04-live-transtornos-mentais-e-adoecimento-no-ambiente-de-trabalho-como-enfrentar#:~:text=Dados%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de,9%2C3%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 03 maio 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **A Psicologia brasileira apresentada em números**. Disponível em: <https://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 03 maio 2024.

FIOCRUZ. **Pesquisa identifica o impacto da pandemia em estudantes**. 2022. Disponível em:

<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-identifica-o-impacto-da-pandemia-em-estudantes#:~:text=Entre%20outros%20dados%2C%20a%20pesquisa,foram%20reportados%20por%20quase%2080%25>. Acesso em: 14 maio. 2024.

G1. **Saúde mental global piorou na pandemia, diz OMS**. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/06/17/saude-mental-global-piorou-na-pandemia-diz-oms.ghtml> Acesso em: 14 maio 2024

G1. **Mais de 20 alunos de escola estadual no Recife são socorridos com crise de ansiedade; caso é segundo no mesmo dia**. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2022/05/19/mais-de-20-alunos-de-escola-estadual-no-recife-sao-socorridos-com-crise-de-ansiedade-caso-e-segundo-no-mesmo-dia.ghtml>. Acesso em: 09 maio 2024

MALAJOVICH, Nuria et al. A juventude universitária na contemporaneidade: a



atenção em saúde mental para estudantes. Mental, Barbacena, v. 11, n. 21, p. 356-377, dez. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-4427201700020005&lng=en. Acesso em: 30 abr. 2024.

RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes; CORREA, Dionne Rayssa Cardoso. Mapeamento de fatores de risco e de proteção psicossocial no ensino superior. Linhas Críticas, [S. l.], v. 28, p. e43443, 2022. DOI: 10.26512/lc28202243443. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/43443>. Acesso em: 29 abr. 2024.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira et al. Adaptação à universidade em jovens calouros.

Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2008, v. 12, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>. Acesso em 30 abr 2024.

A PRÁTICA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO NAS INSTITUIÇÕES

Gyslany Samila Gomes Teixeira

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
gyslany.teixeira@aluno.unifametro.edu.br

Daniel Bernardino Muniz

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
daniel.muniz@aluno.unifametro.edu.br

Gabriele Gomes de Oliveira

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
gabriele.oliveira@aluno.unifametro.edu.br

Leonardo Silveira de Melo

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
leonardo.melo@aluno.unifametro.edu.br

Francisca Fernanda Barbosa Oliveira

Docente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
fernanda.oliveira@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Trabalho na Contemporaneidade

RESUMO

Introdução: O plantão psicológico é um atendimento emergencial, de escuta ativa e empática, com intervenções breves conforme a demanda apresentada. No contexto institucional, essa prática mostra-se estratégica para promover a saúde mental dos colaboradores, contribuindo para um espaço efetivo de acolhimento e expressão de sentimentos. **Objetivo:** Apresentar os desafios e potencialidades do plantão psicológico nas instituições. **Método:** Uma revisão de literatura sistemática sobre a prática do plantão psicológico e sua relevância no ambiente institucional. **Resultados:** A literatura aponta o plantão psicológico nas organizações como prática essencial para o acolhimento emocional dos colaboradores. Diante das exigências do mundo organizacional, o psicólogo contribui para a promoção da saúde mental e prevenção do sofrimento psíquico, favorecendo um ambiente mais saudável e humanizado. **Considerações finais:** Observa-se que o plantão psicológico nas organizações se configura como uma prática essencial à escuta e acolhimento das demandas emocionais dos trabalhadores, mas que é uma temática invisibilizada, necessitando de mais pesquisas.



INTRODUÇÃO

O plantão psicológico caracteriza-se como uma modalidade de atendimento emergencial, cujo principal objetivo é proporcionar uma escuta ativa e empática, além de intervenções breves, conforme as demandas apresentadas pelo indivíduo no momento do serviço. As organizações têm vivenciado diversas mudanças e especificidades no cotidiano do trabalhador, impactando sua percepção sobre qualidade de vida no trabalho (Carvalho, 2016). Nesse contexto, as empresas têm reconhecido a importância de criar um ambiente de trabalho acolhedor e saudável para seus colaboradores, o que, por conseguinte, resulta em um melhor desempenho na produtividade (Bom Sucesso, 2002, citado em Alcântara et al., 2020).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2017), ambientes de trabalho negativos podem ocasionar problemas de saúde física e mental, como absenteísmo e perda de produtividade. Ferreira (2016) ressalta que o desgaste físico e psicológico, a baixa autoestima,

a insatisfação e a pressão por resultados são aspectos inerentes ao novo mundo do trabalho. Assim, a qualidade de vida no trabalho tem ganhado destaque em projetos que buscam soluções para esses problemas.

Uma das estratégias para promover a saúde e auxiliar o trabalhador a lidar com as origens de problemas e estresse no trabalho é oferecer serviços psicológicos. A contemporaneidade exige novas formas de inserção do psicólogo, necessitando de um olhar atento ao sujeito em constante transformação, considerando aspectos ambientais, biológicos, psicológicos, espirituais e sociais.

Nesse cenário, surge uma nova categoria clínica denominada por Mosqueira, Morato e Noguchi (2006) como prática de atenção psicológica. Cury (1999) refere-se a uma modalidade de atendimento clínico-psicológico emergencial aberto à comunidade, cuja função é proporcionar um espaço de escuta e acolhimento. Desse modo, o plantão psicológico ocorre em um espaço onde a prática e a experiência são evidenciadas, no qual o psicólogo se apresenta como alguém presente, disposto e disponível para compreender as demandas trazidas, não apenas como um mero detentor de conhecimento. Por meio da escuta psicológica, o profissional demonstra cuidado nas vivências e conflitos apresentados pelo trabalhador (Dourado et al., 2016).

A valorização dessa ferramenta no contexto institucional torna-se eficaz ao facilitar que os trabalhadores reconstituam seus conflitos (Lapolli & Gomes, 2019). O plantão



faz na promoção da saúde do trabalhador, auxiliando-o a lidar com as incertezas e pressões que fazem parte de seu cotidiano, tornando-se um espaço efetivo de acolhimento e expressão de sentimentos sem julgamentos (Smaniotto, 2018).

A relevância deste trabalho reside na importância do plantão psicológico nas organizações como forma de auxiliar na prevenção do adoecimento mental, redução do absenteísmo e promoção de um clima organizacional saudável. Assim, este estudo tem como objetivo apresentar os desafios e potencialidades da prática do plantão psicológico nas instituições.

METODOLOGIA

Na organização deste trabalho, utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica com abordagem sistemática, com o objetivo de correlacionar aspectos organizacionais abordados na obra Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil, de Zanelli et al. (2014) com a temática do plantão psicológico, conforme discutido por Scorsolini-Comin (2015) em Plantão psicológico e o cuidado na emergência: panorama de pesquisas e intervenções, além de outras obras

selecionadas a partir de amostragem intencional. O foco esteve voltado à Psicologia Organizacional, ao plantão psicológico e à saúde mental no ambiente de trabalho.

As obras foram selecionadas por meio de busca na internet, utilizando como critérios de inclusão: artigos científicos, livros, relatórios técnicos e monografias que abordassem diretamente os temas mencionados. Foram excluídos da seleção: dissertações, resumos e conteúdo de blogs. Os termos utilizados na busca foram: “A importância do plantão psicológico nas organizações”, “Psicologia organizacional no Brasil” e “Intervenções no plantão psicológico”.

Foram analisadas seis obras, a saber: 1) Cautela (2009); 2) Chaves, Henriques (2018); 3) Chiavenato (2010); 4) Crozatti (2004); 5) Doescher, Henrique (2012); 6) Ponce, Queiroz (2019). A análise consistiu em uma leitura aprofundada dos materiais selecionados, seguida da definição de categorias temáticas, com base em uma análise descritiva do conteúdo. As categorias de análise definidas foram: (1) A prática do plantão psicológico; (2) O papel da Psicologia nas instituições; e (3) A saúde mental dos colaboradores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização do trabalho pode ser um elemento que contribui para a vulnerabilidade mental dos indivíduos, tornando as organizações parcialmente responsáveis pela saúde mental



teoria do capitalismo ocorreram mudanças em decorrência das novas tecnologias, instituições e jornadas de trabalho, o que influencia diretamente as relações dos sujeitos com o mundo organizacional, assim, influenciando também suas formas de sofrimento e adoecimento (Vasconcelos, 2008).

Nesse contexto, o trabalho na sociedade contemporânea assume um papel de subjetivação e construção da identidade social, levando em consideração sua importância como um instrumento que diferencia os indivíduos em categorias distintas na sociedade de acordo com suas práticas profissionais (Rovida, 2016), dessa forma, a produção de sentido perpassa pela relação indivíduo e ambiente de trabalho.

Ademais, as novas relações intra e intersubjetivas com o mundo das instituições organizacionais também produzem nos funcionários sofrimentos e adoecimentos. Diante disso, o trabalho pode ser um fator de sofrimento para o indivíduo, tal fenômeno surge pelas exigências crescentes de produtividade, pressão por resultados, situações constantes de estresse, falta de reconhecimento e longas jornadas de trabalho (Vasconcelos, 2008). Sendo assim, a dimensão do trabalho na atualidade necessita ser humanizada, visando a melhoria da saúde dos colaboradores.

Na perspectiva atual da psicologia organizacional, o psicólogo deve colaborar na criação de políticas que promovam o bem-estar individual e coletivo dentro das organizações, como ações voltadas à saúde mental, ao bem-estar no trabalho. (Spector, 2012) e gestão de conflitos (Chiavenato, 2014).

Com base na literatura, os autores apontam que o plantão psicológico no contexto organizacional é uma modalidade de atendimento que tem como objetivo acolher os indivíduos que o buscam em momentos de angústia, proporcionando atendimento pontual e emergencial, utilizando os recursos e as limitações presentes no contexto específico (Chaves e Henriques, 2018). Dessa forma, o papel do psicólogo torna-se fundamental para a formação de um ambiente mais acolhedor e saudável nas empresas ao proporcionar um espaço de acolhimento e escuta, fortalecendo os laços entre os colaboradores.

Segundo Cautella Júnior (2009), ao proporcionar ao indivíduo uma compreensão mais clara e abrangente de si e de suas perspectivas em relação às suas questões, incentivando o autoquestionamento e posicionando-o frente aos seus conflitos e ao poder de fazer escolhas, o psicólogo contribui para a promoção da saúde. Em relação ao psicólogo plantonista, o autor destaca que esse profissional deve estar aberto ao inesperado, reconhecendo que cada



quando atender às necessidades daquele que busca este serviço em um determinado momento.

Sendo assim, o atendimento realizado em situações de urgência pode envolver acolhimento, compreensão das demandas apresentadas, fornecimento de informações, além de servir como um espaço para escuta e reformulação de posturas. Posteriormente, é possível encaminhar o indivíduo para outros serviços e áreas de especialidade. Além disso, o estabelecimento do vínculo no plantão psicológico em instituições é excepcionalmente mais complexo considerando que fatores como o tempo limitado para os atendimentos e o caráter pontual das intervenções podem dificultar a construção dessa relação de respeito, empatia e confiança. A dinâmica intrínseca ao ambiente corporativo, caracterizada pela pressão por resultados e pela estrutura hierárquica, pode gerar um contexto no qual os colaboradores sintam-se relutantes em buscar apoio psicológico, temendo julgamentos ou que a confidencialidade não seja integralmente preservada (Dejours, 2004).

Além de promover o acolhimento, o psicólogo também exerce um papel preventivo psicológico no plantão psicológico, ao intervir em crises imediatas e assim colaborando para evitar que situações de estresse se agravem. Segundo Oliveira (2018) o atendimento pontual

realizado pelo psicólogo pode evitar o adoecimento psíquico ao identificar de forma precoce, sinais de sofrimento mental permitindo ações que visam minimizar o impacto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da bibliografia consultada, percebe-se que o plantão psicológico no contexto organizacional se configura como uma iniciativa necessária para a humanização das empresas. Nesse cenário, o plantão psicológico surge como uma possibilidade concreta de escuta sensível e acolhimento diante das demandas emocionais que surge nesse ambiente. Trata-se de um espaço que valoriza o sujeito em sua integralidade, oferecendo suporte em momentos de crise, conflito ou sofrimento, e promovendo o fortalecimento dos vínculos interpessoais no campo de trabalho.

Portanto, urge a necessidade de produzir conhecimento científico sobre essa prática nesse contexto, ampliando as discussões e reflexões sobre sua relevância para a promoção da qualidade de vida no ambiente organizacional e formação de setores mais acolhedores e saudáveis nas empresas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA V. L. C., de Andrade, V. L. P. & da Silva, Y. V. (2020). Saúde mental e a



e ambiente de trabalho. Cadernos De Psicologia, 1(2).

CARVALHO, L. M. (2016). Qualidade de Vida no Trabalho Versus Condições Psicossomáticas Advindas do Mercado de Trabalho, 9(1), 67–84, 2016.

CAUTELLA Júnior, W. Plantão Psicológico em hospital psicológico. In H.T.P. Morato (Org.). Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios (pp. 161-175). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

CHAVES, A.; HENRIQUES, A. Plantão psicológico: uma abordagem pontual e emergencial em saúde mental. São Paulo: XYZ Editora, 2018.

CHIAVENATO, Idalberto. Comportamento organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações. Rio De Janeiro: Elsevier, 2010.

CROZATTI, J.. Modelo de gestão e cultura organizacional: conceitos e interações. Caderno de Estudos, n. 18, p. 01–20, maio 1998.

CURY, V. E. Plantão psicológico em Clínica Escola. In: MAHFOUD, M. (Org.). Plantão psicológico: novos desafios. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999. p. 115–116.

DEJOURS, Christophe. O sofrimento no trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004. DOESCHER, A. M. L.; HENRIQUES, W. M.. Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. Psicologia em Estudo, v. 17, n. 4, p. 717–723, out. 2012.

DOESCHER, A. M. L.; HENRIQUES, W. M.. Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. Psicologia em Estudo, v. 17, n. 4, p. 717–723, out. 2012.

DOURADO, A. M.; MACÊDO, S.; LIMA, D. Experienciando a escuta clínica no estágio em psicologia: um estudo fenomenológico. In: Pesquisa e prática em psicologia no sertão. [S.l.]: Instituto Walden, 2016.

FERREIRA, M. C. Qualidade de vida no trabalho: uma abordagem centrada no olhar dos trabalhadores. 3. ed. Brasília: Paralelo 15, 2016.

LAPOLLI, C. A. R.; GOMES, Q. S. Escuta psicológica nas organizações: acolher, orientar e encaminhar. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <<https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/11034/Cibele%20Lapolli.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2025.

MOSQUEIRA, S. M.; MORATO, H. T. P.; NOGUCHI, N. F. C. Atenção psicológica: de plantão a acompanhamento na FEBEM/SP. In: Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial (g.). Anais da I Jornada Plantão Psicológico em Aconselhamento Psicológico. São Paulo, 2006. p. 194–203.



DA SAÚDE. Empresas devem promover saúde mental de funcionários. Ergocorp, 2017. Disponível em: <https://www.ergocorp.com.br/noticia/oms-empresas-devem-promover-saude-mental-de-funcionarios>. Acesso em: 24 abr. 2025.

PONCE, M. V., & QUEIROZ, L. A. Escuta e acolhimento no plantão psicológico: Reflexões sobre a formação do psicólogo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(2), 45-51, 2019.

ROVIDA, Mara Ferreira. Trabalho e identidade social - implicações nas pesquisas em comunicação. *Revista Alterjor*, 13.1: 183-200, 2016.

SMANIOTTO, U. S. Plantão psicológico nas empresas – uma modalidade a ser explorada. *Momentum*, São Paulo, v. 1, n. 16, 2018.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. *Psico-USF*, v. 20, n. 1, p. 163–173, jan. 2015. SOLIGO, A. DE F. et al.. Formação em Psicologia: Estágios e Avaliação Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. e243432, 2020.

VASCONCELOS, Amanda de; FARIA, José Henrique de. Saúde mental no trabalho: contradições e limites. *Psicologia & Sociedade*, 2008, 20: 453-464. ZANELLI, José

VIVEMOS MORRENDO: A EXPERIÊNCIA DO LUTO ANTECIPATÓRIO NA EXISTÊNCIA HUMANA

Amanda Nagylla Oliveira Cruz

Discente – Centro Universitário Fametro - Unifametro
amanda.cruz02@aluno.unifametro.edu.br

Maria Gabriela Rodrigues Lima

Discente – Centro Universitário Fametro - Unifametro
Maria.lima05@aluno.unifametro.edu.br

Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa

Docente – Centro Universitário Fametro - Unifametro
teresa.costas@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Saúde Mental e Bem-Estar: Desafios Contemporâneos

RESUMO

Introdução: O luto antecipatório é um fenômeno psicológico experienciado diante da iminência de perdas significativas, ativando reações emocionais complexas como medo, culpa, tristeza e ansiedade. Esse tipo de luto ocorre antes da perda propriamente dita e pode afetar profundamente o bem-estar emocional. **Objetivo:** Apresentar e refletir sobre a experiência do luto antecipatório na existência humana sob a perspectiva de pacientes, familiares, cuidadores e profissionais da saúde, ampliando a compreensão sobre seus impactos. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter sistemático, com análise de dez artigos científicos encontrados nas bases SciELO, BVS, PePSIC e LILACS, utilizando como critério principal o termo



discussão: As famílias vivenciam sofrimento emocional antecipado; profissionais da saúde enfrentam elevado desgaste psíquico e empático; crianças e adolescentes apresentam dificuldades emocionais diante da perda iminente; pacientes adultos experienciam perdas simbólicas e profundas alterações existenciais. O luto antecipatório impacta significativamente a organização emocional e a dinâmica dos envolvidos. **Considerações finais:** Intervenções psicossociais adequadas são essenciais para apoiar o processo de luto antecipatório, promovendo uma elaboração mais saudável e menos dolorosa da perda. O estudo destaca a relevância do suporte emocional e a necessidade de estratégias preventivas que minimizem lutos complicados e favoreçam a resiliência e a qualidade de vida dos afetados.

Palavras-chave: Luto antecipatório; Processo de luto; Cuidados paliativos.

INTRODUÇÃO

A morte e o luto são aspectos universais da experiência humana que despertam profundas reflexões sobre como vivemos, nos relacionamos e enfrentamos perdas. O luto antecipatório surge no contexto de doenças graves, crônicas ou terminais, caracterizando-se pelo sofrimento emocional que ocorre antes da perda concreta. Esse fenômeno é vivido por pacientes, familiares, cuidadores e profissionais de saúde, que começam a sentir o impacto emocional da iminência da morte. O luto antecipatório é complexo e multifacetado, envolvendo

sentimentos como tristeza, medo, culpa e até alívio. Em alguns casos, funciona como uma forma de preparação emocional para a perda, mas para outros, pode ser um fardo adicional quando não há espaço para elaborar esses sentimentos.

Na sociedade contemporânea, ainda há um tabu em torno da morte, o que dificulta a vivência plena do luto. A médica paliativista Dra. Ana Claudia Quintana Arantes defende que

falar sobre a morte de forma aberta e honesta pode proporcionar uma vida mais autêntica e significativa, além de permitir momentos de despedida importantes. O luto antecipatório oferece tempo para preparar-se emocionalmente, refletir e criar memórias que ajudam no processo de luto quando a morte acontece.

Os familiares são frequentemente os mais afetados pelo luto antecipatório, enfrentando perdas graduais e se sentindo impotentes, angustiados e emocionalmente vulneráveis. Esse desequilíbrio emocional pode levar a estados de sofrimento intenso, depressão e isolamento. Sentimento de culpa também são comuns, por não conseguirem fazer o suficiente ou por desejarem o fim do sofrimento do ente querido. Para cuidadores e profissionais da saúde, o luto antecipatório também é uma realidade, já que estão frequentemente expostos ao sofrimento e à perda. A falta de suporte emocional adequado pode levar ao esgotamento físico e psicológico, comprometendo a qualidade do cuidado.

Além disso, o luto antecipatório envolve perdas simbólicas, como a perda de autonomia, identidade e controle sobre o futuro. Essas perdas, muitas vezes subestimadas,



...sam ser acolhidas adequadamente. A escuta ativa e a presença empática são essenciais para o cuidado humanizado e para ajudar os pacientes e seus familiares a lidarem com a dor da iminência da perda.

Este estudo tem como base as vivências pessoais das autoras, que enfrentaram o luto antecipatório de diferentes maneiras: uma como profissional da saúde em contato com pacientes terminais, e a outra como familiar, acompanhando o adoecimento de um ente querido. Essas experiências motivaram uma investigação qualitativa e bibliográfica sobre o luto antecipatório, com o objetivo de entender como ele é vivenciado, especialmente por aqueles que cuidam e são cuidados. A pesquisa busca definir o luto antecipatório em suas diversas dimensões e analisar seus impactos no processo de elaboração do luto após a morte.

O estudo destaca a importância de intervenções psicossociais específicas para lidar com o luto antecipatório. Oferecer suporte emocional, criar espaços de escuta ativa e promover grupos de acolhimento são estratégias essenciais para minimizar os impactos negativos desse processo. Quando bem conduzido, o luto antecipatório pode se transformar em um processo de aceitação, reconciliação e despedida, proporcionando uma experiência de perda mais leve, humana e menos solitária.

METODOLOGIA

Este estudo trata de uma pesquisa bibliográfica sistemática com enfoque no luto antecipatório, um fenômeno emocional complexo que ocorre antes da efetivação de uma perda significativa. A pesquisa objetiva apresentar uma visão ampla e teórica sobre como esse tipo de luto é vivenciado por diferentes atores envolvidos no processo de cuidar e ser cuidado: pacientes, familiares, cuidadores e profissionais da saúde. A metodologia empregada foi a de revisão sistemática da literatura, com caráter exploratório, buscando uma base teórica sólida que ampliasse a compreensão do tema. Segundo Galvão e Pereira (2014), essa abordagem permite uma seleção criteriosa de fontes com base na pertinência temática, garantindo uma análise mais rica e contextualizada.

A busca por artigos foi realizada nas bases de dados LILACS, BVS, PePSIC e SciELO, utilizando os descritores “luto antecipatório” e “processo de luto”. Os critérios de inclusão foram: artigos completos, escritos em português, e que mencionasse o termo “luto antecipatório” no título, resumo ou palavras-chave. Por outro lado, foram excluídos textos indisponíveis na íntegra, resumos, teses, dissertações, relatórios e artigos sem pertinência



Como resultado da triagem, foram selecionados 10 artigos científicos: 1 da LILACS, 1 da BVS, 4 da PePSIC e 4 da SciELO. Esses artigos foram organizados em um quadro temático, permitindo uma análise comparativa dos contextos estudados, dos sujeitos abordados e das experiências relatadas. Após a seleção, todos os artigos foram lidos integralmente. O processo de análise consistiu na identificação de trechos que respondessem à questão central: Como os partícipes do processo de cuidar experienciam o luto antecipatório? Para isso, foi empregada a técnica de análise descritiva, que permitiu construir uma síntese do conteúdo baseado nas experiências de quatro grupos distintos: famílias, profissionais de saúde, crianças e adolescentes, e pacientes adultos.

1. Vivência do Luto Antecipatório pelas Famílias

As famílias foram um dos focos centrais da análise. O luto antecipatório, nesse grupo, manifesta-se a partir do momento em que há consciência da gravidade e da terminalidade de um ente querido. Os familiares vivenciam uma antecipação da dor da perda, marcada por sentimento de impotência, tristeza e culpa. Em alguns casos, essa vivência permite a construção de despedidas simbólicas e emocionais, favorecendo uma adaptação mais saudável após a morte.

No entanto, os estudos apontam que muitas famílias não recebem suporte emocional adequado durante essa fase. A ausência de acompanhamento psicológico pode intensificar

sentimentos de desamparo e solidão. Em contextos hospitalares, especialmente em UTIs, os familiares experimentam altos níveis de ansiedade e sofrimento, sendo essencial que haja uma abordagem mais humanizada e empática por parte das equipes de saúde.

2. O Luto Antecipatório Vivenciado por Profissionais de Saúde

O segundo grupo analisado foram os profissionais de saúde, especialmente aqueles que atuam em ambientes como unidades de terapia intensiva, cuidados paliativos e oncologia. A literatura revela que esses profissionais estão continuamente expostos à dor, ao sofrimento e à morte de seus pacientes, o que os coloca em contato direto com o luto antecipatório.

Ainda que se espere deles uma postura de estabilidade emocional, os dados mostram que muitos profissionais enfrentam desgaste psíquico, fadiga por compaixão e, em alguns casos, síndrome de burnout. Isso ocorre especialmente quando não existe espaço institucional para falar sobre perdas, compartilhar emoções ou receber suporte psicológico. A empatia, embora essencial ao cuidado, torna-se uma via de mão dupla: ela conecta, mas também expõe



do outro. Por isso, os estudos recomendam estratégias como grupos de apoio, supervisões clínicas e momentos de escuta dentro das instituições, como forma de fortalecer a saúde mental desses profissionais e preservar a qualidade do cuidado oferecido.

3. Luto Antecipatório em Crianças e Adolescentes

O terceiro eixo da análise foram as crianças e adolescentes, cujas experiências com o luto antecipatório são particularmente delicadas. Esse grupo etário tem uma compreensão em formação sobre a morte, o que exige uma abordagem cuidadosa, ética e empática por parte dos adultos envolvidos.

Os estudos mostram que, muitas vezes, crianças hospitalizadas ou que convivem com parentes gravemente enfermos percebem a iminência da perda, mesmo quando os adultos tentam protegê-las. Essa percepção, ainda que não verbalizada, gera sentimentos de medo, confusão e ansiedade. As pesquisas destacam que crianças precisam ser incluídas no processo de despedida, respeitando sua linguagem e entendimento. O silêncio e a ocultação da verdade, embora bem-intencionados, podem gerar inseguranças e sentimentos de abandono. Profissionais preparados e suporte psicossocial são fundamentais para permitir que crianças e adolescentes elaborem o luto de forma saudável e segura.

4. O Luto Antecipatório em Pacientes Adultos

Por fim, o estudo examinou o luto antecipatório sob a perspectiva de pacientes adultos em situações de doença grave ou terminal. Essa vivência está marcada por perdas simbólicas:

da saúde, da autonomia, do papel social e das expectativas futuras. Para muitos pacientes, o processo de adoecimento é também um processo de luto antecipado, pois se inicia um caminho de despedida de si mesmos e da vida como conheciam. Os dados mostram que alguns pacientes se beneficiam de cuidados paliativos, que promovem uma abordagem mais humana e integral, valorizando a dignidade do paciente e oferecendo espaço para lidar com medos, frustrações e despedidas. Quando bem assistidos, esses indivíduos conseguem ressignificar o tempo que lhes resta, encontrando sentido na convivência com os outros e nas pequenas experiências diárias.

Contudo, o estudo também evidencia que nem todos os pacientes recebem esse tipo de atenção. Em muitos casos, o enfoque biomédico ainda prevalece, deixando de lado a subjetividade e as necessidades emocionais do indivíduo que está morrendo.

A análise dos dez artigos permitiu uma compreensão ampliada e profunda sobre o



o, revelando sua complexidade e os múltiplos impactos que gera nos diferentes sujeitos envolvidos no processo de adoecimento e finitude. Famílias, profissionais, crianças e pacientes enfrentam desafios específicos, que exigem intervenções sensíveis, empáticas e fundamentadas em práticas de cuidado integral. O estudo evidencia a importância de romper com o tabu da morte, promovendo espaços de escuta, preparação emocional e despedida. O luto antecipatório, embora doloroso, pode ser um caminho de elaboração e reconciliação com a finitude — desde que não seja ignorado ou silenciado. Com suporte adequado, esse processo pode humanizar a experiência da perda e fortalecer a rede de cuidado entre os envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos sobre o luto antecipatório, que envolvem diferentes participantes, como familiares, profissionais de saúde, e pacientes (crianças, adolescentes e adultos), foi organizada em diversas categorias para compreender as experiências vividas por cada grupo. Cinco artigos abordam o impacto do luto antecipatório nas famílias. Um estudo sobre familiares de pacientes terminais em unidades de terapia intensiva (UTI) investigou como esses parentes lidam com a proximidade da morte, destacando o papel crucial do luto antecipatório como preparação emocional. O apoio psicológico contínuo é essencial para ajudar os familiares a enfrentarem o sofrimento e a dor. Outro estudo focou no luto antecipatório na unidade de terapia intensiva pediátrica, destacando a vulnerabilidade emocional das famílias de crianças em estado crítico. A presença de psicólogos e da equipe multiprofissional foi enfatizada como fundamental para reduzir o impacto do processo de luto.

O artigo "Vivências de Familiares de Pacientes com Câncer" revisou as dificuldades enfrentadas por familiares de pacientes oncológicos, ressaltando a sobrecarga emocional e a importância do suporte psicológico durante o tratamento e adoecimento. Também foi analisado o cuidado psicológico em situações de morte iminente, com a intenção de auxiliar os familiares a se prepararem para a perda de um ente querido. Outro estudo discutiu o impacto do luto antecipatório nos cuidadores de pacientes submetidos a transplantes de células-tronco, onde os cuidadores enfrentam uma carga emocional significativa, marcada pela incerteza e o medo da perda.

A pesquisa revelou uma lacuna significativa nos estudos sobre o luto antecipatório vivido pelos profissionais de saúde. Embora nenhum artigo tenha abordado diretamente essa



21) discutiu o impacto emocional que o luto tem sobre esses profissionais, cujos sentimento de perda muitas vezes não são reconhecidos, o que pode gerar um luto complicado. Esse fator reforça a necessidade de maior atenção ao apoio emocional e psicológico dos profissionais, que lidam frequentemente com a dor e o sofrimento de outros, enquanto suas próprias emoções podem ser negligenciadas.

O artigo sobre a compreensão da morte em crianças hospitalizadas destacou a dificuldade que as crianças enfrentam ao serem afastadas dos rituais de despedida e das explicações sobre a perda, o que pode levar a sentimentos de desconfiança e insegurança. A falta de suporte emocional adequado pode resultar em dificuldades para expressar emoções e vivenciar o luto de maneira saudável. O estudo ressaltou a importância de fornecer apoio psicológico para ajudar as crianças a compreender e lidar com a morte de maneira adequada, prevenindo traumas futuros.

O estudo sobre pacientes adultos abordou o luto antecipatório em diferentes contextos. Um artigo analisou como os pacientes terminais enfrentam a iminência da morte, lidando com perdas simbólicas, como a perda da autonomia, identidade social e a impossibilidade de realizar sonhos futuros. Outro estudo focou no luto antecipatório do idoso, considerando como o envelhecimento e a proximidade da morte impactam o bem-estar emocional. A pesquisa revelou

que o luto antecipatório pode ser tanto um fator de proteção quanto um fator de risco, dependendo da forma como o idoso vivencia sua finitude. Além disso, a revisão sobre o processo de luto mostrou como a dor da perda de um ente querido pode provocar desorganização psíquica, afetando a forma como o indivíduo lida com a perda e o sofrimento.

A análise dos artigos revelou que o luto antecipatório é um fenômeno multifacetado que

afeta diferentes grupos de maneira única. Para os familiares, é um processo doloroso, mas necessário, que requer suporte emocional constante. Profissionais de saúde frequentemente enfrentam o luto não reconhecido, o que pode aumentar a carga emocional e comprometer o cuidado. Para crianças e adolescentes, a falta de apoio adequado pode gerar dificuldades no enfrentamento da morte. Por fim, pacientes adultos enfrentam o luto antecipatório com perdas físicas, emocionais e sociais que exigem uma abordagem cuidadosa e multidisciplinar.

Esses achados indicam a necessidade de mais pesquisas sobre o luto antecipatório e a importância de intervenções adequadas para todos os envolvidos, garantindo um processo de



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo busca aprofundar a compreensão do luto antecipatório, analisando a experiência de diferentes grupos envolvidos no processo de cuidado, como pacientes, suas redes de apoio e profissionais da saúde. Os resultados indicam que o luto antecipatório é uma vivência constante, com reflexões sobre perdas significativas permeando o cotidiano. No entanto, o tema ainda é evitado, sendo considerado um tabu em muitas culturas, o que dificulta o enfrentamento e a elaboração do luto. A pesquisa também aponta a limitação de artigos científicos recentes sobre o tema e a falta de reconhecimento do luto pelos profissionais da saúde, o que representa um risco para aqueles envolvidos no cuidado. O estudo espera inspirar novas pesquisas, oferecendo uma visão mais profunda sobre como a sociedade lida com a finitude e destacando a importância de tratar o luto como uma parte essencial da experiência humana, incentivando uma abordagem mais aberta e cuidadosa em relação à morte e à perda.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, V. O.; NASCIMENTO, I. R. C.; SANTOS, I. B.; ALMEIDA, L. M. P. Compreensão da morte no olhar de crianças hospitalizadas. *Revista Bioética*, 2022.
BOWLBY, J. Apego e perda: Vol. 1: Apego. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
FRANCO, M. H. P. O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus Editorial, 2021.
KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília, 2005.

IDENTIDADES E ALGORITMOS: O ÓDIO ÀS PEQUENAS DIFERENÇAS NA CONTEMPORANEIDADE

Lailson André Fernandes

Discente-Centro Universitário Fametro - Unifametro

lailson.fernandes@unifametro.aluno.edu.br

Ilana Ellen Mesquita Ávila

Discente-Centro Universitário Fametro – Unifametro

ilanaavilaufc@gmail.com

Marcus Kleredis Monteiro Vieira



Eixo Temático: 1. Psicologia e Tecnologia: Impactos da Inteligência Artificial e da Inovação Digital

RESUMO

Introdução: Pensar a relação entre os algoritmos que atuam nas redes sociais e o processo de identificação dos sujeitos por meio dessas ferramentas, faz-se urgente para que seja possível compreender a aversão às diversas formas de diferenças na contemporaneidade. **Objetivo:** Consiste em refletir Como os algoritmos das redes sociais contribuem para o ódio às pequenas diferenças **Métodos:** Revisão bibliográfica, a fim de que sejam reduzidas as lacunas na área da psicanálise sobre o tema em questão. **Resultados:** Os algoritmos das redes sociais buscam entregar ao sujeito informações personalizadas a partir de suas preferências, mas isso gera uma dependência desses sujeitos em relação à estas informações que lhes agradam, de tal forma que a menor diferença percebida, gera uma aversão.

Considerações finais: A presente pesquisa reflete sobre a necessidade da diferença, do imprevisto, do oposto, na manutenção da vida e das relações sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Identidade; Algoritmos; Narcisismo das pequenas diferenças.

INTRODUÇÃO

Com o advento das redes sociais neste início de século XXI, têm sido cada vez mais constante e evidente os embates e conflitos virtuais e físicos entre sujeitos que buscam, por meio dessas redes, uma identificação com grupos, idéias ou com pessoas. Com a seleção de conteúdos e de pessoas na palma da mão, o sujeito busca, cada vez mais, aquilo que lhe apetece e exclui com um simples toque na tela de seu smartphone, aquilo que não gosta ou que, simplesmente, tenha a possibilidade de não gostar. Pessoas, notícias, reportagens, músicas, textos e toda infinidade de material que as redes sociais podem oferecer a este sujeito, encontram-se como objetos a serem escolhidos de acordo com a busca deste sujeito.

Uma das questões implícitas da relação entre sujeitos por meio das redes sociais são os algoritmos, que tiveram uma evolução significativa nos últimos anos passando a ocupar um lugar central nas tecnologias atuais como ocorre nas redes sociais. Não há dúvidas sobre a influência dos algoritmos em todos os aspectos da vida cotidiana, pois são utilizados desde um simples acesso na internet até análise do comportamento humano. Nas redes sociais esses

algoritmos atuam para apresentar ao sujeito, conteúdos semelhantes ao que acessa ou que busca, o que proporciona uma identificação deste sujeito com um Outro, que pode ser imagem, ideia, pessoa etc., em que ele se reconheça com aquilo que busca e que lhe é apresentado.

Sigmund Freud nos fornece um material teórico conceitual para pensarmos a questão dessa identificação mediante relações com grupos. Seu texto intitulado *Psicologia das massas e*



subsídios para pensarmos como, a partir do inconsciente, o mecanismo de identificação do indivíduo com um grupo, ou algumas pessoas e com algumas idéias acontecem.

Sabe-se que o objeto de pesquisa privilegiado pela psicanálise são as relações e, portanto, os fenômenos sociais. Dessa forma, não podemos ignorar que as relações sociais contemporâneas são mediadas pelos algoritmos das redes sociais e que a identificação e o reconhecimento que o sujeito tem de si mesmo passa por essas redes sociais. Neste sentido, a presente pesquisa se desenvolve a partir da pergunta: Como os algoritmos das redes sociais contribuem para o ódio às pequenas diferenças?

Este trabalho busca apresentar uma possível relação entre a afirmação de identidades mediadas pelos algoritmos das redes sociais e a produção do ódio às pequenas diferenças. Este tema possui muitos estudos na área da filosofia, educação e sociologia, mas existe uma lacuna na área da psicanálise quando o assunto é a influência dos algoritmos na identidade dos sujeitos e na afirmação do ódio às diferenças. Esta pesquisa visa contribuir socialmente no aporte teórico para atendimentos psicológicos, na criação de políticas e metodologias educacionais voltadas para o acolhimento e o diálogo com as diferenças, bem como proporcionar material teórico para criação de políticas públicas como a do Projeto de Lei 2.630/2020 que trata da regulamentação dos conteúdos contidos e veiculados na internet e, principalmente, nas redes sociais que aumentam a exclusão e os conflitos entre as pessoas e grupos da sociedade.

METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica em que utiliza como referência principal o texto *psicologia das massas*, de Sigmund Freud, para dialogar com a influência que os algoritmos exercem na contemporaneidade sobre a identificação dos sujeitos nas redes sociais. Para dialogarmos com os processos de identificação abordamos alguns autores que tratam dos impactos dos algoritmos nas redes sociais e na sociedade como Byung-Chul Han, Maria Rita Kehl, Vera Iaconelli e alguns artigos que abordam os impactos dos algoritmos nas relações sociais contemporâneas.

O texto se desenvolve a partir da apresentação da identificação do sujeito com uma massa e um líder, até conquistar características narcísicas que gera conflitos com o Outro, ou as diferenças. Posteriormente, apresentamos como os algoritmos atuam nas redes sociais a partir das buscas dos sujeitos para, por fim, articularmos os impactos que os algoritmos das



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em seu texto intitulado de *Psicologia das massas e análise do Eu*, Sigmund Freud afirma que a cisão entre psicologia individual e psicologia social é um equívoco epistemológico. Caso se considere que a primeira aborda questões particulares e a satisfação dos impulsos, e a segunda aborda este indivíduo inserido na sociedade, tanto em um grupo, quanto em um estado, então o apropriado é considerar que ambas são sociais ou que são complementares, pois o sujeito, indivíduo ou pessoa, nunca existe sozinho, mas sempre em relação com o Outro.

Um dos argumentos de Freud que reforça esta ideia e que proporciona a articulação dos conceitos inseridos neste trabalho é de que “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é geralmente considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.” (2011, p.14), o que significa dizer que para o sujeito afirmar-se como “si mesmo” ele necessita dos Outros.

Um pouco mais de um século separa esta referência bibliográfica de nosso tempo histórico, marcado por relações sociais mediadas por aplicativos de redes sociais. Apesar de possuir uma parte visível, em que cada indivíduo utiliza seu smartphone para ver e produzir mensagens de textos e de vídeos, há outra parte que opera sobre as buscas dos sujeitos na internet e determinam o conteúdo que lhes aparecem: os algoritmos.

Para funcionar, os algoritmos utilizam palavras escritas e buscadas pelo indivíduo em sua internet, gerando um comando de entrada, em que a partir dessa palavra ou frase, será processada uma busca para que sejam apresentadas a este indivíduo as informações mais relevantes para esta determinada busca. Se visto dessa forma mais superficial, o resultado desta relação é quase perfeita, afinal, as melhores opções aparecem rapidamente ao sujeito que busca a informação. Nossa problematização se insere quando os algoritmos atuam nas redes sociais, apresentando conteúdos personalizados ao usuário com base em suas interações (curtidas, likes, compartilhamentos, entre outras denominações), buscas e, principalmente preferências. Um dos

principais problemas é que as informações compartilhadas por esses algoritmos são desprovidas de questões e filtros éticos que tem impacto significativo na sociedade (HAN,



um o Projeto de Lei 2.630/2020 que visa a observação desses conteúdos e que foi batizada de Lei brasileira de liberdade, responsabilidade e transparência na internet.

Ora, se as relações contemporâneas ocorrem por meio das redes sociais, em que esses algoritmos atuam, então podemos considerar que a “Massa” que Freud escreveu em 1921, na contemporaneidade ela ganhou o atributo da virtualidade da imagem³ e que a nossa cultura retirou a sua necessidade de presença física.

Podemos considerar que se as redes sociais com seus algoritmos não funcionam como uma massa por não ter um líder⁴, no mínimo, elas as agenciam, elas as formam e as unem a partir das buscas e preferências de cada sujeito. Em um ambiente desprovido de regulamentação ética e moral, a massa criada na internet é facilmente excitada, pois “Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (Freud, 2011, p.27).

A identificação do indivíduo com uma pessoa, imagem ou ideia que as redes sociais lhe proporcionam, é perpassado por uma sensação de triunfo, pois este sujeito encontrou algo que corresponde ao que ele gostaria de ser ou que ele se vê refletido naquele objeto e que lhe gera mecanismos de ligação afetiva. Mas, vale ressaltar que “Desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura, como desejo de eliminação.” (Freud, 2011 p. 61), e este desejo de eliminação é frequente entre grupos e pessoas que são muito semelhantes, mas as pequenas diferenças são capazes de gerar sentimentos de hostilidade e de eliminação do outro.

Dessa forma, por meio das redes sociais, o sujeito se reconhece como membro de uma comunidade global, em que pode dialogar com pessoas de várias partes do planeta ao mesmo tempo, o que significa dizer que ele tem maior capacidade de identificação com um Outro que ele considere idêntico ou que reconheça como o ideal que ele gostaria de ser. Este fato se amplia com os resultados que os algoritmos apresentam. Ao captar as preferências do indivíduo, os

algoritmos lhe ofertam os mesmos ou semelhantes temas, imagens, ideias, pessoas,

³ No tempo de Freud a Massa, que também pode ser compreendida como grupo, havia um caráter físico, objetivo. Atualmente, a existência de um grupo não necessita ser físico, basta que exista na imagem de um aparelho tecnológico.

⁴ Uma boa parte do texto *Psicologia das massas e análise do Eu* é escrita sobre a figura de um líder que amontoa toda a massa.



Imerso em uma realidade onde tudo que se apresenta lhe é semelhante à sua busca, toda mínima diferença lhe é aversiva, e apenas “um germe de antipatia se torna um ódio selvagem” (Freud 2011, p.26).

As apresentações das buscas, cada vez mais personalizadas, pelos algoritmos nas redes sociais produzem uma legião de intolerantes às pequenas diferenças, pois cessaram de ver, ler e pensar as diferenças e com a dinâmica da identificação virtual, a aversão às diferenças se exacerba, pois, a pequena diferença de alguém que este sujeito se identificou com ela, passa a ser interiorizada como um ataque à segurança que este sujeito tem em si mesmo.

Se narciso se apaixonou por sua própria imagem e desprezou todos os outros por serem diferentes dele e se sua amante, ninfa Eco, fora amaldiçoada em dar sempre a última palavra em forma de eco, então os algoritmos das redes sociais funcionam como uma atualização perversa do mito de Narciso, pois no mito original, o protagonista, desprezava e atualmente, elimina-se ou, para soar mais brando: cancela-se. Quem? A diferença, logo, o diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os algoritmos das redes sociais proporcionam ao sujeito buscas de informações e de imagens cada vez mais personalizadas, oferecendo apenas aquilo que ele se identifica. Na lógica do consumo isso é perfeito, pois irá oferecer a este indivíduo imagens e conteúdo que ele gostaria de comprar, mas no âmbito das relações não é bem assim.

Imerso em uma realidade que as redes sociais lhe oferecem, este sujeito que passa a ver e escutar apenas aquilo que corresponde ao seu gosto adquire a intolerância às diferenças. A violência, o cancelamento, a eliminação do Outro, o ódio às diferenças principalmente dos mais semelhantes, podem não ser frutos da algoritmização das redes sociais, mas não restam dúvidas de que são exacerbados por elas.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- _____. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010
- HAN, Byung-Chul. Infocracia: Digitalização e a Crise da Democracia. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- KEHL, Maria Rita. Ressentimento. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.





XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO FUTURO

é o contemporâneo? E outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. *Projeto de Lei nº 2.630, de 2020*. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 27 abr. 2025.



O PANOPTISMO DIGITAL SOB A PERSPECTIVA DA MÚSICA ADMIRÁVEL CHIP NOVO

Vitória Régia Albuquerque Frota

Discente- Centro Universitário Fametro - Unifametro

vitoria.frota@aluno.unifametro.edu.br

Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira

Docente – Centro Universitário Unifametro

zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Eixo Temático: Psicologia e Tecnologia: Impactos da Inteligência Artificial e da Inovação Digital

RESUMO

Introdução: Em um contexto de crescente vigilância e avanço tecnológico, este trabalho analisa, a partir dos conceitos de Michel Foucault e da música *Admirável Chip Novo* de Pitty, como os mecanismos de controle social evoluíram para formas sutis e internalizadas. Analisar, a partir dos conceitos foucaultianos e da análise discursiva da música *Admirável Chip Novo* de Pitty. **Metodologia:** Utilizando uma análise discursiva, reflete-se sobre a padronização de subjetividades e os impactos da vigilância digital, articulando também contribuições de Angela Davis, Michele Perrot, Félix Guattari e Joel Birman. **Resultados:** Os resultados apontam que a vigilância digital transforma profundamente a subjetividade, impondo padrões de comportamento, autoexigência e pressão social. Observa-se que a música, como expressão crítica, evidencia esses mecanismos de controle e resistência. **Considerações finais:** A música de Pitty atua como denúncia e resistência diante dos mecanismos de controle contemporâneos. A análise discursiva revelou como cultura, poder e subjetividade se entrelaçam, destacando a arte como espaço crítico e de transformação social.

Palavras-chave: Panoptismo; Subjetividade; Vigilância 3.

INTRODUÇÃO

Em um cenário marcado pela crescente vigilância e pelo avanço das tecnologias de controle, torna-se urgente refletir sobre os dispositivos que regulam a vida cotidiana de maneira sutil e, muitas vezes, imperceptível. Michel Foucault em *Microfísica do Poder* (1979) denomina o panóptico como um conjunto de mecanismos que são utilizados para exercer vigilância e poder. Para referir esse modo de vigilância, o autor toma como metáfora um projeto arquitetônico idealizado por Jeremy Bentham no século XVIII, denominado panóptico, conforme Foucault em *Vigiar e Punir* (1975). Segundo o autor trata-se de uma torre central cercada por celas dispostas em círculo, permitindo que um único vigia observe todos os presos, sem que estes saibam se estão sendo vigiados naquele momento. A música *Admirável Chip Novo*, da cantora Pitty denuncia justamente essa lógica de controle, mas agora não mais feita por torres ou câmeras, e sim por um "chip" simbólico implantado nas mentes, uma crítica à padronização comportamental, fala de uma sociedade em que as pessoas



padronizadas e observadas, a cantora mostra como as pessoas são vigiadas, programadas e moldadas sem perceberem. Esse chip representa a mesma vigilância internalizada do panóptico: a pessoa aprende a "funcionar direito", a "andar na linha", a "pensar como os outros", como se estivesse sempre sendo observada e julgada. transmite como expressão crítica desses processos e traduz de forma artística a lógica de normalização e vigilância.

Em diálogo com essa concepção, a ativista Ângela Davis, em “Estarão as prisões obsoletas?” (2003), propõe uma análise ao sistema carcerário atualmente, mediante suas formas de punição e exclusão social sob o pretexto da ordem, ainda conforme a autora ao questionar a própria existência das prisões modernas, mostra que elas não apenas refletem o modelo de vigilância descrito por Foucault, mas também o aprofundam, ao naturalizarem a punição como resposta à desigualdade. Michele Perrot (1988) ressalta como os corpos são controlados e a disciplina se fortalece no dia a dia nas instituições, através de normas e rotinas, onde o cotidiano torna-se um local em que os sujeitos se conformam com o poder, portanto, salienta a ideia de que o panóptico não é somente uma metáfora à arquitetura, mas como um mecanismo da sociedade.

No mundo contemporâneo, o panóptico não está mais apenas em edifícios, mas também em dispositivos digitais, algoritmos e redes sociais. A música Admirável Chip Novo, da cantora Pitty, serve como metáfora dessa transição, criticando a padronização de corpos e comportamentos. Com o advento das tecnologias digitais, relacionado às pressões por visibilidade e desempenho nas redes, transforma o modo como os sujeitos se relacionam consigo mesmos e com os outros. De acordo com Guatarri (1990):

na era das revoluções informáticas, do surgimento das biotecnologias, da criação acelerada, de novos materiais de uma “maquinização” cada vez mais fina do tempo, novas modalidades de subjetivação estão prestes a surgir. (Guatarri, 1990, p. 48)

Por isso diante da intensificação das tecnologias e da “maquinização do tempo”, surgem novas formas de subjetividade que exigem a invenção de novas práticas de cuidado. Segundo Birman (2005) o Ocidente passa por uma reorganização nas dinâmicas sociais, em que ocorre uma fragmentação da subjetividade dos sujeitos, sendo um novo modo de formar esses indivíduos e sendo a base a partir da qual outras subjetividades são construídas.

Nesse cenário, a Psicologia é desafiada a se reposicionar frente aos saberes do futuro, refletindo de forma crítica sobre os impactos da vigilância digital na saúde mental e na produção dos modos de existir. Portanto, a música Admirável Chip Novo ao metaforizar o



ancia esse movimento de automação da subjetividade e da padronização. Este

trabalho propõe discutir como essas formas de vigilância impactam a subjetividade dos indivíduos na era digital a partir do panoptismo e análise da música citada acima a partir de uma análise discursiva.

METODOLOGIA

A metodologia fundamenta-se na análise discursiva a partir de uma visão foucaultiana. A canção Admirável Chip Novo, de Pitty (2003), foi selecionada como objeto de análise por seu caráter crítico e simbólico, funcionando como enunciado que denuncia dispositivos contemporâneos de vigilância e controle. De acordo com Macedo (2008), o discurso expressa como o sujeito entende e se posiciona dentro de um contexto social e histórico, revelando as relações que influenciam a construção do que ele diz.

Para a análise, utilizam-se o conceito de panoptismo discutido por Foucault em Vigiar e Punir (1975) e Microfísica do Poder (1979), esse conceito possibilita compreender a forma como o poder se infiltra nos corpos, nas práticas cotidianas e nas subjetividades, particularmente no contexto da era digital. A música é interpretada como discurso, considerando seus efeitos de sentido e seus desdobramentos sociopolíticos, de acordo com Carvalho (2020) em sua discussão sobre a análise do discurso foucaultiana. A letra da canção é analisada em como atravessa os indivíduos, denuncia a normatização e a vigilância presentes nas relações contemporâneas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O autor David Lyon (2014) discute como a vigilância atual assume uma forma difusa, invisível e incorporada ao cotidiano, transformando dados pessoais e comportamento online em instrumentos de monitoramento e controle. Nesse contexto, a música funciona como resistência discursiva, denunciando a perda de autonomia subjetiva diante da vigilância. As pesquisas realizadas evidenciam sobre o panoptismo digital, que atualmente é sustentado não apenas por mecanismos técnicos, mas também por processos culturais que incentivam a exibição e o consumo da vida privada, transformando sujeitos e suas subjetividades.

Do ponto de vista da Psicologia, este cenário impõe novos desafios à saúde mental. Guattari (1990) já apontava que, em um mundo marcado pelas revoluções informáticas e



formas de subjetivação, muitas vezes adoecidas. A pressão por produtividade, aparência e aceitação social, que seria amplificada pelas redes tem impactos profundos no sofrimento psíquico, exigindo uma atuação crítica da Psicologia diante das

tecnologias de controle. Nesse sentido, é urgente que a Psicologia dialogue com os saberes do futuro, repensando seus métodos e práticas a partir de uma ética do cuidado que reconheça os efeitos subjetivos da vigilância digital. Por isso, os estudos até aqui citados abordam como a tecnologia atravessa o dia a dia dos sujeitos, articulação entre Foucault e Angela Davis permite compreender como o poder não opera apenas na esfera institucional, mas atravessa os corpos, as emoções e os modos de viver, especialmente quando consideramos a interseccionalidade, como os marcadores de raça, gênero e classe. A música torna-se, assim, um espaço de crítica aos modos como a tecnologia afeta a subjetivação na era digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música de Pitty assume um papel político de resistência e denúncia, revelando as inquietações de uma juventude moldada pela tecnologia, pela estética da produtividade e pela lógica do consumo. Este trabalho evidenciou a potência da análise discursiva como método para compreender os atravessamentos entre cultura, poder e subjetividade na contemporaneidade. Por fim, ressalta a importância de se pensar criticamente os modos como os dispositivos de controle operam em nossa sociedade e como a arte pode ser uma ferramenta de denúncia, reflexão e libertação, em que proporciona rupturas na maneira que molda o sujeito e sua experiência no mundo.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CARVALHO, D. A análise do discurso de tradição francesa: um viés foucaultiano. *SciELO Livros*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vncgt/pdf/carvalho-9786587108629-07.pdf>. 2020. Acesso em: 23 abr. 2025.
- DAVIS, Angela. Estariam as prisões obsoletas? Tradução de Márcia Cristina Rosa da Silva. São Paulo: Boitempo, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GUATTARI, Félix. A subjetivação subversiva. *Teoria e Debate*, São Paulo, n. 12, p. 60–65, 1990.
- LYON, David. Vigilância líquida: uma conversa com Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- MACEDO, L. C. et al.. Análise do discurso: uma reflexão para pesquisar em saúde. *Interface*





**XII JORNADA DE PSICOLOGIA DA UNIFAMETRO DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES: PSICOLOGIA E OS SABERES DO
FUTURO**

ção, v. 12, n. 26, p. 649–657, jul. 2008.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PITTY, Priscilla Novaes Leone. Admirável chip novo. São Paulo: Deckdisc: 2003. 3min26s.

